

JAQUELINE CARDOSO ZEFERINO

**OS CAMINHOS DA MEMÓRIA:
TRAJETÓRIAS DE MULHERES NO ESPORTE UNIVERSITÁRIO
VIÇOSENSE NA DÉCADA DE 1970**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2010**

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

Z43c
2010

Zeferino, Jaqueline Cardoso, 1981-
Os caminhos da memória : trajetórias de mulheres no
esporte universitário viçosense na década de 1970 /
Jaqueline Cardoso Zeferino. – Viçosa, MG, 2010.
vi, 182f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Orientador : José Geraldo do Carmo Salles.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 174-176.

1. Esportes universitários. 2. Mulheres atletas - História.
I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 796.043

JAQUELINE CARDOSO ZEFERINO

**OS CAMINHOS DA MEMÓRIA:
TRAJETÓRIAS DE MULHERES NO ESPORTE UNIVERSITÁRIO
VIÇOSENSE NA DÉCADA DE 1970**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

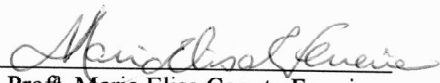
APROVADA: 13 de dezembro de 2010.



Prof.^a Eveline Torres Pereira
(Co-Orientadora)



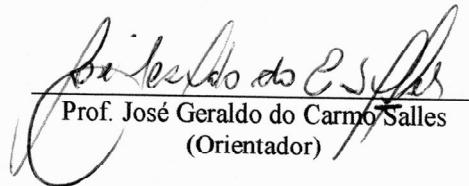
Prof.^a Marisa Barletto
(Co-Orientadora)



Prof.^a Maria Elisa Caputo Ferreira



Prof.^a Paula Dias Bevilacqua



Prof. José Geraldo do Carmo Salles
(Orientador)

Às mulheres e aos homens que construíram a história e a memória do esporte universitário viçosense.

À memória de Amélia Pena, minha avó materna falecida durante a realização deste trabalho, com quem muito aprendi sobre os caminhos da memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que gentilmente aceitaram narrar suas trajetórias esportivas colaborando com a realização desta pesquisa.

À minha família de mulheres: Gracinha, Adriana e Simone.

Aos professores e professoras da Universidade Federal de Viçosa que em muito contribuíram com minha trajetória acadêmica: Maristela Moura Silva Lima, Eveline Torres, Ranah Manezenco, Marisa Barletto e ao meu orientador José Geraldo do Carmo Salles.

Agradeço também às professoras Andrea Moreno e Carla Ávila, e ao professor Silvio Ricardo, hoje em outras universidades.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Memória do Esporte Universitário.

Às companheiras do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero – NIEG.

Às funcionárias e estagiários do Arquivo Central e Histórico da UFV.

Aos funcionários da Biblioteca Central da UFV.

Ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UFV/UFJF.

À CAPES.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
Introdução	
A escolha do tema: situando uma trajetória pessoal	01
Capítulo 1. Pressupostos teóricos e metodológicos	07
1.1 História oral e trajetórias	07
1.2 Lembrar: reconhecer e reconstruir por meio de narrativas	11
1.3 Gênero, trajetórias femininas e memórias	18
Capítulo 2. Percurso metodológico	22
2.1. A opção pela História oral	22
2.2. Sobre o instrumento da pesquisa	23
2.3. Sobre a situação de entrevista	25
2.4. Tecendo a rede: a escolha das entrevistadas	28
2.5. Textualização	31
2.6. Análise	32
Capítulo 3. Os caminhos até o esporte universitário	35
3.1. As brincadeiras de rua	36
3.2. Voleibol na escola	42
3.3. A opção pelo esporte na universidade	46
Capítulo 4. Lugares da memória	49
4.1. A antiga Praça de Esportes	52
4.2 A Federalização da UREMG e a Educação Física obrigatória	65
4.3. A Liga Universitária Viçosense de Esportes – LUVE	73
4.3.1. O curso de Educação Física e a LUVE	83
4.3.2. O atletismo na LUVE	88
4.4. Os Jogos internos	95
4.5. Outros Jogos	107
Capítulo 5. Trajetórias	113
Considerações finais	173
Bibliografia	174
ANEXOS	177

RESUMO

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso, M.Sc. Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2010. **Os caminhos da memória: trajetórias de mulheres no esporte universitário viçosense na década de 1970.** Orientador: José Geraldo do Carmo Salles. Co-orientadoras: Eveline Torres Pereira e Marisa Barletto.

Este trabalho tematiza a participação feminina no esporte universitário viçosense na década de 1970. O objetivo central desta pesquisa é analisar a participação de mulheres no espaço esportivo universitário a partir da memória construída nas narrativas de nove mulheres sobre suas trajetórias esportivas. Mais especificamente buscamos compreender os processos de iniciação, inserção e atuação nos esportes universitários; identificar os fatores que possibilitaram ou dificultaram estes processos; registrar trajetórias particulares que construíram a história do esporte universitário na cidade de Viçosa; identificar os contextos apresentados nas narrativas, identificar e analisar como o gênero marca o discurso, as experiências e a memória das mulheres entrevistadas. Para tanto, nos apoiamos no método da história oral e nos estudos de gênero. Constituem-se fontes primárias as narrativas obtidas por meio de entrevistas em torno de três eixos temáticos: iniciação às práticas esportivas; inserção e atuação nas práticas esportivas universitárias viçosenses; ser mulher esportista universitária. As narrativas foram transcritas, textualizadas e agrupadas em categorias de análise. Entrevistei mulheres que tinham em comum um espaço social dominante em suas trajetórias de vida: o esporte universitário. Desta maneira, identificamos fios condutores das narrativas e importantes pontos de referência que estruturaram a memória pessoal das entrevistadas, inserindo-a na memória do grupo. As brincadeiras de rua, a figura paterna, a prática do voleibol na escola e a opção pelo esporte são alguns elementos que compõem o mapa de memória das entrevistadas. As lembranças da antiga Praça de Esportes, da Liga Universitária Viçosense de Esportes/LUVE e dos Jogos Universitários constituem-se verdadeiros lugares de memória que sinalizam e demarcam os caminhos percorridos, tanto para a estruturação das narrativas quanto para a conquista do espaço esportivo nos anos de 1970. Foi possível identificar que a participação de mulheres no esporte universitário viçosense se fez por um processo lento de infiltração, disputas e negociações.

ABSTRACT

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso, M.Sc. Federal University of Viçosa, December, 2010.
The paths of memory: trajectories of women in college sports in the 1970 in Viçosa.
Advisor: Jose Geraldo do Carmo Salles. Co-advisors: Eveline Torres Pereira and Marisa Barletto.

This paper studies the participation of women in college sports in the 1970 in Viçosa. The objective of this research is to analyze the participation of women in the university sports from memory built in the narratives of nine women on their sports careers. More specifically we seek to understand the processes of initiation, integration and performance in college sports, to identify the factors that enabled or hindered this process, registering individuals who have built careers in the history of college sports in the city of Viçosa, to identify the contexts presented in the narrative, and identify and examine how gender marks the discourse, the experience and memory of the women interviewed. For this, we rely on the method of oral history and gender studies. Constitute the primary source narratives obtained through interviews around three themes: initiation to sports practices, integration and performance in college sports Viçosense; being female college athlete. The narratives were transcribed, textualized and re-grouped into categories of analysis. I interviewed women who had a common college sports as a dominant social space in their life trajectories. Thus, we identify strands of narrative and important points of reference that shaped the personal memory of the respondents, placing it in memory of the group. The outdoor play, the father figure, the practice of volleyball in school and the option for the sport are some elements that make up the memory map of the interviewees. The memories of the old Sports Place, of the University Sports League of Viçosa /LUVE and the University Gamesd constitute real places of memory that signal and demarcate the paths taken, both to structure the narrative and for the conquest of space sports in the years 1970. It was identified that the participation of women in college sports in Viçosa was done by a slow process of infiltration, disputes and negotiations.

Introdução

A escolha do tema: situando uma trajetória pessoal

Eleger como tema a participação de mulheres no esporte universitário e como objeto de investigação as mulheres, o esporte universitário e suas historicidades, materializa uma opção pessoal, permeada por significações que tecem simultaneamente a trama deste estudo e minha trajetória de vida.

Desde criança, sou interpelada por discursos de feminilidade e masculinidade que normatizam os corpos e as práticas corporais. Durante minha infância e adolescência vivenciei de maneira não convencional as brincadeiras e os esportes. Brincar de carrinho de boi, rolimã e soltar pipa eram minhas atividades favoritas, porém desaprovadas e reguladas pelos meus pais e irmãs. Na adolescência a opção pelas lutas teve que ser equalizada com a prática simultânea de danças.

Em seguida, minha inserção em uma Cia de Dança de Rua gerou novos tensionamentos. A dedicação e disciplina nos estudos em um Colégio Militar surgem como mais uma maneira de negociar minha permanência em práticas corporais não aprovadas para meninas. Na universidade, continuei minha trajetória esportiva, mas as exigências do treinamento logo me afastam devido à indisponibilidade de tempo para o treino.

Quando me preparava para a seleção do mestrado, cursei a disciplina Educação e Gênero, ministrada pelas professoras Marisa Barletto e Maria de Fátima Lopes - pesquisadoras do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Viçosa/NIEG. Nos encontros semanais discutíamos textos que contribuíram para que, lentamente, eu começasse a compreender o gênero enquanto uma categoria organizacional do conhecimento, das relações sociais e também das práticas esportivas.

Desta maneira, os conteúdos da disciplina e o meu envolvimento com o NIEG foram entrelaçados às lembranças da minha trajetória esportiva, e a inquietação do passado se fez mais uma vez presente: por que as práticas corporais são organizadas entre os sexos? Por que é tão difícil para uma mulher se inserir e permanecer em espaços percebidos enquanto masculinos? Estas reflexões me direcionaram ao meu tema de pesquisa: a participação de mulheres nos esportes universitários. A

flexibilidade do meu orientador sobre a escolha temática, somada ao meu interesse e à relevância do tema foi crucial para a construção desta pesquisa.

Dar visibilidade ao protagonismo feminino na construção da história do esporte universitário viçosense é uma das metas principais desta pesquisa, contudo, após longa incursão nos arquivos institucionais¹ me deparei com uma primeira dificuldade: a escassez de fontes escritas sobre o tema. Como uma investigação se faz em grande medida por uma forte motivação pessoal, esse empecilho rapidamente tornou o trabalho mais instigante e uma questão importante surgiu: o que garante a pouca visibilidade conferida à participação de mulheres no esporte universitário em Viçosa? Esta questão inicial me direcionou inequivocamente à história oral e aos estudos de gênero.

Compreendemos como estudos de gênero um campo pluridisciplinar de conhecimentos que se desenvolveu no meio acadêmico a partir de 1970. Não representam estudos centrados unicamente nas mulheres nem uma corrente homogênea de pensamento. Para Descarries (2000), estes estudos debruçam-se sobre as diferentes problemáticas que concernem diversos instrumentos conceituais e metodológicos para analisar a dimensão sexuada das relações sociais, de hierarquização e divisão social, assim como as representações sociais e as práticas que as acompanham, modelam e remodelam.

A concepção historiográfica que fundamenta esta investigação permite compreender a história enquanto uma reconstrução do passado por meio de narrativas, que mais do que revelar verdades, busca identificar agentes e suas experiências concretas. Narrar o passado é construir um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que seleciona e narra suas experiências, neste caso, mulheres esportistas, protagonistas de um tempo e um espaço que pouco conhecemos.

Estudar o esporte universitário através de trajetórias femininas contribui para uma nova reflexão histórica sobre este universo e incita um reexame crítico da organização e das relações sociais neste campo estabelecendo outros contornos para a história do esporte universitário em Viçosa. Assim, a inscrição do feminino nas práticas esportivas na UFV nos anos de 1970 é delineada a partir das trajetórias de vida esportiva de mulheres que por meio de suas ações pioneiras demarcaram um espaço num campo eminentemente masculino.

¹ Arquivo Central Histórico da Universidade Federal de Viçosa e arquivo da Liga Universitária Viçosense de Esportes.

Localizo a década de 1970 como um marco da ampliação da participação feminina nos esportes universitários viçosenses. Este período foi caracterizado pela obrigatoriedade da prática de Educação Física universitária, pela federalização da UFV e a implantação de novos cursos, inclusive o de Educação Física, aumentando o contingente feminino na instituição e também na recém criada Liga Universitária Viçosense de Esportes/LUVE. Tais acontecimentos impulsionaram a entrada de mulheres na universidade e também no espaço esportivo universitário.

O objetivo central desta investigação é compreender a participação de mulheres nos esportes universitários viçosenses nos anos de 1970 a partir da memória construída nas narrativas de nove mulheres sobre suas trajetórias esportivas.

Mais especificamente:

- Identificar e analisar os processos de iniciação, inserção e atuação de mulheres nos esportes universitários viçosenses;
- Identificar e analisar nas narrativas os fatores que possibilitaram ou dificultaram estes processos;
- Registrar e tornar visíveis trajetórias que construíram a história do esporte universitário na cidade de Viçosa;
- Identificar os contextos apresentados nas narrativas, especialmente aqueles relacionados à UFV, à LUVE e ao Departamento de Educação Física;
- Identificar e analisar como o gênero marca o discurso, as experiências e a memória expressa nas narrativas destas mulheres.

Penso que esta investigação pode ser justificada por pelo menos três pontos: o número reduzido de estudos sobre a temática na área Educação Física e Esporte; a importância da compreensão do universo esportivo enquanto espaço generificado; e a possibilidade de se construir uma memória do esporte universitário em Viçosa a partir de seus próprios agentes.

No campo do esporte e da Educação Física, a pesquisa historiográfica sobre mulheres tem se constituído uma crescente possibilidade investigativa². Tal afirmação pode ser observada no número de trabalhos científicos apresentados, por exemplo, nos Anais dos Encontros de História da Educação Física e Esporte cuja primeira edição

² Como exemplo podemos citar os trabalhos de Elaine Romero, Fábio Devede, Eustáquia Souza, Helena Altmann, Ludmila Mourão, Mirian Adelman, Silvana Goellner.

aconteceu na Unicamp em 1997 e a última na UFV em 2009, além das inúmeras dissertações e teses produzidas em todo o país. Todavia, é freqüente nestes trabalhos o enfoque descritivo que incide sobre reflexões em torno da participação de mulheres no esporte de alto rendimento, marginalizando o esporte universitário e também outros ambientes esportivos³.

A área não tem construído apoios suficientes de memória que evidenciem a presença de mulheres no esporte, especialmente no esporte universitário. Este mecanismo bloqueia os caminhos da lembrança e faz com que as novas gerações acreditem que não houve uma participação efetiva de mulheres ou que elas eram apenas figurantes no cenário esportivo, quando na verdade são protagonistas.

Tanto quanto em outros espaços sociais, a diferenciação e a dominação entre os sexos se operam a partir de referenciais biológicos, tornando o esporte um campo generificado e de reprodução de desigualdades de gênero. As investigações em Educação Física e esporte ainda não conferem a devida importância ao tema gênero, não o compreendendo enquanto um conceito estruturante das relações entre mulheres e homens nesse campo do conhecimento. Portanto, refletir sobre a participação das mulheres no esporte universitário, conhecer suas trajetórias e identificar seu pioneirismo torna-se relevante, pois contribui para a identificação do esporte enquanto um espaço fundamentado e organizado sobre as relações de gênero.

Aprender, nas narrativas das mulheres sobre suas trajetórias esportivas, elementos significativos para a reconstrução das suas vivências no esporte, evidencia a complexidade e os tensionamentos que configuram a relação entre gênero e esporte no contexto universitário. Vale ressaltar que toda reflexão sobre questões relativas as mulheres implica necessariamente em informação sobre os homens. Ambos estão em constante relação nas práticas cotidianas. A experiência concreta e subjetiva de um está imbricada na experiência do outro (SCOTT, 1990).

Entrevistei mulheres que tinham em comum um espaço social dominante em suas trajetórias de vida: o esporte universitário. Desta maneira, identificamos fios condutores das narrativas e importantes pontos de referência que estruturaram a memória pessoal das entrevistadas, inserindo-a na memória do grupo. As brincadeiras de ruas, a figura paterna, o voleibol na escola, a opção pelo esporte são alguns elementos que compõem o mapa de memória das entrevistadas. As lembranças da

³ Recentemente, algumas teses e dissertações foram defendidas na UFRGS contemplando espaços além do esporte de alto nível.

antiga Praça de Esporte da Escola Superior de Agricultura e Veterinária/ESAV⁴, da Liga Universitária Viçosense de Esportes/LUVE e dos Jogos Universitários constituem-se verdadeiros lugares de memória que sinalizam e demarcam os caminhos percorridos tanto para a estruturação das narrativas quanto para a conquista do espaço esportivo nos anos de 1970.

Os resultados da pesquisa estão organizados em cinco capítulos. No capítulo um traço algumas reflexões teóricas e metodológicas sobre história oral, memória e gênero que fundamentam a pesquisa e discuto sobre memória e gênero enquanto categorias de análise. No capítulo dois descrevo o caminho metodológico trilhado falando sobre a escolha do método, a situação de entrevista, e os procedimentos adotados. Nos capítulos três e quatro costuro os argumentos teóricos apresentados no primeiro com as narrativas expostas no capítulo 5.

No capítulo três, apresento eixos de narrativa sobre os caminhos percorridos até o esporte universitário: as lembranças das brincadeiras de rua; a prática de voleibol na escola; a opção pelo esporte universitário. Estes três eixos são trançados por lembranças da figura paterna e das negociações para se manterem no universo das práticas corporais nos direcionado para reflexões sobre o modo como o gênero opera estas lembranças e as experiências das mulheres entrevistadas. A multiplicidade de contextos apresentados nas narrativas foi fundamental para a compreensão do processo de iniciação ao esporte vivenciado pelas entrevistadas.

No capítulo 4, “Os lugares da memória”, procurei mostrar que as narrativas das diferentes trajetórias esportivas organizam-se em torno de lugares que ainda condensam as identidades do grupo, assegurando sua continuidade no tempo e no espaço. A memória esportiva universitária das mulheres entrevistadas é balizada por estes lugares de memória. As recordações de espaços e eventos foram narradas delineando as trajetórias esportivas na universidade indicando tanto a maneira como as narrativas foram construídas quanto os processos de inserção e permanência no esporte universitário que, como mostra a pesquisa foi aberto por meio de um processo lento de infiltração feminina nas práticas esportivas, atingindo na década de 1970 maior visibilidade.

⁴ ESAV – Escola Superior de Agricultura e Veterinária, nascida em 1922 e inaugurada 1926. Em 1948 transforma-se em UREMG/Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Em 15/07/1969, a UREMG federalizou-se através do decreto 64.825, passando a chamar-se Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Fundamentada em Walter Benjamin (1993) procurei no capítulo cinco dar existência escritural à fala, pois o narrador ao narrar sua história conta o que ele extrai da sua experiência própria ou daquela contada por outros, tornando-a também experiência daqueles que ouvem sua história. Na esteira de pensamento deixada por Ecléia Bosi (1994) dizemos que a veracidade das narrativas não nos preocupou, com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de vida esportiva das mulheres entrevistadas.

Em considerações finais sinalizo possíveis desdobramentos da pesquisa e algumas questões que continuam em aberto por não terem sido aprofundadas.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1. História oral e trajetórias

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata dos testemunhos e dos fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de colocar o problema. O testemunho, seja ele escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. (HAMPÂTÉ-BÂ, 1982, p. 181)⁵

Para Paul Thompson (1992) a história oral é tão antiga quanto a própria história. Contudo, apenas em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita, ela consolida-se enquanto uma metodologia de pesquisa que busca registrar testemunhos, versões e interpretações do passado a partir de narrativas induzidas e estimuladas (DELGADO, 2010). Trata-se, portanto, de uma produção especializada e intencional de documentos e fontes na qual se cruzam subjetividades e temporalidades. A história do tempo presente é a perspectiva temporal da história oral, legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão histórica. Portanto, é um procedimento para a produção de conhecimento histórico (THOMPSON, 1992; FERREIRA e AMADO, 2001; ALBERTI, 2005; MEIHY, 2005; DELGADO, 2010).

A história oral, inicialmente, voltou-se para os campos da sociologia e da antropologia. Contribuiu para a constituição de bancos de entrevistas como o da Universidade de Columbia, em Nova York, criado após a Segunda Guerra Mundial, que reuni depoimentos de ex-combatentes, familiares e vítima da guerra.

Até 1970, a história oral não tinha muitos adeptos no meio acadêmico devido à desconfiança dos pesquisadores com o documento não escrito. O pensamento corrente à época era que as fontes orais apresentavam uma carga de subjetividade elevada em detrimento à objetividade do documento escrito. Tal concepção mostrou-se equivocada, visto que as fontes escritas também poderiam ser subjetivas e que a própria subjetividade se constitui objeto do pensamento científico, um “dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro” (ALBERTI, 2000, p. 01). Como aponta Meihy (2005), “a objetividade reclamada da história oral é a mesma que deve ser cobrada de qualquer

⁵ Amadou Hampâté-Bâ é um estudioso das tradições orais africanas. Um dos seus livros é Amkoullel, o menino Fula, no qual refaz por meio de uma detalhada narrativa a sua trajetória vida nas savanas africanas.

outro documento escrito, pois limitações idênticas permeiam a produção de documentos oficiais” (MEIHY, 2005, p. 54).

Desde o início do século XX, com a emergência do grupo dos *Analles*⁶ observa-se uma contraposição à abordagem da história tradicional, focada na história política e no domínio público que privilegia fontes administrativas, diplomáticas e militares. À medida que a Escola dos *Analles* propunha ampliar o leque de fontes e a observação do cotidiano das pessoas comuns - negros, índios, operários - ela contribuiu também para que as mulheres, posteriormente, fossem incorporadas à historiografia.

A partir do final dos anos de 1960 novos temas e novas abordagens foram incorporados à história, transformando-a. Sujeitos até então marginalizados pela historiografia tradicional - cuja objetividade se propunha a narrar os grandes feitos, fatos políticos e trajetórias heróicas - conquistaram espaço. Suas experiências concretas, cotidianas, em articulação com o social, tornaram-se valorizadas.

O conhecimento histórico tornou-se relativo, tanto a uma determinada época do passado, como a uma dada situação do historiador no tempo, o qual procura interpretar os processos de mudança através de um conhecimento dialético. Tal panorama tornou-se mais factível a integração da experiência social das mulheres na história, já que sua trama é tecida basicamente a partir do cotidiano, e não dos pressupostos regidos e de grandes marcos. (SOIHET e PEDRO, 2007, p. 285)

As transformações ocorridas na historiografia, somadas a explosão do feminismo na década de 1960, foram decisivas para que as mulheres alcançassem a condição de objeto e sujeito da pesquisa histórica, marcando a emergência do campo história das mulheres⁷.

Esse novo cenário historiográfico é profícuo para a história oral enquanto

um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2010, p.15)

⁶ Movimento historiográfico fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch que se destacou por incorporar métodos das Ciências Sociais à História rompendo com a proposta positivista de História.

⁷ Inserida na história social a proposta teórico-metodológica de uma história das mulheres propõe desnudar os discursos misóginos construídos para justificar a inferioridade feminina, sua submissão, a opressão masculina, a violência, a negação de sua condição histórica. Estes estudos possuem um caráter descritivo sendo alvo de críticas das correntes feministas que utilizam o gênero enquanto uma categoria de análise histórica

A história oral legitima-se como método a partir das transformações da historiografia citadas anteriormente, tornando-se recorrente no campo científico. No entanto, a maneira como é utilizada na contemporaneidade, ultrapassa a ênfase na história individual, em direção às redes de relações tecidas entre o indivíduo e o grupo.

Seu uso - por meio de suas modalidades de história de vida, trajetória, biografia - pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha um ponto de vista de um grupo. Isso se deve ao fato do relato pessoal estar estruturado sobre contextos comuns.

Recorre-se a história oral, tanto para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais e/ou para confirmar hipóteses científicas relativas às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais (LEVI, 2001). Sua importância recai sobre sua capacidade de identificação das normas e de seus mecanismos de funcionamento,

(...) sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas. (LEVI, 2001, p. 180).

Logo, a história oral é um método apropriado para verificar o “caráter intersticial” da liberdade dos agentes, captar os modos de relação entre indivíduo e grupo, bem como o funcionamento dos sistemas normativos que jamais estão isentos de contradições (LEVI, 2001).

A utilização da história oral na presente pesquisa ofereceu, a partir das trajetórias de vida, elementos reconstitutivos das relações sociais e familiares, das lembranças da cidade de Viçosa, da Universidade Federal de Viçosa e das relações engendradas no universo esportivo universitário. Estas relações foram organizadas por sistemas normativos que regularam sujeitos e práticas no interior da Liga Universitária Viçosense de Esportes/LUVE.

Mas o que seria uma história de vida? É possível descrevê-la? Para Bourdieu (2002), o relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, prevê uma estruturação dos acontecimentos vividos em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. Esse empreendimento só é possível se compreendermos a vida enquanto uma história que está organizada de acordo com a sucessão cronológica e lógica de acontecimentos.

Contudo, a vida não é um trajeto definido por etapas coerentes e bem traçadas. Mas sim, como versa Guimarães Rosa, a vida é ela própria uma travessia.

Para Bourdieu (2001):

produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa reforçar. (BOURDIEU, 2001, p.185)

Poderia a história de vida ser compreendida de outra maneira? Segundo Bourdieu (2001), uma análise crítica sobre história de vida conduz para a construção da noção de trajetória “como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2001, p. 189). Nesse sentido, os acontecimentos biográficos movimentam-se no espaço social de uma posição a outra,

o que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado- pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2001, p.190)

Essa reflexão coloca o sujeito numa posição de agente que intervém nos diferentes espaços e contextos sociais pelos quais transita. Queiroz (1999) aproxima-se da concepção de Bourdieu (2001) ao considerar a história de vida enquanto uma técnica que capta o acontecimento na encruzilhada da vida individual com o social por meio do relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmiti-los ao pesquisador. Para a autora, ainda que a subjetividade seja compreendida como o que diz respeito ao sujeito, na tentativa de transmitir ao outro (pesquisador) suas experiências, ele o faz a partir dos referenciais construídos pelo grupo no qual está ou esteve inserido e pela sociedade.

Ao falar de si o narrador tece sua rede de experiências com o mundo vivido. Desta maneira a história de vida - que nesta pesquisa será considerada enquanto trajetória de vida esportiva -, dialoga experiências individuais com a coletividade, desvelando pontos de interseção e mecanismos sobre os quais a narrativa foi construída.

Portanto, a fim de problematizar a participação de mulheres no esporte universitário viçosense nos anos de 1970, as narrativas sobre estas trajetórias esportivas deveriam abranger todo um conjunto de acontecimentos, de contextos, que não apareceriam em um diálogo curto e diretivo de uma entrevista comum. A entrevista de

trajetória de vida esportiva permitiu observar os modos de construção das narrativas, a seleção dos acontecimentos narrados e a maneira como se organizaram as lembranças destas mulheres.

Ao eleger a história oral enquanto método de pesquisa buscamos acessar versões da história por intermédio da memória de trajetórias individuais organizadas em forma de narrativas, conduzindo-nos necessariamente para reflexões sobre a situação de entrevista e as relações entre os agentes, memórias e contextos. Os documentos produzidos pelas entrevistas - as narrativas - são os elementos centrais para a reconstrução da memória da participação de mulheres na vida esportiva universitária viçosense nos anos de 1970.

1.2. Lembrar: reconhecer e reconstruir por meio de narrativas

Lembrar é reviver. Assim pensava o filósofo Henri Bergson no final do século XIX, cujos estudos representam o ponto de partida para as reflexões atuais sobre memória. Para o autor, o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias. A percepção estaria relacionada ao esquema imagem-cérebro-representação. Já a memória relacionada a conservação de estados psíquicos já vividos que permitem ao indivíduo escolher, no presente, alternativas que um novo estímulo-imagem pode oferecer (BERGSON, 2006). Assim, o passado estaria latente no interior do indivíduo, conservado sob a forma de imagem-lembrança pronta a emergir à consciência. Para Bosi (1994),

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. (BOSI, 1994, p. 47)

Para Bérqson (*apud* BOSI) existe uma relação entre percepção e memória, pois “na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”. Seu esforço foi provar a espontaneidade da memória libertando-a das amarras dos “esquemas mecanicistas que a alojavam em algum canto escuro do cérebro” (BOSI, 1994, p. 51).

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro

lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p. 48)

Bergson não tematiza o sujeito que lembra e tampouco sua relação com o objeto lembrado. Entretanto, a relação entre percepção, lembrança e presente teorizada pelo filósofo é o que fundamenta os estudos posteriores sobre memória tanto na psicologia quanto na sociologia e história.

Evidentemente, a teoria formulada por Bergson não se reduz a esta exposição breve colocada aqui. Contudo, seu conceito de conservação do passado é importante para a reflexão sobre o modo como as mulheres constroem a memória da participação feminina no esporte universitário viçosense a partir de suas narrativas sobre suas trajetórias, trilhando caminhos que nos conduzem ao passado.

Mas, será que ao relembrares suas trajetórias esportivas estas mulheres estarão revivendo um passado conservado na memória? Não, pois lembrar é refazer e não apenas reviver. É reconstruir com imagens e ideias do presente as experiências do passado (BOSI, 1994, p. 55).

Quem oferece argumentos teóricos para esta reflexão é o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006) estudioso das relações entre memória e história pública, fortemente influenciado por Émile Durkheim. Halbwachs se propõe ao estudo não da memória em si, mas dos quadros sociais da memória.

Para o autor, embora o ato de lembrar seja individual, são os grupos sociais pelos quais o indivíduo transitou e transita, que determinam o que é memorável e os caminhos possíveis da lembrança. Portanto, a memória é uma construção feita no presente que pressupõe uma representação seletiva do passado a partir dos quadros sociais da memória. É também uma construção coletiva, pois se refere ao indivíduo num dado contexto social. A memória individual está amarrada a memória do grupo e esta a memória coletiva.

Segundo Halbwachs (2006), o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e recortado por grupos de referência. Deste modo, a memória é uma reconstrução do passado que, diferentemente da concepção bergsoniana, não está conservado no indivíduo, para o autor:

a lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as quais sempre mantivemos contato. (HALBWACHS, 2006, p. 59)

A memória individual não se reconstrói apenas no vivido pelo sujeito, mas sim no vivenciado por ele e pelos grupos nos quais se insere ao longo da vida. É no contexto de nossas experiências com os grupos sociais com os quais interagimos - família, religião, escola, classe social, clube esportivo, entre outros -, que construímos nossas lembranças.

A rememoração individual é tecida a partir das memórias dos diferentes grupos com os quais nos relacionamos, e com os diferentes sistemas de representações, hábitos e relações sociais que mantivemos, de modo que mesmo não estando mais na presença destes grupos, nossas lembranças e a maneira como percebemos e vivemos se constitui a partir deste emaranhado de experiências coletivas que ilusoriamente parecem ser apenas nossa⁸. Ao narrarem sobre si, as mulheres entrevistadas vão reconstruindo e cruzando caminhos, tempos e lugares de memória⁹.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

O lembrado não representa exatamente o vivido, trata-se de sua reconstrução. As lembranças retomam relações sociais e não apenas sentimentos, pensamentos, valores ou hábitos isolados. A memória, portanto, é sempre constituída em grupo, é ao mesmo tempo coletiva e do sujeito, que ao lembrar retoma os modos de pensamento e a experiência comum próprios do seu grupo de referência.

A memória coletiva é o trabalho de um determinado grupo social articulando e organizando as lembranças em quadros sociais comuns, gerando um acervo de lembranças compartilhadas. Uma rememoração seria como uma semente, que potencialmente carrega imagens que podem ou não tornarem-se lembranças vivas. O seu destino será dado de acordo com a presença de grupos de referência (MAHFOUD E SCHMIDT, 1993).

A memória é, pois, o trabalho de seleção, reconhecimento, reconstrução e atualização de imagens por meio dos quadros de referência dos quais as lembranças emergem. Nesse sentido, por menor que seja a alteração no ambiente, esta atinge a

⁸ É possível captar tal aspecto da memória na leitura das trajetórias apresentadas no Capítulo 5.

⁹ Pierre Nora (1993) chama de lugares de memória os pontos de referência que estruturam a memória e a inserem na memória coletiva.

qualidade íntima da memória, como observa Bosi (1994). É nesse ponto que Halbwachs entrelaça memória individual com a memória coletiva. Para o autor, [...] nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais têm sua origem em meio e circunstâncias sociais definidos [...]” (HALBWACHS, 2006, p. 41).

A função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado é a de promover um laço de filiação entre membros de um grupo com base no seu passado coletivo conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade e de cristalizar concepções e valores predominantes do grupo ao quais as memórias se referem, gerando laços identificatórios. A memória coletiva é portanto, indissociável da manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar um grupo e distingui-lo dos demais (HALBWACHS, 2006).

Essa identificação se faz pelo que Halbwachs chamou de comunidade afetiva, que possibilita a atualização das lembranças e a identificação com a mentalidade que o grupo mantinha no passado e retorno do hábito e do poder de pensar, ainda, como membro do grupo.

O apego afetivo a estes grupos de referência é o que permite e dá coexistência às lembranças. Descrever fatos, acontecimentos não é suficiente para gerar no indivíduo a recordação. Para que as imagens se transformem em uma “consistente massa de lembranças” é preciso laços de afetividade, o “sentimento do já visto” para que haja o reconhecimento das imagens e sua atualização em lembranças (HALBWACHS, 2006)

Halbwachs também diferencia memória coletiva e história, para ele a história examina os grupos de fora e abrange um período bastante longo enquanto a memória coletiva é o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana. “Se por memória histórica, entendemos a sequência de eventos cuja lembrança a história conserva, não será ela, não serão seus contextos que representam o essencial disso que chamamos de memória coletiva” (HALBWACHS, 2006, p.81).

Entre história e memória existe uma clara distinção. A especificidade da história em relação às demais ciências humanas e sociais encontra-se no fato de “aquela estudar movimentos específicos, únicos em sua manifestação concreta. A ela cabe analisar realidades espaciais e conjunturas temporais peculiares, conseqüentemente, “o estabelecimento de datas e a escolha de cortes cronológicos são tão fundamentais e significativos quanto à definição do tema ou objeto a ser pesquisado” (DELGADO, 2010, p. 34). Já a memória ocupa-se da reconstrução seletiva do passado, por meio de

processos complexos que englobam subjetividades, lembranças e esquecimentos. Para Pierre Nora,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (1993, p.9)

Todavia, não há oposição entre história e memória, o que as distingue são sua natureza e funções¹⁰. Ambas são reconstruções do passado, cada uma tecida a sua maneira. Para Delgado (2010), apesar de distintas, elas têm substância comum: são antídotos do esquecimento. História, memória, tempo e espaço caminham juntos.

A memória se constitui de um elemento seletivo, pelo fato de poder, através do testemunho oral, descartar conscientemente ou inconscientemente acontecimentos com a intenção de dar sentido àquela identidade relatada pra si e para os outros.

Para Meihy (2005), a memória individual só interessa na medida em que permite o conhecimento do fenômeno social.

As histórias pessoais ganham alcance social na medida da inscrição de cada pessoa nos grupos mais amplos que lhe servem de contexto. Com isso se neutraliza a relevância de uma história oral valorizadora do indivíduo como se ele fosse uma abstração. A história oral é sempre social. (MEIHY, 2005: 42)

O autor considera que as memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. A independência delas se explica pela capacidade de individuação. No entanto, é preciso deixar claro que a memória individual, para a história oral, só tem sentido em função de sua inscrição no conjunto social das demais memórias. Ela não existe além da biologia como um fenômeno socialmente autônomo. Com isso, afirma-se que toda memória tem índices sociais que a justificam. É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que explicam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas.

O que foi lembrado, como foi narrado, em que circunstância foi evocado o fato: tudo isso integra a narrativa, que sempre nasce na memória e se projeta na imaginação, que, por sua vez, depois de articular estratégias narrativas, se

¹⁰ Este é um posicionamento de Delgado (2010). Para Nora “tudo opõe uma á outra” (1993, p. 09).

materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita. (MEIHY, 2005, p.61)

A memória coletiva é mais do que a soma de memórias individuais. É um fenômeno construído pela ação de fatores externos que circundam um determinado grupo, marcando sua identidade. “A memória coletiva é reconhecida no cruzamento de temas comuns, identidades e narrativas individuais. Onde se dão os pontos de afinidades temáticas, estabelecem-se as memórias coletivas” (MEIHY, 2005, p.64).

Nas linhas iniciais do primeiro capítulo do livro *A memória coletiva*, Halbwachs nos fala sobre os usos do testemunho:

recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. (HALBWACHS, 2006, p.29).

Neste sentido, o resultado desta pesquisa apresenta-se como um testemunho forjado a partir de minhas próprias experiências atualizadas e entrelaçadas pelas opiniões construídas nas narrativas das entrevistadas. As narrativas apresentadas sobre suas trajetórias esportivas são apenas uma entre muitas possibilidades de falar de si e fazer-se ver. Em um trabalho de história oral, a trajetória individual apresentada em forma de narrativa, não é coisa dada, mas construída na medida em que é feita a entrevista (BOSI, 1994, ALBERTI, 2000; BOURDIEU, 2001). O ato de narrar, descrito por Bosi (1994) é como uma forma artesanal de comunicação, não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma.

Sua intenção primeira não é transmitir a substância pura do conteúdo, como o faz uma informação ou uma notícia. Pelo contrário, imerge essa substância na vida do narrador para, em seguida, retirá-la dele próprio. Assim a narrativa revelará sempre a marca do narrador, assim como a mão do artista é percebida, por exemplo, na obra de cerâmica. (BENJAMIN, 1975, p. 69)

Ao recordar o indivíduo retoma situações, fatos, acontecimentos específicos, localizados no espaço e no tempo. O discurso, neste caso, constitui lembranças e esquecimentos, institui recordações, que ele próprio organiza. A possibilidade de falar das experiências, de trabalhar as lembranças de uma forma discursiva, é também a possibilidade de dar às imagens e recordações embaçadas, fluídas e fragmentadas, certa

organização e estabilidade. Do mesmo modo, a linguagem não é apenas instrumental na (re) construção das lembranças “ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história (SMOLKA, 2000, p.187).

As narrativas falam sobre personagens, acontecimentos e lugares entrelaçados em uma trama de significação que explicita temporalidades, sujeitos e ações. Nas palavras de Kofes e Piscitelli (1997): lidar com as narrativas, portanto, nos parece um meio de encadear experiências femininas, memória e gênero.

No centro desta investigação localizam-se experiências de mulheres. Contudo, faz-se necessário esclarecer que investigar memórias e experiências femininas não é o mesmo que afirmar que existam oposições ou especificidades entre experiências femininas e masculinas. Memórias e experiências não se enquadram em oposições/binarismos¹¹ como se as experiências de um (a) fosse descolada da experiência do (a) outro (a). Evidentemente existem componentes significativos nas lembranças de mulheres que reportam para seus papéis sociais/sexuais construídos histórica e socialmente, no entanto devemos ampliar esta discussão em direção as multiplicidades das relações entre os seres humanos (PERROT, 1989).

[...] há experiências diferentes, singulares, que somente a narrativa, a memória, o empírico, pode elucidar, desnaturalizar, o que leva a um deslocamento da idéia de papéis como precondição para o feminino ou para o masculino. (FÁVERI, 2001, p.71).

Mas, sendo a experiência algo tão complexo como captá-las e compreendê-las? Fáveri (2001) nos aponta um caminho: por meio da memória expressa nas narrativas, pois a memória carrega em si a marca da experiência. Para a autora, não há lembranças que não venham das experiências humanas.

1.3. Gênero, trajetórias femininas e memórias

Afirmar que o gênero marca as memórias - em narrativas biográficas ou em tradições orais - não é o mesmo que afirmar que as mulheres têm uma lembrança específica enquanto mulheres ou os homens enquanto homens,

¹¹ Binarismo refere-se ás lógicas binárias conceituais e lingüísticas presentes em nossa cultura que organizam o nosso pensamento e ações em polaridades opostas nas quais um dos termos é privilegiado em relação ao outro (homem/mulher, razão/emoção, mente/corpo, heterossexual/homossexual, forte/fraco, escrita/fala, etc.)

porque a biologia assim o determina ou porque a divisão sexual de papéis assim os define. (KOFES e PISCITELLI, 1997, p. 348)

Algumas questões direcionam a presente pesquisa e apontam para discussões à luz dos estudos de gênero: o caminho percorrido por uma mulher é diferente do transitado por um homem quando esta, na universidade, escolhe se dedicar a vida esportiva? Será o gênero um demarcador das trajetórias das ex-atletas da LUVE nos anos de 1970? Como o gênero marca os discursos, as experiências e a memória expressa nas narrativas destas mulheres? Como as diferenças sexuais são pensadas, explicadas e incorporadas nas ações e na instituição esportivas? Como, em 1970, os acontecimentos, as tensões, as negociações foram produtoras de gênero no universo esportivo da LUVE?

O fundamental nesta investigação, não foi refletir sobre o sexo enquanto um demarcador das trajetórias esportivas, mas sim enfatizar o caráter social e cultural das distinções baseadas no sexo, incorporando as relações de poder que hierarquizam as relações entre homens e mulheres durante suas trajetórias no universo esportivo. Portanto, o gênero foi pensado enquanto um operador de diferenças, “um meio através do qual se organizam as relações sociais, marcando as experiências” (KOFES e PISCITELLI, 1997, p. 347).

Em outras palavras, os argumentos biológicos que historicamente têm servido para naturalizar as diferenças sociais entre homens e mulheres perdem força e legitimidade diante da percepção de que são as construções discursivas atreladas a redes de significação e de poder que organizam as práticas sociais, entre elas a esportiva. O poder, por exemplo, de indicar as modalidades que homens e mulheres podem/devem praticar, de classificar níveis de desempenho possíveis de serem desenvolvidos, de inferir as habilidades e capacidades físicas de cada um, de nomear aquelas/aqueles que correspondem a essas expectativas ou, ao contrário, quem delas escapa (GOELLNER, 2005).

A reflexão sobre memória, trajetórias femininas e narrativas quando relacionadas à categoria gênero evidencia o tensionamento teórico-epistemológico entre as discussões dos estudos de gênero e estudos de mulheres (PERROT, 1989; PEDRO, 1994; KOFES e PISCITELLI, 1997; BARLETTO, 2006). Para Joan Scott (1990), os estudos que tem como centro da investigação o caráter descritivo dos papéis ou das experiências de mulheres (trajetórias femininas, por exemplo) descolados do contexto histórico poderiam ser considerados como estudo de mulheres pela ausência do

elemento relacional que a categoria gênero exige. Sobre esta questão, Silvana Goellner comenta:

Não apenas o fazer historiográfico é questionado por Scott quando propõe uma história analítica e não descritiva como também a designação história das mulheres é colocada em suspeição, na medida em que atribui ao gênero uma categoria imperante da análise histórica visto que o masculino e o feminino são construções sociais e históricas. Com astúcia e ousadia, Scott alerta para a emergência de uma análise histórica relacional, visto que o ser masculino só pode ser entendido a partir do que se institui como sendo feminino e vice-versa. (GOELLNER, 2007, p. 35)

A presente investigação direciona sua análise à memória reconstruída nas narrativas de mulheres, sobre suas trajetórias esportivas, considerando a memória enquanto recriação do passado sendo sua estrutura profundamente sexuada. As trajetórias e a opção pelo esporte foram pensadas enquanto dimensões operadas pelo gênero como categoria de análise histórica.

Para Michelle Perrot (1989) a memória é diversificada de acordo com os itinerários individuais sendo marcada muito mais pelo modo de vida do que pela variável sexo. Sua sexualização seria parte das determinações sócio-históricas do feminino e do masculino. Ao discutir a possível ‘especificidade’ da memória feminina a autora afirma que se esta estiver apenas ancorada na natureza e no biológico ela não existe, contudo existe se:

na medida em que as práticas sócio-culturais presentes nas operações que constituem a memória estão imbricadas nas relações masculinas/femininas reais e, com elas, são produto de uma história. (KOFES & PISCITELLI, 1997, p. 348)

Trata-se de uma análise que busca identificar como o “ser mulher”, e as relações estabelecidas nos contextos em questão, determinam as formas de estruturação das narrativas e o seu conteúdo.

O crucial é mostrar como o gênero opera, como essa operação marca as narrativas, bem como o que nelas se expressa. Este ‘como’ só pode ser desvendado através da análise de material empírico que permite o confronto entre diversas experiências contextualizadas. (KOFES & PISCITELLI, 1997, p. 352)

Portanto, não foi objetivo desta investigação apenas dar lugar às mulheres na narrativa ou descrever uma história de mulheres no esporte universitário viçosense. Mais do que isso, buscamos, como sugere Scott (1990) construir outro caminho de

conhecimento, pautado em novos conceitos e avanços no campo científico utilizando a categoria gênero, que visa compreender as relações sociais baseadas na percepção das diferenças entre os sexos rompendo com os determinismos biológicos. Para a autora, masculinidade e feminilidade são construções históricas, sendo o gênero “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14).

Gênero enquanto categoria de análise implica em quatro elementos inter-relacionados: os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações; os conceitos normativos que evidenciam as interpretações do sentido dos símbolos - expressos nas doutrinas religiosas, educacionais, científicas, políticas, jurídicas - sob forma de oposição binária categorizando o masculino e feminino; gênero constituído também pelas organizações institucionais e sociais; e identidades subjetivas cuja análise não pode se limitar às teorias psicanalíticas, deve-se antes examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são construídas e relacioná-las com uma série de atividades, de organização e de representações sociais historicamente situadas.

O gênero é primeiro modo de significar as relações de poder. Estas relações assimétricas, hierárquicas e desiguais fundamentam-se na diferença construída historicamente entre o feminino e o masculino. Para Scott (1990),

O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (SCOTT, 1990, p. 16)

Destaca-se, aqui, o uso do termo gênero como uma categoria de análise cuja utilização possibilitou que novas abordagens emergissem dentro dos estudos sobre mulheres, pois, ao focar o caráter relacional entre os sexos que engendram relações de poder, estas abordagens enfatizam “[...] as conotações sociais do gênero em contraste com as conotações físicas do sexo” (SCOTT, 1992, p. 81).

As principais contribuições de Scott (1990) relacionam-se à construção da categoria gênero enquanto categoria que marca o caráter fundamentalmente social e cultural das distinções baseadas no sexo, afastando o mito da naturalização dando precisão as ideias de assimetria e hierarquização nas relações entre homens e mulheres. Ao enfatizar o aspecto relacional entre os sexos, evidencia que a compreensão de qualquer um dos dois só pode existir através de um estudo que os considere em constante relação.

[...] não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto se eles forem diferenciados das mulheres. Além disso, uma vez que o gênero foi definido relativamente aos contextos social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como em levar em conta a mudança. (SCOTT, 1992, p. 87)

Segundo Scott (1990), a feminilidade e a masculinidade entendidas a partir do binarismo impossibilitam a percepção das múltiplas identificações existente entre os lados opostos. A oposição binária que emerge como dominante é declarada como a única possível como se fosse um produto de um consenso social mais do que um conflito.

O conceito de gênero esboçado por Scott (1990) rompe com a noção de fixidez, com os binarismos e abre possibilidades de se pensar fora do eixo de polaridade homem/mulher, masculino/feminino desconstruindo a aparência de uma permanência eterna nas representações binárias de gênero. Scott (1990) propõe uma análise de como as hierarquizações de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas.

Pensar a participação esportiva de mulheres na UFV por meio das lentes teóricas apresentadas pressupõe compreender o esporte universitário a partir da memória expressa nas narrativas de mulheres sobre suas trajetórias esportivas e enquanto um campo de disputas de poderes, de representação e produção de corpos, subjetividades, identidades, de feminilidades e masculinidades.

2. Percurso metodológico

Os relatos orais, tomados por si só, pouco nos acrescentam, pois seria simplesmente o ‘ relato ordenado da vida e das experiências dos outros’, mas, se devidamente historicizados e contextualizados, podem abrir baús do tempo, trazer muitos ‘não ditos’, revelar experiências ‘não vistas’, porém pulsantes, cujas vivências caem facilmente na frágua do esquecimento se não colhidas a tempo. (FAVERI, 2001, p.67)

2.1. A opção pela História Oral

Para Denzin e Lincoln (2000), a pesquisa qualitativa pode ser comparada a um *Bricoleur* ou uma colcha de retalhos na qual o pesquisador, amparado pela teoria, à medida que interpreta as representações do objeto estudado vai amarrando sua descrição à análise observando uma gama de perspectivas que dialogam entre si.

Compreender a participação feminina no esporte universitário viçosense a partir das experiências das próprias mulheres envolvidas no processo demandou um trabalho de *Bricoleur*. Cada trajetória individual pôde ser percebida como um retalho, um fragmento, que a partir do meu investimento intelectual foi interpretado e alinhado num estofa comum sob a luz dos argumentos teórico apresentados no primeiro capítulo.

A história oral se inscreve no método qualitativo cuja característica fundamental é sua singularidade e não compatibilidade com generalizações. Portanto, “situa-se no terreno da contra generalização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e generalizar experiências humanas” (DELGADO, 2010, p.18). Deste modo, a participação de mulheres no esporte universitário viçosense na década de 1970, compreendida a partir da leitura das experiências vividas por estas próprias mulheres, delimita um quadro de análise direcionado a um contexto histórico específico, não generalizável.

Para Delgado (2010), a história oral enquanto método permite acessar versões que as entrevistadas e os entrevistados fornecem acerca do objeto de análise e deve responder a pergunta: “como os entrevistados viam ou vêem o tema em questão?” ou “o que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava ou ocupa no contexto histórico e cultural dado?”

Contudo, a história oral ao privilegiar as fontes orais não necessariamente exclui a utilização de outras fontes já existentes sobre o tema¹². Portanto, como suporte a esta investigação utilizamos fontes escritas e iconográficas disponíveis no acervo da

¹² Sobre o assunto consultar Meihy (2005); Alberti (2005); Delgado (2010).

Biblioteca Central da UFV, Arquivo Central e Histórico da UFV, arquivo da Liga Universitária Viçosense de Esportes/LUVE, Jornais da instituição - *Informativo UREMG* e *UFV Informa*¹³ -, e acervos pessoais das entrevistadas.

Os dados construídos a partir dos documentos orais foram cruzados com informações provenientes da documentação escrita com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o contexto histórico em questão, identificar tensionamentos não narrados pelas entrevistadas e as representações sobre a participação de mulheres no esporte universitário, sobretudo a partir do Jornal *UFV Informa* do período.

Os documentos escritos foram selecionados a partir da inferência daquilo que era importante para a compreensão do objeto da pesquisa e analisados enquanto discurso de um período a ser decifrado, compreendido e questionado.

A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início. (ALBERTI, 2005, s/p)

2.2. Sobre o instrumento da pesquisa

O trabalho de história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, instituições, conjunturas e modos de vida da história contemporânea. Tem como um dos principais alicerces a narrativa construída no momento da entrevista (ALBERTI, 2004).

Usualmente os manuais, livros e artigos de história oral identificam dois tipos de entrevistas: depoimentos de história de vida e entrevistas temáticas. Os depoimentos de histórias de vida são depoimentos aprofundados, e normalmente, mais prolongados, que objetivam reconstruir a trajetória de vida de determinado sujeito desde a infância até os dias presentes. Existem algumas variações de estilo de histórias vida: história de vida familiar, fragmentos narrativos da história de vida de outrem, história de vida de tipos sociais (profissões, gênero, classe, etnia). Já as entrevistas temáticas fornecem versões, interpretações, informações sobre temas ou acontecimentos específicos¹⁴.

¹³ Estes jornais estão arquivados no Banco de dados organizado por Daniela Gomes Rosado e disponível no Departamento de Educação Física da UFV.

¹⁴ Sobre tipos de entrevista em história oral consultar Meihy (2005) e Delgado (2010).

Delgado (2010), considera uma terceira forma de entrevista, denominada trajetória de vida, que se diferencia das demais por ser mais sucinta e conter menos detalhes da vida do entrevistado. A opção por essa modalidade acontece quando o sujeito dispõe de pouco tempo para a entrevista, mas o pesquisador considera importante para os objetivos da pesquisa, recuperar parte de sua trajetória de vida.

Nesta investigação optou-se pela entrevista de trajetória de vida, pois permite apreender determinados aspectos da trajetória esportiva de mulheres que dificilmente seriam captados por outra técnica - tanto pelo fato das entrevistadas disporem de pouco tempo para as entrevistas quanto por muitas delas residirem fora da cidade de Viçosa, dificultando o contato prolongado.

As contribuições de diferentes pesquisadoras e pesquisadores que utilizam o método da história oral direcionam-se para um ponto comum: quanto maior for o conhecimento prévio do pesquisador sobre a realidade a ser pesquisada, melhor será sua atuação e, conseqüentemente, a qualidade da narrativa (THOMPSON, 1992; MEIHY, 2005; ALBERTI, 2005; DELGADO, 2010). Deste modo, antes da construção do roteiro de entrevista realizei um levantamento sobre a história da cidade de Viçosa, da UFV, da LUVE, sobre a presença de mulheres nos cursos de graduação da UFV, além de conversas informais com pessoas ligadas à LUVE no período em questão, como professores e professoras, ex-atletas, treinadores e treinadoras e diretores esportivos.

Vale ressaltar, que mantive contato por telefone e endereço eletrônico com todas as pessoas que se dispuseram a colaborar com informações sobre a participação de mulheres no esporte universitário. Inclusive com atletas que não poderiam conceder entrevista devido à distância e/ou incompatibilidade de agenda.

A partir do conhecimento prévio sobre o contexto estudado elaborei um roteiro básico de entrevista com questões geradoras em torno de três eixos temáticos: iniciação nas práticas esportivas; inserção e atuação nas práticas esportivas universitárias viçosenses; a mulher esportista universitária¹⁵. Portanto, o enfoque da entrevista de trajetória de vida esportiva recaiu sobre questões relativas ao processo de inserção e atuação no esporte universitário e os tensionamentos deste processo.

Vale ressaltar que o roteiro, como afirma Delgado (2010) assemelha-se a um mapa da memória permitindo maior flexibilidade tanto na condução da entrevista como na construção da narrativa. Para Verena Alberti (2005) deve-se também cultivar a

¹⁵Como suporte teórico para a construção do roteiro e condução da entrevista utilizei Thompson (1992), Alberti (2005) e Delgado (2010).

flexibilidade procurando manter-se disponível para rever o roteiro, acrescentar ou retirar questões e evitar assuntos quando a dinâmica da entrevista assim o indicar. Nesse sentido, o roteiro básico de entrevista apresentado no Anexo I foi adaptado para cada uma das entrevistadas observando também a situação de entrevista.

2.3. Sobre a situação de entrevista

As entrevistas foram conduzidas por mim, nas residências das entrevistadas ou de seus familiares, com exceção de duas. Priorizamos um local em que as colaboradoras estivessem à vontade e, ao mesmo tempo, pudessem ter acesso a outros registros, como fotos, medalhas, reportagens, que evocariam as lembranças de situações de sua trajetória esportiva e também nos ajudar na pesquisa documental, fornecendo materiais textuais e iconográficos que pudessem ser digitalizados após a entrevista ou em outro momento oportuno. Observamos também as condições adequadas para a pureza do som, evitando-se interrupções e outros impedimentos que atrapalhassem a concentração, o desenvolvimento da entrevista e sua posterior transcrição.

A gravação da entrevista foi realizada por um equipamento digital próprio para este fim. Em seguida, o material foi duplicado em arquivos digitais sendo um suporte de preservação e outro suporte para acesso¹⁶.

Em muitos casos, a presença do gravador pode inibir o/a entrevistado/a prejudicando a entrevista. Contudo, optei neste estudo, pela visibilidade do equipamento durante todas as entrevistas. Logo no início informei a cada entrevistada sobre a necessidade da gravação e juntas escolhemos o melhor local para instalação do gravador. Esta estratégia nos deixou mais a vontade durante a entrevista.

Para Alberti (2004), a relação de entrevista em história oral é uma interação entre pessoas diferentes, com experiências e opiniões diferentes, muitas vezes gerações diferentes e por isso mesmo linguagens, culturas e saberes diferentes que tem em comum o interesse por determinado tema ou acontecimentos do passado. Esse interesse é acrescido do conhecimento prévio a respeito do assunto: por parte do entrevistado, um conhecimento decorrente de sua experiência de vida; e por parte do pesquisador um conhecimento adquirido por meio de sua atividade de pesquisa.

¹⁶ Sobre equipamentos e acervos em história oral consultar ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Neste sentido, a entrevista foi considerada como (inter) ação contextualizada por meio da qual se produziu sentidos e se construiu versões da realidade. Como observa Alberti (2004), “mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato - científico, acadêmico, político etc. - sobre ações passadas, e também de suas ações” (ALBERTI, 2004, p. 34).

E quais ações a relação de entrevista produz? Para Alberti (2004) seriam os resíduos de ação e os relatos de ação. O resíduo de ação seria um pedaço de ação passada, enquanto o relato de ação seria as cartas, as memórias, autobiografias que informam sobre a ação passada. Todavia, o relato de ação é também um resíduo de ação. Neste sentido, a entrevista pode ser compreendida enquanto um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista, pois tanto os entrevistadores quanto a pessoa entrevistada têm determinadas ideias sobre seu interlocutor e tentam desencadear ações como, por exemplo, fazer com que o outro fale sobre suas experiências (no caso do entrevistador) ou fazer com que o outro entenda o relato (no caso do entrevistado).

Para Alberti (2004), considerar a entrevista como um resíduo de ação, e não apenas relato de ações passadas significa chamar a atenção para sua possibilidade de documentação de ações de constituição de memórias, “ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem estar desencadeando ao construir o passado de uma forma e não de outra” (ALBERTI, 2004, p. 35). Portanto, a relação de entrevista é intencional e situada.

Além do gravador, outro instrumento utilizado no momento da entrevista foi o caderno de campo, apoio material que me acompanhou durante todos os momentos da pesquisa de campo. Funcionou como diário no qual foram anotadas as impressões sobre determinadas entrevistas, reflexões feitas a partir de determinado depoimento, dificuldades no estabelecimento das relações com as entrevistadas, contatos estabelecidos ou, mesmo, fatos que foram narrados antes ou após o gravador ser desligado e que foram importantes para as análises. Vale ressaltar que estes dados apenas foram expostos no texto quando a entrevistada autorizou o uso explícito da informação. Nele anotei os momentos de maior apreensão por parte das entrevistadas em responder alguma questão, suas emoções, características pessoais, descrição do local da entrevista, seus sentimentos com relação a minha pessoa - fato determinante no

desenvolvimento da entrevista, e minhas próprias sensações e sentimentos. O caderno de campo também auxiliou na organização das entrevistas em categorias de análise.

Para Bosi (1994), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim ou na despedida no portão” (BOSI, 1994, p. 39). E assim aconteceu com várias delas. No momento da chegada ou da despedida, com o gravador desligado e caderno de campo na mochila apareceram lembranças repentinas, recordações sobre acontecimentos marcantes, nomes de pessoas envolvidas com o esporte universitário no período, acontecimentos inusitados. Neste momento, contei com o auxílio de minha própria memória!

A entrevista em trajetória de vida pode se esgotar num só encontro; os depoimentos podem ser mais curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças para com as histórias de vida (DELGADO, 2010). Contudo, em quatro casos foi necessário mais de um encontro com a entrevistada, e em todos os outros fizemos novos contatos por telefone e/ou endereço eletrônico a fim de complementar a entrevista e esclarecer dúvidas surgidas após a transcrição.

Segundo Delgado (2010), nas entrevistas de trajetórias de vida o pesquisador deve informar aos entrevistados que a pesquisa não é sobre a sua vida, mas sobre uma parte dela, no caso desta pesquisa, sua vida esportiva. Portanto, logo no início da entrevista além de informar sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos, o uso do gravador, e sobre a assinatura do Termo de Consentimento, expliquei a cada entrevistada que o importante para nós era saber, especificamente, sobre sua trajetória esportiva.

O primeiro momento da entrevista foi feito de forma bastante livre, a partir do tema iniciação esportiva. Segundo Simson (2006) com esta abordagem, propomos um tema de referência e solicitamos aos entrevistados que narrem suas vidas, tendo como guia o tema proposto. Fazemos perguntas sempre que surge uma dúvida, mas, na primeira fase de construção das narrativas, é preciso deixar que os entrevistados e as entrevistadas falem livremente, apenas reconduzindo o relato para o tema-guia quando os caminhos da memória direcionam-se a subtemas que se distanciam do principal ponto de interesse da pesquisa.

Assim, iniciei todas as entrevistas solicitando uma apresentação: “fale-me sobre você. Qual é o seu nome? De onde você vem?”. Em seguida, apresentava o grande tema “conte-me como começou seu envolvimento com os esportes.”

Num segundo momento, quando necessário¹⁷, levantei temas conhecidos e relevantes da história esportiva da entrevistada, com o propósito de aprofundar mais sobre determinados assuntos e lembrá-la de fatos que, muitas vezes, ela própria não valorizava enquanto parte de sua história pessoal, ou não se aprofundou o suficiente ao falar livremente, mas que interessavam à pesquisa.

Ao final da entrevista, solicitei à entrevistada fotografias pessoais relacionadas à sua trajetória esportiva. Em alguns casos, no momento em que foi marcada a entrevista, sinalizei o interesse pelo acervo pessoal da entrevistada. Após negociações solicitei autorização para digitalizá-lo. Algumas entrevistadas já no início da entrevista me aguardavam com seus álbuns de fotografias e recortes de jornais do período. Outras interromperam a entrevista para pegá-los, facilitando, segundo elas, a recordação. Tivemos ainda, aquelas que enviaram as fotografias digitalizadas por endereço eletrônico. Apenas duas colaboradoras não tinham ou não quiseram disponibilizar suas fotografias do período.

Após a entrevista foi apresentado a cada colaboradora uma ficha cadastral de identificação (Anexo II) com o objetivo de colher dados pessoais, e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo III) em duas vias assinadas por mim – como acordado com a entrevistada no momento inicial da entrevista. Neste momento os objetivos da pesquisa foram novamente explicitados, esclareci sobre o destino e os direitos autorais das entrevistas. Após a leitura do documento juntamente com a entrevistada foi solicitado a assinatura nas duas vias, sendo uma entregue para a entrevistada. Ambos os documentos foram apresentados somente ao final da entrevista para não inibir a entrevistada na fase inicial favorecendo a relação de entrevista.

2.4. Tecendo a rede: a escolha das entrevistadas

Alberti (2005) e Delgado (2010) concordam que o primeiro passo após a confecção do projeto inicial em história oral, consiste na escolha de critérios para a definição dos potenciais entrevistados. No caso desta investigação os critérios foram: ser mulher; compor, efetivamente, o cenário esportivo na UFV nos anos de 1970.

O fato de optarmos por entrevistar apenas mulheres apóia-se no nosso interesse de investigar a participação feminina nos esportes universitários na década de 1970 a

¹⁷ Na maioria das entrevistas foi necessário apenas a primeira pergunta para que a entrevistada narrasse sua trajetória esportiva.

partir do ponto de vista das próprias mulheres. Entendemos que as reminiscências expressas nas narrativas destas mulheres estão atreladas a uma rede social da qual fazem parte outras mulheres e também homens. Ao evocar lembranças pessoais estas mulheres se localizam no tempo, no espaço e em grupos sociais específicos. Portanto, cada sensação, pessoa, fato, situação ou objeto lembrado atravessa um ou muitos ambientes sociais que representaram ou representam um lugar definido, ‘uma realidade muito substancial’ que penetra de fora na consciência individual. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda de acordo com a posição e com as relações que o indivíduo estabelece com o grupo. (HALBWACHS, 2006)

Logo depois da definição dos critérios para a escolha das entrevistadas foram contactados professores e professoras que atuavam no Departamento de Educação Física da UFV entre os anos de 1970 e 1980 a fim de obter informações iniciais. Alguns destes professores e professoras ainda lecionam na instituição facilitando o primeiro contato. Após conversas informais, muitas vezes de corredor ou via correio eletrônico e telefone, uma primeira lista foi construída com alguns nomes de pessoas envolvidas com o esporte naquele período ou pessoas que potencialmente poderiam me fornecer informações importantes.

Após vários contatos via telefone, *sites* de relacionamento e endereço eletrônico uma rede de sujeitos começou a ser tecida. Desta rede, alguns nomes de mulheres foram citados mais de uma vez me redirecionando a outros colaboradores e colaboradoras ampliando a rede. Outra fonte de nomes importantes para a pesquisa foi o Jornal UFV *Informa*¹⁸. A partir destas fontes, construímos uma listagem com aproximadamente sessenta nomes de mulheres e homens envolvidos com os esportes na UFV no período em questão.

Finalmente, depois de contatos, visitas, viagens, entrevistas informais, chegamos a uma nova listagem com nomes de dezessete mulheres que participaram efetivamente do esporte universitário nos anos de 1970 e que poderiam contribuir por meio de suas trajetórias esportivas com os objetivos desta pesquisa. Obviamente, o grupo identificado se constitui em um grupo de mulheres de vanguarda. São mulheres que se destacaram

¹⁸ Neste momento da investigação contei com o apoio do Grupo de Pesquisa Memória do Esporte Universitário e especialmente da bolsista Fernanda Resende Lobato, aluna do 4^a período de Educação Física que selecionou em todos os números de jornais e nos álbuns de formandos do período, nomes de mulheres que compunham o cenário esportivo entre os anos de 1970 e 1980.

nos esportes na LUVE, participaram de jogos estaduais e nacionais. Por este motivo foram elas e não outras, lembradas pelos colaboradores/informantes.

Após identificar os contatos destas pessoas, uma primeira aproximação foi realizada por meio de correio eletrônico e/ou por telefone, buscando transmitir, na linguagem das entrevistadas, os objetivos principais da pesquisa e a importância do papel que elas teriam ao contribuir com suas trajetórias para a construção do conhecimento sobre o que estava sendo estudado.

Nem todas as pessoas contactadas se disponibilizaram a colaborar. Algumas devido a indisponibilidade para entrevista, outras por falta de interesse no tema. Contudo dez mulheres se interessaram. Esta situação favorável deve-se também pela presença de intermediários ligados as colaboradoras, e que concordaram em conversar com elas sobre a pesquisa, sua relevância e apresentar os pesquisadores envolvidos. Simson (2006) sinaliza esta situação em seus trabalhos:

Durante o lento processo de preparação para a coleta de testemunhos, geralmente mais de um contato acontece com o provável depoente, com o objetivo de se construir um clima de confiança mútua, essencial para o início do trabalho de pesquisa oral. Esta situação favorável geralmente acontece quando há intermediários, ligados ao informante por relações de família ou por amizade, e que concordam em apresentar o pesquisador. Uma vez que a primeira ponte é estabelecida, depende do pesquisador transmitir, na linguagem do informante, os objetivos principais da pesquisa e a importância do papel que o informante terá na informação a ser disponibilizada, inexistente em outras fontes, para a construção desejada do conhecimento sobre o grupo ou o fenômeno que está sendo estudado (SIMSON, 2006, p.144).

A escolha das entrevistadas foi determinada pelos propósitos da pesquisa, definidos com relação ao tema e às questões que pretendíamos investigar. Alberti (2005), sugere que a escolha dos entrevistados não deve ser orientada por critérios quantitativos, por preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, optamos por entrevistar apenas mulheres que, por meio de suas trajetórias contribuiriam para a compreensão da participação feminina no esporte universitário viçosense.

A grande dificuldade nesta etapa da investigação foi encontrar mulheres esportistas da UFV antes de 1975, data em que foi criado o curso de Educação Física. A partir das informações iniciais comecei a busca pela internet, Associação de Ex-alunos da UFV, endereços encontrados nas biografias disponibilizadas na Biblioteca Central da UFV. Finalmente, conseguimos os contatos de três mulheres. Uma ex-treinadora, uma

estudante do Coluni¹⁹ e posteriormente treinadora, e outra atleta da modalidade de atletismo. Outra dificuldade foi encontrar mulheres estudantes de outros cursos, pois com a chegada do curso de Educação Física no *campus* houve uma reorganização das equipes já existentes. Do total de dez entrevistadas apenas três são de outros cursos.

Antes da primeira entrevista realizamos um estudo piloto. O piloto foi importante para saber lidar com o instrumento de pesquisa e com a situação de entrevista, além de funcionar como um ‘treinamento’ para execução do papel de entrevistadora, funcionamento do gravador, anotações de campo.

O roteiro preparado para o estudo piloto foi mantido nas entrevistas iniciais, pois se verificou que por meio dele eram fornecidas informações importantes, pretendidas até aquele momento. Contudo, no decorrer de outras entrevistas, o roteiro foi sendo aprimorado, pois algumas entrevistadas mencionavam assuntos não abordados anteriormente, exigindo adequação do instrumento.

2.5. Textualização

Alguns pesquisadores de história oral no Brasil orientam sobre o tratamento dado as fontes orais no que se refere à passagem do texto oral para o escrito (MEIHY, 2005; ALBERTI, 2005; DELGADO, 2010). Nesta investigação optei pela contribuição dada por Alberti (2005) a partir da sua experiência enquanto coordenadora do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (Cpdoc/FGV).

Os áudios das narrativas foram duplicados e armazenados em arquivos digitais. Em seguida foram transcritos, ou seja, foram traduzidos da língua falada para a escrita. A transcrição constitui-se a primeira versão escrita da entrevista, é a base do trabalho posterior. Depois de transcritas cada entrevista passou pelo processo de conferência de fidelidade da transcrição que significa conferir se o que está no papel corresponde ao que foi gravado. Para tanto, escutei novamente cada entrevista pelo menos três vezes e, simultaneamente, fui corrigindo erros, omissões, e alterando o que fosse necessário. Esta etapa é importante, pois permite identificar antes da textualização final da entrevista, dúvidas com relação ao conteúdo ou mesmo pronúncias, facilitando o contato com a entrevistada para esclarecimentos.

¹⁹ Colégio Universitário instalado no *campus* universitário.

Em seguida, passamos para o copidesque que significa adequar o texto para a leitura. O copidesque não modifica a entrevista, sua ação limita-se a: “corrigir erros de português (concordância, regência verbal, ortografia, acentuação), ajustar o texto a normas estabelecidas, adequar a linguagem escrita ao discurso oral (esforço no qual a pontuação desempenha papel fundamental)” (Alberti, 2005, p. 214). Após o copidesque, uma cópia da entrevista foi encaminhada a cada uma das entrevistadas. Em alguns casos foi entregue pessoalmente realizando uma leitura conjunta. Uma entrevistada após a leitura de sua narrativa comunicou que não gostaria que o texto fosse incorporado no corpo da dissertação. Contudo autorizou o uso das informações.

As entrevistadas puderam manter, acrescentar ou suprimir partes, palavras, frases das entrevistas, quando assim desejaram.

Cada entrevista foi editada para publicação retirando passagens repetitivas, pouco claras, e reordenando a entrevista de acordo com os temas geradores. As narrativas encontram-se textualizadas no Capítulo 5.

2.6. Análise

O maior desafio da análise das narrativas consiste no fato de, valendo-se de depoimentos individuais e, por decorrência, singulares, “construir evidências e estabelecer correlações e análises comparativas que possam contribuir para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados da melhor forma possível” (DELGADO, 2010, p. 29). Neste empreendimento, amparei-me no método de análise próprio da história oral, utilizado recentemente por diversos pesquisadores e pesquisadoras da área no país e no exterior²⁰ e na abordagem de gênero enquanto uma categoria de análise histórica proposta por Scott (1990).

O método de análise em história oral consiste na observação de várias etapas, estando estas vinculadas às questões propostas pelo projeto que motivou e orientou a construção das narrativas. A saber:

- 1- Análise temática dos conteúdos das narrativas destacando os temas gerais;
- 2- Realização de nova análise das narrativas, de acordo com os temas destacados anteriormente, objetivando compreender com maior profundidade o seu conteúdo, procurando inclusive entender suas especificidades, aproximações e distanciamentos.

²⁰ Thompson (1994), Delgado (2010), Alberti (2005); Porteli (1997); Meihy (2005); Santhiago (2010).

Esta etapa consiste na leitura insistente de todas as narrativas, sem perder, contudo, a ideia do conjunto.

3- Identificar temas específicos, fragmentos de narrativas no qual cada um possa se constituir como unidade especial permitindo que o seu conteúdo seja cruzado com outras versões e informações obtidas além do cotejo com a teoria.

4- Eleger dentre os temas específicos aqueles que se ocupam, por meio de análise, em responder as questões postas pela investigação.

Uma primeira análise foi realizada para identificar os temas gerais. Após a leitura cuidadosa de cada narrativa na ordem em que aconteceram as entrevistas, uma segunda leitura foi realizada aleatoriamente. A partir desta leitura os temas gerais começaram a emergir das narrativas. Foram necessárias outras leituras até que se esgotou a possibilidade de aparecimento de novos temas. Identificamos como temas gerais aqueles comuns às narrativas. Foram eles: a iniciação aos esportes, inserção nos esportes universitários, atuação no cenário esportivo viçosense e participação de mulheres no universo esportivo da LUVE.

Identificados estes temas gerais, muitas outras leituras foram realizadas, objetivando uma imersão no universo narrado pelas entrevistada. Foi neste momento da pesquisa que as aproximações, os distanciamentos e especificidades de cada trajetória fizeram-se visíveis. O próximo passo foi agrupar fragmentos de narrativas dentro de categorias surgidas a partir dos temas gerais. Neste momento, localizamos dois eixos de análise: os caminhos trilhados até o esporte universitário e os caminhos percorridos no universo esportivo na UFV.

Eixos comuns direcionaram a narrativa quando estimuladas a falar sobre a iniciação esportiva e os caminhos percorridos até o esporte universitário, sendo possível estabelecer três categorias de análise apresentadas no capítulo 3 Caminhos da memória até o esporte universitário: lembranças das brincadeiras de rua, voleibol na escola, e a opção pelo esporte universitário.

Outras categorias emergiram quando recordaram sobre suas experiências esportivas na UFV. Lugares e contextos como a antiga Praça de Esportes, a LUVE, a federalização da UREMG e a obrigatoriedade da Educação Física para os universitários, e os jogos de identidade presentes nas relações esportivas indicaram a criação do capítulo 4, Lugares da memória.

Ao narrarem suas trajetórias esportivas, as entrevistadas estão também contando a história da UFV, da LUVE e de um segmento específico localizado nestas

lembranças: mulheres esportistas universitárias na década de 1970. Como observa Marlene de Fáveri (2001), investigar histórias de mulheres, através da memória, permite recuperar tanto as experiências femininas e masculinas, sem oposições, na sua concretude. Memória e experiências não se enquadram em universos binários, já que os seres humanos estão em constantes relações. Portanto, para a análise das categorias elencadas me apoiei nos argumentos teóricos que fundamentam os estudos de memória e de gênero.

3. Caminhos da memória até o esporte universitário

Não há memória sem que se revolva o passado e, por conseguinte, não as encontramos fora da história. (FAVERI, 2001, p. 68)

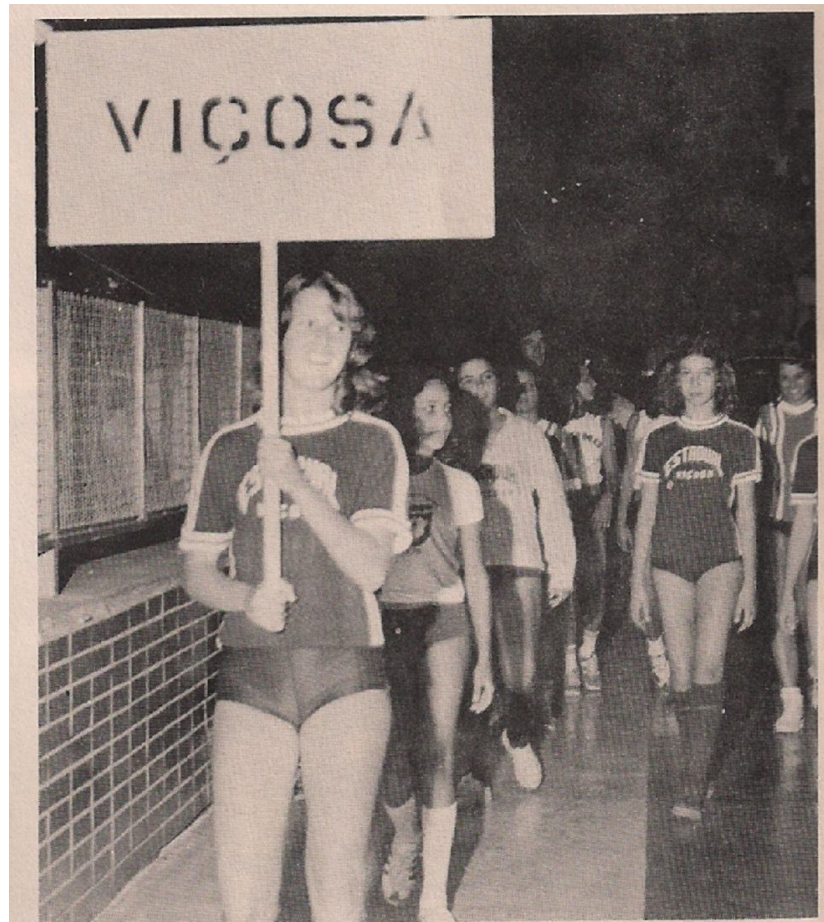


Figura 1. IV Jogos Estudantis Mineiros²¹

Em meio às diferentes trajetórias, sobressaem três eixos comuns de narrativa sobre os caminhos percorridos até o esporte universitário: as lembranças das brincadeiras de rua; a prática de voleibol na escola; a opção pelo esporte universitário. Estes três eixos são trançados por lembranças da figura paterna e das negociações para se manterem no universo das práticas corporais nos direcionado as reflexões sobre o modo como o gênero opera estas lembranças e as experiências das mulheres entrevistadas. A multiplicidade de contextos apresentados nas narrativas foi

²¹ UFV Informa, ed. 402 ano 7, 07/11/1975, p. 1.

fundamental para a compreensão do processo de iniciação ao esporte vivenciado pelas entrevistadas.

3.1. As lembranças das brincadeiras de rua

Teco-Teco

Gal Costa

Composição: (Pereira da Costa/Milton Villela)

Teco, teco, teco, teco, teco
 Na bola de gude era o meu viver
 Quando criança no meio da garotada
 Com a sacola do lado
 Só jogava p'rá valer
 Não fazia roupa de boneca nem tão pouco convivia
 Com as garotas do meu bairro que era natural
 Vivia em postes, soltava papagaio
 Até meus quatorze anos era esse meu mal
 Com a mania de garota folgazã
 Em toda parte que passava
 Encontrava um fã
 Quando havia festa na capela do lugar
 Era a primeira a ser chamada para ir cantar
 Assim vivendo eu vi meu nome ser falado
 Em todo canto, em todo lado
 Até com quem nunca me viu
 E hoje a minha grande alegria
 É cantar com cortesia
 Para o povo do Brasil

Início esta reflexão a partir da letra da canção apresentada acima. Nela estão expressas sutilmente representações sobre o comportamento e as brincadeiras de meninos e de meninas. E como são criadas estas representações? Para Bourdieu (1995) as práticas sociais estão assentadas sobre um eixo binário conceitual e linguístico que organiza o nosso pensamento e ações em polaridades opostas nas quais um dos termos é sempre privilegiado em relação ao outro (homem/mulher, razão/emoção, mente/corpo, heterossexual/homossexual, forte/fraco, alto/baixo, etc.). No jogo das dicotomias, os dois pólos se diferem e se opõem marcando a superioridade do primeiro.

Este binarismo fundamenta-se na maneira como cada cultura percebe e valoriza as diferenças biológicas entre os sexos apontando um lugar fixo e natural para cada gênero nas práticas sociais. De acordo com Guacira Louro (1997),

[...] não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. (LOURO, 1997, p. 21)

Neste sentido, o conceito de gênero elaborado por Scott (1990) fornece elementos para pensarmos sobre a organização das práticas corporais. O que se diz sobre a criança do sexo feminino? Quais são os discursos sobre seus comportamentos e corpos? Diz-se que meninas devem ser educadas, meigas, contidas. Devem brincar de casinha, de bonecas, de professora e de mamãe. A elas não é permitido subir em poste, jogar bolinha de gude, soltar papagaio sob o risco de ficarem faladas e terem sua feminilidade colocada a prova.

O sentido e o valor que as práticas assumem, hierarquizam as práticas corporais dos sujeitos de acordo com o sexo. Esta organização fixa-os e desconsidera o caráter dinâmico das suas experiências.

Na perspectiva foucaultiana, os discursos que normatizam as práticas sociais, entre elas as corporais, criam um efeito de verdade que naturalizam e congelam dentro de polaridades as ações humanas. O determinismo biológico, que orienta estes discursos, prevê uma coerência entre aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais. Logo, o que não está sobre um pólo ou outro é anormal, desviante, censurável. Não fazer roupinhas para as bonecas, não ter o “hábito de brincar de casinha” ou não brincar com as garotas do bairro sugere uma posição para os sujeitos fora da polaridade, pois é algo que escapa do natural. Mesmo que estes comportamentos possibilitem outro olhar sobre as práticas corporais, eles também sinalizam uma coerência entre as representações do masculino e do feminino e as práticas corporais, marcando novamente a polaridade. Penso que este lugar, não reafirma o binarismo, mas sim criam outras possibilidades de viver e pensar feminilidades e masculinidades.

É neste não lugar, ou lugar de fronteira (como canta Gal e narra as entrevistadas), que localizo as brincadeiras de infância das mulheres cujas as trajetórias esportivas evidenciam complexidades, manobras de poder e negociações que as possibilitaram se constituírem, mais tarde, enquanto parte do universo esportivo universitário viçosense. É na fronteira que novas subjetividades e identidades vão se constituindo, nela não se pode “pegar” o sujeito pois ele transita incostantemente por

este lugar. Ao mesmo tempo em que jogam futebol estas meninas jogam voleibol, rodam pneu na rua e são adestradas para se tornarem balizas.

Na construção das narrativas sobre os caminhos percorridos até o esporte universitário percebemos algo que nos leva a uma reflexão sobre o caráter dinâmico de produção de sujeitos, feminilidades e masculinidades.

Eu cheguei em Pains com três anos de idade e eu era muito moleca, não tinha muito esse hábito de brincar de casinha. O meu negócio era chutar bola, soltar pipa, essas coisas. E eu tinha essa liberdade. Antigamente, a nossa infância era muito melhor do que a infância nos dias de hoje. Eu tinha muita liberdade e tinha tudo, tinha uma cidade inteira para explorar. Rodava pneu na rua, essas coisas todas, e com isso eu fui criando gosto pelo esporte. Antes de sair de lá, eu tive uma professora de Educação Física e, antigamente, as paradas de sete de setembro eram muito pomposas e eu fui adestrada para ser baliza. Eu amei. Eu era muito magra, muito esguia e eu me dava muito bem em ser baliza. (Entrevista III)

Sempre fui muito ativa e cheguei a jogar futebol aos oito, nove e dez anos, com os meninos na frente de casa. Nesta época eu só tinha dois irmãos e brincava com eles e com os amigos deles, já que as meninas ou eram mais novas ou mais velhas. Eles me chamavam para jogar futebol na frente da nossa casa, numa rua de terra. Depois pratiquei vôlei na escola. (Entrevista VII)

Neste sentido, buscamos um contraponto para as abordagens que compreendem as práticas corporais a partir da noção de sexo e também aquelas que consideram as relações entre os sexos somente pelo viés de dominação e opressão do homem sobre a mulher. Estas abordagens desconsideram a complexidade das relações e as diferentes possibilidades de subversão que elas engendram.

As lembranças das brincadeiras de rua compõem as experiências da infância que justificam o gosto e a opção pelos esportes. Falar de si, neste momento, é para as entrevistadas também falar das relações que significam a construção da narrativa e da própria trajetória esportiva. É fazer-se ver fora da polaridade, num lugar de fronteira. Assim, todas as narrativas se constroem a partir das recordações espontâneas e saudosas da vida infantil evidenciando tensionamentos que se referem tanto a maneira como percebem estas vivências corporais quanto às negociações necessárias para vivenciá-las.

O futebol, o vôlei, a queimada, e outras brincadeiras de rua passeiam pela memória ao recordar das primeiras vivências corporais. Emerge juntamente com estas lembranças a pacatez das cidades interioranas, a figura paterna e a generificação das práticas corporais. Mesmo naquelas narrativas em que o Clube Esportivo ou a Praça de Esporte aparece como o momento de descoberta esportiva, as brincadeiras de rua

constituem-se elemento central de incentivo aos esportes. Os Clubes esportivos figuraram como outro espaço de vivências corporais, no entanto, apenas para aquelas mulheres que residiam em cidades maiores como Juiz de Fora e Belo Horizonte.

Papai era sócio do Clube do Cruzeiro, e lá tinha uma escolinha infantil. Vários clubes, não só o Cruzeiro, chamavam para as escolinhas e quem se saísse bem poderia seguir no treinamento da equipe no clube. Então eu entrei na escolinha. Fiquei uns três meses e logo já estava no time. Eu disputava pelo Cruzeiro e pela minha escola, que tinha parceria com o clube, ou seja, eu disputava o campeonato tanto pelo cruzeiro e pelo colégio, aí não pagava pelo estudo. Meu pai era cruzeirense doente, então, quando eu comecei a jogar pelo Cruzeiro, para ele, era tudo de bom. Eu nunca tive problema com isso. (Entrevista I)

Na verdade toda a minha vida esportiva da infância à juventude foi em Juiz de Fora. Aprendi a nadar aos oito anos e comecei a competir aos nove, em todos os campeonatos mineiros, pelo Sport Club Juiz de Fora. O Sport era um clube de sociedade, e como meu pai era operário, não podíamos pagar para sermos sócios. O presidente do clube, que era cunhado da mamãe, queria uma equipe boa de natação. Então, o técnico sugeriu que, tendo em vista que os associados não queriam treinar, deveriam trazer as crianças dos grupos escolares para aprenderem a nadar e formar uma equipe. Surgiu então a categoria sócio-atleta, e tínhamos que treinar a semana inteira para podermos freqüentar o clube nos finais de semana. Comecei aos oito anos e nunca parei. (Entrevista VII)

Para as duas entrevistadas as experiências esportivas em clubes só foi possível pela parceria firmada entre o clube e as escolas em que elas estudavam. Deste modo, elas disputavam pelos clubes em troca de bolsas de estudo ou acesso livre às dependências do clube aos finais de semana. Estas experiências foram pontuais visto que todas as outras entrevistadas localizaram nas brincadeiras de rua durante a infância sua iniciação ou gosto pelos esportes.

Na construção da memória o espaço das práticas corporais aparece generificado, pois a ele se agregam valores, discursos, sentidos e práticas que marcam nos corpos representações de feminilidades e masculinidades. A adjetivação de brincadeiras de meninos e de meninas justifica-se por argumentos biológicos, psicológicos e sexuais. Como observa Louro (2003), a maioria das sociedades possui algum tipo de distinção masculino/ feminino e essa distinção geralmente é relacionada ao corpo. Contudo, os significados dos corpos deslizam e escapam, eles são múltiplos e mutantes. Até mesmo o gênero, deduzido de uma base natural, é um atributo que se inscreve e se expressa nos corpos através das artimanhas e dos artifícios da cultura.

Eu não sei explicar essa proximidade com o esporte, porque na minha casa não tinha ninguém que praticasse e eu nunca tive acesso a um Clube aqui em Viçosa. Mas desde criança a gente praticava muito esporte no lote perto da minha casa. A gente pegava um bambu, colocava um barbante e fazia uma rede. A gente jogava as férias inteiras, o dia inteiro. Tinha a fase do vôlei, fase da queimada. A bola era sempre presente na minha vida. Eu tinha uma bola do Cruzeiro, era a dona do campo, dona da rede, dona da bola, dona de tudo. Então, eu comandava no esporte e acho que, com isso, foi me dando aquele gosto pelo esporte e acho também que isso me desenvolveu. Eu fico pensando: meu irmão não é tão alto, minha irmã é baixa, como que eu cresci mais? Deve ter uma genética, mas eu imagino que o esporte seja um fator para o desenvolvimento. A minha irmã, por exemplo, é muito baixinha. Alguém me perguntou outro dia: “Por que você cresceu tanto?” Eu não sei. De repente pode ser por causa da genética, porque há pessoas altas na minha família, mas o fato de eu ter feito muito mais esportes que elas pode ser que tenha influenciado. Aí eu peguei gosto. (Entrevista II)

A coerência entre características físicas, psicológicas e práticas corporais adequadas é evidenciada nas narrativas e revelam como os corpos e as práticas são pensados pelas mulheres. A estas lembranças somam-se as representações do espaço da rua (espaço representado como masculino) e das características psicológicas (moleca, ativa, agressiva) pensadas na lógica do binarismo. Essas representações e discursos tomam as bases biológicas como determinantes na justificação das diferenças sociais entre homens e mulheres generificando seus corpos inscrevendo-os dentro da polaridade inteligível que determina o que mulheres e homens podem e devem fazer com seus corpos.

Para Bourdieu (*apud* Sousa, 1994), é no processo de socialização que se inculca o *habitus* sexuado e sexuante, que se constroem os sujeitos masculinos e femininos. Tal construção não se limita ao social mas é também corporal, pois cada sexo aprende movimentos, gestos e falas a eles determinados pela sociedade, imprimindo em seu corpo um verdadeiro programa comportamental.

Contudo, à medida que as narrativas vão sendo construídas abrem-se brechas no eixo da polaridade, ora expressando uma feminilidade essencial, ora diferentes maneiras de pensá-las, justificá-las e percebê-las.

Meu pai sempre gostou muito de futebol e eu peguei esse gosto por futebol desde pequenininha, porque ele ouvia jogo no rádio. Eu era muito ligada a ele, então me sentava perto dele e ficava ouvindo jogo pelo rádio. Ele faleceu muito cedo. Eu sempre gostei de esportes e aqui em casa é difícil um que não goste. Na minha época a gente não podia muito jogar futebol, porque senão a gente era “macho”. Era em alguma brincadeira, mas jogar a gente não podia. Era só para homem, mas eu gostava. Eu gostava de ver, de assistir na televisão. Eu também gostava muito de jogar queimada, minha infância era muito de brincar na rua. A gente brincava na rua porque tinha pouco movimento de carro, brincava de bandeirinha, de disputar queimada. (Entrevista IV)

Os sentidos que as práticas assumem vão direcionado os sujeitos. Não existe nada anterior a ele que determina quem vai jogar futebol e quem não vai. São os significados atrelados ao futebol, como agressividade, virilidade, agilidade, que localizam a prática enquanto masculina. A narrativa fala do gosto pelo esporte e da interdição marcada no sexo. Ser “macho” é censurável, pois foge da significação construída como natural para a mulher, “ser fêmea”.

As narrativas seguem localizando a figura paterna neste cenário de produção e reprodução de feminilidades e masculinidades a partir de uma divisão do mundo marcada por gênero.

Depois meu pai foi transferido para Teixeiras, que é uma cidadezinha perto de Viçosa. Continuavam os desfiles, e eu também jogava vôlei na aula de Educação Física. Desde Pains eu aprendi a nadar, porque nós éramos vizinhos da Praça de Esportes e nós tínhamos toda essa liberdade para jogar, brincar, fazíamos de tudo. Ainda morando em Teixeiras, eu vinha para o sete de setembro em Viçosa e para o desfile de aniversário da cidade dia 30 de setembro. Teixeiras vinha desfilar e eu era muito requisitada como baliza. (Entrevista III)

Não sei bem que me incentivou para a prática de esportes. Foi uma coisa tão natural. Eu já gostava do esporte e vivia “grudada” na televisão. Eu estudava à noite e quando chegava em casa eu e meu pai íamos ver os melhores momentos das Olimpíadas. Eu já gostava de esporte. Já estava “no sangue”. Eu acho que foi por assistir televisão, gostar e querer fazer igual, querer praticar. Foi isso que me levou mesmo a gostar. Teve uma vez que eu estava imitando as ginastas na sala, e lá tinha uma cristaleira. De repente, meu pé entrou com tudo no vidro. Foi uma confusão... (Entrevista VIII)

O “estar no sangue” marca a narrativa, pois condensa a percepção da prática corporal atrelada tanto ao aspecto biológico quanto ao masculino, já que é o pai o grande incentivador (mesmo que na narrativa a entrevistada afirme que não sabe quem a incentivou).

O grupo familiar aparece entrecruzado ao longo das narrativas com as lembranças da infância e da opção pelos esportes na universidade. Contudo, este grupo se polariza na figura paterna em sete das nove entrevistas. É o pai quem acompanha, incentiva, dita e regula as normas para as brincadeiras de rua e prática esportiva antes do ingresso na universidade.

Meu pai era cruzeirense doente, então, quando eu comecei a jogar pelo Cruzeiro, para ele, era tudo de bom. Eu nunca tive problema com isso. Quando eu fui para o time do Cruzeiro fiquei um bom tempo como reserva e com aquela meta na cabeça: “Você tem mais tanto tempo para fazer a diferença no time”. Com isso, eu dobrava o treinamento. Era muito nova,

mas dobrava o treinamento, porque eu queria ficar. Tinha aquela questão: eu era cruzeirense, meu pai era cruzeirense, eu consegui chegar à escolinha e agora não vou ficar? Eu falava com meu pai que eu queria ficar no time e não queria voltar para a escolinha. Aí, começou essa luta de ficar no time. Eu consegui, mas todo ano tinha corte. Todo mundo estremeceia quando falava que teria corte, porque chegavam outros da escolinha que entravam para o time. Então, novamente, tinha outra seleção. E fiquei lá, no time. Saí com 18 anos. (Entrevista I)

Meu pai torcia, me acompanhava, me incentivava, mas profissionalmente como atleta, se eu tivesse um empurrão e uma orientação maior, eu acho que eu tinha competência para chegar num salto maior. Só sinto que eu não tive um incentivo maior. Eu acho que eu teria competência para chegar a ser atleta, até participar da Seleção Brasileira. (Entrevista I)

Duas entrevistadas remetem à figura materna como grande incentivadora aos esportes:

Eu posso dizer que meu gosto pelos esportes veio pelo cordão umbilical, porque minha mãe foi, e continua sendo, a mais esportista de todos lá em casa. [...] Para mim, pioneira foi minha mãe. Ela fez meu irmão aprender a nadar antes de andar. Ninguém ensinou isso a ela. Era ela quem colocava todo mundo no esporte. (Entrevista V)

A família, com exceção da mamãe e da família dela, não gostava muito, afinal naquela época não era comum para as meninas ou mulheres participarem de esportes competitivos a não ser nas fábricas. E colocar maiô era então um horror! [...] Na verdade eu fui desportista nas décadas de 40,50,60,70 e sim sempre me achei à frente do meu tempo, até porque foi o exemplo que minha mãe me deu, ela sim uma mulher muito à frente do seu tempo. Nasceu em 1913 e aos 17 anos já praticava e competia vôlei em Juiz de Fora... (Entrevista VII)

Na construção destas duas narrativas o pai não aparece. É a mãe quem acompanha, incentiva e regula a iniciação esportiva e também as brincadeiras de rua.

A memória das brincadeiras de rua marca a iniciação aos esportes para todas as mulheres entrevistadas. O gosto pela prática esportiva surge na infância através das brincadeiras adjetivadas como masculinas, ganha força nas aulas de Educação Física, mais especificamente, na prática de voleibol na escola.

3.2. A prática do Voleibol na escola

Eu achava lindo, lindo o voleibol, lindo. Era eu com a bola. Eu com o vôlei. Eu via os jogos na televisão e, na escola, a gente brincava muito, mas era escola de freira e tinha que jogar com aquele "saião"! Mas eu achava bonito mesmo era a roupa do voleibol, o uniforme das atletas era o que me encantava. (Entrevista I)



Figura 2. O jogo de voleibol- 1975 ²²

O voleibol foi um esporte altamente incentivado e praticado pelas mulheres desde os anos de 1930. Volibol - como era conhecido, incorporou-se ao espaço escolar alinhado ao discurso médico vigente nesse período que em nome da fragilidade e especificidades do corpo feminino, cerceava a participação das mulheres em diversas práticas esportivas (GOELLNER, 2006, p. 163). A prática de voleibol, por não promover o contato físico, e, portanto ser menos violenta, foi aceita e incentivada por contribuir para a melhoria da saúde geral da mulher. Porém, haviam restrições: não era permitido o uso de joelheiras, pois se relacionavam a quedas e comportamentos não adequados às mulheres.

Durante a década de 1960 e 1970 as aulas de Educação Física se caracterizavam da seguinte maneira: no ensino fundamental as atividades físicas mantinham um caráter recreativo favorecendo a consolidação de hábitos higiênicos, desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física e o despertar do espírito comunitário, da criatividade, do senso moral e cívico. No ensino médio, as atividades deveriam contribuir para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades

²² UFV Informa, ed. 396, ano 7, 26/09/1975, p. 5.

físicas, morais e psíquicas do estudante, possibilitando-lhe, pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos saudáveis. Desta maneira, os fundamentos das modalidades esportivas eram ensinados da 5ª a 8ª série e o aperfeiçoamento técnico e tático no ensino médio (SOUSA, 1994)

O Colégio Viçosa tinha uma característica assim: quem estudava no ginásio fazia Educação Física, e quem estava no Ensino Médio, fazia “esporte”. Por isso, o sonho da gente era chegar ao “esporte”. (Entrevista V)

Nas narrativas as vivências esportivas do ensino fundamental e médio são referenciadas como um importante caminho para o esporte universitário. Das nove mulheres entrevistadas apenas uma não praticava esportes no ambiente escolar. Todas as outras se envolveram na adolescência com os esportes.

Fui para o Colégio Viçosa, comecei a treinar e o gosto foi só aumentando. Eu gostava muito, muito. Eu comecei meu treinamento de voleibol com I. Ela tinha aquela visão de mulher diferenciada, guerreira, conseguia juntar o pessoal para treinar. Ela foi um canal formador, nos direcionando para o esporte, para o voleibol. Ali eu fui convidada para jogar vôlei na Universidade com as alunas da Economia Doméstica, eu tinha quinze anos. Minha trajetória foi assim. O 3º ano eu fiz no Coluni e ali continuei no esporte. Todos os campeonatos que tinham na Universidade eu participava. (Entrevista IX)

Nesta época, as aulas de Educação Física eram separadas por sexo e podiam ser ministradas por professores de outras disciplinas. Tais aspectos, somados à visão binária de mente/corpo determinou um formato de aula muito comum: futebol para os meninos e voleibol e ginástica para as meninas. Desta maneira, as mulheres não vivenciavam o esporte em sua plenitude, a aula era um espaço recreativo, não havia uma aprendizagem de técnicas ou fundamentos da modalidade. Quem não se lembra desta organização?

É possível perceber na construção das narrativas um esforço por parte das entrevistadas em reverter esta situação:

Nós tínhamos uma colega da minha turma que se empolgava demais. Nós descobrimos um livro de regras na escola, começamos a destrinchar o livro e chegamos ao ponto de copiá-lo, a mão, não tinha computador, para poder estudar e decifrar as regras, já que a professora não dominava muito. Daí, começamos a jogar vôlei dentro daquelas regras. A gente tentava ler, não entendia e, com isso, outras pessoas passaram a jogar e nós fomos divulgando o vôlei. Aliás, eu só jogava vôlei. O resto era jogos recreativos mesmo, na escola. A Educação Física em si era mais aquela ginástica formal. Aquela ginástica que ninguém gosta de fazer... (Entrevista VI)

Entre os anos de 1950 e 1970, a modalidade de voleibol era muito estimulada nas escolas mineiras. Os esportes indicados ao sexo feminino revelam um processo de educação corporal que visualizava o corpo feminino enquanto lugar, por natureza, da fragilidade, docilidade e maternidade. Para uma autora deste período:

A maioria dos médicos e educadores estão acordes em afirmar que a Educação Física da mulher é ainda mais importante que a do homem, porque de suas qualidades biológicas dependem em grande parte a vida, a saúde e o vigor de seus filhos. É claro que os exercícios das meninas devem ser muito mais moderados e suaves que os dos meninos. Os jogos de correr, de pular corda e de bola, as ginásticas sueca e rítmica, os bailes regionais, as danças, as marchas cantadas e corridas não violentas, são os exercícios que devem predominar na idade escolar. Como esportes mais recomendáveis estão os jogos de raquete, o volley-ball e a natação; também esqui e a bicicleta ambos, porém, com moderação. (BUCHON *apud* SOUSA, 1994)

Por meio de discursos como este, que operam em favor da preservação de atributos físicos associados ao sexo feminino, garantia-se a regulação das práticas corporais femininas e masculinas. Todavia, mesmo sendo o voleibol prática predominante para as mulheres nas aulas de Educação Física algumas narrativas apresentam modalidades para além do voleibol na escola.

Nesse meio tempo, no Ginásio Santa Rita, eu comecei a praticar o handebol, mas meu forte nunca foi o esporte de quadra. [...] No colégio Raul de Leoni, o professor de Educação Física incentivava a gente a fazer o atletismo, aí eu fui parar no atletismo. Fazia prova de 100 metros com barreira, o 400 e o revezamento 4 por 4. Como eu gostava de esporte, fazia atletismo, mas ficava de olho no pavilhão de ginástica. Mais tarde eu passei a fazer ginástica rítmica e atletismo. Assim foi minha prática esportiva, com as duas modalidades simultaneamente. (Entrevista VIII)

Um fato curioso da época de Viçosa era que ninguém conhecia handebol. A professora V. que era, inclusive, técnica de natação trouxe uma novidade para o esporte. Ela trouxe o handebol para Viçosa e foi ensinar pra gente o que era. Como ela dava aula para muitas turmas da UFV, a gente formou um time de handebol no Coluni e eu tive que ser goleira, porque eu me interessei muito. Então, o livrinho de regras de handebol ficava do meu lado e eu não podia jogar o tempo todo, já que eu precisava ler o que era, o que acontecia. Eu auxiliava a V. nesse momento, sendo goleira de handebol. Enfrentei bastantes desafios; boladas na cara e tudo mais... Atletismo, natação, handebol, até basquete eu joguei um pouquinho. (Entrevista V)

O handebol, o atletismo e a natação aparecem na memória das entrevistadas como outros espaços de iniciação. A prática simultânea de modalidades como ginástica

rítmica desportiva e atletismo, ou, natação e handebol figuram como estratégias utilizadas para manterem-se nos esportes considerados masculinos.

As narrativas não são homogêneas quanto a participação esportiva escolar. Contudo, o voleibol sobressai nas lembranças marcando-se enquanto um espaço de inserção nos esportes na adolescência. Para permanecerem na vida esportiva sete entrevistadas optam pela formação superior em Educação Física, as outras duas vêm no esporte universitário a continuidade do processo iniciado na infância.

3.3. A opção pelo o esporte universitário

As narrativas das diferentes trajetórias esportivas na UFV remetem ao ingresso de cada uma destas mulheres no ensino superior, especialmente no curso de Educação Física. O caminho até a formação superior foi delimitado pelas condições sociais, de gênero e econômicas de cada uma das entrevistadas.

A gente que sai da cidade de interior, na época, tinha Viçosa como a Universidade das pessoas ricas. E, em sua maioria, era mesmo. Convivendo com as pessoas lá, mesmo as mulheres, eu pude ver que o nível financeiro delas era muito maior do que o meu. (Entrevista VI)

Para aquelas entrevistadas que ingressaram em curso superior de outra instituição a negociação com a família foi marcada fortemente pelo gênero. Estudar fora, somente com a presença de familiares (irmão, tios, primos) ou amigos da família.

O problema era ser Juiz de Fora, pela dificuldade de morar longe, por eu ter 17 anos... Por outro lado, eu tinha um irmão que fazia medicina lá. Então, eu fui morar do lado dele e ficou bom. (Entrevista V)

Já a opção pela UFV - conhecida pela sua tradição agrária e seriedade - facilitou tanto a negociação para sair da cidade de origem, quanto à prática esportiva na instituição.

Daí, um colega meu daqui ia fazer vestibular em Viçosa para Agronomia e perguntou por que eu não iria fazer Educação Física, já que ele me via jogar vôlei, era a primeira turma e tal... Eu pensava: "Como eu vou conseguir? Todo mundo sai para fazer cursinho..." E falei com ele que eu não iria passar no vestibular. As famílias daqui de Miraf eram mais ricas e, na época, iam fazer cursinho em Juiz de Fora, no Rio de Janeiro, então eu achava que não iria passar nunca. E ele dizia: "Não. Você vai passar. Você estuda." Eu falei: "Seria ótimo, mas meus pais não têm condições de me manter numa escola". E ele disse que era federal e que eu conseguiria alojamento. Eu

cheguei em casa e acabei comentando sem querer. Foi aí que meu pai disse que nós iríamos dar um jeito. (Entrevista VI)

Ao narrarem a opção pelo esporte na universidade duas situações destacam-se: 1) a desaprovação do curso de Educação Física pelos familiares, ora fundamentada na desvalorização do curso, ora na masculinização dos corpos femininos; 2) a autorização e incentivo da família desde que em esportes “femininos”. O tensionamento familiar gerado pela formação superior em Educação Física e pela opção pelos esportes na universidade é marcado pelo gênero.

Sempre pratiquei voleibol e meu sonho era fazer Educação Física, contra a vontade dos meus pais, óbvio. [...] O único problema que eu sofri em casa foi: “Minha filha, você é tão inteligente e vai fazer logo Educação Física? [...] Então eu tive muito problema, porque quando eu vim para Viçosa, eu queria voltar para Belo Horizonte para fazer Educação Física lá, pois aqui ainda não existia o curso. Como meu namorado morava em Belo Horizonte, meu pai não permitiu. Ir para Juiz de Fora eu não queria, porque iria ficar mais distante de Belo Horizonte. Eu fiquei um ano parada em Viçosa, mas eles não se incomodaram. Eu não fiz vestibular para outro curso, pois não tinha nada a ver comigo. Fiz Educação Física porque eu queria. Então, dos meus pais, a única resistência foi ao curso de Educação Física, e não pelo fato de ser jogadora, pelo contrário, eu era altamente motivada por eles. (Entrevista I)

Depois eu tinha que fazer vestibular e eu queria fazer Educação Física, mas meus pais não queriam deixar, porque, na época, a Educação Física não era bem vista, principalmente para mulher. Mulher não era bem aceita nesse ramo. Então eu falei assim: “Ou eu faço Educação Física ou eu não faço curso nenhum”. Eles tiveram que aceitar porque eu me entreguei de corpo e alma. Se eu não fizesse Educação Física eu tinha certeza que não me sairia tão bem quanto eu me saí, tanto no curso quanto na minha profissão e na minha carreira. (Entrevista III)

As duas narrativas são de mulheres que antes de ingressarem na universidade já eram esportistas. As entrevistadas competiam a nível estadual nas modalidades de voleibol e natação, respectivamente. Ambas narram que não tiveram dificuldades para ingressarem na vida esportiva, contudo, quando o interesse é pela formação superior em Educação Física a relação familiar tenciona-se. A opção pelo curso representa para as entrevistadas e seus familiares uma possibilidade de continuação nos esportes. Isso significa uma vida inteira dedicada à prática esportiva e não mais somente àquelas modalidades permitidas pra as mulheres. O fato da Educação Física não ser bem vista para mulher e, portanto, não ser aceita pelos familiares condensa estes significados.

A manutenção da representação de feminilidade e masculinidade aliada à visão dicotômica mente–corpo tenciona ainda mais a escolha pelos esportes na universidade.

A desvalorização do curso de Educação Física pelos familiares, amigos e estudantes de outros cursos aparece em todas as narrativas, inclusive naquelas em que as entrevistadas optaram por outra formação superior, pois Educação Física era considerada sinônima de esportes.

Eu sentia preconceito dentro do curso que eu fazia pelo fato de eu praticar esporte. Perguntavam-me o que a gente estava fazendo com a turma da Educação Física. Eu não estava excluída do preconceito, mesmo sendo de outro curso. Eles achavam que eu era até aluna da Educação Física. Eles me isolavam pelo fato de eu praticar o esporte. (Entrevista IX)

A construção das narrativas até o esporte universitário envolveu um trabalho seletivo de memória, na qual as entrevistadas, a partir de fragmentos de memória foram tecendo conexões com o gosto pelos esportes, a opção pelo curso de Educação Física e as negociações com a família ao eleger o esporte como elemento central em suas vidas.

O modo como se organizaram as lembranças deste período nos mostra que para as entrevistadas se inserirem nos esportes foi necessário uma constante negociação familiar desde a infância. Esta relação é permeada pelo forte desejo de se manterem na vida esportiva.

4. Os lugares da Memória

[...] a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos.
(NORA, 1993, p.25)



Figura 3. Vista parcial do alojamento feminino²³

[...] ainda não existia o ginásio. Tinha uma pista de atletismo na frente do prédio principal, onde é o Centro de Vivência, a piscina era a do DCE (Diretório Central dos Estudantes) e havia quadras onde é o estacionamento do prédio principal. Além disso, o Coluni funcionava bem ali atrás. Então, a localização do colégio era muito favorável. Eu saía da aula, em vez de estudar na biblioteca, eu ia para a quadra. Por isso, eu acho que me dediquei muito mais ao esporte do que aos estudos. (Entrevistada V)

²³ <http://www.asminasgerais.com.br>. Esta figura ilustra o local que abrigou entre os anos de 1926 a 1970 a antiga Praça de Esportes da UFV.

Justificado o gosto pelos esportes e o caminho percorrido até o esporte universitário as entrevistadas seguem organizando a narrativa sobre suas experiências no espaço acadêmico esportivo. A memória das mulheres esportistas de 1970 ancora-se em fragmentos de lembranças que estão amarrados em uma rede coletiva de significados e representações na qual se inscrevem suas identidades, subjetividades e relações de poder. Neste sentido, lembrar dos jogos, dos treinos, da antiga e da atual Praça de Esportes é lembrar também dos grupos sociais aos quais estavam vinculadas e tecer com eles um mapa da memória.

Ao lado de um tempo reencontrado no passado está um espaço que se transforma continuamente na dinâmica do tempo exigindo uma constante reelaboração de elos identitários. A busca do tempo passado relaciona-se à dos espaços das vivências coletivas e individuais. Portanto, “reencontrar temporalidades é também reencontrar lugares e identidades” (DELGADO, 2010, p. 120).

Halbwachs (2006), mesmo considerando que o ato de lembrar é profundamente pessoal, observa que a construção da memória individual se faz a partir de elementos ou de noções comuns, de lembranças situadas nas redes de solidariedade do grupo, nos quadros sociais da memória, que a inserem na memória da coletividade. Deste modo, ao recordar, os indivíduos estão, necessariamente, vinculados ao que o autor chama de ‘enquadramento de memória’.

Na própria evocação do passado já estão presentes quadros de referências que situam a imagem evocada e a transforma em lembrança.

Reconhecer por imagens é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos (HALBWACHS, 2006, p. 55).

Seria possível recordar de um espaço ou tempo vivido sem ter pertencido a um grupo de referência que apóie nossas lembranças? Segundo Bosi (1994), não, mesmo porque muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas, simplesmente foram relatadas por amigos, parentes e depois lembradas por nós. Para as entrevistadas que nasceram e viveram em Viçosa o cenário da antiga da Praça de Esportes da Escola Superior de Agronomia e Veterinária/ESAV - visto por elas e também descrito pelos familiares - ressurge em meio às lembranças do tempo da meninice e da criação da nova Praça de Esportes que hoje compreende o Departamento de Educação Física da UFV.

Lembrar de um lugar desaparecido do cenário que compõem suas experiências é para estas mulheres mais do que reativar a memória, é reviver e reconstruir experiências passadas que as identificam com o lugar e com o cenário esportivo universitário. É também desencadear sentimentos nostálgicos, gerados pela ausência do que, outrora, integrava a paisagem como lugar de convivência. “Diante da fragmentação da vida, os espaços e lugares são fundamentais para a construção de identidades” (DELGADO, 2010, p.121).

As narrativas das diferentes trajetórias esportivas organizam-se em torno de lugares que ainda condensam as identidades do grupo, assegurando sua continuidade no tempo e no espaço. Imagens estas reconhecidas na evocação e conectadas a uma rede ampla de sentimentos, acontecimentos e outros lugares. Assim constituem-se os lugares das lembranças, daquilo que vale a pena ser lembrado.

Nas recordações de todas as mulheres entrevistadas, algumas experiências subjetivas são compartilhadas, iluminando no passado pontos de referência comuns, espaços de experiências coletivas ou como sugere Nora (1993) lugares de memória. Para o autor, os lugares de memória podem ser tomados como matéria-prima para a produção histórica, pois:

Trata-se de partir dos lugares em que uma sociedade, qualquer que seja a nação, família, etnia, partido, declare voluntariamente suas lembranças ou as reencontre como parte necessária de sua personalidade: lugares topográficos como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: esses memoriais têm sua história. (NORA, 1993, p. 09)

Tais lugares sinalizam o que deve ser lembrado através de um trabalho de enquadramento de memória, que para Michel Pollak (1989), consiste em uma estruturação da memória a partir de determinadas imagens, identidades ou pontos comuns e tem a função de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades definindo sua coesão, seu lugar e também oposições irredutíveis entre os grupos. Tal trabalho de enquadramento conduziu a construção da memória da participação feminina nos esportes universitários na UFV. As narrativas falam sobre lugares específicos, sobre acontecimentos e pessoas que contribuem com a formação da imagem que se quer recriar do passado. Desta forma, entendemos que o que foi lembrado diz respeito a um grupo e uma época também específicos.

Nesta pesquisa, as histórias que ouvi referem-se a lugares inseparáveis dos eventos neles ocorridos. A antiga Praça de Esportes da Escola Superior de Agricultura e Veterinária/ESAV e da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais/UREMG; a Liga Universitária Viçosense de Esportes/LUVE; os Jogos Universitários de Viçosa/JUV's; os Campeonatos Estaduais; as Olimpíadas Globais; a Agronomíadas e os Jogos Universitários Brasileiros/JUB's aparecem como estes lugares de memória: coloridos, alegres, audíveis, em movimento, aglutinadores de subjetividades e identidades.

A memória esportiva universitária das mulheres entrevistadas é balizada por estes lugares. As recordações destes espaços e eventos foram narradas delineando as trajetórias esportivas na universidade indicando tanto a maneira como as narrativas foram construídas quanto os processos de inserção e permanência no esporte universitário que, como mostra a pesquisa foi aberto por meio de um processo lento de infiltração feminina nas práticas físicas e esportivas da ESAV no início do século XX atingindo na década de 1970 maior visibilidade.

4.1. A antiga Praça de Esportes

Na tentativa de reconstrução da memória do esporte universitário viçosense nos anos de 1970, as entrevistadas evocam espaços transformados pelo tempo, intactos em suas lembranças, mas na realidade transfigurados em novos espaços, que representam para as novas gerações outras imagens, que se tornarão suportes de novas memórias. As quadras e o gramado ao lado do prédio principal Arthur Bernardes, a pista que, outrora, transformava-se em passarela para os tradicionais Desfiles dos Jogos Universitários de Viçosa, a antiga piscina e a atual Praça de Esportes²⁴ compõem o mapa destas lembranças esportivas. Para Nora (1993),

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. (NORA, 1993, p. 8-9)

As narrativas traduzem um esforço de demarcação entre o que foi o passado esportivo de mulheres na Universidade e o que é o seu presente. Este espaço, que hoje

²⁴ Refiro-me ao Departamento de Educação Física da UFV.

abriga outras paisagens, é descrito com muita vivacidade por todas as entrevistadas e foi palco, desde o final da década de 1920 até o início dos anos de 1970, das práticas físicas e esportivas na UFV.

Goellner (2006) destaca que a inserção de mulheres brasileiras no universo esportivo data de meados do século XIX. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que esta participação se amplia.

Nesses primeiros anos, sopram nas cidades brasileiras os ventos da modernidade e estas se agitam frente à inevitável urbanização, cujo ritmo fremente faz pulsar os espaços de circulação pública. A esse ordenamento corresponde outro olhar sobre a energia física dos indivíduos, observada como potencializadora de um gesto eficiente capaz de produzir mais e com maior rapidez. Aliada à expectativa de crescimento econômico, a educação do corpo é reconhecida como essencial ao desenvolvimento e fortalecimento da nação, desenhando outro estilo de vida: pública, coletiva, eufórica, cujas ofertas de diversão abraçam homens e mulheres, redimensionando hábitos e práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades. (GOELLNER, 2006, p.86)

A cidade de Viçosa, sede da Escola Superior de Agricultura e Veterinária/ESAV, mesmo situada na Zona da Mata de Minas Gerais não esteve alheia a este processo. A implantação da ESAV imprimiu na cidade, mais especificamente na universidade, as marcas da modernização agrícola e novos modos de agir²⁵. A chegada de professores estrangeiros somada ao contingente de funcionários, professores e alunos vindos das capitais brasileiras contribuiu para a construção e valorização de novas práticas sociais no campus e na cidade, entre elas a esportiva.

²⁵A história da instituição tem sua origem marcada pelos condicionantes políticos e econômicos da República Velha e pela adoção do modelo de ensino norte-americano dos *Land-Grant Colleges*. Entretanto, é através da constituição do *ethos* institucional, de um regime disciplinar que atinge alunos, funcionários e professores, que se institui o espaço da universidade e um modo de pertencimento, que animados pelo 'espírito esaviano' oferece identidade e tradição a seus agentes. (BARLETTTO, 2006, p.47)

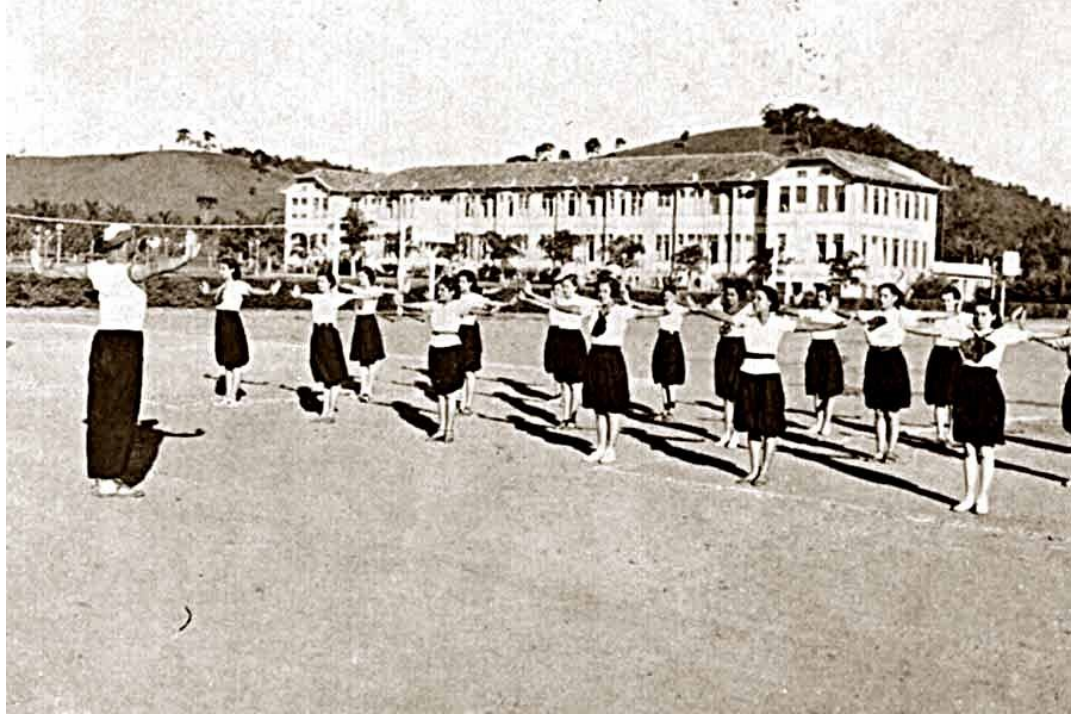


Figura 4. Atividade de Ginástica no Mês Feminino- 1935²⁶

Eu me lembro que a gente tinha que ir com o uniforme impecável, tinha uma saia envelope, um short por baixo... Cobrava-se muito a Educação Física. Mas era uma Educação Física mais formal, mais ginástica. [...] A Educação Física em si era mais aquela ginástica formal. Aquela ginástica que ninguém gosta de fazer... (Entrevista VI)

A Figura 5 constitui-se o registro mais antigo encontrado de práticas corporais realizadas por mulheres na ESAV. Ilustra uma atividade de ginástica durante a primeira edição do Mês Feminino em 1935. O Mês Feminino, promovido por Bello Lisbôa²⁷, era realizado com o intuito de proporcionar às esposas de fazendeiros que participavam da Semana do Fazendeiro²⁸, alguns ensinamentos práticos sobre a agricultura, tendo em vista a grande colaboração que a mulher poderia e deveria prestar a causa do desenvolvimento agrícola.

²⁶ Arquivo Central e Histórico da UFV.

²⁷ Bello Lisbôa dirigiu a ESAV de 1929 até 1936, e foi personagem importante na construção do chamado “espírito esaviano”, de uma identidade cultural universitária, uma mentalidade de valores que dava coesão aos objetivos que orientaram a criação da universidade (BARLETTO, 2006, p. 44).

²⁸ É uma atividade de extensão criada em 1929 e realizada anualmente até hoje. O evento tem como finalidade a aproximação entre a universidade, agricultores e criadores, além de divulgação de técnicas para a modernização da agricultura (BARLETTO, 2006)

No entanto, as atividades não se restringiam a isso. Além de ensinamentos básicos sobre agricultura e cuidados do lar, as mulheres aprendiam a cuidar dos seus corpos por meio dos exercícios ginásticos.

A ginástica, hoje conhecida como Educação Física, foi largamente difundida no Brasil, a partir dos ideais eugênicos, higiênicos e militares no início do século XX, com o objetivo de atuar na educação dos corpos. Com ela vieram também os anseios de um Estado Republicano, burguês, moderno, civilizado, reto, métrico e forte. A ginástica feminina objetivava formar corpos graciosos, saudáveis, belos e férteis.

A citação que acompanha a Figura 5 é de uma ex-atleta da UFV. Nela, a entrevistada narra suas experiências na aula de Educação Física escolar no final dos anos de 1960. Todavia, sua narrativa se assemelha ao vivido por mulheres nas décadas iniciais do século XX sugerindo certa continuidade nas práticas de educação dos corpos femininos.

Ainda nos anos de 1930, segundo Baía, Moreno e Silva (2005), mulheres iniciavam-se na prática do voleibol com a primeira equipe feminina da ESAV. Tal equipe era treinada por homens que praticavam o voleibol masculino na Escola. Não se pode afirmar o tempo em que esta equipe permaneceu na ESAV, uma vez que os autores não encontraram mais registros sobre a mesma nos documentos consultados.

Formada por um grupo de jovens da sociedade viçosense – pertencentes ao quadro de funcionários da secretaria da Escola – que implantou, por assim dizer, na Escola, essa modalidade de esporte, pois em princípio de 1938, organizou treinos regulares, aos quais aderiram depois diversas outras moças da sociedade de Viçosa. (BAIA, MORENO e SILVA, 2005, p. 3-4)



Figura 5. Treino de Voleibol na antiga Praça de Esportes da ESAV²⁹

Nos anos 1940, o futebol feminino era realizado nas tradicionais comemorações do dia do trabalho. Contudo, pela citação a seguir retirada do *Jornal o Bonde*³⁰, podemos perceber sob que condições a prática era realizada.

Quem veio à ESAV no dia 13 à tarde, assistiu um espetáculo *sui-generis* – uma peleja de futebol feminino. E, diga-se de passagem, foi melhor que uma comédia de Abbot e Costello... O Match terminou com a vitória das representantes da ESAV por dois tentos a zero, sendo que o primeiro resultou do maior bolo jamais visto em gramados de futebol. As 22 jogadores se amontoaram num pequeno espaço de 1m² (...) Felizmente não houve unhas nem puxões de cabelo a lamentar. (O Bonde, nº. 49, p.03, 1947)

²⁹ Arquivo Central e Histórico da UFV, s/d.

³⁰ Informativo organizado pelos alunos do curso de Agronomia da ESAV.



Figura 6. O jogo das moças - 1947³¹

A Figura 7 somada ao texto do informativo nos conduz a uma reflexão interessante sendo necessário nos determos um pouco. Em 1941 o General Newton Cavalcanti apresenta ao Conselho Nacional de Desporto/CND algumas instruções para a regulamentação da prática de esportes por mulheres. Este documento, Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, vigorou até 1979 e oficializou a interdição das mulheres nas práticas de lutas como o boxe, e em modalidades como o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo.

Estas proibições fundamentavam-se no discurso médico higienista da época para o qual as atividades físico-desportivas funcionavam enquanto dispositivos pedagógicos que organizavam as práticas corporais respeitando “os limites e as características naturais” de cada sexo. Coube à mulher práticas de exercícios que pudessem melhorar seu estado de saúde geral de forma a garantir a geração de filhos saudáveis e sua feminilidade. Para Mourão (2000), o Decreto incorporou as representações sociais sobre a mulher regulando e normalizando práticas voltadas para a harmonia das formas femininas e para as exigências da maternidade.

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de

³¹ Arquivo Central e Histórico da UFV, título original 13 de maio – o jogo das moças.

Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.
(Decreto-Lei nº 3199/1941)

O informativo trás representações sobre a prática esportiva feminina e pistas sobre como aconteceu sua regulação no interior da ESAV. A mulher ao optar pelo futebol - modalidade compreendida como masculina - é satirizada e inferiorizada a partir daquilo que a caracteriza como mulher dentro de um sistema binário de classificação no qual a fragilidade (puxões de cabelo e arranhões) e a ausência de técnica (amontoadas em 1m²) são condições naturais do feminino, enquanto a agressividade e a capacidade técnica são valores atribuídos ao masculino.

Legitimando este tipo de pensamento, em 1965 uma deliberação do CND, que durou até 1982 acrescenta à proibição anterior a prática de futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e basebol considerando tais modalidades impróprias para mulheres por constituírem-se desportos violentos não adaptáveis ao sexo feminino (SALLES, SILVA e COSTA, 1996, p. 82).

As experiências que impregnam a memória das mulheres esportistas da Universidade Federal de Viçosa nos anos de 1970 nos falam sobre estas interdições e a maneira pela qual elas eram vivenciadas e percebidas.

A única coisa que sobrava era futebol de campo, que ninguém queria. As demais eram voltadas para as meninas... (Entrevista VI)

Tinham os jogos universitários e tinha bastante mulher. Não era muito pouco não. Eu acho que não tinha mulher no futebol de salão. Eu não me lembro no futebol de salão, mas, nas outras modalidades eu me lembro. No atletismo e na natação havia bastante mulher. Pela época, a participação de mulheres era boa. (Entrevista VIII)

Neste universo cultural dado, quais seriam as práticas esportivas adaptáveis ao corpo da mulher? A história esportiva da universidade nos mostra que seriam a natação, o voleibol e a ginástica, entre outras que não apresentassem riscos à graciosidade feminina e ao destino biológico/materno do corpo feminino. Como estes padrões esportivos se inscreveram na organização do esporte universitário viçosense adequando práticas corporais específicas para cada sexo? Penso que a partir das teorizações propostas por Scott (1990), Foucault (1977) e Bourdieu (1995) esta reflexão seja possível.

O universo esportivo, como toda prática social, é organizado por símbolos e normas que regulam as atividades físicas e esportivas. Estes símbolos por sua vez, são

estruturados a partir de um princípio classificatório binário e hierárquico fundado nos referenciais das diferenças biológicas. Neste sistema simbólico, a mulher ocupa uma posição diminuída e a divisão socialmente construída entre os sexos é compreendida como natural, evidente e inelutável. A percepção e organização concreta e simbólica do espaço esportivo se fazem a partir desta oposição binária. Os discursos que historicamente fundamentam a prática esportiva - higiênico, eugênico, militar, androcêntrico - através de conceitos normativos evidenciam as interpretações simbólicas enraizando nas práticas cotidianas a oposição binária como maneira única de perceber as relações. Por meio de nossas ações reiteramos estes códigos simbólicos eternizando a naturalização do princípio da dominação masculina.

Se esta divisão parece estar na “ordem das coisas”, como se diz algumas vezes para falar daquilo que é normal, natural, a ponto de ser inevitável, é porque ela está presente, em estado objetivado, no mundo social e também, em estado incorporado, no *habitus*, onde ela funciona como um princípio universal de visão e divisão, como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 1995, p. 137)

Neste sentido, as relações ou os papéis esportivos são construídos a partir da maneira como as diferenças entre os sexos são percebidas. (SCOTT, 1990). O corpo mesmo sendo algo físico, não é uma evidência, ele é uma construção, portanto simbolicamente dado. No campo esportivo universitário viçosense os corpos foram forjados no eixo do binarismo. Assim, as relações de gênero vão sendo tecidas, organizando o esporte universitário enquanto um campo masculino. Ao corpo do homem, másculo e agressivo, destinam-se os esportes coletivos, de contato físico, as lutas, o movimento explosivo. Às mulheres - o seu oposto inferior -, corpo frágil e gracioso, cabe portar bandeiras, deslizar suavemente pela superfície da água, praticar o voleibol, conhecido como um esporte elegante³² e exercitar-se na ginástica com um objetivo bem definido: produzir um corpo saudável garantindo a maternidade.

O que foi muito legal é que a grande maioria das mulheres da minha turma jogava vôlei. Eu acho que culturalmente, o rompimento foi primeiro com o vôlei. Com os outros esportes, a adesão de mulheres foi mais lenta. Tinham umas pessoas que jogavam handebol, que disputavam o campeonato mineiro, mas com essas o preconceito era muito maior. Era confuso. Já o voleibol não. A grande maioria da minha turma jogava voleibol no colégio ou em Clube antes da UFV. Nós éramos poucas alunas mulheres de Viçosa que

³² GOELLNER, Silvana Vilodre. O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.12, n.01, p 153-171, janeiro/abril de 2006.

ingressaram no curso. A maioria era de fora. As outras, que vieram de fora, eram muitas, e todas tinham vivência no vôlei. Então, o primeiro esporte que a gente montou equipe foi de vôlei. Depois formamos a equipe de atletismo, que foi forte na época; a de handebol também foi muito forte; a de basquete era fraquinha e foi fraquinha até o final. [...] Embora o pessoal da Educação Física, ou mesmo quem pratica esporte desde a infância, conviva muito mais com essa questão do corpo... Corpo masculinizado, mesmo que aparentemente não seja, mas, para outros é estranho. Muitas meninas do handebol e do basquete sofreram bastante pressão. Primeiramente foi meio complicado, com as que jogavam vôlei, eu acho que nem tanto. Esse preconceito, esse momento de crítica, durou pouco, mas aconteceu. (Entrevista I)

Este foi e em partes ainda é, o mecanismo que organiza as práticas esportivas na Universidade Federal de Viçosa. Obviamente, na medida em que estes mecanismos vão sendo identificados, as práticas sociais podem ser revistas e refeitas. Desta maneira, é possível vislumbrar um espaço esportivo no qual as mulheres estejam mais participativas, sofram menos restrições, e vivenciem modalidades de reserva masculina.

Para além das interdições citadas anteriormente, algumas mulheres - consideradas neste trabalho como pioneiras - envolveram-se com os esportes subvertendo, em certa medida, discursos e abrindo caminhos para a participação feminina no esporte universitário viçosense. Mesmo que a estas pioneiras tenha sido concedido um espaço em práticas como a ginástica e o voleibol suas ações puderam criar brechas neste campo eminentemente de domínio masculino anunciando um novo tempo.

Desde a criação da ESAV todas as práticas corporais eram realizadas na antiga Praça de Esportes reconstruída nas narrativas das entrevistadas. Contudo, no final dos anos de 1960 e nos primeiros anos da década de 1970, inicia-se um rápido desenvolvimento de obras em todo o campus universitário visando atender a expansão da universidade. A criação de uma moderna Praça de Esportes para a realização das práticas físicas e esportivas na recém federalizada Universidade Federal de Viçosa compõe este cenário. Assim, paulatinamente a antiga Praça de Esporte da ESAV transforma-se em ruínas, fragmentos de memória que emergem ocupando um lugar nas lembranças e nas trajetórias das mulheres entrevistadas.

Algumas das narrativas, apesar de ocuparem lugares distintos, localizam o grupo de mulheres do curso de Economia Doméstica que jogavam voleibol nas antigas quadras ao lado do prédio principal Arthur Bernardes. Uma entrevistada era membro deste grupo e esclarece que havia mulheres de outros cursos e também alunas dos Colégios da cidade, entretanto com a chegada das estudantes do curso de Educação

Física e com transferência das quadras para a nova Praça de Esportes, a participação esportiva destas mulheres reduz drasticamente.

As narrativas trazem a lembrança dos espaços físicos onde eram realizados os treinamentos das equipes femininas de voleibol. Contudo, quem eram estas mulheres, quais cursos faziam, quais modalidades praticavam além do voleibol, é uma lacuna na memória de todas as entrevistadas.

Soube que as meninas treinavam às quatro horas da tarde na UFV e, neste horário, eu estava na cerca acompanhando. Era o pessoal da Economia Doméstica, que era o único curso feminino que existia³³, e o restante era da Agronomia, da Medicina Veterinária. Mas a grande maioria, 90% do pessoal que jogava, era da Economia Doméstica. Aquele grupo era elitizado, era um grupo assim: “as” meninas.

E nos outros times quem não era da Educação Física, era S. Não me lembro de mais ninguém. Não me lembro de outras pessoas que jogavam alem do pessoal da Educação Física. Quando a gente pensa, só se lembrava das meninas da Educação Física. Eu tenho essa impressão. Em todas as festas, só tinham meninas do curso e as meninas do alojamento que moravam com a gente. Fora isso, só dava a gente nas bagunças. As meninas da Educação Física sempre estavam juntas, porque uma procurava apoio na outra pelo fato da dificuldade de aceitação... (Entrevista VI)

Temos alguns rastros sobre os esquecimentos da antiga equipe feminina de voleibol e das mulheres que praticaram esportes antes de 1975. Pollak (1989) nos fala sobre a função do “não-dito”. O esquecimento nas narrativas apresentadas nesta pesquisa nos transporta para a noção de identidade do grupo. As mulheres entrevistadas buscam uma coerência de discursos a fim de preservarem a memória do seu grupo. Para as entrevistadas que ingressaram na UFV antes de 1975 estes esquecimentos são menos visíveis. Todavia, as narrativas das entrevistadas que ingressaram após esta data apresentam fortemente a distinção entre o grupo das mulheres atletas e o grupo que treinava na *cerquinha*. A entrevistada se refere ao grupo da antiga Praça de Esporte da ESAV/UREMG, pois como dito anteriormente, as quadras de voleibol eram separadas da piscina por uma cerca viva. A *cerquinha* aqui materializa a fronteira entre os grupos.

A questão técnica, principalmente para as equipes de voleibol, era o que diferenciava as atletas pós 1975 e antes 1975.

³³ Para Lopes (1996) o curso de economia Doméstica de Viçosa se apresenta como um conjunto de conhecimentos que define historicamente o que é ciência de e para mulheres.

Lembro que antes, os esportes aqui na UFV, o vôlei, por exemplo, acontecia perto de onde hoje é o DCE, no ano que eu vim para Viçosa, para tentar me aproximar, curiosamente eu vim na UFV. [...] E lá era só o treino delas. Fechadinho. Fechadinho. Fechadinho. Quem as treinava, inclusive, era um professor daqui. Quando não era ele, era outro rapazinho, que era do Coluni e que jogava vôlei pela LUVE. Ele era bom e treinava mais que o próprio professor, mas não tinha nada sistematizado... O pessoal que era da Educação Física, quando não existia o curso (de Educação Física), tinham que dar aula para todos os cursos da UFV, mas eles (professores) eram poucos. Então o que as meninas faziam era jogo. Você não via treinamento de fundamentos, que era o que eu estava acostumada em BH. O treino era assim. Era chegar e rachar a bola. Toda a proposta que eles tinham, na verdade, era jogando: entra fulano e entra sicrano. Não era nada esquematizado, para mim, era algo muito diferente. Mas era o jogo, era a bola rolando e não existia isso na cidade. Esse era outro fato. (Entrevista I)

O treinamento das modalidades de voleibol, natação e atletismo antes de 1975 era realizado pelos professores da UFV e alunos integrados a Liga Universitária Viçosense de Esportes/LUVE. O treinamento das equipes femininas não tinha caráter competitivo se resumindo a jogos entre as próprias equipes. Com a implantação do curso de Educação Física o treinamento atingiu um caráter mais técnico e sistematizado principalmente pelo fato das estudantes já ingressarem no curso com certa experiência nos esportes.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, é, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada (HALBWACHS, 2006). A memória coletiva pode ser compreendida como uma construção grupal, um consenso coletivo acerca do que guardar na memória como representação daquele grupo social.

Deste modo, as esportistas da década de 1970 guardam lembranças da antiga Praça de Esportes, dos eventos nela ocorridos, da equipe feminina de voleibol que treinava em suas antigas quadras. Assim, por meio de recordações vão demarcando os contornos do grupo no qual estavam inseridas.

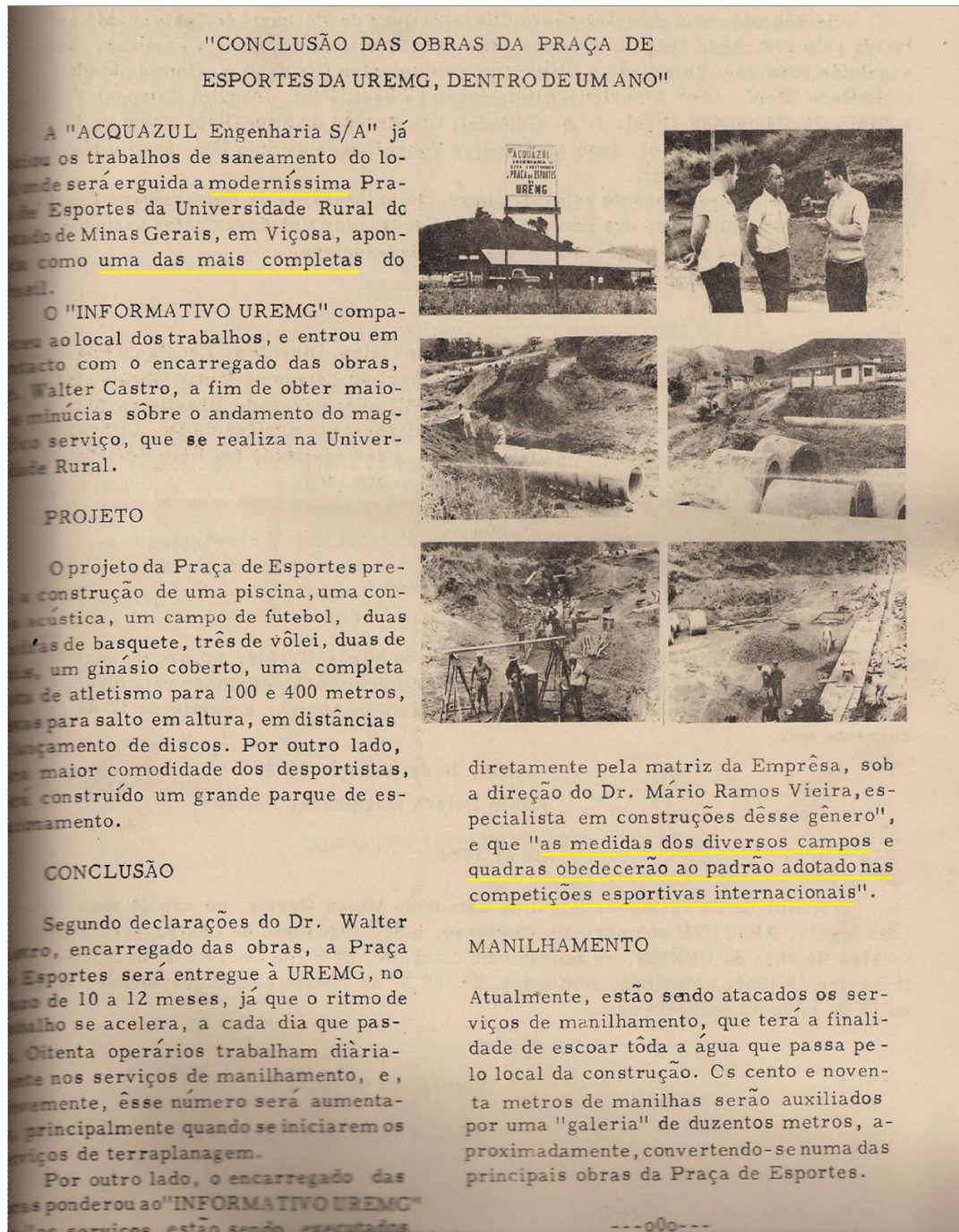


Figura 7. Construção da Moderna Praça de Esportes da UREMG-1965³⁴

Da antiga Praça de Esportes, restou quase nada. As quadras deram lugar a um grande estacionamento, o gramado- outrora destinado às práticas de ginástica feminina- abriga além de algumas plantas ornamentais, o prédio do Departamento de Química. Neste espaço, estudantes diariamente transitam, estudam, cochilam e enamoram-se, nem

³⁴ Informativo UREMG, 06/1965.

imaginam que ali, há poucas décadas atrás, mulheres e homens iniciaram com suas ações pioneiras a construção do que hoje é o esporte universitário de Viçosa.



Figura 8. Vista lateral do prédio principal Arthur Bernardes - 2010³⁵

Deste mosaico de memórias restou uma cerca viva³⁶ que ainda hoje separa o gramado e a antiga piscina. Esta mesma cerca aparece na memória das entrevistadas enquanto uma fronteira (*cerquinha*) entre o grupo das meninas da antiga equipe de vôleibol da UREMG e o grupo composto pelas atletas da LUVE que treinavam no ginásio da nova Praça de Esportes da UFV nos anos de 1970.

No início não tinha nem o ginásio. Aliás, eu não me lembro quando foi feito o ginásio, mas tinha uma quadra onde é aquele estacionamento ali perto do prédio principal Arthur Bernardes. Ali a gente jogava, naquela quadra. Depois nós começamos a treinar lá na parte da Educação Física, dentro do ginásio. Os jogos também já eram dentro do ginásio. (Entrevista II)

Para Nora (1993), os lugares de memória são, antes de tudo, restos. Lembranças das antigas quadras que cederam lugar a um estacionamento e do ginásio de esportes em dias de jogos compõe a colcha de retalhos por meio da qual o passado é reconstruído. Estas lembranças dizem muito sobre as experiências pessoais de quem lembra em suas

³⁵ <http://www.olharesaeiou.p>. Esta é uma vista parcial do local que abrigava até os anos de 1970 as atividades esportivas da ESAV e da REMG.

³⁶ Considero uma bela metáfora para um trabalho de memória o fato da cerca ser/estar viva!

conexões com as experiências coletivas e com os diferentes contextos pelos quais transita.

Segundo Revel (1998), a história individual deve possibilitar uma abordagem diferente, acompanhando o "fio de um destino particular [...] e com ele a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve." (p. 21). Deste modo, na medida em que foram reconstruindo suas trajetórias individuais, as entrevistadas narravam também múltiplos contextos e espaços, esteios de suas experiências³⁷.

4.2. Federalização da UREMG e Educação Física obrigatória para universitários

A reforma universitária e a federalização da UREMG, em 1969, criam novos contornos para o esporte universitário viçosense, especialmente no que diz respeito às mulheres. Estas mudanças trouxeram a ampliação do número de cursos oferecidos pela instituição³⁸ implicando em um aumento significativo do quadro de discentes, docentes e funcionários. Até 1969, a presença de mulheres na universidade era pequena. Com a criação de novos cursos o contingente feminino ganhou visibilidade no campus.

Somado a este contexto, encontra-se uma nova fase no esporte universitário de todo país. A partir do Decreto-Lei 69.450 de 1971 torna-se obrigatória a prática de Educação Física em todos os níveis da educação brasileira, sendo compreendida enquanto uma "[...] atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando", constituindo-se um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional (Decreto-Lei 69.450 de 1971).

De acordo com o Decreto, no nível superior, em prosseguimento ao trabalho iniciado nos graus precedentes, caracterizava as aulas de Educação Física:

[...] práticas, com predominância de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário à

³⁷ A abordagem da micro-história propõe um trabalho de contextualização múltipla, pois entende que a complexidade das experiências de homens e mulheres é entrecruzada por múltiplos contextos em contraposição a "um contexto unificado, homogêneo, dentro do qual e em função do qual os atores escolhem suas escolhas" (REVEL, 1998, p.27)

³⁸ Em 1972 foram criados os cursos de Ciências Biológicas, Matemática, Pedagogia e Química. Em 1973 Zootecnia. Em 1975, Educação Física, Engenharia Agrícola, Engenharia de Alimentos e Física. Em 1976, Administração, Ciências Econômicas, Engenharia de Agrimensura, Letras. Em 1977, Engenharia Civil, Nutrição, Medicina Veterinária. <http://www.personagens.ufv.br>

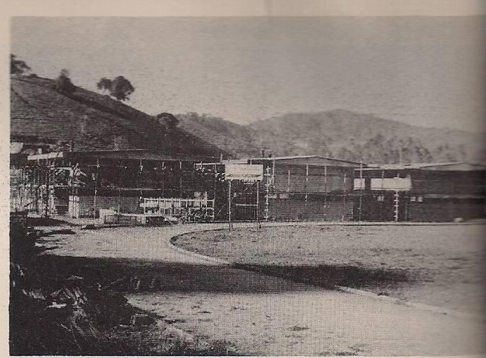
consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade. (Decreto-Lei 69.450/1971).

Deste modo, a UFV em consonância com os objetivos do Governo Militar expressos no Decreto-Lei 69.450, por meio de consecutivas medidas administrativas torna-se um pólo esportivo universitário de destaque em Minas Gerais e no país.

Com o objetivo de atender o Decreto-Lei foram contratados professores de Educação Física³⁹, extinguida a antiga Praça de Esportes da ESAV/UREMG e realizadas obras de modernização da nova Praça de Esportes culminando com a criação do curso de Educação Física em 1975.

A reportagem apresentada em seguida expressa o papel da Educação Física obrigatória na Universidade nos anos de 1970. Nelas podemos identificar o “mecanismo” de atuação do SEF- Serviço de Educação Física vinculado à Divisão de Assistência da UFV dirigida pelo Coronel Leo Ferreira de Sá Brito.

³⁹ Entre estes docentes contratados temos Vera Lúcia Simões, figura importante no cenário esportivo viçosense e mineiro. Foi responsável pela introdução da modalidade de handebol na UFV, e pelo treinamento de várias equipes masculinas e femininas ao longo de sua trajetória na Instituição. A professora é citada nas entrevistas como uma pioneira responsável pela inserção de mulheres em várias modalidades esportivas entre elas a natação, o basquetebol e o handebol. Em 1972, ela mais dois professores foram indicados para comporem a comissão técnica geral dos Jogos Universitários Brasileiros/JUB's.



O ginásio e os vestiários da Praça de Esportes da UFV.

Educação física e esporte melhoram na Universidade

Uma a uma surgem as obras que vão dando forma à moderna Praça de Esportes da UFV, que proporcionará à sua comunidade universitária a prática de um bom número de modalidades desportivas, além das atividades de atletismo e recreação. O grande Ginásio já está pronto, sendo o lugar ideal, não apenas para as pequenas competições esportivas domésticas, como também para os grandes acontecimentos do atletismo nacional.

O professor Hothorgamim Petterman, Chefe do Serviço de Educação Física (SEF) da Divisão de Assistência da UFV, explica: "Chegamos aqui em 1972. A nossa missão era implantar o sistema esportivo da Universidade, para o cumprimento do que determina o Decreto-Lei 69.450, que tornou a Educação Física obrigatória em todos os níveis e ramos da escolarização, com predominância desportiva no ensino superior".

Nesse período, o professor Petterman e os demais professores do SEF foram incumbidos de adaptar a prática de esportes, na UFV, à sua realidade, na época, isto é, ao material técnico e humano então existente.

O fato de se tratar de um serviço novo, em implantação, não permitia aos antecessores do professor Petterman o pleno atendimento do que dispunha o Decreto-Lei 69.450, ou mesmo a sua interpretação completa, providência que vem sendo tomada pela atual equipe do SEF.

No momento, o Serviço de Educação Física oferece aos alunos da UFV sete modalidades desportivas: vôleibol, basquete, handbol, atletismo, ginástica feminina, futebol de campo e natação. Além destas, há, ainda: judô, capoeira e karatê, dirigidas diretamente pelos universitários, sob orientação do SEF.

Metas

Diz o professor Petterman: "Fomos buscar no espírito do Decreto-Lei 69.450 as nossas metas de trabalho, isto é, através da prática de esportes nos clubes, a manutenção e aprimoramento da aptidão física e conservação da saúde do estudante no campus universitário e a consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade".

"Temos procurado alcançar os objetivos pretendidos pelo Decreto-Lei e, com base em nossas experiências na Universidade, estamos fazendo, hoje, uma reestruturação do setor, preparando-o para o trabalho que lhe cabe realizar".

Explica o professor Petterman que tem recebido apoio total da parte da Divisão de Assistência, "o que nos tem animado bastante, daí a razão pela qual estamos confiantes em que atingiremos, plenamente, a reestruturação do SEF. Além disso, contamos com uma equipe de excelentes professores, o que nos assegura um trabalho mais racional, que vamos desenvolver a partir do segundo semestre".

Os professores do SEF acreditam que até março do ano que vem já estará pronto o Pavilhão de Ginástica da UFV, que está sendo construído na Praça de Esportes, possibilitando

a ampliação das atividades de Educação Física.

A Praça de Esportes terá, também, um Pavilhão de Fisioterapia, com atendimento médico em tempo integral, e a sauna será bem ampliada, para atender à procura que cresce a cada dia.

Prossegue o professor Petterman: "Atualmente, possuímos no Departamento Médico um profissional especializado em Medicina Desportiva, o dr. Raimundo Faria, que vem colaborando, eficientemente, para o bom funcionamento do SEF".

Segundo, o Chefe do Serviço de Educação Física, as modalidades desportivas no campus da UFV são, basicamente, as ideais, e, com a construção das quadras de vôleibol, basquete, das piscinas etc., o SEF estará em condições de atingir seus fins.

Mecanismo do SEF

Atualmente, o Serviço de Educação Física recebe o aluno, verifica suas condições de saúde e encaminha-o a um dos clubes (turmas de basquete, vôleibol, futebol de campo, atletismo, ginástica feminina e futebol de campo), para a verificação de suas tendências desportivas.

Uma vez verificadas, isto é, após passar o aluno pelos clubes, a equipe de professores do SEF trabalha no sentido de dar ao acadêmico melhor formação desportiva.

Para aprimorar o nível técnico dos atletas nas competições olímpicas, o Governo Federal realizou um estudo sobre os métodos de formação de representantes de 70 países (os melhores das olimpíadas), e constatou que eles vinham dos meios universitários, ou



O professor Hothorgamim Petterman, Chefe do Serviço de Educação Física.

seja, eram aperfeiçoados nas universidades, quando estudavam.

A partir daí, em medidas administrativas sucessivas, o Governo determinou a implantação das práticas desportivas e de atletismo nas universidades do País, chegando, assim, ao Decreto-Lei de julho de 1969, regulamentado pelo Decreto-Lei 69.450 de 1971.

Figura 9. Educação Física e Esporte melhoram na Universidade⁴⁰

⁴⁰ UFV Informa, ed 312, ano 6, 05/07/1974, p.4.

O Coronel Leo Ferreira de Sá Brito, Diretor da Divisão de Assistência da UFV, comenta sobre a criação do curso de Educação Física em 1975:

[...] a sua criação assegurou definitivamente, um suporte técnico e administrativo para melhor funcionamento das atividades físicas na UFV, que objetivam o equilíbrio e a saúde do corpo e aptidão da educação física para ação e o desenvolvimento dos valores morais. A Universidade Federal de Viçosa, através do Departamento de Educação Física esta totalmente integrada ao Plano Nacional de Educação Física e Desportos. (...) este Plano visa melhorar a situação atual do universo esportivo brasileiro, apoiando os grandes programas e projetos que abrangem três áreas da educação: educação física e desporto estudantil, desporto de massa e desporto de alto nível. (UFV Informa, 28/10/1976)

Nas narrativas este contexto emerge quando as entrevistadas relembram da disciplina imposta pela UFV, sobretudo com relação aos estudantes que praticavam esportes.

[...] na década de 1970 as coisas eram complicadas. A Ditadura era brava e tínhamos um coronel que vigiava e usava um binóculo. Na época, a Divisão de Assuntos Sociais tinha um policiamento fechado e existia um coronel no sentido lato da palavra. Ele era um coronel. Ele avisava o professor sobre quem havia chegado atrasado, tinham denúncias... O cara era meio rigoroso. Para mim, ele era desequilibrado – como todo mundo da Ditadura –, era um ditador sim, fechadinho, fechadinho. Ele era quem não permitia que ninguém do Departamento de Educação Física fosse chefe. Ele nomeava alguém de outros departamentos para chefiar o Departamento e isso foi um atraso muito grande, uma perda muito grande. [...] O coronel era responsável por essa parte de disciplina da Instituição como um todo, mas, não sei o porquê, o foco dele era aqui. [...] Ele tinha uma resistência muito grande à Educação Física. Alguns dos nossos professores queriam que a gente dedurasse e prometiam as coisas. A B. e a R. chegaram a receber proposta de Bolsa Alimentação em troca de elas fazerem esse tipo de coisa. Quando a gente saía para jogar e tinha um comportamento não desejável, tinha alguém para dedurar. Quer dizer, não desejável para ele, porque pra gente não tinha nada de mais. (Entrevista I)

Nós vivemos uma fase onde tudo era proibido. Era o AI-5, a gente não tinha liberdade de expressão; não tínhamos liberdade de nada. Nós passamos por essa repressão. Eu tive essas dificuldades. Na época, o filho do Governador estudava aqui, mas ninguém sabia. Tinham os seguranças... A repressão era a toda hora. Era tudo muito difícil. Tudo muito difícil e como meu pai era advogado da Universidade, a gente percebia muito isso: aquela pressão, as reuniões fechadas... Você não tinha a liberdade que tem hoje. Se o professor falasse com você, você tinha que ficar calado e não podia retrucar. A gente sofria, naquela época, com uma série de professores. [...] As meninas viajavam junto com os meninos, mas tinha um detalhe: os homens tinham que ficar de um lado e as mulheres, do outro. Nós não podíamos sentar junto com os meninos. O técnico era quem ficava responsável. Até que um dia meu noivo falou assim: “Ela vai comigo, porque somos noivos”. Foi por isso que

ele permitiu, mas as mulheres não podiam sentar com os homens. (Entrevista IX)

As narrativas falam também da aproximação do coronel com o curso de Educação Física e com os estudantes que praticavam esportes. O coronel enquanto uma figura de destaque na instituição é apontado como um dos motivos da não aceitação da Educação Física pelos outros cursos.

Nesta época, de modo geral, a própria Educação Física já era a atenção da Universidade. Em termos de crítica mesmo. Parecia que o pessoal não aceitava muito o povo da Educação Física. Existia, na época, um coronel e a Universidade inteira não gostava dele. Mas ele tinha uma atenção tão grande com a Educação Física... Eu não tenho certeza, mas eu acho que ele foi um dos fundadores do curso. Ele ia sempre à Educação Física, participava das reuniões... E isso dificultou muito. Por isso, foi muito difícil a aceitação pelos outros cursos. No final eles nos aceitaram. (Entrevista VI)

Se por um lado o Decreto elege a Educação Física obrigatória como prática disciplinadora de corpos, por outro instala um novo momento para o esporte universitário praticado por mulheres neste campo tradicionalmente de domínio masculino. A prática da Educação Física no ensino superior, de acordo com o Decreto, deveria ser realizada por meio de clubes universitários⁴¹, criados segundo modalidades desportivas ou atividades físicas afins, e deveriam estar filiados à Associação Atlética da respectiva instituição. No caso da UFV à LUVE. Caberia aos clubes - dirigidos pelos estudantes e supervisionados pelos professores de Educação Física contratados pela instituição - o desenvolvimento de atividades esportivas.

Ao matricular-se na universidade o/a estudante imediatamente filiava-se ao clube/modalidade de sua “preferência”. Deste modo, as mulheres da década de 1970 inseriram-se de maneira mais perspicaz nas práticas esportivas universitárias viçosenses, demarcando o caminho anteriormente preparado para elas pelas estudantes da ESAV e da UREMG. Obviamente, à elas não era permitido escolher a modalidade esportiva de sua preferência. As estudantes eram direcionadas àquelas práticas esportivas que não desorganizavam a coerência entre características sexuais, de gênero e o esporte adequado, prevista pelos discursos militar, médico e androcêntrico expressos na resolução já citada do CND de 1965.

⁴¹ Cabe aqui uma explicação: os clubes esportivos se diferenciam dos Clubes que serão citados posteriormente. Os primeiros estão relacionados com as modalidades esportivas, os segundos com o grupo formado por todos os estudantes esportistas do mesmo ano de ingresso na UFV.

Neste sentido, nos anos de 1970 a participação de mulheres no esporte universitário viçosense dá continuidade àquele processo iniciado na ESAV se concentrando nas modalidades de voleibol e natação.

Só que não tinha outra modalidade. Para mulher não; era só aquilo (voleibol) e natação, mas natação era disciplina obrigatória para outros cursos e quem praticava eram as professoras e pouquíssimas alunas. Se eu me recordo, era apenas uma menina da Economia Doméstica que nadava. O restante eram os professores da UFV... Se eu quisesse jogar vôlei em outro lugar não existia. Não tinha vôlei em outro lugar. Não tinha essa abertura na LUBE. Não existia, em momento algum, na universidade abertura para outras pessoas de fora jogarem aqui dentro e nem lá fora não tinha nada, não aparecia nada. Não tinha praça de esportes... Tinha clube, mas não tinha esporte para mulher em lugar nenhum. Era coisa de “doido”. A vontade era de pegar um ônibus e ir embora. (Entrevista I)



Figura 10. Aula de Natação - 1975⁴²

Nós fazíamos natação onde fica o barzinho do DCE (Diretório Central dos Estudantes). Às 7 horas da manhã, com aquela cerração, e nós estávamos de maiô fazendo natação. Quando a Educação Física começou a evoluir, as competições de natação eram assistidas por muitas pessoas. Nós, mulheres, transmitimos para a Universidade uma visão completamente diferente das modalidades esportivas e da importância da nossa participação ali. A partir daí, tudo passou a ser em função de nós. (Entrevista VI)

⁴² Acervo pessoal de uma das entrevistadas.

As narrativas acima expressam uma situação comum à época. Na década de 1970 existiam duas possibilidades para os estudantes que desejassem praticar esportes na Universidade: as aulas de Educação Física obrigatória ministradas pelos professores e professoras contratados e as equipes ou clubes da LUVE.

A natação e o voleibol eram modalidades oferecidas para o cumprimento do Decreto-Lei na educação superior. Contudo, aquelas estudantes que chegavam ao esporte universitário pelo caminho da prática em Clubes Esportivos de suas cidades, como Belo Horizonte e Juiz de Fora, ou com grande experiência pela prática da modalidade da escola - como mostrei anteriormente - apresentavam um nível técnico elevado. Ao se inscreverem nos clubes/modalidades da universidade não encontravam um espaço de treinamento junto às equipes femininas, pois as atividades físico-desportivas para mulheres apresentavam, até 1975, um caráter mais recreativo e não existia um número suficiente de estudantes para formar um clube.

Havia alunas da UFV que tinham aulas de Educação Física nas quadras em frente ao prédio principal. Sempre tinha muita gente participando. [...] Então eu lembro muito da presença deles, mas não sei dizer como era a sua participação no esporte, sei que tinha poucas mulheres. [...] Eu acredito que as mulheres também praticavam esportes, mas como era diferente, eu não sei dizer como isso acontecia. Eu acho que o incentivo que o próprio Governo dava para a prática do esporte e, a UFV, tendo contratado professores, tanto a administração da UFV quanto os alunos e esses professores deram muita importância a isso na época. Por causa disso, teve uma motivação muito grande para a prática de esporte. A gente sabe que não deviam ser tantas mulheres que participavam fora das aulas de Educação Física, mas tinha sempre aquele grupo que, como eu, participava de muitas modalidades. Eu acredito que não tenha sido um número muito grande. (Entrevista V)

Algumas narrativas falam sobre a dificuldade de montar equipes para os esportes coletivos, pois muitas vezes o número de atletas era insuficiente.

O que eu me recordo muito, pelo fato dessa participação ter sido mais intensa, é que não tinha muita mulher. Nas turmas havia muito mais alunos do que alunas. Eu brigava e obrigada muito minhas colegas a participarem. Além disso, eu tinha que estar em todas as equipes para completar o número de jogadoras. E como a gente já era um número reduzido, ficava mais reduzido na participação no esporte. Eu me lembro de um dos jogos estudantis em que eu obriguei uma colega a participar. Ela participou de uma prova e na hora em que ela terminou aquela prova, ela trocou de roupa, foi embora porque ela havia saído da piscina, trocado de roupa, e eu corri atrás dela porque a gente ainda tinha uma prova de revezamento. Ela nem lembrou que existia revezamento. Ela não sabia nada. A gente fazia assim: de manhã participava de uma prova, à tarde participava de outra, à noite participava de outra... Era realmente uma participação muito grande e, com isso, eu vivia muito o esporte. (Entrevista V)

As narrativas vão costurando as lembranças da participação de mulheres nos espaços esportivos, orientando a compreensão de como as relações de gênero engendraram-se na instituição.

Fui para dar aulas de Educação Física, pois em 1971 o governo baixou uma lei obrigando todos os níveis escolares à prática da atividade física. Foi uma fase histórica, já que a única turma feminina na época era da Economia Doméstica, (poucas meninas) e, aparentemente, não participavam das atividades físicas. Ao chegar comecei a dar aulas de ginástica para os alunos da pós-graduação e handebol para os alunos da graduação. Quando as meninas começaram a freqüentar as aulas de natação ou ainda iam para a pista de atletismo era muito comum ver os meninos debruçados na cerca destas áreas para olharem e paquerarem as meninas, era muito engraçado! (Entrevista VII).

Só jogava quem realmente queria. Tinha também alunas de outros cursos, não era proibido, não tinha discriminação nenhuma. Era quem se disponibilizava a treinar fora do horário de aula. (Entrevista IV)

O *fora do horário* se caracteriza como uma atividade a mais na rotina das estudantes. Deste modo, a vida esportiva para mulheres dependia em larga medida do desejo delas em praticar esportes e da disponibilidade de tempo fora das aulas obrigatórias de Educação Física. Cabia à instituição garantir práticas físicas que promovessem o bem estar e a saúde da estudante, já a prática esportiva em si não era estimulada suficientemente para envolver um número expressivo de mulheres.

Para Deive (2005), o ideal vitoriano de feminilidade associado à fragilidade, passividade, graça, beleza, entram em conflito com as imagens sociais do esporte competitivo como a agressividade, proeza, vigor. Desta forma, as representações sociais posicionam os sujeitos nas práticas esportivas. Assim, o espaço esportivo universitário se organizou em consonância com as representações e discursos da época: à elas ginásticas, à eles esportes.

O espaço esportivo feminino estava restrito às aulas de natação e voleibol como já destacado. Mecanismos institucionais encarregavam-se de regular estas práticas. Observem que para jogar era necessário treinar fora do horário das aulas de educação física obrigatória. Existia uma diferenciação entre as aulas de educação física obrigatória - destinada à todos os estudantes - e a formação das equipes da LUVE. Portanto, grande parte das estudantes não era encaminhadas às equipes, já que esta era um espaço de reserva masculina.

Todavia, as narrativas iluminam uma situação que pode ser compreendida enquanto uma estratégia de algumas mulheres para permanecerem ou se infiltrarem no esporte competitivo. A prática do atletismo, que não prescindia de formação de equipes, torna-se um meio de inserção de mulheres na LUVE.

4.3. A Liga Universitária Viçosense de Esportes: LUVE

A Liga Universitária Viçosense de Esportes /LUVE foi fundada em 05 de abril de 1962, sendo reconhecida como órgão máximo de representação das atividades esportivas da UREMG. Desde sua fundação constitui em um espaço de sociabilidade para as mulheres e homens envolvidos com os esportes na Universidade.

A primeira diretoria foi composta por seis membros, sendo a segunda secretária e a segunda tesoureira, Alcélia Fernandes Peixoto e Marlene Vieira, respectivamente. Nos quarenta e oito anos de história da LUVE, a presença de mulheres na diretoria, transitou, especialmente, entre os cargos citados. Todavia, a partir de 1975, as mulheres assumiram outras funções, especialmente nas diretorias das modalidades de atletismo feminino, vôlei feminino, handebol feminino, basquete feminino e natação feminina.

A inserção de mulheres atletas filiadas à LUVE foi gradativamente aumentando a partir da metade dos anos de 1960. Inicialmente restringia-se às estudantes da Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD), que congregava algumas mulheres em sua Associação Atlética Acadêmica. A estas pioneiras cabiam “abrilhantar” os eventos organizados pela LUVE e a função de porta bandeira nos tradicionais desfiles de abertura das Olimpíadas Internas da UREMG.

A LUVE organizou de 1963 a 1967 estas Olimpíadas Internas que com a federalização da UREMG em 1969 recebe o nome de Jogos Universitários de Viçosa - JUV's. Os tradicionais desfiles de abertura desses Jogos eram muito organizados, com presença da Banda de Música, autoridades, hasteamento das bandeiras, fogo simbólico juramento do atleta e comissão julgadora. Sob a égide do congraçamento entre as equipes, estes Jogos reuniam no mês de abril os Clubes esportivos - formados pelos estudantes da Universidade - e os atletas da LUVE, solidificando a cada edição as representações sobre o esporte e sobre a participação de homens e mulheres neste cerimonial.

A I Olimpíada Interna da UREMG em 1963 contou com a presença do Governador, da Banda Nacional e autoridades locais. Em documento consultado, os dirigentes da LUVE descrevem como deveria ser o desfile de abertura dos Jogos:

[...] haverão dez participantes de cada clube, mais vinte e cinco moças [...]
Em 1º lugar irá a Diretoria da LUVE, em 2º (segundo) os clubes e moças, em quarto Agrotécnicos e quinto operários. Deverá ter no mínimo quinze elementos para cada clube. (Ata de 15/03/1963, LUVE)

Podemos observar no trecho acima que com o documento a Liga estabelece a separação entre *clubes e moças*, instaurando na LUVE um lugar de sociabilidade masculina. Foi preciso esperar mais de uma década para que os dois grupos se integrassem no espaço LUVE.

A ABERTURA DAS IV.^{as} OLIMPIÁDAS INTERNAS DA UREMG FOI UM ESPETÁCULO COLORIDO QUE MOVIMENTOU VIÇOSA

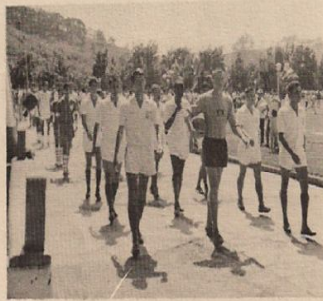
Com a presença do Magnífico Reitor, Prof. Edson Potech Magalhães, Diretores, Professores, Funcionários e Estudantes da Universidade Rural, além de grande massa popular, realizou-se, no dia 20 do corrente mês, na UREMG, a Abertura das IV.^{as} OLIMPIÁDAS INTERNAS DA UREMG, com a participação de atletas filiados aos mais dife-

rentes esportes.

O desfile, que contou com o decisivo apoio da Reitoria e a colaboração da Banda de Música da Universidade Rural, foi organizado e dirigido pela LUVÉ (Liga Universitária Viçosense de Esportes), órgão que congrega tôdas as atividades esportivas da UREMG.



Representação do Clube Carcará, formado pelos primaristas da UREMG.



LUVÉ: atletas de tôdas as modalidades de esportes.



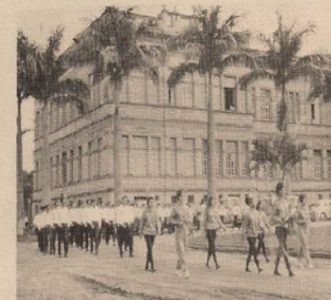
Clube Pingüim, integrado por estudantes das terceiras séries das diversas escolas da UREMG.



Clube Bafo da Onça: Engenheiros-Agrônomos de 1966.



Agro-Técnico, pré-universitários e alunas do Curso de Administração do Lar.



Clube Bafo da Onça: Engenheiros-Agrônomos e Bacharelas em Ciências Domésticas de 1966.

Figural 1. Desfile de abertura das IV Olimpíadas Internas da UREMG - 20/04/1966⁴³

⁴³ Informativo UREMG, ed.9, 04 de 1966, p.1-2



Clube Berimbau: segunda nistas da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

"Juramento do Atleta": em primeiro plano, a Diretoria da LUVE; à esquerda, equipe da APUREMG.

Jomar Campanha, atleta de 1965, da representação do "Bafo da Onça".



Representação feminina do esquadrão do "Bafo da Onça".



Atletas do passado acendem também a pira olímpica.



Clube Bafo da Onça, tricampeão universitário da UREMG (1963).



Uma vista geral dos clubes que participaram do desfile inaugural das olimpíadas.



Representação da APUREMG (Professores e estudantes pós-graduados da UREMG).



O Magnífico Reitor UREMG, Prof. Edson B. Magalhães, pronunciando discurso alusivo à abertura das IV.ªs Olimpíadas Internas da UREMG.

Figura 12. Abertura das IV Olimpíadas Internas da UREMG - 20/04/1966⁴⁴

⁴⁴ Informativo UREMG, ed.9, 04 de 1966, p.1-2.

As IV Olimpíadas Internas na UREMG realizadas em 1966⁴⁵ tiveram, como todas as outras, forte apoio da Reitoria sob a figura do professor Edson Potsch Magalhães. Pelas reportagens observamos a participação de mulheres, no entanto não foi possível identificar as modalidades praticadas pela “representação feminina do esquadrão do Bafo de Onça”. A figura indica que as “moças” exerceram um papel secundário que ressurgiu dez anos depois na narrativa de uma importante atleta da década de 1970:

As competições de atletismo passaram a ter um cunho mais técnico, a nossa participação foi muito maior do que em todos os tempos – como também nas outras modalidades. E isso nós mostramos através da prática e da seriedade. Com isso, todos passaram a ter uma visão diferente. Tanto é que a LUCE e a coordenação desses jogos de clubes passaram a ir atrás de nós para a gente abrilhantar a festa deles. Já que nunca tinha sido tão bonito até a nossa participação. (Entrevista VI)

Na narrativa da entrevistada o que ganha visibilidade é a “festa”, ou seja, os “jogos deles”, da LUCE. Mesmo reconhecendo o nível técnico da sua equipe, característica fundamental para os atletas e as atletas da Liga, o sentimento de pertencimento à LUCE não aparece. O que aparece é um papel menor no cenário esportivo já que eram elas que davam brilho aos jogos, num universo em que é a técnica e o vigor que são valorizados.

A V Olimpíadas Internas da UREMG, aconteceu em abril de 1967 e sua cerimônia de abertura contou com a presença do Magnífico Reitor, que ressaltou a “importância dos Jogos para o desenvolvimento da juventude universitária”. Destes jogos participaram as equipes da UREMG organizadas nos Clubes Pingüim, Carcará, Berimbau, estudantes de pós-graduação, estudantes pré-universitários e atletas da LUCE.

Nos anos de 1968 e 1969, não encontramos documentos referentes às atividades esportivas na UREMG. Neste período, a instituição passava pelo seu processo histórico de federalização. Portanto, o Informativo UREMG se transforma em UFV Informa⁴⁶.

⁴⁵ É também a partir dos anos de 1966 que identificamos uma tímida participação na modalidade de voleibol feminino. Um dos responsáveis por essa iniciativa foi Geraldo Augusto de Mello Filho, tesoureiro da LUCE, que sugeriu à diretoria a criação da categoria.

⁴⁶ A primeira reportagem sobre esportes nesse Informativo aparece em 1970 com a notícia da eleição da Rainha do Operário Futebol Clube. Desde 1937, os estudantes e os funcionários escolhiam rainhas para representá-los, elas poderiam ser funcionárias da ESAV ou mulheres da cidade de Viçosa que não mantinham vínculo com a Instituição, visto que apenas em 1940 ingressa a primeira mulher no curso de agronomia da ESAV – Eloísa Lócio e Silva.

As Olimpíadas Internas da UREMG congregavam os valores que permeavam a vida estudantil e o cotidiano da universidade, entre eles a lealdade, cooperação, solidariedade, patriotismo, honestidade, competência e sentimento de família. Os objetivos dos jogos eram reunir os estudantes universitários e os clubes filiados a LUVE, estreitar os laços de amizade que devem existir entre os estudantes universitários da UFV, contribuir para a formação cívica, moral e patriótica do universitário brasileiro, promover o desenvolvimento técnico do esporte universitário brasileiro, revelar atletas das diversas seleções da LUVE e equipes para participação nos campeonatos oficiais da LUVE.

A essência destes valores encontra-se na fundação da ESAV com o que podemos chamar de espírito esaviano. Para Barletto (2006), este espírito esaviano seria

Uma identidade cultural universitária, uma mentalidade de valores que dava coesão aos objetivos que orientaram a criação da universidade. Os professores, alunos, funcionários, que entravam para o quadro da escola, envolviam-se em uma dinâmica de relações de trabalho na qual era promovido um pertencimento que ‘ dava orgulho aos sujeitos pela grandiosidade e seriedade da instituição. (BARLETTO, 2006, p.45)

A preocupação de manter o controle disciplinar aparece de modo interessante na prática de esporte. Um ato administrativo, em 1934 proibia estudantes e servidores de “alistarem como jogadores de outros clubes da cidade” causando “prejuízos” já que a escola “mantinha um serviço de desportos como orientação técnica esportiva diferente”, além do que isso levava alunos e servidores praticarem “exercícios físicos em excesso. (AZEVEDO, *apud* BARLETTO, 2006, p.47).

Em 1972 a UFV recebe da Federação Universitária Mineira de Esportes/FUME uma declaração elogiando a conduta dos atletas da LUVE no Campeonato Universitário Estadual. Este documento ratifica a tradição disciplinar da instituição iniciada na ESAV.

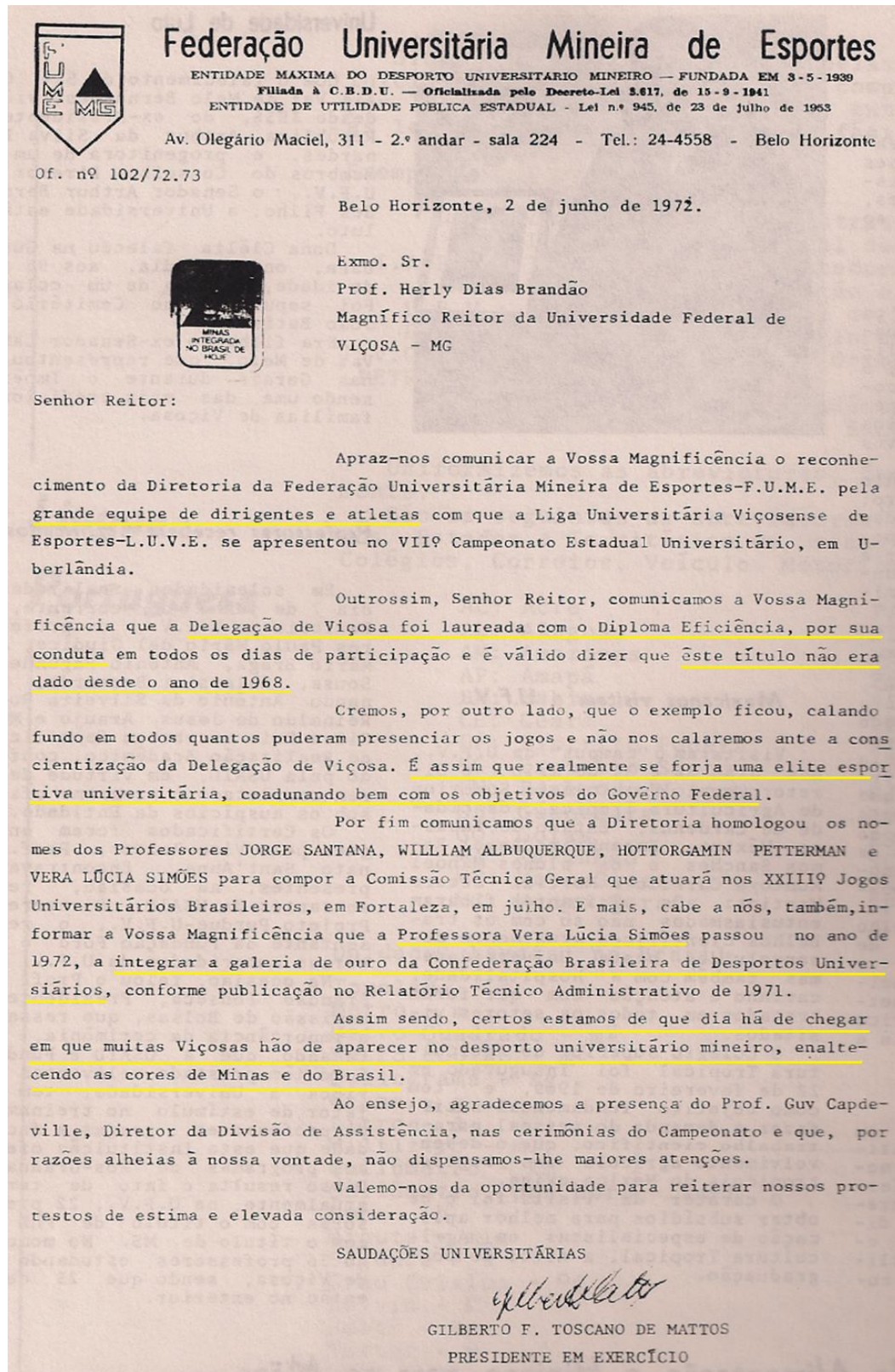


Figura 13. Comunicação da FUME à Universidade Federal de Viçosa⁴⁷.

⁴⁷ UFV Informa, ed.8, 22/06/1972, p. 8.

Dentro desta perspectiva, o esporte universitário teve a função de aglutinar atitudes, valores e hábitos compatíveis com o projeto educacional da instituição. A disciplina foi fortemente valorizada, fato que aparece também no esporte esaviano e se mantém até a década de 1970 quando afinal, começa a desmontar. Todavia, resquícios deste modo de ser e agir ainda marcam as experiências de atletas dos anos 1970.

Na época, eu acho que a gente nem parava para pensar na importância da nossa participação esportiva. Na LUCE você aprende muito a valorizar uma Instituição que você está representando e que depois, quando sair, você será um profissional e deve muito a essa Instituição. Você aprende valores, companheirismo, aprende a competir... Depois de sair da UFRJ com o diploma na mão, você vai empregar aquilo ali em algum lugar. Então você leva aquela bagagem para o resto da vida [...] Muita coisa veio dali. Por isso, eu “mirava” no meu exemplo lá de trás. Eu ainda acho que tem que ser técnico para se profissionalizar e essa bagagem “ficou enraizada” e eu carrego ainda. (Entrevista IX)

Outro ponto que emerge das narrativas sobre a memória da participação feminina nos esportes universitários viçosenses é sobre a participação de mulheres na LUCE. Mesmo ocupando cargos na diretoria, essas mulheres não estavam totalmente integradas à dinâmica da instituição. Uma das entrevistadas que no período foi secretária da LUCE, nos diz:

A LUCE, eu acho que coordenava (os jogos) e como a gente já tinha nosso time, a gente marcava um certo horário e íamos treinar [...] Eu não tive muita proximidade, mas eu sempre ouvia falar da LUCE. Ela era muito mencionada. Ela promovia, incentivava. Eu acho que a LUCE era muito importante. Eu não me lembro se tínhamos carteirinha... (Entrevista II)

Podemos observar através da narrativa que a participação de mulheres no esporte universitário se fazia sem a presença da LUCE. As atletas sabiam de sua existência enquanto entidade responsável pelo desenvolvimento do esporte na instituição, contudo, não pertenciam efetivamente a Liga.

A entrevistada II quando questionada sobre seu cargo de 2ª secretária se desfaz em risos e comenta: “Eu secretária? Nem sabia disso”.

Outra narrativa de uma importante atleta do período nos mostra que a LUCE não era uma entidade que congregava as equipes femininas e também não fazia parte da rotina esportiva das atletas. Aquelas que decidiam pela vida esportiva ainda tinham que encontrar mecanismos que assegurassem sua prática.

Eu acho que era a LUVÉ quem coordenava os jogos de Clubes. [...] Na nossa época, existia a participação da LUVÉ em alguns jogos, como no futebol de campo. Eu me lembro que eles participavam bastante. Agora, o treinamento de equipes da Universidade era apenas com nossos professores. Por exemplo, eu jogava o handebol com o professor J. , já o atletismo, muita gente treinava com o professor A., com o professor S. Eu acredito até que a própria P. é capaz de falar isso para você. Ela treinava mais com o S. do que com alguém da LUVÉ. No handebol, eu acho que, pelo fato de ser uma modalidade mais específica da Educação Física, que não é muito comum, quem treinava era o professor do curso. (Entrevista VI)

O que a narrativa expressa é a diferenciação entre as modalidades praticadas por homens e mulheres e a maneira como estavam vinculadas à LUVÉ. O futebol de campo era de responsabilidade da LUVÉ, o treinamento das equipes da universidade também. Mas, na memória da atleta o que ficou foi uma configuração do espaço marcada por gênero e justificada pela especificidade das modalidades praticadas por mulheres.

Nas narrativas o não pertencimento a Liga esportiva ancora-se também no fato de não possuírem a carteirinha de identificação da LUVÉ. Uma atleta afirma ter possuído uma carteirinha: “Eu até tive uma carteirinha da LUVÉ, mas perdi. Eu cheguei a ter uma carteirinha de atleta em um dos jogos...” (Entrevista VI). Em algumas narrativas aparece uma situação comum à época: a confecção de carteirinhas para as atletas - e também para os homens, como um passaporte para jogos entre cursos específicos fora da UFV.

Nos jogos da Agronomia, que aconteciam em Lavras, acho que se chamava “agronomíadas”, também houve uma mudança. Eles (LUVÉ) também iam com pouca representatividade de modalidades, mas depois do curso de Educação Física, ampliou, porque os alunos de Educação Física assinavam como se fossem agrônomos... [...] A inscrição foi esse J. quem fez conosco na época. Ele disse: “Me empresta uma foto que nós vamos para Lavras.” Depois vinha a explicação: “é uma Olimpíada que já acontece há muito tempo, vocês não podem dar fora. Se perguntarem, vocês são agrônomos, falem que são do segundo período” – porque, normalmente, quem vai é a turma do segundo período -, e assim foi. Era uma informação. Era um entendimento do funcionamento da LUVÉ... (Entrevistada I)

Desde a criação da LUVÉ, no início dos anos de 1960, esta era uma prática comum, inclusive, regulamentada como nos mostra um trecho da ata da instituição esportiva:

O Agro (agro técnico) participará com todos os direitos, com exceção de não poderem ser votados, mas receberão cargos de confiança. Participariam de jogos universitários, com atestado falso, dizendo que o jogador estava matriculado em curso superior. Será o máximo de direito e, será também exigido o máximo de colaboração. (Ata 3, 02/04/1962, p. 5-6, LUVÉ)

As narrativas evidenciam também como as mulheres se aproximaram da LUVE. Esta inserção se deu de maneira bastante similar com aquela observada por Mourão (2002) nas práticas esportivas brasileiras:

[...] por um processo de infiltração lenta e progressiva, na prática, sem o discurso de contestação por parte das mulheres, com as vicissitudes próprias de um movimento desse tipo; e hoje, quando se mapeia o território esportivo brasileiro, verifica-se que a mulher está presente na prática de quase todas as modalidades esportivas; e simultaneamente, assistimos a uma transformação visível das representações sociais face à sua infiltração nessa prática. (MOURÃO, 2002, p. 07).

Esta reflexão amparada pelas narrativas sobre as trajetórias esportivas de mulheres nos permitiu ilustrar como o gênero atua na LUVE delineando caminhos diferentes na trajetória de homens e mulheres. Ações institucionais de apoio negado às atletas pelo fato da LUVE valorizar as equipes masculinas pelo seu potencial, títulos, pela tradição, traduzem um pensamento fundado nas relações de gênero.

No primeiro momento, a porta já estava aberta para o masculino, porque só existia um pequeno grupo feminino. Era diferente. Eu me lembro de um jogo que ia acontecer em Ouro Preto, no aniversário da Instituição, e os meninos tinham facilidade para conseguir ônibus. Já as meninas, quando recebiam convite para jogar em algum lugar, tinham dificuldades para conseguir. Mas, antes da nossa chegada, já existia essa diferença. Nós pegamos essa diferença também, porque “eles têm mais título”, “eles têm mais potencial”, “eles têm mais”. Já vinha uma tradição. Falavam que não podiam gastar dinheiro com a gente porque não sabiam se nós tínhamos condições... Então nós tínhamos que mostrar jogo primeiro para depois pedir alguma coisa. [...] porque aqui tinham esses jogos dos agrônomos e a UFV estava sempre à disposição, quando a Educação Física queria fazer eles falavam que estava difícil e que não podia fazer. Por isso, com ou sem ajuda, a gente fretava o ônibus. Como foi a saída para BH, de trinta dias; como foi a ida para Buenos Aires, de trinta dias. Todas nós bancamos. (Entrevista I)

Nós participávamos de competições. Eu participei também das Olimpíadas Globais em Belo Horizonte, eu era do Atletismo. Não participei de nenhum esporte de quadra. Fomos representando a UFV. A UFV ajudava, mas você ir só com aquela alimentação é muito difícil. (Entrevista VI)

Mesmo que nos anos iniciais da década e 1970 a participação de mulheres nos esportes universitários tenha adquirido gradativamente visibilidade dentro da LUVE, elas ainda eram consideradas como menos capazes ou amadoras em relação aos homens, especialmente nos esportes coletivos.

Todavia, o ano de 1975 foi para as mulheres esportistas da UFV o marco de sua institucionalização. A implantação do curso de Educação Física neste ano modificou

não só o quadro feminino na LUVE, mas também o cenário esportivo universitário como um todo.

4.3.1. O curso de Educação Física e a LUVE

[...] A integração em forma de jogos já se fazia na UFV, mas foi intensificada. [...] Antes, todos os jogos (Campeonato Universitário Mineiro) eram em BH, e depois teve pólos: handebol em um lugar, basquete em outro... Aí já não era no meu tempo. No meu tempo era BH. E, às vezes, a UFV era representada somente em uma categoria. Depois, com o curso (Educação Física) a participação era em todas as categorias. Abriu um leque muito grande de possibilidades. [...] Inclusive com a chegada do curso [Educação Física] mudou até a própria participação da UFV nas Olimpíadas Globais que aconteciam em Belo Horizonte. As Olimpíadas Globais eram uma iniciativa da Rede Globo para todas as universidades. Então, representávamos a UFV. Não tinha nenhuma interferência da LUVE, a não ser a parte técnica, os atletas da Liga, que iam somar ao grupo técnico que tinha dentro da Educação Física. (Entrevistada I)

Do curso de Educação Física quem jogava handebol pela UFV era só eu. Depois que iniciou o curso, a Educação Física passou a dominar tudo. Foi onde eu acho que o pessoal teve uma melhor aceitação da gente. Antes foi difícil. (Entrevista VI)

As entrevistadas se referem a III Olimpíada Global realizada simultaneamente ao X Campeonato Universitário Mineiro em setembro de 1975. Neste ano, segundo as fontes pesquisadas, o esporte na UFV, foi bastante praticado e a LUVE representou a universidade com expressiva participação feminina. Porém, as entrevistadas não localizam em suas memórias a LUVE como responsável pelas equipes femininas, pois neste momento, a inserção de fato de mulheres na Liga ainda era algo a ser conquistado.

Eu acredito que a turma de Educação Física de 1975 transformou o papel da mulher dentro da Educação Física e dentro da UFV, principalmente em termos de esporte. Antes, o que se tinha lá, era um simples time de vôlei. As outras modalidades não existiam. Nós conseguimos fazer com que a Universidade toda tivesse uma representação completamente diferente das modalidades esportivas. Isso ocorreu devido à nossa prática, ao nosso trabalho, aos nossos estágios que todos presenciaram. Enfim, ao sacrifício da Educação Física, da mulher em si. (Entrevista VI)

A participação da UFV na



A equipe de vôlei feminino da UFV.



Vôlei masculino.



Handebol masculino.



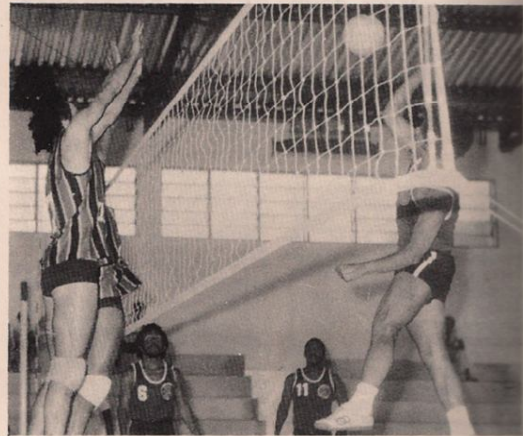
A Universidade Federal de Viçosa sagrou-se Campeã Universitária Mineira de Atletismo, na III Olimpíada Universitária Global e no X Campeonato Estadual Universitário, realizados, simultaneamente, em Belo Horizonte, de 20 a 27 de setembro último.

"Estes resultados se devem, principalmente, ao apoio da Reitoria da UFV a todas as modalidades esportivas e ao atletismo, e à dedicação dos professores e alunos empenhados nas práticas de atletismo e Educação Física, na Universidade Federal de Viçosa", diz o professor Léo Ferreira Sá Brito, diretor da Divisão de Assistência da UFV.

A representação esportiva da UFV (Luve), integrada por 40 atletas, classificou-se em quarto lugar no Desfile de Abertura da Olimpíada, obtendo o primeiro lugar entre as diversas universidades do interior. Obteve 35 medalhas e 13 récords, em diversas modalidades disputadas.

No atletismo, a UFV sagrou-se campeã masculina e vice-campeã feminina; em natação obteve o 5.º lugar feminino e o 9.º lugar masculino; em vôlei obteve o 4.º lugar feminino; no tênis de mesa obteve o 4.º lugar; no judô obteve o primeiro lugar (peso pena); terceiro lugar (peso médio) e segundo lugar (peso pesado), tendo as equipes de basquetebol, xadrez, futebol de salão, handebol e vôlei masculino atingido as semi-finais, competindo com as melhores equipes universitárias, destas modalidades, em Minas Gerais.

O professor Léo Ferreira Sá Brito ressaltou que "estas vitórias correspondem a quatro meses de treinamento, o que deixa antever possibilidades alvitreiras para o futuro, no que diz respeito ao atletismo em Viçosa. Poderemos, a curto prazo, nos constituirmos em pólo de irradiação do atletismo, em termos nacionais".



Os nossos atletas em ação.



Figura 14. Participação da UFV na III Olimpíada Global/X Campeonato Universitário Mineiro⁴⁸

⁴⁸ UFV Informa, ed.397, ano 7, 03/10/1975, p.6-7. Os Jogos aconteceram em Belo Horizonte entre os dias 20 a 27 de setembro de 1975.

Eu me lembro que as primeiras Olimpíadas Globais que nós participamos, e que é aquela foto que você tem, acho que não tinha ninguém que não era da Educação Física no vôlei, tem reserva, mas todas que estão no time são da Educação Física. (Entrevista I)

O ano de 1975 representou um momento de grande tencionamento no que se refere à participação de alunos e alunas do curso de Educação Física na LUVÉ, pois como narra uma das entrevistadas:

Na verdade, existia o medo dos outros alunos em relação aos meninos da Educação Física. Eles achavam que eles queriam “pegar”, “tomar” a LUVÉ. E qualquer iniciativa: quer “pegar”, qualquer sugestão ou proposta: quer “pegar”. [...] Para você ter uma ideia, a coisa ficou tão boba que até sobre a questão do espaço tinha briga. Falavam que a LUVÉ não podia ficar na Educação Física, que eles estavam cedendo uma sala e que, se funcionasse lá, discutiriam a respeito de quem iria pertencer... Como se fosse uma questão de posse. Existia essa bobeira também. Na verdade, antes dessas Olimpíadas da Agronomia que foi em Lavras, que a gente clareou a LUVÉ, porque aí era organização da Liga.[...] Com as mulheres isso não acontecia. Na verdade, a gente fazia assim: eles faziam, os rapazes buscavam, a gente ia... (Entrevista I)

A entrevistada se refere ao medo dos cursos já filiados à LUVÉ, e da própria diretoria, de que a entrada dos alunos “especializados” em esportes, pudesse mudar os rumos da instituição esportiva que desde sua origem estava sob o comando dos cursos da área de ciências agrárias. Contudo, o medo era com relação aos homens, as mulheres não apresentavam perigo.

A turma de Educação Física era “a” indisciplinada. Existia uma leitura para quem convivia com as meninas da LUVÉ, ficava junto com a gente o tempo todo, e uma leitura dos outros cursos ditos “sérios”, que se vestem adequadamente, que sabem entrar em um ambiente. E a Educação Física não sabia. Não sabia se vestir adequadamente, não sabia ficar em um ambiente, mas era um estereótipo para os outros cursos e não para quem convivia, como, por exemplo, na LUVÉ. Tinha os alunos dos outros cursos na LUVÉ, mas a grande maioria era da Educação Física. (Entrevista I)

Por exemplo, quando a gente entrava no refeitório, a “bandejada” era diferente. Aquele agasalho com os nomes daquele tamanho nas costas chamava a atenção de todos. Quando tinha jogo, parecia que o pessoal ia para criticar. Chegou a um ponto que eles viram que não era nada disso, que a gente levava as coisas a sério e que os alunos da Educação Física jogavam bem, se destacavam nos jogos. Muitos alunos da Educação Física se destacaram nos jogos de Clubes. Então o pessoal começou a ter uma visão diferente da gente. (Entrevista VI)

As narrativas falam também da relação entre as atletas de outros cursos e as estudantes que ingressaram na UFV nos anos de 1974 e 1975 e praticavam esportes: o Clube escorpião.

Eu me lembro da S., eu me lembro de uma reserva... Essa questão de reserva era complicada. Muito complicada. Tinha mais era reserva chata, que não aceitava. Lembro-me que eram seis na reserva; sempre foram seis. [...] Por exemplo, a primeira vez que a S. participou, ela foi titular, não foi reserva, mas ela entrou no ano da gente, ela é Escorpião. Então ela entrou com todos os preconceitos que já existiam, só que ela levou vantagem porque ela fazia outro curso; ela não fazia parte daquele grupo que treinava na cerquinha. Ela chegou junto com a gente. [...] (Entrevista I)

Eu acho que todas as mulheres que jogavam basquete, voleibol, handebol eram iguais, porque todas mexiam com esporte e a linguagem era única, a gente se respeitava. A gente considerava que quem fazia esporte era especial. Apesar de estar aberto a todo mundo, poucos participavam. A gente precisa resgatar isso, porque, quando a Educação Física entrou na UFV, era um curso com “muitos problemas” em relação aos outros cursos. A gente achava que eles tinham espaço demais, que era tudo pra eles... E quando iniciou esse relacionamento da Educação Física com os outros cursos no esporte, isso se perdeu – o ciúme. As coisas tornaram-se iguais. (Entrevista X)

Em 1976, alguns alunos e alunas do curso de Educação Física se reuniram com alunos de outros cursos e montaram uma diretoria para LUCE. Esta diretoria era composta por 22 membros sendo 06 mulheres.

O primeiro Estatuto foi feito com o pessoal da Educação Física – não existia Estatuto – era uma coisa meio que falida ali dentro. Era uma Instituição que não existia efetivamente. Então, no segundo ano, a entrada dos meninos na LUCE é que tornou tudo mais flexível, bem mais. [...] Nem esse conhecimento de LUCE a gente tinha. No primeiro ano ninguém tinha isso de se apresentar como sendo da LUCE. Antes não tinha isso. A LUCE foi esclarecida para gente pelos nossos colegas. [...] Foi justamente quando os nossos colegas homens montaram a equipe deles, que souberam da LUCE e se infiltraram. Foi uma coisa meio que invasiva. E, na nossa turma, os meninos tinham muita liderança. Lideranças fortes. A LUCE a gente descobriu depois. E acredito que foi por não termos sido recebidos pela direção, o chefe de departamento, o diretor do centro. O chefe de departamento era uma pessoa que não tinha conhecimento nenhum do nosso curso. Bastava ser um doutor para ser o chefe. Por isso, ele não se envolvia e a LUCE não nos foi mostrada logo de início. Eu me lembro que quando começaram a falar que sendo da LUCE nós tínhamos direito a algumas coisas, foi porque a D. – que tinha mania de “fuçar”, e o J., que foi quem, inclusive, “entrou de cara” e foi o primeiro a se candidatar a presidente da LUCE, descobriram e aí as coisas foram clareando. (Entrevista I)

Esta narrativa indica como a relação LUCE e estudantes de Educação Física era percebida. A não inserção imediata do grupo na Liga é justificada pela entrevistada pela ausência de um ‘chefe’ de departamento comprometido com as questões esportivas.

Contudo, reconhece que o que mudou a relação foi a entrada dos meninos do curso de Educação Física na diretoria da LUVE no ano de 1976.

Entre os anos de 1975 e 1977, a LUVE vivenciou um momento de reestruturação e também de inserção de mulheres tanto nos cargos da diretoria quanto membros filiadas. Nas narrativas este momento aparece como uma ação masculina, mas, esta pesquisa evidencia que a inserção de mulheres neste período demarca o caminho para a inclusão de outras atletas nos anos seguintes inclusive em modalidades tidas como masculinas.

Os homens já tinham uma história antes da Educação Física. Eles tinham toda uma facilidade e, novamente, nós tínhamos que construir isso. Essa construção aconteceu até porque as nossas viagens, os nossos jogos, eram nós quem pagávamos. A gente pagava para ir e para voltar. [...] Eu acho que a diferença foi a entrada, no segundo ano, dos nossos colegas homens, não entrou nenhuma mulher – também não me lembro quando começaram a aceitar mulher – e olha que eu fui professora o tempo todo. Eu não me lembro quando começaram a aceitar mulher, mas, até ali, eram só os homens que ficavam na LUVE. [...] Então, conhecemos a LUVE assim. Intrometendo-nos, invadindo – os meninos, não nós. (Entrevista I)

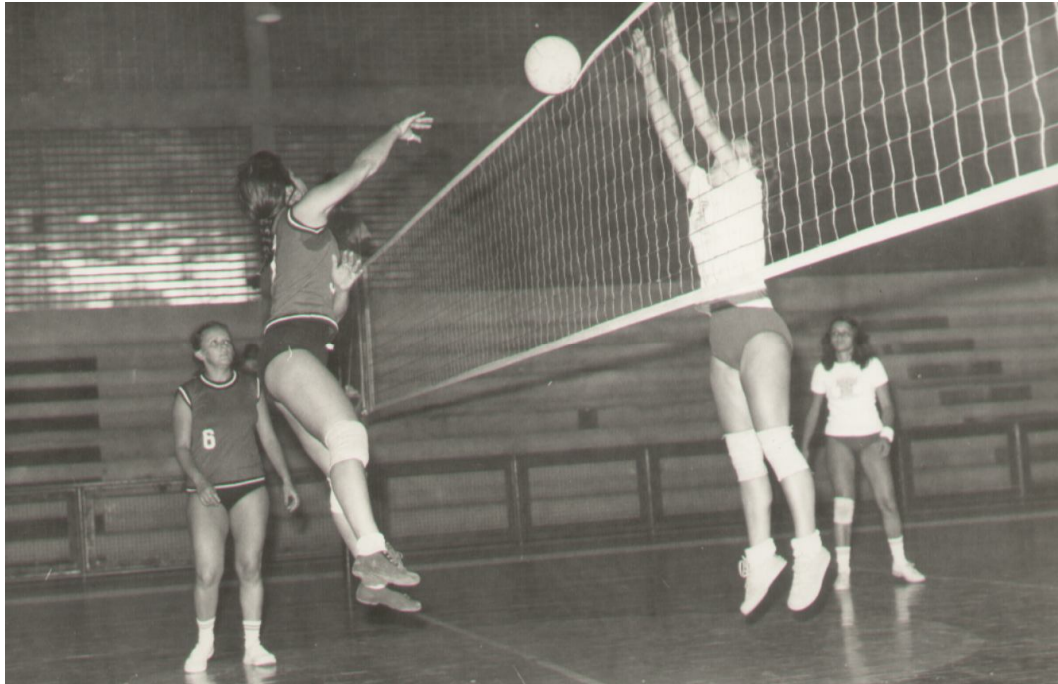


Figura 15. Jogo de vôlei nas III Olimpíada Global- 1975⁴⁹

⁴⁹ Arquivo Central e Histórico da UFV.

A partir de 1975 as equipes femininas da LUVE eram compostas basicamente por estudantes da Educação Física.

Com a chegada do curso vivenciamos uma mudança radical, mas radical mesmo. [...] Então, foi um BUM a chegada da Educação Física. (Entrevista I)

Tinham muitas meninas boas do vôlei na Educação Física. Com isso, uma foi tirando o lugar da outra. Antes, numa Universidade em que reinavam os rapazes, o centro das atenções eram elas, as meninas da Economia Doméstica. Então, o vôlei delas destacava. Quando nós chegamos, fomos abraçando tudo. No time do Escorpião, só duas não eram da Educação Física. Até o técnico era um colega nosso. (Entrevista VI)

As entrevistadas têm razão quando comentam sobre a abertura de outras modalidades esportivas para mulheres a partir do curso de Educação Física. Contudo, vale ressaltar que este “BUM” foi quantitativo, pois, antes deste período algumas mulheres já estavam filiadas à LUVE, especialmente na modalidade de atletismo e inclusive apresentavam ótimo nível técnico, como citado anteriormente.

A análise das trajetórias esportivas desmonta a essencialidade presente no arranjo das atividades esportivas praticadas por mulheres na UFV, nos mostrando outra configuração do espaço esportivo a partir de ações de vanguarda destas mulheres. Uma terceira modalidade emerge como prática feminina universitária nos anos de 1970: o atletismo⁵⁰.

4.3.2. O atletismo feminino na LUVE

Recomendações como a de 1962, nas quais os saltos em extensão e triplo não eram indicados para as mulheres já que poderiam provocar alterações na fisiologia ovariana ou mesmo deslocar os órgãos reprodutivos, atravessam os anos 1960 chegando até os anos de 1970 (MOURÃO, 2002).

O atletismo foi bem trabalhado... (Entrevista VI)

⁵⁰ No ano de 1964 Aida dos Santos foi a única mulher a compor a delegação brasileira dos Jogos Olímpicos de Tóquio obtendo o 4º lugar em salto em altura sem técnico e sapatilhas adequadas. A partir de então a modalidade torna-se cada vez mais praticada por mulheres brasileiras (GOELLNER, 2006, p. 94).



Figura 16. III Olimpíada Global, Belo Horizonte - 1975⁵¹

Mesmo com as interdições e as normatizações asseguradas pelo Serviço de Educação Física o atletismo foi um importante canal de entrada das mulheres nos esportes universitários viçosenses. Desde o início da década de 1970 mulheres praticavam a modalidade visto que muitas vezes era inviável a formação de equipes nos esportes coletivos devido ao pequeno número de mulheres universitárias interessadas na prática esportiva competitiva.

Outro ponto importante é que o nível técnico das atletas era altíssimo se comparado com as equipes de esportes coletivos. Os documentos pesquisados e as narrativas não apresentam referências sobre a participação destas equipes nos Jogos Universitários Brasileiros/JUB's, contudo, o atletismo sempre esteve presente.

A minha vida de atleta se resumiu em jogos escolares e, no máximo, estaduais, mineiros. Nada, além disso. (Entrevista V)

Eu acho que não tinha um grupo estruturado para cada modalidade na LUBE. A C. se destacava mais no voleibol, mas ela jogava handebol e basquete também. Ela fazia os três. Mas o pessoal do atletismo, esses só faziam atletismo. [...]. Se tinham grupos que se destacavam aqui, era um ou outro. Era muito pouco, mas tinha a seletiva para o JUB's. No esporte de quadra, o pessoal de Belo Horizonte e de Juiz de Fora se destacava mais. Saíam mais atletas de lá nestas seletivas. E o atletismo não. O atletismo já pegava o pessoal de Viçosa, de Juiz de Fora, de Ipatinga... Esse esporte já

⁵¹ Acervo pessoal de uma das entrevistadas.

tinha atletas de outras regiões. Na quadra concentravam mais atletas de Belo Horizonte porque eu acho que o nível técnico era melhor. (Entrevista VIII)

O professor me mandou para Belo Horizonte no período de férias e nós fomos treinar. Mas eu via que o nível das atletas de outras cidades era muito mais alto do que o meu. Havia todo aquele problema, certa preferência, com as meninas de Belo Horizonte. (Entrevista VI)



Figura 17. III Olimpíada Global -1975⁵²

Em 1972 a LUVÉ tem sua primeira representação feminina no VII Campeonato Universitário Mineiro realizado em Uberlândia e patrocinado pela Federação Universitária Mineira de Esportes/ FUME. Como podemos observar na Figura 19 o atletismo feminino obteve ótimos resultados.

⁵² Acervo pessoal de uma das entrevistadas.

U.F.V. nos jogos estudantis mineiro

Em sua participação no VIIº Campeonato Estadual Universitário, realizado em Uberlândia, no período de 21 a 27 de maio, patrocinado pela Federação Universitária Mineira de Esportes (FUME), e que teve a participação de delegações de Belo Horizonte, Ouro Preto, Itajubá, Itaúna, Gov. Valadares, Lavras, Uberaba, Divinópolis, Uberlândia e Viçosa, a U.F.V. esteve representada competindo nas modalidades de: natação, atletismo, basquete, voleibol masculino e feminino, tênis de campo e mesa, judô, futebol de salão.

Apesar do pouco tempo de preparação dos atletas da U.F.V., as equipes alcançaram bons resultados, o que valeu a 4ª colocação na contagem final dos pontos.

No desfile de abertura, coube à U.F.V. o 2º lugar na apresentação, sendo que Uberlândia se colocou em 1º lugar.

A delegação da U.F.V. foi a mais disciplinada em suas apresentações em Uberlândia, e nas competições foram usados os uniformes dos Clubes Estudantis da U.F.V. (Picareta e Alambique). Pela primeira vez a Universidade teve a participação de suas atletas do sexo feminino. O setor de Educação Física da U.F.V. foi o coordenador geral das equipes, e a delegação teve como Chefe o Prof. Jorge Santana (Chefe do Setor) e a assistência dos Técnicos: William Albuquerque, Antônio Pinto Rubim Filho, Vera Lúcia Simões e Hotthorgamim Petterman.

VISITAS

Nos dias 3 e 4 de maio, estiveram no Deptº de Zootecnia da ESA os profs. Fernando Andreasi e Noe Masotti, da Faculdade de Veterinária da Universidade de São Paulo. Os referidos professores são elementos indicados pelo Conselho Federal de Educação para estudarem "in loco", o processo de credenciamento do Curso de Pós-Graduado (Mestrado) em Zootecnia.

Dom Daniel Tavares Baeta Neves, Bispo Diocesano de Sete Lagoas, visitou, no dia 23, a ESF, da U.F.V., onde conheceu os Laboratórios de Papel e Celulose, de Fotointerpretação, de Sementes e o setor de Dendrologia, tendo demonstrado grande interesse pela tecnologia florestal. Durante a visita, Sua Excelência esteve acompanhado do Magnífico Reitor Erly Dias Brandão, do Diretor da ESF, Reinaldo de Jesus Araújo e dos professores dos setores visitados.



Colocação por modalidades:

ATLETISMO:	feminino	2º lugar
	masculino	3º lugar
NATAÇÃO:	masculino	2º lugar
	feminino	4º lugar
TÊNIS DE CAMPO:	masculino	1º lugar
TÊNIS DE MESA:	feminino	3º lugar
	masculino	desclassificado
JUDÔ:	equipe	2º lugar
FUTEBOL DE SALÃO:		4º lugar
VOLEIBOL:	feminino	4º lugar
	masculino	desclassificado
BASQUETEBOL:		desclassificado

Principais colocações individuais:

ATLETISMO:	feminino	Marta Krambeck Horn	1º lugar	400 mts
			2º lugar	800 mts
	Marita		1º lugar	200 mts
			3º lugar	salto de extensão
			3º lugar	salto em altura
		Marinalva	2º lugar	arremesso peso
		Márcia Nassu	2º lugar	arremesso disco
	Maria Dores		3º lugar	arremesso disco
		Márcia Edméia	1º lugar	revesamento 4x100
		Tercília Marita		
masculino	Jesus Leovegildo	3º lugar	revesamento 4x100	
		José Raul		
		Nilo	2º lugar	marcha atlética
		Célio K.Sacramento	3º lugar	5.000 mts
			2º lugar	800 mts
		Jorge Luís Silva	3º lugar	1.500 mts
	Marcus Lima Vieira	2º lugar	Salto em altura	
		Leogivildo	4º lugar	Salto em altura
		NATAÇÃO:		
masculino	Auro Vasconcelos	3º lugar	em 4 estilos	
		Auro	2º lugar	revesamento 4x100
		Eduardo		
	Luiz Carlos Rosalvo	2º lugar	revesamento 4x200	
		feminino	3º lugar	nado de costas 100 mts
TÊNIS DE CAMPO:	Marcus Lima Vieira	1º lugar	dúplas	
		Marco Soares		
JUDÔ:	Manoel Seito	2º lugar	por equipe	
		José Arnaldo		
		João Fernandes		
		Leopoldo Maron		
		Manoel Seito	2º lugar	médio
	Maron Alexandre	2º lugar	meio pesado	
		Leopoldo	3º lugar	meio pesado
		TÊNIS DE MESA:		
Dorinha Dalva Edméia	3º lugar	por equipe		

Figura 18. VII Campeonato Estadual Universitário- 1972⁵³

⁵³ UFV Informa, ed.8, 22/06/1972, p.8. Os Jogos foram realizados em Uberlândia de 21 a 27 de maio de 1972.

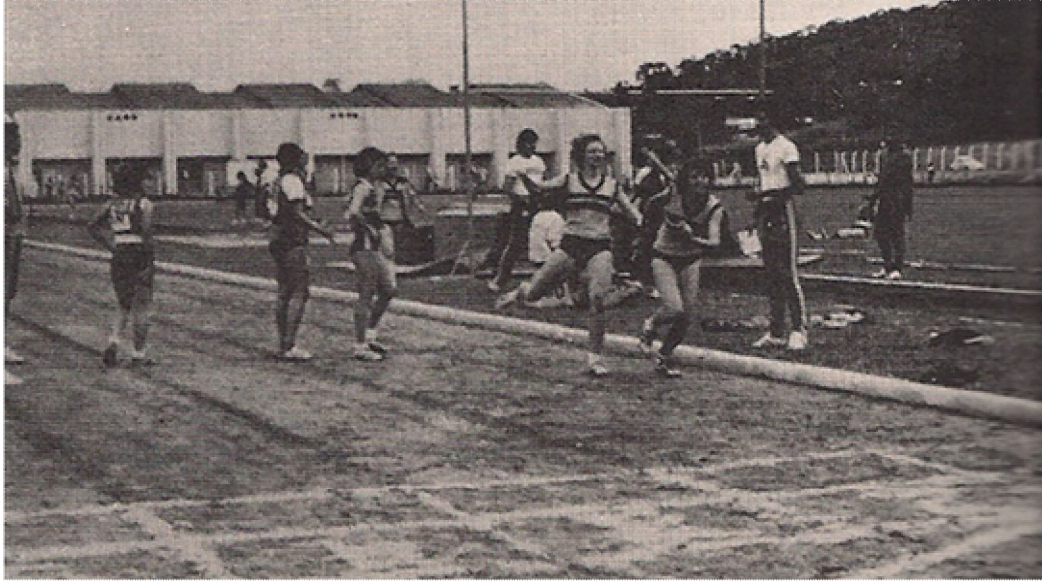


Figura 19. A passagem do bastão: vitória das atletas de Viçosa⁵⁴- 1976

O atletismo apresentou ao longo da década de 1970, grande expressividade. No final desta década as atletas já se sentiam envolvidas como membros da LUVE e a Liga apoiava de fato todas as competições. As narrativas apresentam uma diferenciação sobre a representação da LUVE a partir de 1977 no cenário esportivo mineiro e nacional, sendo que estas atletas já se encontravam envolvidas de fato com a Liga e esta mais comprometida com as equipes femininas.

Agora, como atleta de atletismo, eu viajei pela LUVE. Nós tínhamos um uniforme preto e amarelo que era da LUVE. A gente fazia uma requisição, pegava um uniforme e depois devolvia [...] Que eu me lembre, quem participou dos Jogos Universitários Brasileiros JUB's de 1977 foi só o pessoal do atletismo. Aconteceu a seletiva e saíram três atletas de Viçosa, atletas de Ipatinga, de Belo Horizonte, que juntos formaram a equipe de Minas Gerais. Nós recebemos ajuda de custo, fomos à Belo Horizonte, juntamos com a equipe toda de Minas Gerais e, de lá, a FUME fez o transporte de ida e volta dos atletas. Nós nunca viajamos por conta própria. Até os alojamentos. Quando a gente chegava já estava tudo organizado para o evento esportivo. Quando a gente ia para as competições em Belo Horizonte, a gente ficava no alojamento do Mineirão (Entrevista VIII)

⁵⁴ UFV Informa, ed.428, ano 08, 27/05/1976

Equipe Feminina da Universidade sagrou-se campeã em São Paulo



A equipe feminina e o seu treinador.

Uma representação feminina de atletismo da Universidade Federal de Viçosa sagrou-se campeã, por equipe, da XIV Volta da Cidade Universitária realizada, sábado passado, no «campus» da USP, em São Paulo. A prova, que teve um percurso de 7000 metros, contou com a participação de estudantes de cinco Estados, totalizando 420 atletas.

Em segundo lugar, classificou-se a equipe da Universidade de Brasília. A equipe da UFV estava composta pelas alunas Maria Rita de Cássia Teixeira (5.º lugar), Maria Vianey Viana (6.º lugar), Marli das Graças Júlio (8.º lugar), Sônia Maria Rodrigues (13.º lugar) e Leila Borges Medeiros (14.º lugar).

Figura 20. XIV Volta da Cidade Universitária - USP

O atletismo era uma modalidade de grande prestígio tendo a equipe feminina deste período conquistado vários prêmios inclusive nos Jogos Universitários Brasileiros JUB's e na Volta da Cidade Universitária em São Paulo como mostra a Figura acima⁵⁵.

⁵⁵ Um fato interessante é que o UFV Informa trás os dizeres "A equipe feminina e seu treinador". Contudo uma retificação é necessária esta equipe não tinha um treinador mas sim uma treinadora a professora Hildegard que também está na fotografia mas o informativo a desconsidera.

Acho que nossos bons resultados no atletismo era por causa da nossa vontade. A gente gostava tanto... Tinha a professora que também era atleta. Ela ia para a pista e dava treinamento para gente. Ela treinava também. Tanto é que participou de competições. Ela incentivava tanto a equipe masculina quanto a feminina. Ela ia para a pista mesmo. Tinha o horário de treinamento, ela largava as coisas no departamento e ia dar o treinamento. Hoje, precisaria pegar o mesmo professor com o mesmo empenho e dar o treinamento que teria uma equipe boa de Viçosa. Essas professoras foram embora no início de 1980. (Entrevista VIII)

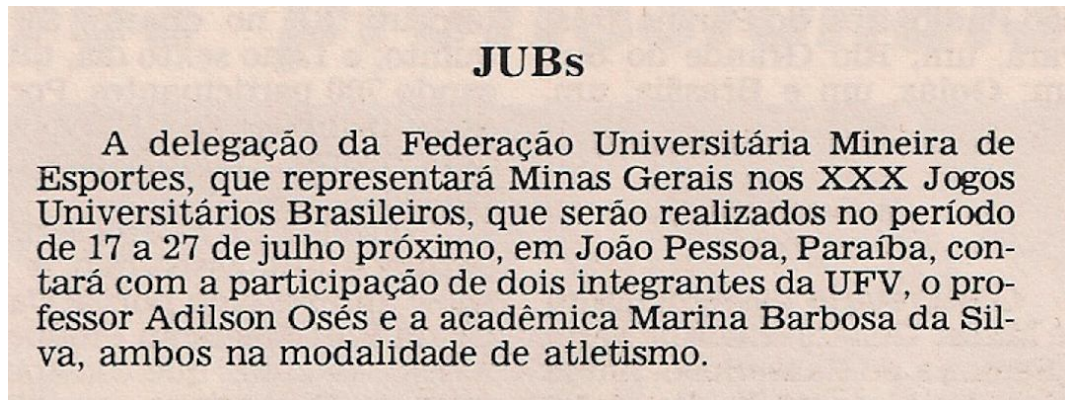


Figura 21. LUVE no JUB's⁵⁶

Na década de 1980, a LUVE passou a ser denominada de Associação Atlética Acadêmica (A. A. A). Seu principal objetivo é a difusão da prática desportiva em caráter competitivo, visando à participação em competições estaduais e nacionais. Atualmente é regida por um estatuto próprio e está vinculada à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, por meio do Serviço de Esporte e Lazer, do qual recebe alguns subsídios para manutenção de suas atividades. A LUVE é constituída por professores e alunos de graduação e pós-graduação regularmente matriculados na Universidade Federal de Viçosa, sendo sua Diretoria eleita pelos Centros Acadêmicos para um mandato de dois anos⁵⁷.

A LUVE representou um espaço carregado de sentido e simbolismo para a sociedade Viçosense e para os estudantes e as estudantes da UREMG e UFV. Pertencer a essa agremiação outrora, refletia no imaginário social um poder cultuado de forma a

⁵⁶ UFV Informa, Ed. 590, ano 11, 19/06/1979, p. 3.

⁵⁷ <http://www.luve.ufv.br>.

e levar a representação dos sujeitos, especialmente o do sexo masculino, no espaço acadêmico.

Tenho certeza que foi não só uma experiência excepcional para as mulheres como para os homens já que eles também viram e sentiram que ali estava uma mudança que viria para ficar isto é, a participação mais intensa das mulheres na vida brasileira, não só nos esportes como também nas profissões. Na verdade acho que foi um marco histórico para a vida da UFV como também, para a cidade de Viçosa, que durante muitos anos viveu à sombra desta universidade. (Entrevista VII)

4.4. Os Jogos internos

A memória é sempre seletiva e o ato de lembrar é envolto por múltiplas temporalidades que transitam entre o tempo sobre o qual é construído, o tempo sobre o qual se fala, o tempo do narrador e do ouvinte. Assim, a memória seleciona no passado as lembranças que serão atualizadas e ressignificadas no presente, pois não é possível recordar tudo. Fica o que significa, como lembra Bosi (1994). Para uma das entrevistadas:

É tão bom, é tanta coisa boa que as vezes você pode até esquecer. Mas no todo a euforia do grupo é que fica, essa lembrança é forte. É mais forte do que se você me perguntasse “lembra de alguma pessoa ou de algum fato específico?”, acho que eu não ia lembrar nunca porque isso não me tocou. (Entrevista I)

Como observa Halbwachs (2006), descrever fatos e acontecimentos não é suficiente para gerar no indivíduo a recordação. Para que as imagens se transformem em uma “consistente massa de lembranças” é preciso laços de afetividade, o “sentimento do já visto”, que atua no reconhecimento das imagens e sua atualização em lembranças. As narrativas sendo construídas por mulheres de diferentes trajetórias não apresentaram uma uniformidade com relação aos contextos lembrados. Todavia, o grupo selecionou as boas lembranças, aquelas que gostariam que “ficassem” sobre sua participação no esporte universitário viçosense. O apego afetivo a estes “momentos bons”, ou aos grupos de referência é o que permite e dá coexistência às lembranças.

As narrativas vão se apoiando em lembranças do passado, em lugares que se constituíam em espaços de grande festividade, intercâmbio de experiências, fortalecimento de laços afetivos. Um destes lugares de memória são os Jogos Universitários de Viçosa. Ao evocarem suas lembranças sobre os Jogos, as entrevistadas religaram-se por meio da memória aos seus grupos de referência do passado

materializados nos Clubes esportivos. Estes Clubes eram formados por alunos e alunas de acordo com o ano de ingresso na UFV. Deste modo, a década de 1970 era o período dos Clubes Escorpião, Redenção, Cinquentão, Furacão, Inflação, Vira-copos. Os Clubes representavam a identidade do grupo e tinham nos Jogos Universitários de Viçosa, sua expressão máxima.

Havia desfile de abertura para esses Jogos internos. Toda a comunidade acadêmica participava. Era uma festa. Uma forma de reunião de todos os estudantes da UFV. Não era o curso de Educação Física, de Agronomia, de Floresta. Era o seu Clube, era o momento quando você começava a criar raízes com seu Clube de entrada. Você ia defender o seu Clube e não o seu curso. Aquilo criava uma identidade própria pra gente. Era uma festa, porque quem não praticava esporte nenhum, participava da torcida gritando, vibrando. Era uma festa mesmo e começou dessa forma. (Entrevista IX)



Figura 22. Desfile de abertura dos Jogos Universitários de Viçosa - Clube Escorpião⁵⁸

Os Jogos de Clubes é para a entrevistada um lugar de identidade, uma forma de pertencimento, confraternização. Nestes Jogos um grupo se diferenciava do outro por meio do uniforme, da torcida, do desfile, e aqueles estudantes que não eram atletas eram

⁵⁸ Acervo pessoal de uma das entrevistadas.

agregados por meio da torcida. Como expresso na narrativa III, criavam-se fanfarras, havia premiação para a melhor torcida, era uma festa.

Cada Clube tinha a sua bandeira e instrumentos de torcida. As cores do Escorpião eram amarelo e preto. Nosso uniforme tinha essas cores e a bandeira tinha o escorpião, o pessoal ficava na batucada... Tinha uma rivalidade muito grande... Esses jogos eram muito acirrados. (Entrevista III)

As narrativas e as fotografias apresentadas condensam os significados dos Jogos e dos Clubes para os estudantes e para as estudantes da Universidade.



Figura 23. Desfile de abertura dos Jogos Universitários de Viçosa - Clube Vira-copos⁵⁹

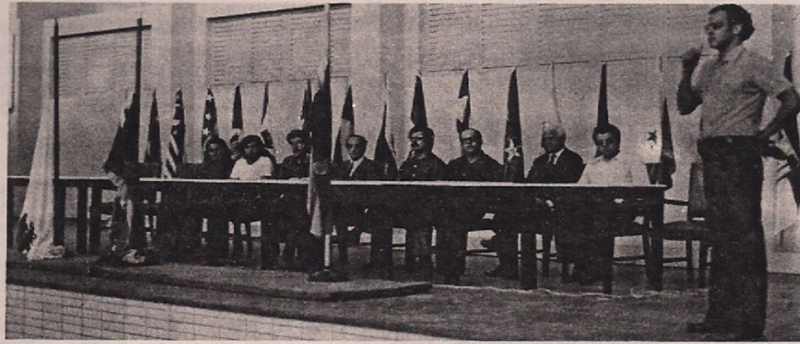
[...] Cada turma que entrava tinha um nome. Era Vira-copos, Escorpião, Cinquentão... A minha era Cinquentão. (Entrevista IX)

Outra coisa que antigamente acontecia eram os Jogos Universitários Internos. Hoje eu não sei se é dessa forma, mas cada número de universitários que entrava naquele ano fazia um Clube, o meu clube é o Escorpião. Nós tínhamos todos os anos, os Jogos Universitários Internos. O Escorpião foi privilegiado porque tinha o curso de Educação Física. [...] Eu acho interessante porque tinha o desfile das equipes, que era em volta do campo da pista de corrida. Tinha o desfile da equipe e tudo. Era bem organizado, muito bonito, era ótimo. O ginásio ficava cheio. Na época o pessoal assistia... (Entrevista II)

⁵⁹ Arquivo Histórico UFV.

Entre os anos de 1972 a 1975, durante uma semana do mês de abril, o ambiente sério e imponente da UFV cedia lugar para as festividades, cores e movimentos dos Jogos Universitários de Viçosa. Neste período, a cerimônia de abertura era realizada na antiga Praça de Esportes em frente ao prédio principal Arthur Bernardes e os Jogos nas quadras e no ginásio da nova Praça de Esportes. A cerimônia manteve até meados da década de 1970 o mesmo esplendor dos anos anteriores consolidado no tradicional Desfile das equipes, na presença da Banda de Música e autoridades da UFV, e no espírito de amizade e disciplina entre as equipes participantes.

Nono Aniversário da Revolução



Comemorando o 9º Aniversário da Revolução de 64, a Universidade Federal de Viçosa fez realizar um programa alusivo à data e que teve início dia 31 de março do corrente.

Às 11:00 horas, no pátio principal do "campus", houve o hasteamento das bandeiras do Brasil, pelo vice-Reitor, prof. Renato Sant'Anna, atualmente em função de Reitor; e a de Minas Gerais foi hasteada pelo Diretor da ESA, prof. José Brandão Fonseca, e da U.F.V. pelo acadêmico Gerson Luís Renan. A seguir, o prof. Guy Capdeville proferiu palavras alusivas ao acontecimento, enaltecendo o que representava as comemorações do 9º Aniversário da Revolução.

À tarde, do mesmo dia, houve partida de futebol, disputada entre as equipes do 4º Ano (Picareta) versus Seleção Universitária, formada por alunos dos demais ciclos da U.F.V.

No dia 6 de abril, às 20:00 horas, no Salão Nobre da ESA, foi promovido o encerramento do Seminário sobre Princípios e Prática de Arte Teatral, que foi ministrado pelo ator João Labanca, com a apresentação, pelos participantes do Seminário, de uma leitura dramática de textos de autores brasileiros, para um público numeroso que compareceu à solenidade.

Dia 8, com uma programação feita pela Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUVES), às 10:00 horas, no Ginásio Coberto da U.F.V., houve a abertura dos II Jogos Universitários Viçosenses de 1973. As solenidades tiveram início com a concentração e desfile dos atletas das equipes participantes dos Jogos: Coluni, 1º Ano, 2º Ano, 3º Ano, 4º Ano e Pós-Graduados.

A seguir, ao som do Hino Nacional, executado pela Banda de Música da U.F.V., o hasteamento

das bandeiras do Brasil, de Minas e da U.F.V., respectivamente, pelo Reitor, Diretor da ESA e Diretor da Divisão de Assistência.

A abertura dos Jogos foi feita pelo Reitor, prof. Renato Sant'Anna; o atleta Evandro Chartuni Mantovani, ladeado pela atleta Martha Krambeck Horn, conduziu o "fogo simbólico" à pira, e coube ao atleta Marcus Silva Soares, tenista Campeão Universitário Estadual, proferir o juramento dos atletas.

Logo após, foi feita uma demonstração de judô, de golpes fundamentais e lutas simuladas, pela equipe da U.F.V., orientada pelo monitor Manoel Seito.

Encerrando a Abertura dos Jogos, houve uma disputa de vôlei masculino entre as equipes do 4º Ano x Seleção Universitária.

A inauguração das novas instalações dos Gabinetes Dentários e do Laboratório de Análise d'Água, que estão em ritmo acelerado de conclusão, fazem parte das comemorações do 9º Aniversário da Revolução.



Figura 24. II Jogos Universitários de Viçosa - 1973⁶⁰

⁶⁰ UFV Informa, ed. 293, ano 8, 15/04/1973, p. 1.

Em 1975, a implantação do curso de Educação Física e a expressiva participação dos estudantes do curso na diretoria da LUVE desenharam um novo contorno para os tradicionais Jogos Universitários de Viçosa. A partir deste ano, os Jogos aconteceram principalmente nas dependências do Departamento de Educação Física da UFV. O desfile ainda permaneceu até 1977 na antiga Praça de Esportes.

Esta mudança de local influenciou, em certa medida, a construção de novos significados para os Jogos, agora não mais sob a égide do prédio principal, monumento que solidifica os ideais da instituição e sua identidade original. Os Jogos a partir de então, passam a ser “uma promoção vitoriosa da LUVE” sob a custódia do Departamento de Educação Física.

A LUVE era quem promovia os jogos internos, então isso era muito acirrado, os jogos eram super concorridos, muito concorridos. Nessa época, tinha também os jogos do 1º, 2º, 3º e 4º ano de cada curso e tinham também os pós-graduandos e professores. (Entrevista III)

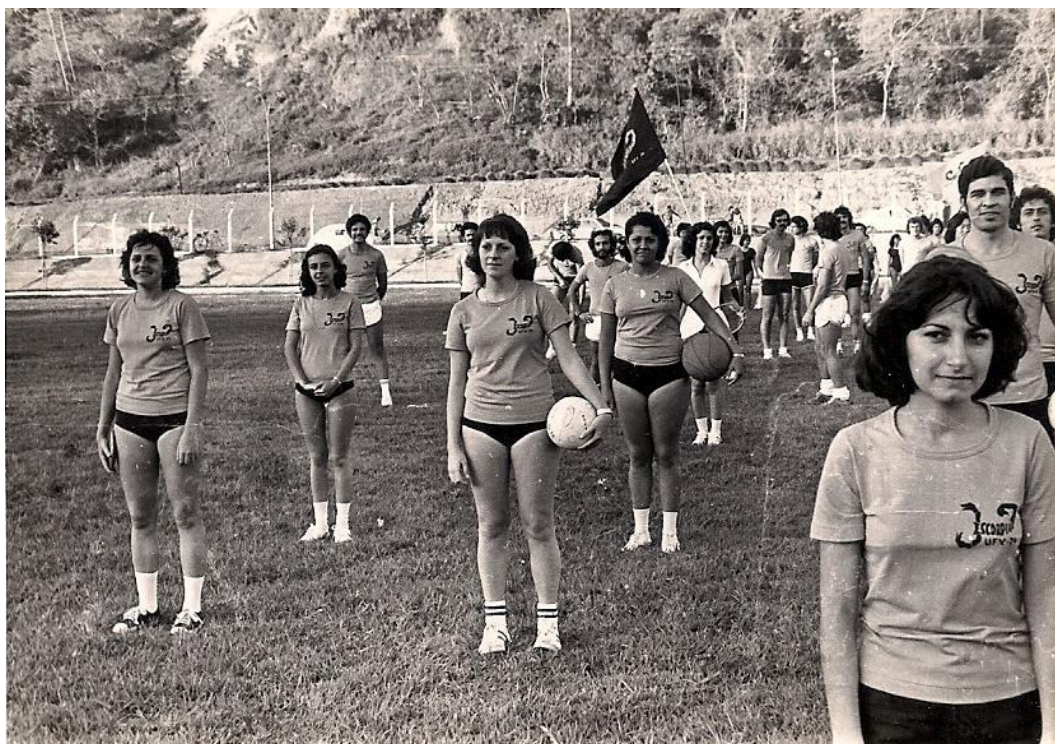


Figura 25. Formação do Clube Escorpião⁶¹

⁶¹ Acervo pessoal de uma das entrevistadas.

Jogos Universitários de Viçosa: uma promoção vitoriosa da LUV



O início do desfile de abertura dos Jogos.



A saudação aos outros clubes participantes.



Os atletas em frente ao palanque das autoridades.



Nilton Gandra conduziu a Tocha Olímpica.

Grande número de pessoas está lotando, diariamente, as dependências de esportes da Universidade Federal de Viçosa para assistir às disputas dos IV Jogos Universitários de Viçosa, que serão encerrados no próximo domingo.

Abertura oficial foi sábado, às 14h, constando de desfile das equipes representativas dos clubes filiados à Liga Universitária Viçosense de Esportes; hasteamento das Ban-

deiras do Brasil, de Minas Gerais e da Universidade, ao som do Hino Nacional; palavra do professor Eloy Gava, presidente do Conselho de Graduação e diretor da Divisão de Assistência, que falou sobre a importância do esporte no meio universitário; declaração de abertura dos Jogos pelo vice-reitor Paulo Mário del Giudice; saudação aos atletas pelo presidente do DCE, estudante Celso da Silveira; condução da Tocha Olim-

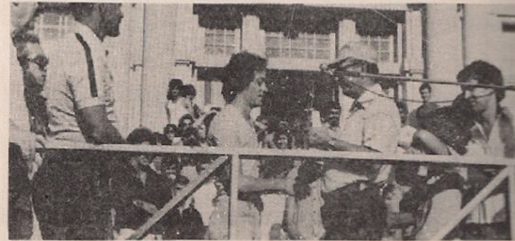
pica pelo atleta Nilton Gandra, que nos dois últimos anos conquistou o maior número de medalhas em Atletismo para a UFV; e Juramento do Atleta pelo universitário José Carlos de Paula, Campeão Mineiro de Judô.

Ao final da festa esportiva, foi divulgado o resultado do desfile. Sagrou-se Campeã a representação do Clube Escorpião, que recebeu um troféu oferecido pelos promotores dos Jogos.

A finalidade desses Jogos é reunir os estudantes universitários de Viçosa; estreitar os laços de amizade que devem existir entre os universitários viçosenses; contribuir para a formação cívica, moral e patriótica do universitário brasileiro; e revelar atletas para as diversas seleções da Liga Universitária Viçosense de Esportes, que, atualmente, ostenta o título de Campeã Mineira de Atletismo.



José Carlos de Paula faz o Juramento do Atleta.



O vice-reitor entrega o troféu ao representante do Clube Escorpião, Campeão do desfile.

Figura 26. V Jogos Universitários de Viçosa - 1977⁶²

⁶² UFV Informa, ed. 478, ano 9, 17/05/1977, p.4.

Com desfile, a abertura dos V Jogos Universitários de Viçosa



Hasteamento das bandeiras do Brasil, de Minas e da UFV.

Os V Jogos Universitários de Viçosa, promoção da Liga Universitária Viçosense de Esportes, foram abertos, domingo de manhã, com um desfile na pista de atletismo da Universidade Federal de Viçosa. Desfilaram, pela ordem, os seguintes clubes estudantis: Virakopos, Cinquentão, Inflação, Redação, Coluni, além de professores e pós-graduados.

O reitor da UFV, professor Paulo Mário del Giudice, foi representado pelo seu chefe de gabinete, Antônio Alberto Alessandro de Barros, que leu uma pequena mensagem, abrindo, oficialmente, os V Jogos Universitários de Viçosa. Entre outras coisas, ele disse: «Queremos registrar que a UFV, mais uma vez, sente-se realizada em uma de suas aspirações: fazer de seu «cam-

pus» um celeiro imenso de atletas para a glória das nossas cores».

Afirmou que «a atividade física é um meio educativo privilegiado, porque abrange o ser, na sua totalidade». Falou das obras que «vão dando forma à moderna Praça de Esportes da UFV», proporcionando aos universitários a prática de várias modalidades desportivas e recreativas.

O estudante Marco Barbosa fez o «juramento do atleta», com todos repetindo: «Juro que vimos aos V Jogos como concorrentes leais; respeitamos os seus regulamentos, com desejo de tomar parte deles, com espírito de cavaleirismo, para honra do nosso País e glória do nosso esporte». O universitário Carlos Alberto fez a volta olímpica com a tocha, e acendeu a pira.



Figura 27. V Jogos Universitários de Viçosa - 1978⁶³

⁶³ UFV Informa, Ed. 547, ano. 10, 21/09/1978, p. 4.

Observamos, a partir das reportagens, que a Universidade esforçou-se para manter os objetivos de formação moral e cívica dos seus estudantes por meio da prática esportiva ao longo da década de 1970. Contudo, a medida que os Jogos e o treinamento das equipes passaram a ser de responsabilidade exclusiva da LUCE estes ideais vão se diluindo no interior da instituição esportiva.

No final dos anos de 1970, os ventos de redemocratização do país chegam a Viçosa e abalam a organização do esporte universitário. Vale lembrar que era o Governo Militar que incentivava o esporte universitário nesta época. Entre os anos de 1979 a 1982 as páginas do caderno de atas da LUCE estão em branco. Uma nota explicativa diz que as atividades estavam paralisadas devido a irregularidades jurídicas⁶⁴. Neste período não foram realizados os Jogos Universitários de Viçosa.

A lembrança dos Jogos imprime nas narrativas um colorido diferenciado. As imagens do ginásio cheio, da torcida, da fanfarra, das equipes e das disputas acirradas passeiam pela memória das mulheres entrevistadas.



Figura 28. III Jogos Universitários de Viçosa. 13 a 17 de outubro de 1976⁶⁵

⁶⁴ Ver anexo IV, doc .

⁶⁵ Acervo pessoal de uma das entrevistadas .Da esq. para a dir.: Rubio, Marlene, Sônia, Consolação e M^a das Dores. (agachadas) Eliane, Beth, Dina.

O ginásio ficava cheio. Um provocava o outro. Era uma confusão. Então, todos os jogos eram importantes. Era uma afirmação para a gente. Não tinha essa ideia de orgulho. A gente participava por prazer... (Entrevista IV).

Após narrarem os eventos no ginásio as entrevistadas lamentam a situação atual do esporte universitário viçosense. Como comenta Bosi (1994), há algo na configuração do espaço que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com os outros. Esse relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência. Neste sentido, para aquelas que continuaram em Viçosa as lembranças das transformações do antigo cenário esportivo geram um sentimento nostálgico.

Eu sempre tenho essa lembrança do ginásio, daquele tanto de gente, da gente jogando, ensaiando músicas para cantar. Foi uma fase muito importante para a minha vida, para a minha formação. Era uma coisa sadia, eu me relacionava com pessoas que também tinham os mesmos pensamentos, naquela época a gente não tinha tanto problema com drogas e bebidas. Eu acho que os relacionamentos eram muito mais sadios. Eu encaro que foi muito importante para mim. Eu já joguei naquele ginásio lotado de pessoas – nesses Jogos Universitários. Era muito interessante, as torcidas se organizavam, tinham pessoas que iam fantasiadas, levava fanfarra, no meio do jogo eles desfilavam fazendo gestos, com coreografia, e a gente morria de rir. Eu vi muito isso nos Estados Unidos. O pessoal era muito envolvido numa competição, uma coisa sadia, alegre. Eu sinto muita falta disso, porque isso morreu... (Entrevista II)

A memória sobre a participação feminina nos esportes universitários viçosenses transita por este lugar de memória delineando um espaço e os modos de atuação de mulheres neste universo nos anos de 1970.

[...] Tinham os Jogos Universitários e tinha bastante mulher. Não era muito pouco não. Eu acho que não tinha mulher no futebol de salão. Eu não me lembro no futebol de salão, mas, nas outras modalidades eu me lembro. No atletismo e na natação havia bastante mulher. Pela época, a participação era boa. (Entrevistada V)



Figura 29. Comemoração da Equipe, tristeza da torcida ⁶⁶

Nós não fomos a primeira equipe feminina (de vôlei). Mas, era muito gratificante. Era bom “demais da conta”. (Entrevistada I)

Ao lembrarem-se da participação de mulheres nos Jogos Universitários as entrevistadas cruzam enredos sobre a formação das equipes femininas dos Clubes, a seleção para as equipes da LUVE, e suas relações com as outras equipes da instituição.

Nas narrativas a ideia de que não existiam barreiras para que mulheres de outros cursos ingressassem nas equipes dos Clubes é justificada por uma entrevistada:

No início, nós pensamos em convidá-las, mas foi como uma afronta. Convidar pra quê se já existe? [...] Vôlei era todinho Educação Física. A única que não era da Educação Física e era titular, era a S. Em 1975 o time feminino não tinha mulheres de outros cursos, mas em 76 e 77 tinham. Por exemplo, quando criou o curso de Educação Física, criaram também o curso de Pedagogia, Letras, Administração, Economia – e S. era desse curso –, mas o número de mulheres que vinham desses cursos ainda era pequeno. Pelo menos ninguém vinha até a LUVE. Era comum entre a gente: se alguém via, em algum canto, uma pessoa praticando algum esporte, a gente já chamava. Para nós era diferente. Não tinha esse muro: Educação Física e outros cursos. Se joga, a gente quer ganhar, a gente quer somar. Mas, dos

⁶⁶ Acervo pessoal de uma das entrevistadas.

times que já existiam, o “inverso” não era verdadeiro. No caso dos que foram chegando, a mentalidade era outra. Mas as que estavam aqui, quando nós chegamos, não se aproximavam. (Entrevista I)

A entrevistada fala da formação da equipe de voleibol no ano de 1975. Ela explica que até pensaram em convidar as meninas que treinavam na antiga Praça de Esportes, mas convidar para quê se o time delas já existia. Desta antiga equipe apenas duas mulheres foram incorporadas às equipes da LUVE.

Em outras modalidades, como handebol e basquetebol a situação anterior era recorrente. O número de atletas de outros cursos nas equipes dos Clubes era reduzido. Desta maneira, acabavam por determinar a configuração das equipes da LUVE, pois eram dos Jogos Universitários de Viçosa (jogos entre os Clubes) que saíam os atletas para comporem as equipes da Liga. Assim, na década de 1970 a maioria das atletas da LUVE eram estudantes do curso de Educação Física.



Figura 30. Equipe de Handebol do Clube Escorpião⁶⁷

⁶⁷ Acervo pessoal de uma das entrevistadas.

Os Jogos, o ginásio, a LUVE e a antiga Praça constituem-se em núcleos de lembranças sobre a participação de mulheres no esporte universitário em Viçosa. Por meio deles outras lembranças vão emergindo tecendo uma grande teia de recordações nas quais a identidade do grupo se inscreve.

4. 5. Outros jogos

Para mim, ser mulher atleta foi uma história diferenciada. [...] Todas as vezes que eu ia para o saque a torcida da Educação Física ficava gritando. Eles gritavam “explosão”, “bomba atômica”... Era muito gratificante para mim; embora eu entendia que, para muitos: “isso não é mulher”, “de onde vem essa força?”. . (Entrevista I)

O esporte universitário viçosense constituiu-se nos anos de 1970 em um campo de disputas traduzidas nos acirrados Jogos entre os Clubes, na concorrência pela captação de patrocínio entre as equipes femininas e masculinas, e também disputas em torno de representações de feminilidade, masculinidade e de produção de identidades. Neste espaço esportivo, circulavam múltiplos sentidos, símbolos, subjetividades, representações, discursos e poderes que regularam de diferentes maneiras os grupos, instituindo lugares sociais a serem ocupados por uns e não por outros.

As experiências expressas nas narrativas das mulheres entrevistadas são atravessadas por relações de poder que as localizam em determinados lugares nos quais foram construídas suas subjetividades e as maneiras pelas quais se percebiam e eram percebidas pelos outros grupos. Utilizando-se de diferentes estratégias elas negociaram tacitamente lugares na instituição esportiva ocupando diferentes posições de sujeitos.

Nesta análise utilizo o argumento teórico de Foucault (1977) que considera os discursos como meio privilegiado de ordenar e normatizar as práticas sociais. Através dos discursos reguladores e normatizantes as práticas culturais posicionam os indivíduos, direcionando suas experiências e produzindo sujeitos específicos. Para o autor, nossas experiências subjetivas são reguladas por princípios de normalidade e anormalidade, do que é lícito e ilícito garantidos pelo saber, pela ciência e pelas relações de poder que se estabelecem entre os grupos.

O poder para Foucault (1977) não é entendido como um sistema geral de dominação, coerção, violência ou sujeição exercida por um elemento ou grupo sobre outro, mas antes, “[...] como a multiplicidade de correlações de força imanente ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de

lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte [...]” (FOUCAULT, 1977, p. 88).

Neste sentido a LUVE foi um espaço no qual circularam jogos de poder fundamentados nas relações de gênero. Os discursos de feminilidade e masculinidade presentes na instituição e no espaço esportivo universitário como um todo, engendraram relações posicionando os sujeitos.

Estes discursos se inscrevem nos corpos produtores e produtos das relações que o significam. Corpos pensados a partir da divisão naturalizada em um esquema binário de implicações hierarquizantes e assimétricas (BOURDIEU, 1995). Corpos marcados pelas práticas discursivas que os nomeia, classifica, ordena, exclui ou inclui. Para Louro (2004), “Não há corpo que não seja desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos dos dispositivos e das tecnologias. (LOURO, 2004, p. 81)

Deste modo, os corpos são organizados não pela diferença biológica ou anatômica em si, mas sim, pelos múltiplos discursos de normalidade (feminilidade e masculinidade) construídos em torno desta diferença. Segundo Scott (1990), o desafio é, portanto compreender como a biologia opera essas diferenças hierarquizando as relações e posicionando os sujeitos socialmente. O conceito de gênero seria então uma maneira de indicar construções sociais de papéis adequados a mulheres e homens. Uma forma de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas. Gênero é, portanto uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Para Louro (1997),

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de papéis masculinos e femininos. Papéis seriam basicamente padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista. Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e feminilidades como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros (LOURO, 1997, p. 23-24).

O campo teórico no qual esta pesquisa foi construída rejeita a idéia de uma identidade única, estável, fixa denominada “mulher” sobre a qual vão sendo adicionadas vivência e experiências que formam sua feminilidade. Entendemos que masculinidades e feminilidades se constroem nas relações sociais e que existem diferentes maneiras de se vivê-las. Neste sentido, o que vincula as esportistas da LUVE dos anos de 1970? Podemos dizer que são suas práticas no universo esportivo, muito mais do que o fato de serem mulheres.

No campo de correlações de forças LUVE as mulheres esportistas ao buscarem potencializar sua participação - demarcando um espaço - engendraram diferentes estratégias de negociação e disputas. Envolveram-se em mais de uma modalidade esportiva, organizaram suas próprias viagens, assumiram cargos de diretoria e de técnicas na LUVE, praticaram modalidades ditas masculinas. Desta forma, a medida que foram resignificando o universo esportivo, produziram novas subjetividades, práticas e formas de se pensar e viver a atuação de mulheres no esporte universitário viçosense.

A mulher era muito conservadora, não podia uma série de coisas. De repente, a gente vai para a quadra disputar um esporte – e não era comum fazer isso –, praticava um esporte com sunga – que pra época deveria ser um absurdo –, mas era o uniforme, era a sunga. As mulheres, de short curtinho, eram assediadas. Mas, ao mesmo tempo a gente tinha aquele excesso de proteção pelos esportistas. A gente tinha que manter uma conduta muito séria, porque, se não, poderia “ficar falada”. Eu sentia preconceito dentro do curso que eu fazia pelo fato de eu praticar esporte. Perguntavam-me o que eu estava fazendo com a turma da Educação Física. Eu não estava excluída do preconceito, mesmo sendo de outro curso. Eles achavam que eu era até aluna da Educação Física. Eles me isolavam pelo fato de eu praticar esporte. [...] Os amigos que eu tive foram sempre dentro da área do esporte. Eu não ficava com os meus colegas de sala. No meu curso, eu me lembro que era uma faixa de 10 mulheres e 60 ou 70 homens. Que praticava esportes era eu e mais uma. (Entrevista X)

Na narrativa podemos localizar como diferentes representações em torno, por exemplo, do uniforme e dos comportamentos das atletas nos anos de 1970 criam novas identidades. Quando falo em identidades falamos não a partir de um viés psicológico ou individual, mas como um conjunto de características que unem e diferenciam grupos sociais entre si. Portanto, a memória da participação esportiva de mulheres na LUVE emerge de um grupo que ela une (NORA, 1993). Este grupo não é homogêneo, pois abriga múltiplas e diferentes experiências. Nas palavras de uma das mulheres entrevistadas, ele é *atípico*.

Era um grupo muito atípico. A gente buscava as coisas para nós. Não tinha esse negócio de estar fazendo só um curso. Era a gente que corria atrás de outras coisas. [...] A equipe com a qual eu jogava era muito afinada. Muito afinada. Às vezes eu mando um e-mail ou uma foto de projetos, recebi várias mensagens de ex-alunos, colegas da gente que falavam: “Igual a primeira turma não tem”. Na verdade não tem no sentido de ter alguém para romper tudo aquilo, para romper o preconceito da cidade, da instituição e ligar o ponteiro no “se dane”. “Se dane” todo mundo e a gente continuava ali. Ninguém se incomodava, ninguém parava, ninguém se sentia constrangido. A gente comprava bola. Não tinha uniforme e o J. fez, foi ele que providenciou... Tudo acontecia. Colocamos o ponteiro no “se dane” e crescemos. A diferença é essa. Foi uma turma que fez história e ficou na história. (Entrevista I)

A inserção de mulheres neste espaço esportivo concebido por homens e para os homens segundo princípios de disciplina, força, agilidade, competitividade gerou uma nova configuração nas relações e das práticas no interior da Liga. A chegada de um número expressivo de mulheres na Universidade a partir de 1970 forçou os portais de entrada da LUVE. Os discursos, até então circulantes na instituição orientavam certa normatização dos usos dos corpos femininos. Mesmo não sendo homogêneos estes discursos atravessaram décadas ditando padrões de feminilidade e organizando as experiências esportivas das mulheres na universidade.

[...] o pessoal não dava a ela o mérito da jogada, falavam que ela era masculinizada. Isso porque ela tinha o corpo meio másculo e um perfil meio quadrado, mas não o comportamento. O biotipo dela era quadrado. Falavam que ela era masculinizada e tinha o biotipo de homem. E esqueciam a habilidade dela, mas ela era altamente habilidosa. (Entrevista I)

As relações estabelecidas na LUVE nos fazem pensar no que diz Scott (1990) sobre a noção de poder:

No interior desses processos e estruturas há espaço para um conceito de agente humano, como esforço (pelo menos parcialmente racional) de construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade de certos limites e com linguagem conceitual que por sua vez põe limites e contém possibilidade de negação, de resistência, de reinterpretação, de jogo de invenção metafórica e de imaginação. (SCOTT, 1990, p. 14)

As lembranças sobre a participação de mulheres no universo esportivo universitário viçosense retomam além de sentimentos e emoções, relações sociais, de poder, modos de pensamentos e experiências comuns próprias dos grupos de referência aos quais estas mulheres estavam vinculadas. Esta noção de memória construída em grupo, sendo ao mesmo tempo coletiva e do sujeito, ancora-se nos argumentos teóricos

de Halbwachs (2006). Portanto, lembrar e refazer suas trajetórias significa reconstruir a rede de relações na qual suas trajetórias se desenrolaram.

O grupo de Educação Física era muito unido e a gente não se relacionava apenas com quem fazia o atletismo. Por exemplo, eu entrei em 1977 e a gente se relacionava muito com a turma do ano anterior. O relacionamento era bem abrangente. Não ficava restrito só o grupo que treinava. A gente tinha convívio com o pessoal de 1976... O curso de Educação Física foi sempre muito grudadinho, tinha um departamento próprio. Então, todo mundo conhecia todo mundo e era muito ligado. Já os outros cursos não. Tinha aula no departamento de outros cursos, era muito disperso, e a gente não. O nosso departamento era para gente. Por isso, nunca foi bem visto. (Entrevista IX)

A entrevistada sugere que o relacionamento entre as atletas e outros grupos era *bem abrangente*. Contudo, observamos a partir da análise de todas as entrevistas, que esta abrangência recorrente nas narrativas é sinônima de Educação Física, ou melhor, atletas filiados à LUVE. Não existia um relacionamento amigável com os outros cursos da UFV. O grupo de referência era composto por atletas da LUVE, espaço onde as diferenças entre o curso de Educação Física e outros cursos eram minimizadas. Todos se tornavam da Educação Física, do esporte.

Neste sentido, podemos dizer que o grupo atípico foi aquele composto pelos e pelas atletas que instauraram uma nova maneira de se pensar a mulher no esporte universitário viçosense e não especificamente pelos estudantes de Educação Física.

Os alunos de outros cursos tinham preconceito com o nosso uniforme. Tinha a blusa e o agasalho. A gente andava só de uniforme mesmo. Nós andávamos impecáveis e era um “Deus nos acuda”. Onde a gente passava o pessoal fazia piadinhas. (Entrevista VI)

O esporte universitário se organizou a partir da oposição masculino-feminino. Mas podemos afirmar que no interior desta organização outras relações foram possíveis. A noção fixa de um jeito de ser natural feminino ou masculino fessura diante as experiências múltiplas de mulheres na instituição. Quando a entrevistada I narra que ao ouvir a torcida gritando “bomba atômica” “explosão” ela é tomada por um sentimento gratificante “embora para muitos, isso não é mulher”, ela rompe com esta noção binária que localiza homens e mulheres por meio de características essencializadas. Ela transgride algo que foi ditado como sendo próprio do seu corpo e do seu comportamento. Questiona o poder masculino construído e historicamente assimilado na LUVE.

No interior deste grupo de atletas feminilidades e masculinidades estavam em jogo. A aparência corporal atravessada por discursos que identificam o que é ser masculino e feminino aparece em algumas narrativas como sinalizadores da posição dos sujeitos no grupo.

Não tem quem, dessa época não conheça a P., porque ela tinha uns comportamentos meio fora do padrão de normalidade. Ela falava assim: “Se você não sabe apitar, desce daí que eu te ensino! Desce!”. Ela parava o jogo do nada e falava: “Desce aqui que eu te ensino!”. Embora ela não tivesse nada, era magrinha e miudinha, falavam que ela tinha muito hormônio masculino, testosterona, predominante na Educação Física... (Entrevista I)

As representações sobre corpos masculinos e femininos quando fundadas no binarismo apontam para estereótipos que buscam fixar características, atributos, comportamentos e formas de ser homem ou mulher. Desta maneira mulheres que vivenciaram esportes ditos masculinos contribuíram para a construção de uma nova configuração do esporte universitário em Viçosa.

Este grupo do esporte era um grupo forte. Pra gente não existia um grupo feminino e um grupo masculino; a gente tinha voz e brigava pelos mesmos direitos e espaços dos meninos. Era impressionante. As mulheres eram diferentes. É por isso que eu falo que o esporte dá um diferencial. Quem pratica esporte tem um grande diferencial. Eu acho que a nossa posição era de um movimento de libertação. Pra gente era tudo tão proibido, a mulher não podia participar de nada, tudo era limitado e, de repente, você vê mulheres dentro de quadra brigando, vibrando... Se nivelando como os homens, que tinham mais direitos que nós. A gente estava abrindo portas, rompendo barreiras dentro da UFV. (Entrevista IX)

A década de 1970 constitui-se em um período no qual as mulheres demarcaram um espaço no esporte universitário viçosense por meio de diferentes ações vinculadas as identidades do seu grupo. Como nos fala Bosi (1994), as lembranças grupais se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecermos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. “É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência” (BOSI, 1994, p. 414)

De cinco em cinco anos, quando nós conseguimos nos reencontrar – mesmo poucos – nós festejamos muito. Tanto que a gente nem participa das coisas da Universidade. A gente tem o encontro da gente. Marcamos um local para a gente almoçar – pelo menos dois dias. E, assim, relembremos os velhos tempos, os encontros, como é que era, como é que não era... (Entrevista IV)

5. Trajetórias

Entrevista I*

Quando eu vim para Viçosa, no ano de 1974, não tinha o curso de Educação Física, mas, no ano seguinte, ele iniciou. Antes eu morava em Belo Horizonte e sempre joguei vôlei pelo Cruzeiro. Sempre. Comecei com 12 anos. Eu achava lindo, lindo o voleibol, lindo. Era eu com a bola. Eu com o vôlei. Eu via os jogos na televisão e, na escola, a gente brincava muito, mas era escola de freira e tinha que jogar com aquele “saião”! Mas eu achava bonito mesmo era a roupa do voleibol, o uniforme das atletas era o que me encantava.

Papai era sócio do Clube do Cruzeiro, e lá tinha uma escolinha infantil. Vários clubes, não só o Cruzeiro, chamavam para as escolinhas e quem se saísse bem poderia seguir no treinamento da equipe no clube. Então eu entrei na escolinha. Fiquei uns três meses e logo já estava no time. Eu disputava pelo Cruzeiro e pela minha escola, que tinha parceria com o clube, ou seja, eu disputava o campeonato tanto pelo cruzeiro e pelo colégio, aí não pagava pelo estudo.

Meu pai era cruzeirense doente, então, quando eu comecei a jogar pelo Cruzeiro, para ele, era tudo de bom. Eu nunca tive problema com isso.

Quando eu fui para o time do Cruzeiro fiquei um bom tempo como reserva e com aquela meta na cabeça: “Você tem mais tanto tempo para fazer a diferença no time”. Com isso, eu dobrava o treinamento. Era muito nova, mas dobrava o treinamento, porque eu queria ficar. Tinha aquela questão: eu era cruzeirense, meu pai era cruzeirense, eu consegui chegar à escolinha e agora não vou ficar? Eu falava com meu pai que eu queria ficar no time e não queria voltar para a escolinha. Aí, começou essa luta de ficar no time. Eu consegui, mas todo ano tinha corte. Todo mundo estremecia quando falava que teria corte, porque chegavam outros da escolinha que entravam para o time. Então, novamente, tinha outra seleção. E fiquei lá, no time. Saí com 18 anos.

Sempre pratiquei voleibol e meu sonho era fazer Educação Física, contra a vontade dos meus pais, óbvio. Foi nesta época que eu parei com o esporte em BH, vim para Viçosa, fiquei um ano fazendo cursinho e consegui ingressar no curso de Educação Física, então meus pais se mudaram para Viçosa.

* Ano de nascimento 1953. Ingresso na UFV 1975. Egresso 1977. Modalidade Voleibol.

O único problema que eu sofri em casa foi: “Minha filha, você é tão inteligente e vai fazer logo Educação Física? Se fosse sua irmã eu até aceitava – minha irmã também jogava no Cruzeiro–, mas você?” Então eu tive muito problema, porque quando eu vim para Viçosa, eu queria voltar para Belo Horizonte para fazer Educação Física lá, pois aqui ainda não existia o curso aqui. Como meu namorado morava em Belo Horizonte, meu pai não permitiu. Ir para Juiz de Fora eu não queria, porque iria ficar mais distante de Belo Horizonte. Eu fiquei um ano parada em Viçosa, mas eles não se incomodaram. Eu não fiz vestibular para outro curso, pois não tinha nada a ver comigo. Fiz Educação Física porque eu queria. Então, dos meus pais, a única resistência foi ao curso de Educação Física, e não pelo fato de ser jogadora, pelo contrário, eu era altamente motivada por eles.

Quando abriu o curso, obviamente, naquele momento histórico da UFV no qual a Agronomia era o curso que predominava, os estudantes não aceitavam nenhum dos cursos que estavam sendo criados. Só que a Educação Física veio como um diferencial. A integração em forma de jogos já se fazia na UFV, mas foi intensificada. Foi um momento em que criamos muitos jogos entre nós. Com essa resistência pelos outros cursos, houve uma aproximação entre curso de Educação Física e a LUVE, porque, até então, a gente fazia tudo por nós mesmos: campeonato interno, tudo interno; porque havia essa resistência ao curso, à Educação Física. A gente melhorou um pouco esta relação.

Com a chegada do curso vivenciamos uma mudança radical, mas radical mesmo. Em termos de escolinhas, Colônia de Férias, que nunca tinha acontecido, o apoio da própria prefeitura... Foram vários e vários eventos junto à prefeitura da cidade, coisa que nunca tinha acontecido. Então, foi um “BUM” a chegada da Educação Física.

O caráter amador mudou até em relação a pequenas academias que existiam em Viçosa. Mas tem dois lados. Eles falavam: “O árbitro da Educação Física não sabe apitar?” O pessoal do futebol sofria muito, porque todo mundo sabe futebol e eles entendiam que o cara que estava desde o início do curso não podia errar. O que está no último ano, menos ainda. Então você sai da Educação Física como se soubesse dançar, jogar basquete, jogar handebol, como se você fosse “o” praticante de todas as modalidades. Você não tem cérebro. Essa relação era muito forte e muito clara pra gente. Existia o lado bom de dar a você “a competência para”, mas a cobrança era forte.

Por exemplo, se eu recebesse um convite para apitar o jogo de basquetebol e dissesse que não conseguia ver nem aqueles três passos, eles achavam um absurdo. É como se você tivesse que ter o domínio de tudo.

O mercado abriu muitos convites: prefeitura, escolinha... Eu estudei o tempo todo do curso. Eu tinha uma bicicletinha e a gente corria. Eu estudava natação, fazia escolinha de voleibol, voltava e tinha aula, voltava na escolinha. Eram várias escolinhas onde eu trabalhava, na época. Também tinham muitas atividades de extensão nos bairros.

Inclusive com a chegada do curso mudou até a própria participação das UFV nas Olimpíadas Globais que aconteciam em Belo Horizonte. As Olimpíadas Globais eram uma iniciativa da Rede Globo para todas as universidades. Então, representávamos a UFV. Não tinha nenhuma interferência da LUCE, a não ser a parte técnica, os atletas da Liga, que iam somar ao grupo técnico que tinha dentro da Educação Física.

Antes, todos os jogos eram em BH, e depois teve pólos: handebol em um lugar, basquete em outro... Aí já não era no meu tempo. No meu tempo era BH. E, às vezes, ia representando a UFV somente em uma categoria. Depois, com o curso a participação era em todas as categorias. Abriu um leque muito grande de possibilidades.

Nos jogos da Agronomia, que aconteciam em Lavras, acho que se chamava “agronomíadas”, também houve uma mudança. A LUCE também ia com pouca representatividade de modalidades, mas depois do curso de Educação Física ampliou porque os alunos de Educação Física assinavam como se fossem agrônomos.

A LUCE a gente descobriu depois. E acredito que foi por não termos sido recebidos pela direção, o chefe de departamento, o diretor do centro. O chefe de departamento era uma pessoa que não tinha conhecimento nenhum do nosso curso. Bastava ser um doutor para ser o chefe. Por isso, ele não se envolvia e a LUCE não nos foi mostrada logo de início. Eu me lembro que quando começaram a falar que sendo da LUCE nós tínhamos direito a algumas coisas, foi porque a D. – que tinha mania de “fuçar”, e o J., que foi quem, inclusive, “entrou de cara” e foi o primeiro a se candidatar a presidente da LUCE, descobriram e aí as coisas foram clareando.

As coisas aconteciam no Departamento de Educação Física com LUCE ou sem LUCE. A gente pensa hoje, passado o tempo que deveria ser o inverso: a LUCE se apresentar; mas não tinha essa política não.

Para você ter uma ideia, a coisa ficou tão boba que até sobre a questão do espaço tinha briga. Falavam que a LUCE não podia ficar na Educação Física, que eles estavam

cedendo uma sala e que, se funcionasse, discutiriam a respeito de quem iria pertencer... Como se fosse uma questão de posse. Existia essa bobeira também. Na verdade, foi nessas Olimpíadas da Agronomia em Lavras que a gente clareou a LUVE, porque aí era organização dela.

Eu entendo que a LUVE tinha essa questão. A carteirinha, por exemplo. Se você não a tivesse, você não tinha direito a isso ou aquilo. Mas, em momento nenhum eu sentia resistência do pessoal da Educação Física em relação ao ser da LUVE ou não ser. Todo mundo queria era jogar. Não tinha isso. Na verdade, existia o medo dos outros em relação aos meninos da Educação Física. Eles achavam que eles queriam “pegar”, “tomar” a LUVE. E qualquer iniciativa: quer “pegar”, qualquer sugestão ou proposta: quer “pegar”.

Com as mulheres isso não acontecia. Na verdade, a gente fazia assim: eles faziam - os rapazes buscavam -, a gente ia... A inscrição foi esse J. quem fez conosco na época. Ele disse: “Me empresta uma foto que nós vamos para Lavras.” Depois vinha a explicação: “é uma Olimpíada que já acontece há muito tempo, vocês não podem dar fora. Se perguntarem, vocês são agrônomas, falem que são do segundo período” - porque, normalmente, quem vai é a turma do segundo período -, e assim foi. Era uma informação. Era um entendimento do funcionamento da LUVE e tinha um pouco de bagunça também.

No primeiro momento, a porta já estava aberta para o masculino, porque só existia um pequeno grupo feminino. Era diferente. Eu me lembro de um jogo que ia acontecer em Ouro Preto, no aniversário da Instituição, e os meninos tinham facilidade para conseguir ônibus. Já as meninas, quando recebiam convite para jogar em algum lugar, tinham dificuldades para conseguir. Mas, antes da nossa chegada, já existia essa diferença. Nós pegamos essa diferença também, porque “eles têm mais título”, “eles têm mais potencial”, “eles têm mais”. Já vinha uma tradição. Falavam que não podiam gastar dinheiro com a gente porque não sabiam se nós tínhamos condições... Então nós tínhamos que mostrar jogo primeiro para depois pedir alguma coisa.

Os homens já tinham uma história antes da Educação Física. Eles tinham toda uma facilidade e, novamente, nós tínhamos que construir isso. Essa construção aconteceu até porque as nossas viagens, os nossos jogos, eram nós quem pagávamos. A gente pagava para ir e para voltar.

Eu acho que a diferença foi a entrada na LUVE, no segundo ano, dos nossos colegas homens, não entrou nenhuma mulher – também não me lembro quando

começaram a aceitar mulher – e olha que eu fui professora o tempo todo. Eu não me lembro quando começaram a aceitar mulher, mas, até ali, eram só os homens que ficavam na LUVE.

O primeiro Estatuto foi feito com o pessoal da Educação Física – não existia Estatuto – era uma coisa meio que falida ali dentro. Era uma Instituição que não existia efetivamente. Então, no segundo ano, a entrada dos meninos na LUVE é que tornou tudo mais flexível, bem mais. O pedido era “para esporte!”, e não “para agronomia!”, porque aqui tinham esses jogos dos agrônomos e a UFV estava sempre à disposição, quando a Educação Física queria fazer eles falavam que estava difícil e que não podia fazer. Por isso, com ou sem ajuda, a gente fretava o ônibus. Como foi a saída para BH, de trinta dias; como foi a ida para Buenos Aires, de trinta dias. Todas nós bancamos.

No primeiro ano do curso nós fomos para Belo Horizonte, o grupo do voleibol, só mulheres. A princípio fomos eu e a D. Tinha um convênio com a UFMG e ofereciam Colônia de Férias no mês de janeiro inteirinho – e era remunerado. Nós ficamos sabendo disso e fomos conversar com o coronel, mas não tivemos nem uma ajuda da UFV e nem um sinal assim: “isso existe isso para você”. Aí nós fomos para lá e perguntaram se a gente tinha experiência, então a gente disse que já havia trabalhado com Colônia de Férias em Viçosa e falaram que eles poderiam fazer uma experiência, mas não iriam remunerar. Nós concordamos. Nós fomos em dez mulheres e um único homem dentro do ônibus. Entre as mulheres, uma sabia jogar basquete, uma sabia jogar vôlei, uma sabia jogar handebol. Cada uma sabia jogar uma coisa e uma ensinava para outra as brincadeiras para o dia seguinte na Colônia. Eu, por exemplo, a gente não sabia jogar basquetebol, nunca tinha visto aquilo, e tinha que saber de todos os esportes. Como no handebol, a gente levava quem sabia brincadeiras em relação ao jogo e elas teriam que fazer o planejamento pra gente; íamos fazendo essa troca e foi um mês assim.

Eu ficava um mês na Polícia Militar, no Tiradentes, no Bairro Prado. Quando terminou, mandaram uma carta, para o coronel daqui, cheia de elogios para nós. No ano seguinte, veio o convite pela UFMG querendo que aquele grupo que esteve lá, voltasse para a Colônia de Férias. E o grupo era o time de voleibol feminino. Só levamos o J. porque ele era do grupinho, por ser nativo, mas depois foi sobrando apenas as meninas.

Quando veio o convite, no ano seguinte, a gente escolheu o pessoal para ir para BH no nosso lugar. Nós agradecemos o convite e tentamos colocar o pessoal que estava no segundo ano, que tinha entrado um ano depois da gente, mas a UFMG não aceitou.

Por isso, não houve a sequência da UFV lá em BH porque eles preferiam quem eles já conheciam. Aí ficou para o pessoal mesmo da UFMG.

Nós organizamos um curso pra gente lá em Buenos Aires, nós ficamos trinta dias em Buenos Aires. Era um grupo muito atípico. A gente buscava as coisas para nós. Não tinha esse negócio de estar fazendo só um curso. Era a gente que corria atrás de outras coisas.

No primeiro mês do curso de Educação Física na UFV já aconteceram várias mudanças. O que foi muito legal é que a grande maioria das mulheres da minha turma jogava vôlei. Eu acho que culturalmente, o rompimento foi primeiro com o vôlei. Com os outros esportes, a adesão de mulheres foi mais lenta. Tinham umas pessoas que jogavam handebol, que disputavam o Campeonato Mineiro, mas com essas o preconceito era muito maior. Era confuso. Já o voleibol não. A grande maioria da minha turma jogava voleibol no colégio ou em clubes antes da UFV. Nós éramos poucas alunas mulheres de Viçosa que ingressaram no curso. A maioria era de fora. As outras, que vieram de fora, eram muitas, e todas tinham vivência no vôlei. Então, o primeiro esporte que a gente montou equipe foi de vôlei. Depois formamos a equipe de atletismo, que foi forte na época; a de handebol também foi muito forte; a de basquete era fraquinha e foi fraquinha até o final.

Embora o pessoal da Educação Física, ou mesmo quem pratica esporte desde a infância, conviva muito mais com essa questão do corpo... corpo masculinizado, mesmo que aparentemente não seja, mas, para outros é estranho. Muitas meninas do handebol e do basquete sofreram bastante pressão. Primeiramente foi meio complicado, com as que jogavam vôlei, eu acho que nem tanto. Esse preconceito, esse momento de crítica, durou pouco, mas aconteceu.

A gente ficava sabendo do preconceito em função do alojamento, das meninas que moravam lá, mais do que eu, que morava na cidade. Então, se eu não tivesse esse contato – que, aliás, são grandes amigas até hoje – com as meninas que moravam no alojamento, eu não teria ideia da dimensão das conversas, dos preconceitos, das resistências. Na cidade era um silêncio, mas aqui dentro da Instituição o “trem” era feio.

Lembro que antes, os esportes aqui na UFV, o vôlei, por exemplo, acontecia perto de onde hoje é o DCE, no ano que eu vim para Viçosa, para tentar me aproximar, curiosamente eu vim na UFV. Era uma coisa de consolo me parece, de estar ali, mas estar numa solidão e pensar por que eu não estava em BH e o quê eu estava fazendo nesse lugar aqui. Era mais de revolta do que outra coisa. E lá era só o treino delas.

Fechadinho. Fechadinho. Fechadinho. Quem as treinava, inclusive, era um professor daqui. Quando não era ele, era outro rapazinho, que era do Coluni e que jogava vôlei pela LUVE. Ele era bom e treinava mais que o próprio professor, mas não tinha nada sistematizado.

O pessoal que era da Educação Física, quando não existia o curso, tinham que dar aula para todos os cursos da UFV, mas eles eram poucos. Então o que as meninas faziam era jogo. Você não via treinamento de fundamentos, que era o que eu estava acostumada em BH. O treino era assim. Era chegar e rachar a bola. Toda a proposta que eles tinham, na verdade, era jogando: entra fulano e entra sicrano. Não era nada esquematizado, para mim, era algo muito diferente. Mas era o jogo, era a bola rolando e não existia isso na cidade. Esse era outro fato. Se eu quisesse jogar vôlei em outro lugar não existia. Não tinha vôlei em outro lugar. Não tinha essa abertura na LUVE. Não existia, em momento algum, na universidade abertura para outras pessoas de fora jogarem aqui dentro e nem lá fora não tinha nada, não aparecia nada. Não tinha praça de esportes... Tinha clube, mas não tinha esporte para mulher em lugar nenhum. Era coisa de “doido”. A vontade era de pegar um ônibus e ir embora.

Estar em Viçosa era horrível. Eu tinha pânico de estar aqui e ficava “louca” para voltar. Eu perdi tudo: meus pais ficaram lá, meu namorado ficou lá, o Cruzeiro – que era tudo para mim e que eu ficava quatro dias da semana treinando – ficou lá. Por isso, a única expectativa naquele momento era: “Eu vou passar no vestibular. Eu tenho que passar no vestibular”. Mas não tinha um curso que me agradava, nenhum curso. Ficar aqui sem bola era complicado. Então, no ano que teve a proposta do vestibular de Educação Física em Viçosa, eu passei a assistir aos treinos das meninas da UFV com outros olhares e pensava: “Eu vou estar ali. Eu vou passar para o lado de lá”. Como aconteceu.

Soube que as meninas treinavam às quatro horas da tarde na UFV e, neste horário, eu estava na cerca acompanhando. Era o pessoal da Economia Doméstica, que era o único curso feminino que existia, e o restante era da Agronomia, da Medicina Veterinária. Mas a grande maioria, 90% do pessoal que jogava, era da Economia Doméstica. Aquele grupo era elitizado, era um grupo assim: “as” meninas. Só que não tinha outra modalidade. Para mulher não; era só aquilo e natação, mas natação era disciplina obrigatória para outros cursos e quem praticava eram as professoras e pouquíssimas alunas. Se eu me recordo, era apenas uma menina da Economia Doméstica que nadava. O restante eram os professores da UFV.

Elas competiam, mas era com o time da cidade, de colégio, mais com o Coluni, Já as Olimpíadas Globais, elas nem sabiam que existia. Elas nunca participavam porque não tinha registro. Isso veio com o curso, não a Olimpíada, que já acontecia há anos. A participação de mulheres nas Olimpíadas foi com a gente, até por que o time delas era pequenininho. Agora, nas Olimpíadas da Agronomia elas iam. Iam... né, porque com a chegada do Departamento de Educação Física, poucas foram agregadas. Não que não tivessem competência, era “ciumeira”. Muitas delas, eu me lembro de umas três que eram muito boas – o resto era mais ou menos, mas três eram muito boas –, mas elas não somaram por bobeira. A S., por exemplo, somou, mas foram dois anos depois.

No início, nós pensamos em convidá-las, mas foi como uma afronta. Convidar pra quê se já existe um time? Nem esse conhecimento de LUVE a gente tinha. No primeiro ano ninguém tinha isso de se apresentar como sendo da LUVE. Antes não tinha isso. A LUVE foi esclarecida para gente pelos nossos colegas. Na época, o “chefia” aqui não era professor de Educação Física; tinha que ser, mas não era. Não tinha um professor do curso, a direção era de outros departamentos, era um cara que pertencia ao Tratamento de Água. Não tinha nada a ver com a Educação Física e nem eles tinham essa visão. Foi justamente quando os nossos colegas homens montaram a equipe deles, que souberam da LUVE e se infiltraram. Foi uma coisa meio que invasiva.

E, na nossa turma, os meninos tinham muita liderança. Lideranças fortes. Um desses ainda lidera até hoje. Por exemplo, o pessoal daqui está em Portugal e foi tudo em função dele, que arrumou esse curso. Ele foi uma pessoa que sempre “invadiu” muito. Então, conhecemos a LUVE assim. Intrometendo-nos, invadindo – os meninos, não nós.

A gente chamou as meninas de outros cursos para o treino. Fomos lá, convidamos, achamos que estávamos fazendo bonito, mas, infelizmente, entendemos que não fomos bem aceitas. Muito, muito depois foram vindo algumas, só que, a maioria, não veio.

Em 1975 o time feminino não tinha mulheres de outros cursos, mas em 76 e 77 tinham. Por exemplo, quando criou o curso de Educação Física, criaram também o curso de Pedagogia, Letras, Administração, Economia – e S. era desse curso –, mas o número de mulheres que vinham desses cursos ainda era pequeno. Pelo menos ninguém vinha até a LUVE, em lugar nenhum. Era comum entre a gente: se alguém via, em algum canto, uma pessoa praticando algum esporte, a gente já chamava. Para nós era diferente. Não tinha esse muro: Educação Física e outros cursos. Se joga, a gente quer

ganhar, a gente quer somar. Mas, dos times que já existiam, o “inverso” não era verdadeiro. No caso dos que foram chegando, a mentalidade era outra. Mas as que estavam aqui, quando nós chegamos, não se aproximavam.

Nós não fomos a primeira equipe feminina. Mas, era muito gratificante. Era bom “demais da conta”. Eu me lembro que as primeiras Olimpíadas Globais que nós participamos, e que é aquela foto que você tem, acho que não tinha ninguém que não era da Educação Física no vôlei, tem reserva, mas todas que estão no time são da Educação Física. A S. não tinha entrado ainda, quando ela entrou, foi titular. Porque era muita viagem. A gente viajava mais do que fazia aula. Tinha muita viagem...

Eu me lembro da S., eu me lembro de uma reserva. Essa questão de reserva era complicada. Muito complicada. Tinha mais era reserva chata, que não aceitava. Lembro-me que eram seis na reserva; sempre foram seis. Lembro-me que tinha a B. da Educação Física, umas meninas da Educação Física... Por exemplo, a primeira vez que a S. participou, ela foi titular, não foi reserva, mas ela entrou no ano da gente, ela é Escorpião. Então ela entrou com todos os preconceitos que já existiam, só que ela levou vantagem porque ela fazia outro curso; ela não fazia parte daquele grupo que treinava na cerquinha. Ela chegou junto com a gente. A S. demorou a vir, porque, com certeza, ela não sabia disso. Quando ela viu o treino no ginásio foi que ela perguntou, começou a vir e participou.

As reservas eram da Economia Doméstica. Foi reserva assim: se era reserva esse ano, ano que vem não estava mais. Com isso, acabou que a equipe foi renovando com as alunas da própria Educação Física. O tempo todo, em três anos, que o curso era só três anos, a equipe renovava pouco em termos de grupo de fora.... Eles renovavam, cada vez mais, com alunas da Educação Física.

No meu último ano de Olimpíadas Globais já não tinha ninguém, a não ser única, S., que era de outro curso. Isso foi em 1977, no último ano, quando nós formamos. Já nas outras modalidades tinha. Vôlei não. Vôlei era todinho Educação Física. A única que não era da Educação Física e era titular, era a S.

Para mim, ser mulher atleta foi uma história diferenciada. Primeiro que, no Cruzeiro, eu era a pequena, a baixinha e tinha um saque muito potente, então era como se fosse uma massagem no ego. Sempre que eu ia para o saque, todo mundo estava de pé gritando “ponto direto”. Mas, o que lá era uma força, aqui era uma “coisa de doido”. Todas as vezes que eu ia para o saque a torcida da Educação Física ficava gritando. Eles gritavam “explosão”, “bomba atômica”... Era muito gratificante para mim; embora eu

entendia que, para muitos: “isso não é mulher”, “de onde vem essa força?”. A gente ria das histórias.

Certa vez, arrumaram um caso. Uma atleta que depois veio a ser professora aqui na UFV. Ela jogou handebol, voleibol e saiu com uma conversa enorme envolvendo eu, a D. e R., essa ainda foi mais vítima do que eu. Diziam que “rolava” um caso entre a gente. A gente era do mesmo curso, da mesma turma, e era um ataque muito fixo no voleibol, então a gente andava muito juntas. Somos unidas até hoje. Nós nos encontramos de cinco em cinco anos. Sempre a gente marca encontro, elas já foram para a praia comigo... Então, é uma história. Eu percebia que ninguém se abalava.

Nessa época, eu já era casada. Elas iam lá para casa almoçar e depois contavam as histórias que elas ouviam no alojamento; que essa professora estava tendo caso com a R.. Era assim. Eu tive mil namorados. Na Educação Física eles arrumavam namorado para todo mundo. Mas a gente ria. Não existia o menor constrangimento de voltar à quadra pelo que os outros pensavam. Não existia aquele afã pelo fato de ser jogadora. Não existia assédio dos meninos. Não existia. Existia era uma torcida muito forte da própria Educação Física com a gente, que era uma coisa muito gostosa. E essas fofocas, como eu morava na cidade eu só sabia em função das minhas amigas que moravam no alojamento.

Agora já me vejo em outro momento: no pós-prof. “Eu estou jogando para os professores”. Já não tinha mais isso. O que a gente percebia era que, quanto mais tempo passava, havia mais adesão das mulheres e menos preconceito. Foi aí que esse afã começou a acontecer: da mulher atleta. Eles usavam muito a expressão: “Nossa, nem parece! Você está fantasiada de mulher?” Porque era justamente quando a gente estava vestida, que não estava de roupa de treino, uniforme da UFV ou uniforme do Departamento. À noite, nós próprias dizíamos: “Ah, a gente está fantasiada de mulher. A gente está diferente”, mas a gente não sentia tanto preconceito. O preconceito existia sim com quem tivesse um estereótipo diferenciado, mas o fato de jogar e fazer esse estereótipo já estava rompido.

Todos os amigos e familiares acompanhavam meus jogos. As Olimpíadas Globais não, porque a gente ficava uma semana em BH e era uma coisa muito engraçada, porque a gente sentava na porta, e o pessoal esperando no carro, as meninas vestindo a roupa para irem para o atletismo. Eu não sou boa em atletismo, mas eu disputei velocidade para completar, porque tinha que ter um mínimo de atletas para ter representação, para poder ser representativo no atletismo. Se fosse com um número

mínimo de modalidades não poderia disputar. Então, a gente acabava completando. Por exemplo, já completei basquete para ficar no banco... Eu era a árbitra...

Eu sempre fui muito pequena e a bola muito grande, não era a minha praia, mas eu ficava no banco para dar o número. A gente saía do jogo e já na porta para disputar outro. Atletismo e handebol eu tinha que disputar mesmo, mas basquete era só completar, e assim, com várias modalidades. Era o mesmo grupo para tudo, então a gente corria muito e não dava para ninguém acompanhar.

Nem meu marido. Meu marido só foi na final; nas finais do vôlei que a gente disputou com a PUC (Pontifícia Universidade Católica) que também existia mesmo lá em Belo Horizonte naqueles anos. Eles colocavam pessoas que não eram da PUC, que eram do Minas Tênis Clube. Eu sei porque eu joguei no Cruzeiro e eu conhecia todo mundo e sabia que elas não estudavam na PUC. Elas ganhavam, faziam carteirinha e disputavam a Seleção Mineira pela PUC. Nós fomos duas vezes para final com a “Seleção Mineira de PUC”. Às vezes nós perdíamos, mas não perdíamos feio não.

No primeiro momento minha vida social em Viçosa era péssima, porque não tinha identidade aqui para mim. Eu queria voltar de qualquer jeito. Mas quando aconteceu o vestibular e meu marido, na época namorado, veio, a gente já estava noivo, e ele falou que ia ficar em Viçosa. Ele montou um escritório e eu me abri para a cidade.

Eu conheci meu marido com 13 para 14 anos e ele jogava handebol para o time rival do Cruzeiro infantil. Ele e eu éramos do infantil. Ele era do Clube chamado Tremendal que também disputava futebol de salão. Eu o conheci entre os meus colegas de futebol de salão. Esse é o namorado que ficou em Belo Horizonte, depois veio para Viçosa. Hoje é advogado na cidade e está aqui há 35 anos. A história foi assim desde o esporte... No futebol de salão era o páreo mais forte para o Cruzeiro.

A gente tinha um final de semana muito quente. Tinha jogo e a gente montava muitas competições entre colégios, durante o dia era cheio, e à noite a gente tinha sempre um programa fechado com a Educação Física. Essa quantidade de barzinhos já era muita pelo tamanho de Viçosa, sempre foi maior do que a população. Tinha aquele negócio de sair e encontrar só o pessoal da Educação Física, eu não tinha filho e era casada de pouco também, então a gente ia em todas. Tinha aquele negócio do pessoal não ter dinheiro, por isso as reuniões eram sempre na minha casa. Na hora do almoço, tinha um churrasquinho... Era um grupo atípico.

A equipe com a qual eu jogava era muito afinada. Muito afinada. Às vezes eu mando um e-mail ou uma foto de projetos, recebi várias mensagens de ex-alunos,

colegas da gente que falavam: “Igual a primeira turma não tem”. Na verdade não tem no sentido de ter alguém para romper tudo aquilo, para romper o preconceito da cidade, da Instituição e ligar o ponteiro no “se dane”. “Se dane” todo mundo e continuava ali. Ninguém se incomodava, ninguém parava, ninguém se sentia constrangido. A gente comprava bola. Não tinha uniforme e o Jaime fez, foi ele que providenciou... Tudo acontecia. Colocamos o ponteiro no “se dane” e crescemos. A diferença é essa. Foi uma turma que fez história e ficou na história.

Mas, já existia aquele amor, aquele negócio assim: “Esse tem que ser ‘o’ curso”. Tinha que ser “o” curso e a garra era de todos. As minhas colegas também tentaram na época – da nossa turma muita gente tentou concurso. Faz a diferença para quem chega primeiro nesse sentido dos bloqueios, da barreira, e no ano que foi; na década de 1970 as coisas eram complicadas.

A Ditadura era brava e tínhamos um coronel que vigiava e usava um binóculo. Na época, a Divisão de Assuntos Sociais tinha um policiamento fechado e existia um coronel no sentido lato da palavra. Ele era um coronel. Ele avisava o professor sobre quem havia chegado atrasado, tinham denúncias... O cara era meio rigoroso. Para mim, ele era desequilibrado – como todo mundo da Ditadura –, era um ditador sim, fechadinho, fechadinho. Ele era quem não permitia que ninguém do Departamento de Educação Física fosse chefe. Ele nomeava alguém de outros departamentos para chefiar o Departamento e isso foi um atraso muito grande, uma perda muito grande.

Nós ficamos tendo aula, onde hoje é aquele corredor da morte, por muito tempo, com uma tábua e um banco. Demorou muito para ter sala onde todos tinham aula. Inclusive os cursos novos, já tinham aula nos departamentos. Mas todos tinham aulas nestes locais, não tinha um PVA (Pavilhão de aulas). Não existia o PVA. Todos, exceto Educação Física, que tinha as aulas debaixo do ginásio e sem carteira. Já as disciplinas que eram de massa sim. Era na Biologia, na Floresta, na Veterinária, essas sim, mas as disciplinas do curso eram as únicas que não tinha um lugar adequado ou carteira, pelo menos.

O coronel era responsável por essa parte de disciplina da Instituição como um todo, mas, não sei o porquê, o foco dele era aqui. Acho que era implicância também. Ele tinha uma resistência muito grande à Educação Física. Alguns dos nossos professores queriam que a gente dedurasse e prometiam as coisas. A B. e a R. chegaram a receber proposta de Bolsa Alimentação em troca de elas fazerem esse tipo de coisa. Quando a gente saía para jogar e tinha um comportamento não desejável, tinha alguém para

dedurar. Quer dizer, não desejável para ele, porque pra gente não tinha nada de mais. Naquele momento, nada de mais, mas para ele sim. Ele tinha uma função difícil, mas o foco dele, o porquê eu não sei, era a Educação Física.

Algumas mulheres se destacaram muito nos esporte universitários na minha época. No vôlei, com certeza, era a R.. Eu nunca sentei no banco um minutinho, e essa questão de ser baixinha, e eu era a menor mesmo, era a menor, mas tinha uma agilidade muito grande. Não só aqui, mas também se viajasse, o pessoal perguntava: “Como é que pode?” Porque eu tinha uma força no braço que até eu achava estranho, mas era. Eu não sei o que era aquilo, mas tinha.

No handebol eu me lembro muito que todo mundo temia, tinha medo de quebrar a perna, ou de machucar por causa da M.. Tinha uma menina, deixa eu me lembrar o nome dela... Ela não era da Educação Física também e ela já entrava para quebrar a gente. A menina era uma explosão, era da Economia Doméstica. Elas se destacaram. No caso da M., o pessoal não dava a ela o mérito da jogada, falavam que ela era masculinizada. Isso porque ela tinha o corpo meio másculo e um perfil meio quadrado, mas não o comportamento. O biotipo dela era quadrado. Falavam que ela era masculinizada e tinha o biotipo de homem. E esqueciam a habilidade dela, mas ela era altamente habilidosa.

A P. era doida, doida, doida. Você nunca sabia o que viria da P.. Ela aquele tipo de pessoa assim: se ela tivesse que enfiar a cabeça na sua barriga e quebrar o pescoço... Ela não tinha noção. A menina era um vulcão. Uma vez ela amarrou o cavalo na cancela para desafiar o coronel. Ele havia colocado a cancela para que só entrasse o pessoal da Educação Física e para identificar quem estava passando ou não, porque qualquer responsabilidade era da pessoa que deixasse passar, existiam umas coisas loucas assim. E a P. foi a que mais desafiou. Ela era a menina que mais teve advertência.

Quando o pessoal do alojamento estava com fome ela ia ao pomar, próximo ao alojamento feminino, e, à noite, ela fazia uma limpeza boa e distribuía para as meninas. Não tem quem, dessa época não conheça a P., porque ela tinha uns comportamentos meio fora do padrão de normalidade. Ela falava assim: “Se você não sabe apitar, desce daí que eu te ensino! Desce!”. Ela parava o jogo do nada e falava: “Desce aqui que eu te ensino!”. Embora ela não tivesse nada, era magrinha e miudinha, falavam que ela tinha muito hormônio masculino, testosterona, predominante na Educação Física...

A turma de Educação Física era “a” indisciplinada. Existia uma leitura para quem convivia com as meninas da LUVE, ficava junto com a gente o tempo todo, e

uma leitura dos outros cursos ditos “sérios”, que se vestem adequadamente, que sabem entrar em um ambiente. E a Educação Física não sabia. Não sabia se vestir adequadamente, não sabia ficar em um ambiente, mas era um estereótipo para os outros cursos e não para quem convivia, como, por exemplo, na LUVE. Tinha os alunos dos outros cursos, mas a grande maioria era da Educação Física.

Pensando sobre minha trajetória, eu vejo assim: eu sempre fui muito tímida, muito, hiper, hiper tímida – incrível, mas era hiper tímida. Por exemplo, até com essa questão do furacão no braço, eu ficava vermelha, poderia acender um cigarro na minha face. Mas eu tinha uma satisfação muito grande, como se aquilo fosse a minha defesa; em todas as fragilidades que eu pudesse vir a ter. Eu me via uma pessoa hiper segura, uma pessoa determinada, e eu acho que devo isso tudo ao esporte. Eu nunca tive esses problemas com preconceito. E hoje, hoje que eu digo assim: aos meus 30 anos, aos meus 40, hoje estou na casa dos 50; fiz 57, a cada momento, eu fortaleço mais a minha imagem quando eu me lembro de tudo que fiz, como eu fiz, como eu fui determinada nas coisas que eu queria para mim.

Eu entendo que toda essa segurança, não tenho a mínima sombra de dúvidas, até pela própria questão dos meus irmãos; nós somos sete – o esporte caracteriza isso muito forte. É você viver de forma diferente, você tomando atitude a todo o momento, você tendo desafios a todo o momento. O momento quando a equipe começa a perder é uma coisa que mexe na estrutura interna, que você não tem noção da dimensão, do que você é capaz. Momentos outros fora da faculdade, na vida íntima, quando você tem que tomar uma decisão, e que, normalmente, as pessoas sofrem, tomam decisão com sofrimento. Já eu, posso sofrer, mas eu dou uma virada na minha vida de um dia para o outro com um discernimento fantástico.

Eu acho que, por eu ter começado muito cedo no esporte – com 12 anos – dentro de BH, saindo da minha casa, que eram duas conduções para chegar ao Cruzeiro, viajar, ter que tomar as minhas decisões... e estar distante de muitas outras coisas. Por exemplo, na minha geração todo mundo queria experimentar o cigarro. Era bonito fumar, era charmoso fumar. Só que para mim era importante a bola. Então você tem uma meta diferente.

No Cruzeiro, tinha uma época que era assim: semana que vem tem que ter corte, precisa cortar tanto. Isso significava que diminuía as bolsas de estudo, diminuía o custo... Aquela semana era louca. Era uma aflição “do cão” e você “mordia grama” com medo de você estar no corte. Você nunca pensava assim: “Eu sou boa. Ninguém vai me

cortar.” Não. É um desafio, um desafio, um desafio. Isso faz diferença na sua vida adulta. Isso faz diferença. Quando minha mãe, que é tudo para mim, e meu pai, que é tudo para mim, falaram assim: “Você não pode fazer Educação Física”. E eu falava: “Eu vou fazer Educação Física. Eu vou fazer Educação Física e não vou fazer outra coisa.” Eu não sentia que estava respondendo, que estava sendo grosseira, porque era uma determinação muito grande.

Na minha vida pessoal também. As coisas que eu deixei para trás, que eu rompia, eu não me arrependia, porque eu tinha uma determinação muito grande. Eu acho que é esse o desafio do esporte: muda muito o seu comportamento, dá para você uma meta diferente. E eu percebo isso nas minhas colegas, na forma como a gente leva a vida. Você se torna, de certa forma, muito reflexiva nessa situação quando ela vai passando, e eu ainda tenho um diferencial: a história passou, mas eu fiquei na história, eu fiquei aqui no Departamento de Educação Física.

No Departamento eu recebi filhos de colegas de turma, depois dos filhos dos colegas de turma, começam a aparecer os filhos deles no Coluni... E, com essa sequência, você vai vendo como que você faz a sua história e como que o seu comportamento é delineado nessa sua vida. Seja uma vida de secretariado – que aí ela vai traçar uma timidez diferenciada ou um policiamento muito grande para ela –, ou no esporte, no Departamento de Educação Física, onde chegam pessoas diferentes, tanto colegas quanto alunos – em um segundo momento –, em que você se retrata. Você olha para ela e pensa: “Olha eu”. Você se vê a todo o momento. Você se vê e é por isso que eu falo com toda certeza que o esporte faz uma diferença na personalidade, na autonomia, porque é uma briga constante, é um desafio constante para você; não é para o outro, é para você. Não tem como não mudar a sua estrutura, a sua personalidade, a sua autoestima – ela não é frágil. Você pensa que você é capaz de romper com a UFV e viver bem lá fora; se sentir capaz. São umas coisas assim. Você pode ter medo do amanhã, mas você não tem medo do desafio. Eu acho que fez uma diferença muito grande e hoje, aos 57 anos, eu gosto de tratar isso com um agradecimento a Deus. Eu me sinto uma pessoa iluminada – nesse sentido de romper todas as barreiras.

Eu vejo minha vida como uma vida em que eu não me intimido, porque “você é”? Você é e eu também sou. Se eu ganhar ou não, eu nunca vou achar que você é superior a mim. E eu acho que isso é esporte. Eu acho porque eu tenho sete irmãos e eu sou diferente. Eu sou a única que ficou no esporte.

É tão bom, é tanta coisa boa que as vezes você pode até esquecer. Mas no todo a euforia do grupo é que fica, essa lembrança é forte. É mais forte do que se você me perguntasse “lembra de alguma pessoa ou de algum fato específico?”, acho que eu não ia lembrar nunca porque isso não me tocou. Os momentos fortes e marcantes foram os momentos bons.

Entrevista II*

Nasci em Viçosa, em dezembro de 1955. Eu não sei explicar essa proximidade com o esporte, porque na minha casa não tinha ninguém que praticasse e eu nunca tive acesso a um Clube aqui em Viçosa. Mas desde criança a gente praticava muito esporte no lote perto da minha casa. A gente pegava um bambu, colocava um barbante e fazia uma rede. A gente jogava as férias inteiras, o dia inteiro. Tinha a fase do vôlei, fase da queimada. A bola era sempre presente na minha vida. Eu tinha uma bola do Cruzeiro, era a dona do campo, dona da rede, dona da bola, dona de tudo. Então, eu comandava no esporte e acho que, com isso, foi me dando aquele gosto pelo esporte e acho também que isso me desenvolveu. Eu fico pensando: meu irmão não é tão alto, minha irmã é baixa, como que eu cresci mais? Deve ter uma genética, mas eu imagino que o esporte seja um fator para o desenvolvimento. A minha irmã, por exemplo, é muito baixinha. Alguém me perguntou outro dia: “Por que você cresceu tanto?” Eu não sei. De repente pode ser por causa da genética, porque há pessoas altas na minha família, mas o fato de eu ter feito muito mais esportes que elas pode ser que tenha influenciado. Aí eu peguei gosto.

Sempre tinha os times dos colégios. Eu era do time do Colégio Viçosa, então a gente tinha treinos duas vezes por semana e final de semana a gente jogava pelos colégios. E sempre perdia. Nosso time não era muito bom, mas eu adorava. O dia que chovia eu quase morria porque não ia ter treino. Eu joguei também pelo Colégio Estadual. Então, na minha infância e adolescência o esporte foi sempre muito forte.

Na época do Coluni era a mesma coisa, tinha também o time do colégio, porque tinham os jogos estudantis. Eu comecei a jogar pelo Coluni e continuei o treinamento. O Coluni já é a UFV, então eu já conhecia o professor de Educação Física. Era um grande amigo meu. Outro dia eu estava pensando. Era mais que um relacionamento no campo, a gente criava entre nós e entre ele, um relacionamento até de pai pra filho, de dar conselho, de conversar. Ele era uma pessoa muito boa. Teve uma época que eu estava

* Ano de nascimento 1955. Ingresso na UFV 1974. Egresso 1977.

mudando de curso e eu me lembro que conversei muito com ele. Ele era uma referência para mim, porque, às vezes, eu não tinha condições de conversar em casa, já que meus pais não entendiam nada disso. Então, era um ponto de referência das minhas decisões. Ele aconselhava muito a gente, por isso, era uma coisa muito forte.

Eu sempre tenho essa lembrança do ginásio, daquele tanto de gente, da gente jogando, ensaiando músicas para cantar. Foi uma fase muito importante para a minha vida, para a minha formação. Era uma coisa sadia, eu me relacionava com pessoas que também tinham os mesmos pensamentos, naquela época a gente não tinha tanto problema com drogas e bebidas. Eu acho que os relacionamentos eram muito mais saudáveis. Eu encaro que esta época foi muito importante para mim.

E aí foi natural. Quando eu cheguei à UFV o pessoal já me conhecia do Coluni, já entrei no time e continuei o treinamento.

Também tinha aqueles jogos do Clube. Todo ano tinha. Então meu Clube, o Escorpião tinha também o time. Nós não jogávamos apenas vôlei. Era basquete, qualquer coisa que tinha bola, e também o atletismo.

No início não tinha nem o ginásio. Aliás, eu não me lembro quando foi feito o ginásio, mas tinha uma quadra onde é aquele estacionamento ali perto do prédio principal Arthur Bernardes. Ali a gente jogava, naquela quadra. Depois nós começamos a treinar lá na parte da Educação Física, dentro do ginásio. Os jogos também já eram dentro do ginásio.

A gente jogava muito com homens e mulheres, não era só mulher e só homem não. Nós treinávamos muito em função dos jogos. Já tinham os grupos. Já tinham aquelas pessoas que estavam envolvidas com esporte.

A LUVE, eu acho que coordenava e como a gente já tinha o nosso time, a gente marcava num certo horário e íamos treinar. Eu não me lembro quem era deste time. Eram tantas pessoas... No meu grupo, do meu Clube, eu lembro que tinha a E.. Naquela época, tinham poucas mulheres estudantes. Na Agronomia, por exemplo, tinham poucas mulheres, só que aí era do ano, não era do curso de Educação Física, então tinham pessoas da Economia Doméstica, as meninas desse curso jogavam juntas. Eu não me lembro o nome de todo mundo.

Eu não tive muita proximidade, mas eu sempre ouvia falar da LUVE. Ela era muito mencionada. Ela promovia, incentivava. Eu acho que a LUVE era muito importante. Eu não me lembro se tínhamos carteirinha...

Nesta época tinha a primeira turma do curso de Educação Física. Em 1975. A primeira turma de Educação Física coincidiu com a minha turma, que eu me lembro. O nosso grupo era a turma do Escorpião. Era a primeira turma, então já tinham algumas meninas da Educação Física no Clube Escorpião. Lembro-me da S. que jogava vôlei, tinha também outra menina da Educação Física que também jogava muito bem. Tinham pessoas muito boas e que se destacavam. Essa menina mesmo da Educação Física, ela era da primeira turma do curso e era boa atleta, por isso, a gente sempre gostava dela no campo. Fora isso, não era só porque era boa, era também porque a gente tinha um círculo de amizades...

As meninas da Educação Física reforçaram bastante o esporte. Não só quem jogava. A gente sempre imaginava que se era da Educação Física deveria jogar bem, mas nós entendemos que nem todos do curso jogavam. Apesar disso, ajudavam de outras formas, a parte de arbitragem sempre foi muito valorizada.

Na verdade, antes do curso de Educação Física já tinha o esporte na UFV. Eu acho que o curso veio fortalecer. Por exemplo, nos jogos tinham meninos da Educação Física que eram juízes, depois começamos a ter pessoas que treinavam e orientavam, porque antes a gente não tinha orientação muito técnica.

O esporte era muito forte, muito presente em minha vida. Eu sempre comento isso. Era uma coisa que fazia parte da nossa rotina aqui na Universidade. Nossos encontros eram na quadra. Ali você paquerava, você via outras pessoas. Então eu me relacionava com pessoas do esporte, tanto que meu marido jogava- porque eu não iria me relacionar com uma pessoa que não fosse ligada ao esporte. Então a gente tinha toda uma questão social por trás do esporte. Não era um grupo fechado, é porque era uma coisa natural. Uma pessoa que não gostasse de esporte e quisesse outro tipo de lazer, não iria estar junto com a gente, porque nós estaríamos na quadra, treinando ou viajando.

Eu tinha amigo que não jogava, porque a gente tem convivência com outras pessoas também. Mas eles sabiam jogar, iam assistir, faziam torcidas, acho que eles gostavam de ver as meninas... Era legal. Quando eu estava formando, meu marido estava fazendo mestrado aqui. Ele também jogava, era goleiro, jogava de tudo. O fato de nós dois gostarmos foi uma coisa que nos aproximou.

Nós viajamos várias vezes para jogar. Era bom demais quando a gente saía. Nós tínhamos uma rixa com Lavras – sempre tivemos essa rixa, em todos os bons sentidos. A gente saía muito. Principalmente em Lavras, porque tinham os Jogos Universitários e

a gente ia jogar pela UFV, que patrocinava. Eu tenho a impressão que iam as equipes masculinas também. Tinha basquete, tinham várias modalidades, não só vôlei.

Eu jogava basquete, mas era nesses jogos universitários daqui. Até cheguei a jogar um pouquinho na LUVE, mas basquete aqui não decolou muito não. Tentamos fazer um time de basquete aqui também, mas não deu.

Teve um jogo de basquete – que era dos Clubes – e, no primeiro tempo, acabou 4 a 2. Eu cheguei ao intervalo e disse que nós deveríamos ir embora. Até hoje meu marido conta esse caso quando nós estamos relembrando aqueles bons tempos de esporte. Ele dizia que não era placar nem de futebol de salão. Depois melhorou. Era um negócio que nada dava certo, a bola não caía, nada caía, tudo dava errado. Foi aqui no ginásio da UFV e eu falei: “Gente, que vexame!”

Eu já joguei naquele ginásio lotado de pessoas – nesses Jogos Universitários. Era muito interessante, as torcidas se organizavam, tinham pessoas que iam fantasiadas, levavam fanfarra, no meio do jogo eles desfilavam fazendo gestos, com coreografia, e a gente morria de rir. Eu vi muito isso nos Estados Unidos. O pessoal era muito envolvido numa competição, uma coisa sadia, alegre. Eu sinto muita falta disso, porque isso morreu...

Minha família já acostumou comigo, desde pequena, com a bola. Quando eu falava que ia sair de casa para competir, era uma coisa muito boa. Eu vivia na quadra; no tempo de colégio, o final de semana inteiro, no clube eu jogava sábado e domingo. Quando meus filhos nasceram eu “largava” os meninos brincando e ia para a quadra jogar. Foi tranquilo, minha família nunca proibiu.

Para falar a verdade, eu nunca tinha analisado esta presença do esporte na minha vida. Era tão natural para mim, porque na minha infância e adolescência eu não tinha essas opções que hoje a juventude tem. Hoje os meninos têm DVD, tem acesso a tantas coisas, tem internet, computador. Eles têm outras opções. Naquela época a gente não tinha acesso a esse tipo de coisa. A nossa forma de lazer era o esporte. Era muito natural conviver com aquelas pessoas, no colégio, o lazer de todo mundo girava muito em torno do esporte.

Eu acho que o esporte me ajudou muito, porque eu sempre tive uma personalidade muito forte, sempre quis ganhar e era muito competitiva em tudo que fazia. Então, naquele campo que eu tinha quando era criança, quem perdesse, eu pegava minha rede, minha bola e ia embora...

Quando eu comecei a jogar é que eu comecei a perder. Treinava, treinava, treinava e perdia. Treinava, treinava, treinava e perdia. Isso foi importante para eu entender que era uma coisa coletiva, que era um time. Eu sempre tive problema com relacionamento, brigava com o técnico, eu não aceitava imposições, sempre fui muito questionadora, sempre queria saber o porquê. Com o esporte, eu fui domando um pouquinho essa fera. Aprendi que você ganha, perde, que o jogo é competitivo, mas tem uma coisa esportiva por trás e você tem que saber perder, respeitar quem está ganhando, respeitar o outro. Então, para mim o esporte foi importante.

Sabe outra coisa que eu lembro? Antes não tinha aquela lagoa na entrada da UFV. A reta tinha um riachozinho, uma água e muita bananeira. Eu me lembro que, naquela época, fazia muito frio. No Coluni, há muitos anos, fazia muito frio. Eu me lembro de dentro do Campus ter neblina, naquela reta sem muita pavimentação – eles estavam asphaltando a reta. Do lado do prédio principal, onde tem o Centro de Vivência, era um campo de futebol. Ali tinham muitas atividades, não só de futebol, mas tinham gincanas, soltavam um porco (alguma coisa que eles soltavam) e faziam dias de festas naquele campo. Por isso, esse lugar me marca muito: o povo correndo lá atrás daquele bicho. Nessa quadra praticavam muito esporte. Já aquela parte da Educação Física eu vi crescer, começar o ginásio. Joguei muito naquelas quadras lá do fundo... Também não tinha aquela piscina lá atrás, só essa piscina aqui no DCE...

Entrevista III*

Sou nascida em seis de dezembro de 1953 aqui em Viçosa. Eu nasci aqui, mas, nessa época, o meu pai morava em São Paulo, em Itapetininga. A vida lá não estava dando muito certo, ele resolveu fazer um concurso e foi aprovado. O primeiro lugar que ele foi designado a trabalhar fica no Oeste de Minas, numa cidadezinha chamada Pains. Em função do serviço do meu pai, nós sempre moramos fora, porque ele era técnico da EMATER . Eu tenho um irmão mais velho que se formou em Administração. E uma irmã que se formou em Matemática.

Eu cheguei em Pains com três anos de idade e eu era muito moleca, não tinha muito esse hábito de brincar de casinha. O meu negócio era chutar bola, soltar pipa, essas coisas. E eu tinha essa liberdade. Antigamente, a nossa infância era muito melhor do que a infância nos dias de hoje. Eu tinha muita liberdade e tinha tudo, tinha uma

* Ano de nascimento 1953. Ingresso 1975. Egresso 1977. Modalidades Voleibol, Natação

cidade inteira para explorar. Rodava pneu na rua, essas coisas todas, e com isso eu fui criando gosto pelo esporte. Antes de sair de lá, eu tive uma professora de Educação Física e, antigamente, as paradas de sete de setembro eram muito pomposas e eu fui adestrada para ser baliza. Eu amei. Eu era muito magra, muito esguia e eu me dava muito bem em ser baliza.

Depois meu pai foi transferido para Teixeiras, que é uma cidadezinha perto de Viçosa. Continuavam os desfiles, e eu também jogava vôlei na aula de Educação Física. Desde Pains eu aprendi a nadar, porque nós éramos vizinhos da Praça de Esportes e nós tínhamos toda essa liberdade para jogar, brincar, fazíamos de tudo. Ainda morando em Teixeiras, eu vinha para o sete de setembro em Viçosa e para o desfile de aniversário da cidade dia 30 de setembro. Teixeiras vinha desfilar e eu era muito requisitada como baliza.

Na cidade de Teixeiras não tinha um colégio muito bom, então, eu vim estudar no Colégio Viçosa. Nessa época tinham os Jogos Escolares e tinha uma rivalidade, uma rixa muito forte do Colégio Viçosa com o Coluni e eu jogava de tudo. Naquela época você era “pega” para o atletismo. Era “pega” para todos os esportes. A gente não treinava, mas a gente participava de tudo, tudo, tudo.

Eu tinha uma amiga muito querida, que hoje já faleceu. Hoje eu tenho muita saudade dela. Nós jogávamos, eu, ela e a R.. Era o trio que participava de tudo e fazia tudo. E essa rivalidade do Colégio Viçosa com o Coluni era muito, muito grande e quem nos treinava no Colégio Viçosa era a I. Era um período muito bom.

Depois eu tinha que fazer vestibular e eu queria fazer Educação Física, mas meus pais não queriam deixar, porque, na época, a Educação Física não era bem vista, principalmente para mulher. Mulher não era bem aceita nesse ramo. Então eu falei assim: “Ou eu faço Educação Física ou eu não faço curso nenhum”. Eles tiveram que aceitar porque eu me entreguei de corpo e alma. Se eu não fizesse Educação Física eu tinha certeza que não me sairia tão bem quanto eu me saí, tanto no curso quanto na minha profissão e na minha carreira.

Era época do primeiro vestibular do curso de Educação Física aqui na UFV. Todas as coisas se encaixaram, eu fiz vestibular e fui aprovada. Eu já sabia nadar, eu me dava bem nos esportes e, fazendo Educação Física... Então lá eu participei da equipe de vôlei, da equipe de ginástica rítmica desportiva. A gente ia para fora, viajava, a gente ia participar em São Paulo, onde tinha a professora K., que era a coisa mais linda do

mundo e eu morro de saudade dela. A natação também era ministrava, na época, pela professora K.

A gente não tinha nenhum treinamento específico, era uma coisa de supetão e, como eu tinha condicionamento físico bom, porque eu participava de tudo, corria e fazia de tudo, na natação eu me saía muito bem. Eu sinto que, na época, em que a gente ia para os jogos universitários em Belo Horizonte, e eu tenho medalhas de vôlei e natação que eu guardo até hoje, se tivesse uma pessoa que me orientasse, que treinasse, eu acho que conseguiria um plantel maior, mas eu não tinha esse estímulo. Meu pai torcia, me acompanhava, me incentivava, mas profissionalmente como atleta, se eu tivesse um empurrão e uma orientação maior, eu acho que eu tinha competência para chegar num salto maior. Só sinto que eu não tive um incentivo maior. Eu acho que eu teria competência para chegar a ser atleta, até participar da Seleção Brasileira. Quando participava de uma competição, o meu tempo era muito bom, tanto é que eu ficava entre o primeiro, segundo e, no mínimo, eu estava recebendo uma medalha.

No início, a infraestrutura do curso era caótica, porque não tinha sala direito. A gente se sentava no chão e escrevia no banco. Já existia o ginásio e só depois foram adaptadas as salas que ainda hoje têm lá embaixo. A gente estava com tanta garra, com tanto estímulo, com tanta vontade, que isso não era empecilho, era um caos, mas era muito bom. A piscina era a do DCE, de 25 metros. Tinha umas quadras abertas também, um cimentado.

Eu era muito namoradeira. Eu namorei um rapaz que era do Clube do Escorpião. Eu não era muito estudiosa, até que meu currículo não é dos piores, mas eu não tinha muito tempo para estudar. Nós éramos avaliados também na prática e como eu tinha muita facilidade, eu preferia tirar nota na prática a estudar a teoria. Eu dava aula à noite, então tinha mais essa responsabilidade, por isso, estudar muito eu não estudava e praticava muito para cobrir a minha nota na prática, porque lá eu sabia que iria me dar bem. Isso me absorvia muito tempo e o pessoal pegava um pouco no meu pé.

Eu sempre gostei “demais da conta” da parte de extensão, então, na nossa época, eu adorava e participava de todos os projetos Rondon. Eu participei de todas as oportunidades que eu tive desse Projeto. Em todas as férias de julho eu estava nesse Projeto e também Campus Avançados. Eu fiz e fui para Altamira. Lá a gente se dedicava muito, tinha muita prática. Nós orientávamos um pouco os professores da localidade, a gente trabalhava muito com recreação com a comunidade, e eu amava de paixão. Eu gostava demais e eu sempre me dediquei muito a essa parte.

Depois, eu fiz especialização na PUC de Belo Horizonte em Natação e depois fiz mestrado em Cuba, que foi presencial, porque a Universidade Federal de Ouro Preto juntamente com a Escola Técnica Federal de Ouro Preto, se organizaram e trouxeram o curso onde o doutorado foi ministrado na UFOP e mestrado foi realizado na Escola Técnica. De três em três meses vinha um professor, dava o módulo e nós tínhamos que cumprir as tarefas. Eu cheguei a ir a Cuba e defendi a tese em Ouro Preto. Foram dois professores de Cuba e mais um do Brasil. Eu tive meu tutor tanto lá em Cuba quanto aqui em Ouro Preto. Eu adorei, amei e me saí muito bem.

Mais tarde eu me casei, fui para Ouro Preto, fui contratada inicialmente como técnica em desporto na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), depois de algum tempo passei como professora. Quando houve a inauguração da piscina no morro do Cruzeiro lá da Universidade, houve toda uma comemoração e eu participei como atleta e ganhei das meninas que eram universitárias. Mas continuava não treinando, porque eu detesto água fria e em Ouro Preto não tinha condições. No início, eu até tentei treinar, mas a água era gelada demais.

Depois que eu aposentei, fiquei em Viçosa ainda algum período, trabalhei em duas faculdades particulares e desisti de tudo, fui buscar meu rumo, meu norte, e fui para Santos. Cheguei a Santos em setembro de 2005. Em 2006 eu ainda participei de uma competição no SESI de Cubatão e eu consegui vencer, já competindo como máster e não treinando na água, de jeito nenhum, mas como eu faço musculação, eu continuo tendo meu condicionamento cardiorrespiratório muito bom. Tanto é que antes eu fiz um teste ergométrico e o médico falou assim: “Você tem um condicionamento de atleta”. Eu fico orgulhosa disso porque eu faço por onde e não quero “deixar a peteca cair” de jeito nenhum... Eu já estou com 56 anos, e se eu deixar de praticar alguma coisa, eu sei que as consequências serão muito mais drásticas, eu não quero isso para mim e me orgulho disso. Hoje eu sinto também, porque eu tenho dois filhos e ninguém seguiu essa vida louca de correr atrás de uma bola. Mas eu me orgulho do que fiz e acho bom.

Tinha dia que eu saía da minha casa às 6h30 da manhã e voltava só às onze da noite. Porque depois eu consegui me integrar e dar aula de Educação Física no Colégio Santa Rita, onde as aulas eram à noite e o diretor era o padre Carlos Baeta, que hoje já faleceu. Eu vivia o dia inteiro na Universidade. O curso era tanto na parte da manhã quanto na parte da tarde e a gente treinava, porque nós tínhamos que apresentar equipes de ginástica olímpica infantil, a gente ficava treinando essa meninasada, e também ficávamos “batendo uma bola”. Era o dia inteiro.

Outra coisa que antigamente acontecia eram os Jogos Universitários. Hoje eu não sei se é dessa forma, mas cada número de universitários que entrava naquele ano fazia um Clube, o meu clube é o Escorpião. Nós tínhamos todos os anos, os jogos escolares internos. O Escorpião foi privilegiado porque tinha o curso de Educação Física. Eu “tomei umas bombas” lá atrás e isso me atrasou um pouco. No ginásio eu “tomei bomba” e demorei a passar naquela bendita prova de admissão, por isso eu fiquei atrasada e tinha uma idade mais avançada em relação aos universitários que estavam entrando ali na época.

A nossa equipe era muito madura em se tratando de esporte. Alguns já eram, antes do curso, professores da Escola Normal. Os estudantes que vieram das redondezas também já eram professores. Era um grupo mais maduro e que já tinha um conhecimento sobre os esportes. A equipe do Escorpião só era complementada por um ou outro que não era da Educação Física. Por exemplo, tinha a R., que fazia parte, eu acho que do vôlei e do handebol. A S., que era nativa. Era composto por algumas outras, eu não me lembro o nome delas, mas compunham a equipe. Era a B., ela era daqui, filha de um professor. Depois ela ficou “piolho” da Educação Física, ela não saía de lá, ficava com a gente. Tinha a I. que jogava vôlei e não era da Educação Física. A gente se saía muito bem. Era um período muito bom, muito gostoso. O meu período, tanto de infância quanto de universitária, foi muito gostoso. Sempre com o esporte muito presente em minha vida.

Cada Clube tinha a sua bandeira e instrumentos de torcida. As cores do Escorpião eram amarelo e preto. Nosso uniforme tinha essas cores e a bandeira tinha o escorpião, o pessoal ficava na batucada... Tinha uma rivalidade muito grande... Esses jogos eram muito acirrados. Em 1970, os jogos eram muito fortes, mas tinha também o Festival de Música, em que o pessoal participava “demais da conta”. Vinha todo o público da região e era muito bom. Esse nosso período de universidade era muito gostoso.

Eu acho interessante porque tinha o desfile das equipes, que era em volta do campo da pista de corrida. Tinha o desfile da equipe e tudo. Era bem organizado, muito bonito, era ótimo. O ginásio ficava cheio. Na época o pessoal assistia. Eu acho que a participação da comunidade de Viçosa era maior em relação à hoje, porque no começo era um número menor de alunos e tinha essa ligação grande com a cidade. Então, nessa época de 1975, o esporte aqui em Viçosa era muito forte.

Na época, o J. da Educação Física estava levantando a LUVE e, inclusive, eu cheguei a ser diretora de Natação e o J. também atuava nessa área. A gente tentou, mas não foi muito para frente. Tinha diretoria e tudo, eu não sei se foi porque a gente não tinha muito tempo. A LUVE era quem promovia os jogos internos, então isso era muito acirrado, os jogos eram super concorridos, muito concorridos. Nessa época, tinha também os jogos do 1º, 2º, 3º e 4º ano de cada grupo e tinham pós-graduandos e professores. Além disso, tinha uma rixa muito grande do nosso grupo de Educação Física contra o professor do atletismo. A gente tirava muito sarro dele, porque ele era muito metido.

Nos Jogos Universitários a gente representava a LUVE. Eu acho que tinha uma carteirinha, mas não tenho certeza. Minha mãe tem um envelope que tem uma porção de coisas. Eu não sei se está aqui com minha mãe ou se está em Santos comigo.

Nós fizemos um curso na Argentina. A S. era casada e o esposo dela foi, então ele arrumava as coisas, porque a gente ficava o dia inteiro no curso e ele ficava zanzando a Argentina o tempo todo, então conseguiu que a gente jogasse com o pessoal do Boca Júnior.

Em Carandaí tinha a N., que fazia parte da equipe de vôlei da Educação Física. A gente ia para lá jogar. Quem coordenava a nossa equipe era o J. e ele era um trambiqueiro de marca maior, então a gente ia para baixo e para cima. Todo lugar que a gente ia tinha um joguinho na cidade.

Eu era muito extrovertida e a gente fazia festas, churrasco... Porém, como nós éramos o primeiro Curso e a gente sempre chegava ao restaurante da UFV, era aquele tumulto. Eles falavam que a prova da Educação Física era assim: “A bola é quadrada, redonda, ou oval? Marque com um X”. Eles tinham essa brincadeira, porque era um curso completamente fora, até então, da realidade da UFV. Tinham aquelas coisas. O nosso pessoal bebia leite, mas era um litro. E eles falavam: “Chegou o pessoal da Educação Física avançando para tomar um litro de leite!”. Faziam chacinhas por causa disso. Na época a gente achava ruim, mas depois a gente acostumou, vimos que era piada e não nos importamos mais.

Preconceito por ser mulher atleta não tinha. Só tinha o fato da minha família não querer que eu fizesse o Curso, mas eu “bati o pé” e falei que “não”. Depois eles aceitaram e viram que não tinha como eu sair disso, mas eu não me recordo de preconceitos. A não ser aquelas provas lá no restaurante, que eles colocavam no mural.

Pelo menos eu não me recordo disso. Era um problema mais em relação ao Curso e não com as mulheres.

Sabe, tem aquela comemoração dos ex-alunos, de cinco em cinco anos, então eu acho que isso é fantástico. Acho que não tem outra universidade que faça isso e eu procuro me relacionar com todo mundo. Até hoje eu tenho, através da internet, grupos de amigos, familiares e colegas da UFV. Quando eu venho para Viçosa, eu faço questão de entrar em contato com todo mundo, a gente se reuni, porque eu acho fundamental. Na época nós éramos muito ligados, tudo bem que hoje cada um está no seu canto e tem sua vida, mas eu acho fundamental nós nos encontrarmos e mantermos esse elo de carinho e atenção.

Em 2012 a gente faz 35 anos, então, no início do ano eu já marco o encontro. Falo para o pessoal ir se preparando e colocando na agenda, porque eu acho essencial. Não é porque todos já se formaram e cada um tem a sua vida é que não tem de cinco em cinco anos se encontrar. E a gente procura. Até então já sabemos que algumas pessoas faleceram. Teve o caso que ocorreu do José Carlos, que abateu muito a todos. Eu procuro, mas você não imagina como eu procuro encontrar esse pessoal.

Enquanto mulher, acho que o esporte contribuiu para essa desinibição, essa vontade de viver, de alegria, de autoestima. Eu acho que tudo isso tem a ver. O meu estilo de ser tem tudo a ver com essa infância e essa liberdade que eu tive, com essa busca de sempre estar querendo mais, querendo passar, avançar no cronômetro. Isso é muito bom.

Entrevista IV*

Eu moro em São Miguel do Anta e sou nascida aqui. Meu pai sempre gostou muito de futebol e eu peguei esse gosto por futebol desde pequenininha, porque ele ouvia jogo no rádio. Eu era muito ligada a ele, então me sentava perto dele e ficava ouvindo jogo pelo rádio. Ele faleceu muito cedo. Eu sempre gostei de esportes e aqui em casa é difícil um que não goste.

Na minha época a gente não podia muito jogar futebol, porque senão a gente era “macho”. Era em alguma brincadeira, mas jogar a gente não podia. Era só para homem, mas eu gostava. Eu gostava de ver, de assistir na televisão. Eu também gostava muito de jogar queimada, minha infância era muito de brincar na rua. A gente brincava na rua

* Ano de nascimento 1954. Ingresso na UFV 1975. Egresso 1977. Modalidade Handebol.

porque tinha pouco movimento de carro, brincava de bandeirinha, de disputar queimada.

Eu sempre fui gorda, sempre fui alta, então já era um despertar para o esporte. E eu não queria ser professora de sala de aula. Eu sempre gostei e fui boa em matemática. A professora até achou que, quando eu fui fazer Educação Física, eu deveria ter feito era Matemática. Minhas irmãs são professoras. Uma é professora de português, a outra é professora de História em Viçosa. A família é mesmo de professores.

Em 1975 surgiu o curso de Educação Física. Antes, eu queria fazer enfermagem, mas era muito longe. Era em Juiz de Fora e eu não tinha condições de ir. Meu pai já havia falecido quando eu estava na sexta série e minhas irmãs não tinham condições de me manter lá. Surgiu a Educação Física em Viçosa e eu fui fazer. Eu gostava de esportes, mas eu não sabia jogar vôlei, nunca tinha nadado. Eu aprendi a nadar lá, no curso. E eu me encaixei, gostei do curso.

O caso é que a gente fazia aulas práticas de vários esportes no curso. Daí, o pessoal chamava para a gente ir jogar. Juntavam as equipes e a gente treinava fora do horário, porque precisava formar equipe, do DCE e tal. Às vezes a gente fazia alguns jogos fora da cidade. Mas não sei como realmente surgiam nossas equipes. Acho que foi por livre e espontânea pressão...

Eu joguei handebol, porque foi o esporte que mais pratiquei durante o curso, apesar de que eu praticava tudo. Faltava um jogador de basquete e nós entrávamos. A maioria desse time de handebol era da Educação Física. E nos outros times quem não era da Educação Física, era S. Não me lembro de mais ninguém. No time de vôlei eu me lembro de uma tal B., que era filha de um professor da Universidade. A L. corria, ela mora em Paula Cândido, a M. e a P. participavam de tudo. Se faltava algum jogador, colocava um mesmo que ele só fosse preencher buraco... No handebol tinha eu e a M. ...

Realizamos durante o curso duas colônias de férias. Éramos eu, C., D., B., P. e M. Na primeira, em Belo Horizonte, foram S. e D. Depois, foram várias pessoas. Era em parceria com a Polícia Militar. Era uma pessoa da Educação Física e um militar. Fazíamos a parceria para dar as aulas e comandar os meninos.

Nós também viajamos, fomos para a Argentina fazer um curso. Ficamos um mês na Argentina fazendo um curso de enriquecimento curricular em janeiro de 1977. Nós pagamos tudo. Tinha uma proposta que íamos ganhar alojamento lá. Chegamos lá, não tinha alojamento. Então, quem levou dinheiro se alimentou melhor. Tivemos colegas que, no fim, passaram com suco e um salgado que era próprio de lá. Alguns passaram

dificuldade. Tinham pessoas que não eram da Educação Física e foram na viagem. Nós ficávamos o dia inteiro no curso.

Fomos também para São Gotardo, no Triângulo Mineiro. Era o projeto Rondon. Foram apenas duas pessoas da Educação Física.

Nós jogamos em Belo Horizonte. Foi um jogo amistoso. Todos os jogos eram especiais. Cada um com a sua importância. Quando nós jogamos contra o Mackenzie foi um jogo espetacular. Foi a primeira vez que saímos e ganhamos, foi difícil, mas os campeonatos que nós disputávamos em Viçosa também eram. O ginásio ficava cheio. Um provocava o outro. Era uma confusão. Então, todos os jogos eram importantes. Era uma afirmação para a gente. Não tinha essa ideia de orgulho. A gente participava por prazer. Era tão espontâneo... Nós tínhamos o agasalho da UFV pra ir. Era tudo direitinho.

Minhas irmãs assistiram a poucos jogos, porque elas ficavam apavoradas pelo fato de eu ser goleira, com medo de eu levar “bolada”. Então iam, ficavam um pouquinho e saiam. Eu entrei no lugar da goleira da Economia Doméstica, quando eu cheguei em Viçosa era ela a titular do time de handebol...

Todos nós da Educação Física jogávamos. Eram poucos que não participavam. Se não participasse jogando, participava como técnico ou alguma coisa do gênero...

Só jogava quem realmente queria. Tinha também alunas de outros cursos, não era proibido, não tinha discriminação nenhuma. Era quem se disponibilizava a treinar fora do horário de aula. A Universidade já mantinha aquelas equipes do DCE antes da Educação Física. Com a Educação Física, nesse período, reforçou mais os esportes. Mas várias pessoas de outros cursos já participavam antes. Não era só de Educação Física. No vôlei, por exemplo, tinham outras meninas. No atletismo também. Nem se falava muito em LUCE, antes se falava mesmo do DCE.

Tenho também lembranças de alguns colegas que já faleceram. Minha turma era muito unida. Onde tinha um, tinham todos. Quando nós entramos para fazer o curso de Educação Física, o conceito dos outros estudantes era que Educação Física era só praticar esporte. Era vida mansa. Pra gente entrar no refeitório para almoçar, nós recebíamos “bandejada”. Todo mundo batia os talheres na bandeja. Então, entrávamos todos juntos. Um dava força para o outro. Nós ficávamos nervosos demais, porque o pessoal formulava prova. Por exemplo: “Quantas talhas de laranja tem uma bola?”. Era esse tipo de prova que eles faziam para ridicularizarem a gente.

Por nós sermos da primeira turma tinha discriminação. Eles achavam que tinham que estudar muito e que nós não tínhamos que estudar. Era um conceito errado, porque para todas as matérias nós tínhamos que estudar do mesmo jeito, só que tinha a prática aliada à teoria... Por isso, nossa turma ficou unida demais. Tanto homem quanto mulher. O lugar que via um, via a maioria. Tinha, às vezes, alguma desavença pequenininha entre a gente, mas era muito pouco.

Nós festejávamos quando saíamos mal na prova, quando saíamos bem: “Hoje nós vamos sair e vamos tomar cerveja”. A P. levava o violão e, enquanto não rebentavam todas as cordas, nós não íamos embora. A mãe do Z. tomava conta do alojamento. A gente saía mais do que a gente podia, porque era a mãe dele quem tomava conta lá. A gente pedia pra ele, porque nós tínhamos hora para chegar ao alojamento. Não podíamos chegar na hora que a gente queria. Dia de semana a gente chegava às 22h. Dia de domingo a gente podia chegar até as 23h. Nós ficávamos bebendo logo depois daquele posto de gasolina, depois das quatro pilastras. Tinha uma pizzaria ali, então a gente cantava, tocava violão, bebia muita cerveja e ia embora. Às vezes os vizinhos reclamavam porque nós estávamos incomodando. Falavam assim: “Eu vou chamar a polícia”. Aí, a gente ia embora. Meu círculo de convivência era só da Educação Física.

Na época já tinha muitas mulheres nos outros cursos da UFV. Os alojamentos femininos eram cheios. Era perto do Departamento da Engenharia Florestal. Hoje, o sistema do alojamento é diferente. Naquela época a gente não escolhia quem ia morar com a gente. Era determinado pela Universidade e a gente pagava o alojamento. Era pago. A parte de baixo do 115, 113... A maior parte era da Educação Física. Tinham alguns lá em cima, mas a maior parte era ali embaixo.

Eu tinha um problema alérgico e o café da manhã no restaurante da Universidade era mingau de aveia com chocolate. Aquilo me provocou uma reação alérgica e foi localizada – a sorte é que foi só no pé. Por causa disso eu tive que ficar parada por um período, mas, como era a turma inicial e todos os professores queriam se reafirmar, a gente não podia machucar. Eles achavam que a gente estava enrolando.

Pra mim o esporte foi vida. Eu gosto daquilo que eu fiz, meus pensamentos são sempre agradáveis, gosto da profissão, o que eu posso ajudar minha comunidade eu ajudo... Por esses dias mesmo vieram me pedir para que eu desse uma ajuda como voluntária para um grupo de adolescentes na Praça de Esportes. Então, um dia da semana, a partir de semana que vem, eu vou ajudar.

Além disso, eu tenho o respeito de todos os meus alunos. Eles me tratam super bem e não ouço ninguém falar mal de mim como professora porque eu sempre valorizei o que eu fazia. A Educação Física, para mim, tinha o mesmo valor da aula de matemática e português. Eu exigia isso dos meus alunos. Não era simplesmente jogar uma bolinha e deixar a bola correr. Eu acho que, por esse lado, eu despertei a consciência dos meus alunos, porque vários deles fizeram o curso de Educação Física. Eu gosto. Eu vivo com aquilo que eu fiz.

Minha turma marcou muito. O grupo se reencontra de cinco em cinco anos. Fazem questão. Um comunica com o outro, chama... Uns podem vir, outros não. Mas, nos primeiros encontros, vieram quase todos. Poucos faltaram. Depois a vida fica mais difícil. De cinco em cinco anos, quando nós conseguimos nos reencontrar – mesmo poucos – nós festejamos muito. Tanto que a gente nem participa das coisas da Universidade. A gente tem o encontro da gente. Marcamos um local para a gente almoçar – pelo menos dois dias. E, assim, relembramos os velhos tempos, os encontros, como é que era, como é que não era...

Entrevista V*

Eu nasci em Viçosa. Minha família, tanto do lado do meu pai quanto da minha mãe, também é viçosense. Eu vivi toda a minha infância até minha adolescência aqui. Foi quando eu fui para Juiz de Fora fazer o curso de Educação Física e, assim que terminei, voltei para Viçosa e estou aqui até hoje. Só saí para fazer o mestrado. As experiências de vida fora de Viçosa não duraram muito tempo, mas foram muito importantes.

Depois de eu ficar três anos em Juiz de Fora, em julho de 1976, eu voltei pra Viçosa. Eu fiz Universidade Federal de Juiz de Fora em julho de 1973, entrei no segundo semestre. Em julho de 1976 eu me formei e, em agosto, eu estava dando aula na Universidade Federal de Viçosa. Exatamente um mês depois.

Eu posso dizer que meu gosto pelos esportes veio pelo cordão umbilical, porque minha mãe foi, e continua sendo, a mais esportista de todos lá em casa. Na minha família todos sempre participaram de competições. Meus irmãos foram bons jogadores de futebol. Aliás, minha mãe teve três filhos que entraram no curso de Educação Física. Eu fui a primeira. O problema era ser Juiz de Fora, pela dificuldade de morar longe, por eu ter

* Ano de nascimento 1955. Ingresso na UFJF 1973. Egresso 1976. Modalidade. Natação.

17 anos... Por outro lado, eu tinha um irmão que fazia medicina lá. Então, eu fui morar do lado dele e ficou bom. Em relação ao curso de Educação Física, eu vi muita gente sofrendo porque os pais não deixavam e tinham preconceito. Na minha família não teve isso, de jeito nenhum. Não teve nenhuma restrição, muito pelo contrário. Minha mãe sempre dizia que, se na época dela tivesse, ela teria feito.

Fiz o 3º ano no Coluni em 1972. Era um 3º ano integrado. O que eu mais me lembro no Coluni era minha participação esportiva. Era uma coisa que eu gostava muito e na UFV eu tinha mais oportunidades do que nos colégios. Porém, eu não concluí o Coluni porque eu fui para Juiz de Fora no final do ano. Eu fui para fazer um vestibular que ainda não era o de Educação Física. Mas eu ia experimentar o vestibular porque o curso de Educação Física estava na iminência de ser criado. Todos achavam que seria em janeiro e não foi. Então eu estava fazendo cursinho no segundo semestre, na sala de aula, quando uma colega minha de república veio me contar que estavam abertas a inscrição para o vestibular. Daí, eu entrei na primeira turma de Juiz de Fora, em 1973.

Eu gostava muito de esportes. Eu posso dizer que a única coisa que não me agradava muito era o vôlei. Eu não posso falar que não me agradava por causa do tamanho, porque basquete me agradava e eu também precisaria ser um pouco maior. Aliás, bastante maior para que eu pudesse desempenhar bem. Eu gostava de tudo e, na UFV, no ano em que eu estava no Coluni (1972), se não me engano, foi o 1º ano da prática de Educação Física para os universitários. Foi quando foram contratados quatro professores de Educação Física que eram de fora e mais um viçosense. Ele era professor de Educação Física na UFV. Os professores que vieram de fora trouxeram uma possibilidade nova para a UFV. O Governo incentivava a prática do esporte para os universitários.

No Coluni a gente teve chance de ter aulas de Educação Física; o que não acontecia antes – aliás, eu não lembro como era antes. Nós tínhamos aulas também fora do horário de Educação Física, como treinamento de equipe. E eu participava de tudo, só não participava da equipe de vôlei. O Colégio Viçosa tinha uma característica assim: quem estudava no ginásio fazia Educação Física, e quem estava no Ensino Médio, fazia “esporte”. Por isso, o sonho da gente era chegar ao “esporte”. Um pouco da minha história sobre não gostar de vôlei era porque eu cheguei nessa fase e fiquei muito decepcionada. A professora me excluía porque eu era pequena e eu tinha medo de errar. Aí, eu não queria entrar. Afinal, eu tinha medo de errar. Foi por isso que eu continuei na natação e foi o que eu sempre gostei mesmo.

A minha paixão é natação. Eu fui para Juiz de Fora com o sonho de fazer natação, só que, quando a gente inicia o Curso, não tem natação. Então, como eu participava de outras modalidades e meu forte era esporte, a aula de Educação Física era esporte e a gente queria isso. Depois que eu fui para lá, eu não participei a nível de competição mais, participei apenas de competição universitária. Me interessei muito por Ginástica Olímpica, porque era adequado por causa do meu tamanho. Porém, como Ginástica Olímpica é um esporte que tinha que começar muito cedo, eu fiquei por ali mesmo. Na época, eu não tive muito incentivo na natação dentro da faculdade. A gente tinha problemas na instalação física e eu não gostei da forma como a natação foi dada. Por isso, eu me envolvi com outras modalidades, principalmente com a Ginástica Olímpica. Meu gosto pela natação existia antes da faculdade e, com certeza, quando eu voltei para Viçosa...

Um fato curioso da época de Viçosa era que ninguém conhecia handebol. A professora V. que era, inclusive, técnica de natação trouxe uma novidade para o esporte. Ela trouxe o handebol para Viçosa e foi ensinar pra gente o que era. Como ela dava aula para muitas turmas da UFV, a gente formou um time de handebol no Coluni e eu tive que ser goleira, porque eu me interessei muito. Então, o livrinho de regras de handebol ficava do meu lado e eu não podia jogar o tempo todo, já que eu precisava ler o que era, o que acontecia. Eu auxiliava a V. nesse momento, sendo goleira de handebol. Enfrentei bastantes desafios; boladas na cara e tudo mais...

Atletismo, natação, handebol, até basquete eu joguei um pouquinho. Nesse ano participamos de competições, dos jogos estudantis que o Coluni participava e que era diferente. Apesar de nós estarmos na Universidade, a gente fazia 3º ano do colegial. Por isso, a gente participava dos jogos colegiais. O que eu me recordo muito, pelo fato dessa participação ter sido mais intensa, é que não tinha muita mulher. Nas turmas havia muito mais alunos do que alunas. Eu brigava e obrigada muito minhas colegas a participarem. Além disso, eu tinha que estar em todas as equipes para completar o número de jogadoras. E como a gente já era um número reduzido, ficava mais reduzido na participação no esporte.

Eu me lembro de um dos jogos estudantis em que eu obriguei uma colega a participar. Ela participou de uma prova e na hora em que ela terminou aquela prova, ela trocou de roupa, foi embora porque ela havia saído da piscina, trocado de roupa, e eu corri atrás dela porque a gente ainda tinha uma prova de revezamento. Ela nem lembrou que existia revezamento. Ela não sabia nada.

A gente fazia assim: de manhã participava de uma prova, à tarde participava de outra, à noite participava de outra... Era realmente uma participação muito grande e, com isso, eu vivia muito o esporte.

Eu aproveitava a disponibilidade dos professores na Universidade e, sempre que eu tinha um tempinho, eu escapava das aulas e ia atrás do esporte. Na época ainda não existia o ginásio. Tinha uma pista de atletismo na frente do prédio principal, onde é o Centro de Vivência, a piscina era a do DCE e havia quadras onde é o estacionamento do prédio principal. Além disso, o Coluni funcionava bem ali atrás. Então, a localização do colégio era muito favorável. Eu saía da aula, em vez de estudar na biblioteca, eu ia para a quadra. Por isso, eu acho que me dediquei muito mais ao esporte do que aos estudos.

Havia alunas da UFV que tinham aulas de Educação Física nas quadras em frente ao prédio principal. Sempre tinha muita gente participando. Mas como o Coluni ainda era muito separado dos alunos da graduação e a gente passava só um ano na Universidade, quando entrava na UFV era um mundo diferente, onde os universitários eram adultos e velhos demais. Na verdade a gente estava ali, pensando em entrar para a Universidade. Então eu lembro muito da presença deles, mas não sei dizer como era a sua participação no esporte, sei que tinha poucas mulheres. O Coluni era ligado à escola, por isso, não tinha muita ligação com os graduandos.

Eu acredito que as mulheres também praticavam esportes, mas como era diferente, eu não sei dizer como isso acontecia. Eu acho que o incentivo que o próprio Governo dava para a prática do esporte e, a UFV, tendo contratado professores, tanto a administração da UFV quanto os alunos e esses professores deram muita importância a isso na época. Por causa disso, teve uma motivação muito grande para a prática de esporte. A gente sabe que não deviam ser tantas mulheres que participavam fora das aulas de Educação Física, mas tinha sempre aquele grupo que, como eu, participava de muitas modalidades. Eu acredito que não tenha sido um número muito grande.

Mas, durante o curso de Educação Física eu precisava trabalhar e estudar outras coisas. Daí, eu fui fazer um curso de Fisioterapia. Esse curso que foi de longa duração para formar profissionais para o mercado de trabalho, para atender as necessidades. Eu fiz um curso de Fisioterapia por seis meses com uma prática muito grande nos hospitais de Juiz de Fora.

Enquanto estudante eu participei de um sorteio de um convênio do projeto Rondon com o INPS e eu fui sorteada. Eu consegui uma bolsa de estagiária e trabalhei no INPS na parte de Fisioterapia. Quando vim para Viçosa, eu estava muito envolvida

na Fisioterapia e entrei para dar aula dessa disciplina, que foi para a primeira turma. Na Universidade, já existiam professores que davam aula de natação, mas, como na época, a entrada na UFV era através de seleção de currículo, depois houve uma mudança e nós todos tivemos que fazer concurso.

Nós éramos contratados como técnicos de esporte, técnico desportivo e depois, para passar para a carreira docente, nós tivemos que participar de concurso. Inclusive, foi concurso público, em que outras pessoas puderam participar junto com a gente. Daí, eu quis fazer natação e, desde 1979 eu iniciei minha prática docente na UFV na área de esporte aquático. Eu já trabalhei com natação, pólo aquático...

Eu não trabalhava com a parte de treinamento, mas com aprendizagem. A gente tinha sempre aqueles alunos que tinham mais habilidade, que conseguiam auxiliar os colegas, mas eu sempre entrei com uma visão um pouco diferente dos meus professores. Eu sempre entendi que ali eu estava formando professores, e não atletas. Apesar de que, naquela época, o fazer e o executar eram muito importantes, eu sempre dava muito mais atenção e sempre gostei muito mais da parte de aprendizagem. Então, eu me volvei para isso. Tanto é que, mais tarde, eu fiz mestrado em Didática da Educação Física. Eu nunca me interessei muito na parte de treinamento e aplicação. Na natação eu não era a única professora e tinha sempre outro professor que estava mais envolvido com os atletas.

A minha vida de atleta se resumiu em jogos escolares e, no máximo, estaduais mineiros. Nada, além disso. Depois no Coluni e em Juiz de Fora, na graduação, participei dos Jogos Universitários. E quando retornei a Viçosa, havia jogos para professores e pós-graduados e eu voltei à quadra, ao meu basquete, à natação... Mas como professora. Eu só ia e participava. Eu não treinava mais. A gente não tinha esquematizado nenhum treinamento e íamos participar para incentivar os alunos. Com isso, nós tivemos momentos de muito humor, porque a gente resgatava os professores dentro dos gabinetes, pessoas que não jogavam nada, mas todos participavam. Chegou ao ponto de, durante um jogo de basquete, uma colega do meu time pegar a bola e correr pro outro lado pra fazer o ponto no campo do adversário. Quer dizer, ela não sabia nem o que era pra fazer... Continuei participando apenas no início da minha carreira. Depois, os Jogos Universitários já haviam ganhado outra característica, outra conotação que não tinha mais a participação dos professores. Foi só naquela época, realmente, que existiu.

Eu tenho lembrança do sentimento, de como eu me sentia na época. Principalmente na época do Coluni, porque, como não tinha muita gente, eu era uma

referência no esporte. Eu liderava no handebol e era aceita em todos os grupos. E isso, com 16 anos, era muito importante. Esse sentimento de que participar do esporte era muito bom e que você participava de tudo era o que eu sentia.

Como eu praticava tudo, teve uma competição em que eu tive atletismo à tarde, handebol à noite e natação – não sei bem a ordem, mas o atletismo foi o primeiro. Eu gostava muito de salto. Nunca gostei muito de corrida, mas a gente corria também. E, no salto, eu tive uma distensão. Porque era muito treinamento e eu era envolvida com muita coisa. Eu continuei e, à noite, eu estava no gol e com uma faixa na minha coxa. Tratei aquilo, mas não fiquei parada. E eu não gostava porque a torcida ficava atrás e goleiro é uma situação muito complicada. É algo mesmo de tudo, não só de jogar bola. Eu ficava muito perturbada com todo mundo me xingando, querendo me tirar do sério, tirar minha concentração, e eles “pegaram” nisso, porque eu estava machucada. E falavam: “Goleira podre!”. E a gente não tinha substituto. A gente tinha um time que tinha que guardar reserva caso alguém machucasse e o handebol, naquela época, era muito violento. Tinha uma jogadora aqui de Viçosa que era “fera”. Ela estudava na Escola Raul de Leoni, era muito grande e vinha em cima de mim. Aquilo era terrível. Era uma situação muito ruim. Eu me lembro disso.

Como consequência dessa distensão e dessa quantidade de coisas, eu fui para uma prova de natação que não era minha melhor prova – era nado costas e eu preferia *crawl*, o nado livre. Numa prova de nado costas eu tive uma câibra violenta e tive que sair da piscina. Foi muita decepção numa competição só, mas passou... Eu não me lembro de outra coisa que tenha sido ruim na época, porque, pra mim, o esporte era ótimo.

Eu não sentia muito sobre a mulher não ser aceita no esporte, porque eu tinha um exemplo bom em casa. Então, na época, eu não pensei sobre a aceitação no mercado de trabalho e nunca vi o esporte como sendo apenas para homens. O que eu percebia, na época, é que a participação feminina era muito pequena. Muito pequena. Aliás, a mulher não era muito participativa em nada. Eu tinha poucas colegas no Coluni e eram menos ainda as que a gente conseguia fazer praticar um esporte. Elas não tiveram, assim como eu, uma vida de prática. Eu via que a mulher, naquela época, participava muito pouco em tudo. Inclusive, na faculdade, a minha turma tinha pouquíssimas mulheres. Nós éramos dez. Nunca a gente conseguiu ter uma equipe. Era sempre juntando uma turma com a outra. Ao contrário de hoje, que eu vejo um número maior de mulheres se sobressaindo... Mas eu acho que era de um modo geral. Eu não conseguia ver isso como

culpa do esporte. De repente, eu não conseguia ver porque eu estava lá. Eu estava lá dentro e não me importava com isso. Nem na minha casa tinha preconceito... Na época, não usava jogar futebol. Mulher não jogava. Então, eu não tinha muita atração pelo futebol, como não tenho até hoje.

Eu acho que nunca tive que abandonar nada e nunca pensei em deixar os esportes por alguma outra coisa. Inclusive, gosto tanto disso que continuo – e por vários fatores. Quando você aposenta, é um momento da sua vida que você vai cuidar de outras coisas, que você pode descansar um pouco do trabalho... Mas eu acho que, na época, como eu entrei muito nova – fui professora universitária com 20 anos –, eu tive todos os alunos mais novos que eu na primeira turma, e eu parei mais cedo. Eu parei cedo, mas vi que não era a hora de parar de trabalhar. Então, eu ainda queria. E aí, começaram a surgir cursos de Educação Física em escolas particulares aqui perto. Quer dizer, eu não precisava, nem neste momento, abrir mão de outras coisas para continuar. Foi possível continuar. Se eu tivesse saído antes da UFV, eu não teria outra profissão. Eu ainda pensei: “Agora eu acho que posso parar de dar aula de Educação Física. Eu vou fazer outra coisa... Mas o quê que eu vou fazer?”. Não é que eu não saiba. A gente aprende a fazer outras coisas, mas o quê que eu ia fazer? Eu não sabia. Então, eu acho que está dentro do que eu sempre pretendi.

Me sinto feliz com isso hoje. É lógico que você ter uma profissão e algo que lhe faça sentir realizado, envolve sua vida como um todo. Eu, agora, estou diminuindo minha carga de trabalho, mas não sei se eu consigo parar de uma vez. Eu pretendo ir diminuindo aos poucos. Eu estou sempre perto de alguém que está vivendo isso, porque acho que o esporte é a minha vida mesmo. Através do esporte eu me formei em uma faculdade, consegui o meu emprego, realizei minha profissão, a partir daí eu estudei mais, fiz mestrado, não consegui fazer doutorado por causa da dificuldade da época mesmo, para sair e fazer doutorado. Eu penso que, através do esporte eu consegui ser o que sou hoje. Hoje sou uma pessoa que é realizada profissional e pessoalmente. Tenho a minha família, tenho duas filhas. Não consegui fazer com que elas praticassem aquilo que eu tive na infância. De repente até por causa do próprio trabalho, da diferença, da vida de hoje, do filho ficar na creche e você ter que trabalhar o dia inteiro... Minha mãe não era diferente não. Ela trabalhava o dia inteiro, mas ela conseguia levar. Eu acho que pequei nisso. Eu acredito que poderia ter incentivado minhas filhas a praticarem como eu.

Talvez, por eu não sentir que isso era específico do esporte, eu nunca tive esse pensamento de que eu tenha sido pioneira. Eu acho que eu tinha muito perto de mim a figura da técnica de natação, que era mulher, a professora V.. Ela me deu os ensinamentos dos outros esportes e depois foi minha orientadora no mestrado. Eu sempre tive a figura da mulher no esporte muito perto. Da minha mãe... Por isso, eu nunca me senti pioneira. Para mim, pioneira foi minha mãe. Ela fez meu irmão aprender a nadar antes de andar. Ninguém ensinou isso a ela. Era ela quem colocava todo mundo no esporte.

Entrevista VI*

Sou natural de Miraí, terra do Aaulfo Alves. Eu nasci em 22 de dezembro de 1953. Meus pais também eram daqui, mas já faleceram. Nós somos quatro irmãos.

Estudei em Miraí até o 2º ano do ensino médio e o 3º ano eu fiz no Rio de Janeiro. A turma do 3º ano, normalmente, vai fazer cursinho fora. Por isso, todos foram embora de Miraí. Ficaram poucos alunos aqui e o município não tinha condições de manter o curso.

Nós éramos uma família muito pobre, mas meus pais sempre se preocuparam com nossa educação. Eu fui para o Rio para tentar estudar, na ilusão de fazer medicina, mas cheguei lá e vi que a realidade era diferente e que a dificuldade era muito grande para conseguir um emprego. A família também não tinha condições de ajudar. Por causa disso, voltei para Miraí. Lá no Rio eu tinha problema de bronquite e, como eu tive muitas crises, eu vim embora.

Cheguei aqui em Miraí em julho de 1974. Em agosto, eu entrei para fazer o 3º ano – na época era 3º científico. Eu fiz o 3º ano de agosto a dezembro. Eu fiquei em recuperação, porque não tinha como ter nota e isso me influenciou muito para eu poder passar no vestibular. E, naquela época, a gente tinha mesmo que estudar. Daí, um colega meu daqui ia fazer vestibular em Viçosa para Agronomia e perguntou por que eu não iria fazer Educação Física, já que ele me via jogar vôlei, era a primeira turma e tal... Eu pensava: “Como eu vou conseguir? Todo mundo sai para fazer cursinho...” E falei com ele que eu não iria passar no vestibular. As famílias daqui de Miraí eram mais ricas e, na época, iam fazer cursinho em Juiz de Fora, no Rio de Janeiro, então eu achava que não iria passar nunca. E ele dizia: “Não. Você vai passar. Você estuda.” Eu falei: “Seria

* Ano de nascimento 1953. Ingresso na UFV 1975. Egresso 1977. Modalidade Handebol.

ótimo, mas meus pais não têm condições de me manter numa escola”. E ele disse que era federal e que eu conseguiria alojamento. Eu cheguei em casa e acabei comentando sem querer. Foi aí que meu pai disse que nós iríamos dar um jeito.

Eu estudei muito, mas para passar no ensino médio. Até que chegou o dia de fazer a inscrição para o vestibular. Eu fui para Viçosa fazer inscrição. Tem uma família daqui de Miraí que foi morar lá, à Rua Dona Gertrudes, e meu pai conseguiu que eu ficasse na casa deles. Chegando lá, eu fiz minha inscrição e tinha que ficar até o vestibular porque eu não tinha dinheiro para voltar e pegar ônibus novamente para Viçosa. Por isso, fiquei na casa deles. Então, eu fui com esse amigo meu. Ele era também de uma família mais humilde, mas com mais condições do que eu, então disse que eu iria com ele de companhia. Daí meu pai confiou e deixou a gente ir para Viçosa.

Nós fomos no dia 26 de dezembro. Tinha chovido muito em Viçosa e a casa em que eu ia me hospedar estava coberta de água até na janela. E eu fiquei num desespero doido, falando que iria embora. Mas aí os amigos do meu pai disseram que iriam dar um jeito e eu fiquei. Fiz o vestibular. Passei. Acho que, na época, eu passei em 6º lugar – fui a segunda das mulheres – e consegui o alojamento feminino. Foi por isso que consegui ficar em Viçosa.

Na minha época de escola, a obrigatoriedade era muito grande em cima de todos os conteúdos, inclusive Educação Física. A gente se destacava no vôlei, na queimada, em todas as modalidades. Eu me dava muito bem no mínimo de modalidades que tinha aqui. Uma das professoras que eu tive era formada em Geografia. Os nossos professores de Educação Física não eram formados. Eu me lembro que a gente tinha que ir com o uniforme impecável, tinha uma saia envelope, um short por baixo... Cobrava-se muito a Educação Física. Mas era uma Educação Física mais formal, mais ginástica.

Nós tínhamos uma colega da minha turma que se empolgava demais. Nós descobrimos um livro de regras na escola, começamos a destrinchar o livro e chegamos ao ponto de copiá-lo, a mão, não tinha computador, para poder estudar e decifrar as regras, já que a professora não dominava muito. Daí, começamos a jogar vôlei dentro daquelas regras. A gente tentava ler, não entendia e, com isso, outras pessoas passaram a jogar e nós fomos divulgando o vôlei. Aliás, eu só jogava vôlei. O resto era jogos recreativos mesmo, na escola. A Educação Física em si era mais aquela ginástica formal. Aquela ginástica que ninguém gosta de fazer...

Logo que eu fui morar no alojamento da UFV, eu fui para um quarto que tinha uma menina. Ela era pica-couve e goleira do handebol. Então, eu comecei a fazer o

curso de Educação Física, mas não praticava nada. No primeiro semestre nós não tínhamos handebol como disciplina e, logo no início, ela falou para mim: “vamos à quadra para você me ver jogar no ginásio coberto”. Eu fui, mas eu fiquei babando só de ver e pedi para a ela conseguir uma vaga para mim. Era um professor da Educação Física quem dava os treinos. Eu falei para ela conseguir uma vaga para mim porque eu queria aprender a jogar. Ela disse que iria me colocar e foi falar com o treinador, que me deixou jogar.

Aí eu comecei. Eu não sabia o que era handebol. Nunca havia jogado. Sabia que eu iria cursar como matéria, mas no primeiro semestre não tinha handebol. Eu fui e fiquei enlouquecida: “Esse é o jogo que eu quero!”. Ele me deu oportunidade e me deixou treinar junto com as meninas. Eu comecei a me destacar, fazia uns golzinhos e ele me chamou para jogar no time da Universidade, porque ele treinava o time da Universidade. Minha amiga de quarto era goleira deste time.

Inclusive, quando eu cheguei, eu não tinha condições financeiras e, além de ter ganhado o alojamento, eu tinha bolsa rotativa de alimentação. Você ganhava uns tickets e, depois de formado, tinha que pagar. Meu pai só me dava o dinheiro do alojamento, que era o que tinha – e com sacrifício, porque faltava até em casa.

Quando tinha um recesso maior, o alojamento só funcionava para aquelas pessoas que moravam em estados muito longes – Bahia, Amazonas – e para mim, que não tinha dinheiro. O meu dinheiro era contado. Na minha época, você fazia a matrícula para o semestre em um dia e só depois de uma semana começavam as aulas. E eu não podia voltar. Eu já ficava na Universidade direto e, naquela semana, ficavam pouquíssimas pessoas no alojamento. Era uma tristeza muito grande. Eu ia para Miraf muito pouco, só mesmo em férias.

Então, eu fui jogar com a Universidade – acho que por uns cinco ou quatro meses. Quando chegou no 2º semestre, o professor me chamou e perguntou se eu tinha bolsa alimentação. Eu disse que tinha e ele falou que eu poderia cancelar porque ele me daria uma bolsa de atleta, que eram os tickets que ele ganhava e repassava para determinados números de atletas mais carentes. Eu falei que era tudo o que eu queria e perguntei se ele tinha certeza que iria fazer isso por mim. Ele disse que sim. Ele foi um segundo pai. No handebol, dentro da minha vida profissional... Eu me lembro dele até hoje, ele foi uma pessoa boníssima na minha vida através do handebol – principalmente através do handebol.

Eu também fiz parte da equipe do Escorpião, participava dos jogos de Clubes. A partir daí eu já jogava vôlei, basquete, atletismo... Quando tinha alguma coisa para fazer a gente fazia.

Nesta época, de modo geral, a própria Educação Física já era a atenção da Universidade. Em termos de crítica mesmo. Parecia que o pessoal não aceitava muito o povo da Educação Física. Existia, na época, um coronel e a Universidade inteira não gostava dele. Mas ele tinha uma atenção tão grande com a Educação Física... Eu não tenho certeza, mas eu acho que ele foi um dos fundadores do Curso. Ele ia sempre à Educação Física, participava das reuniões... E isso dificultou muito. Por isso, foi muito difícil a aceitação pelos outros cursos. No final eles nos aceitaram.

Por exemplo, quando a gente entrava no refeitório, a “bandejada” era diferente. Aquele agasalho com os nomes daquele tamanho nas costas chamava a atenção de todos. Quando tinha jogo, parecia que o pessoal ia para criticar. Chegou a um ponto que eles viram que não era nada disso, que a gente levava as coisas a sério e que os alunos da Educação Física jogavam bem, se destacavam nos jogos. Muitos alunos da Educação Física se destacaram nos jogos de Clubes. Então o pessoal começou a ter uma visão diferente da gente.

Nos dias de jogos o ginásio ficava cheio. Tinham as apresentações de ginástica rítmica, das equipes de handebol, basquete, vôlei, atletismo. O atletismo foi bem trabalhado. Nós participávamos de competições. Eu participei também das Olimpíadas Globais em Belo Horizonte, eu era do Atletismo. Não participei de nenhum esporte de quadra nestas Olimpíadas. Fomos representando a UFV. Mas eu saí muito pouco, porque eu passava mal na viagem. Eu não conseguia viajar e também não tinha dinheiro. Tanto é que eu tenho pouquíssimas fotos, já que eu não tinha condições. A UFV ajudava, mas você ir só com aquela alimentação é muito difícil. Então, eu fiquei um pouco limitada a isso.

Eu acho que era a LUVÉ quem coordenava os jogos de Clubes. Na nossa época, existia a participação da LUVÉ em alguns jogos, como no futebol de campo. Eu me lembro que eles participavam bastante. Agora, o treinamento de equipes da Universidade era apenas com nossos professores. Por exemplo, eu jogava o handebol com o professor J. , já o atletismo, muita gente treinava com o professor A. , com o professor S. Eu acredito até que a própria P. é capaz de falar isso para você. Ela treinava mais com o S. do que com alguém da LUVÉ. No handebol, eu acho que, pelo fato de ser uma modalidade mais específica da Educação Física, que não é muito comum, quem

treinava era o professor do Curso. Eu até tive uma carteirinha da LUVE, mas perdi. Eu cheguei a ter uma carteirinha de atleta em um dos jogos...

Do curso de Educação Física quem jogava handebol pela UFV era só eu. Depois que iniciou o Curso, a Educação Física passou a dominar tudo. Foi onde eu acho que o pessoal teve uma melhor aceitação da gente. Antes foi difícil.

Os alunos de outros cursos tinham preconceito com o nosso uniforme. Tinha a blusa e o agasalho. A gente andava só de uniforme mesmo. Nós andávamos impecáveis e era um “Deus nos acuda”. Onde a gente passava o pessoal fazia piadinhas.

Na época em que nós entramos, nos quinze primeiros dias, eu tive que passar por aquele processo de calouro. A gente andava com um cartaz feito de cartolina, amarrado com barbante e atrás estava escrito seu nome ou apelido e de onde você era. E a gente só podia sair com aquilo. Se você encontrasse alguém na rua... eles adoravam isso. Ainda mais, sendo da Educação Física. Você tinha que fazer o que os veteranos mandassem. Não tinha tanta agressividade como hoje, mas você passava muito aperto. Eu saía do meu quarto junto com minha amiga. Ela era veterana, de outro curso, e não deixava ninguém fazer nada comigo.

Eu fui convidada a compor a equipe mineira de handebol. Isso foi um máximo na minha vida. Foi através do treinador. Ele conhecia o técnico em Belo Horizonte e trouxe uma equipe desse técnico da seleção mineira para jogar em Viçosa com a gente. Era um time que ganhava de todo mundo e, quando chegou a Viçosa, nós demos muito trabalho.

Eu me lembro de uma menina que era muito forte. Em um momento que eu estava na barreira, ela pegou a bola... Eles estavam perdendo o jogo e isso não era comum. Em momento nenhum da partida em si elas perderam, o placar era sempre acima. Então, elas estavam perdendo, a goleira agarrando tudo, daí a menina virou a bola no meu rosto, eu caí e “apaguei”. Isso foi no ginásio da UFV lotado. Ela me jogou uns dois metros à frente. As meninas do meu time partiram para cima dela. Foi um “Deus nos acuda”.

Depois, o professor me perguntou se eu gostaria de ir para a equipe mineira de handebol. Eu falei que sim e que, para uma menina pobre, era tudo que eu podia esperar. O professor me mandou para Belo Horizonte no período de férias e nós fomos treinar. Mas eu via que o nível das atletas de outras cidades era muito mais alto do que o meu. Havia todo aquele problema, certa preferência, com as meninas de Belo Horizonte. Tanto é que tinha uma menina de Uberlândia, MG, que fazia medicina e a

gente parava para ver a menina jogar. Ela era um gênio no handebol. Até essa menina foi descartada e ela foi embora dizendo que iria aproveitar as férias com os pais dela e que estava perdendo tempo ali. Naquele ano, Minas Gerais foi até mal colocado devido a isso. Foi o professor quem me levou e foi muito bom. Quando eu falava que ia para outra cidade com o professor, a mando dele, não tinha problema nenhum com minha família, eles deixavam.

Não me lembro de outras pessoas que jogavam além do pessoal da Educação Física. Quando a gente pensa, só se lembrava das meninas da Educação Física. Eu tenho essa impressão. Em todas as festas, só tinham meninas do curso e as meninas do alojamento que moravam com a gente. Fora isso, só dava a gente nas bagunças. As meninas da Educação Física sempre estavam juntas, porque uma procurava apoio na outra pelo fato da dificuldade de aceitação...

As meninas da Economia Doméstica tinham um pouco de ciúmes quando alguém “engraçava” com os namorados delas. Em relação a mim já não era tanto, porque eu morava com muitas meninas da Economia Doméstica.

Tinham muitas meninas boas do vôlei na Educação Física. Com isso, uma foi tirando o lugar da outra. Antes, numa Universidade em que reinavam os rapazes, o centro das atenções eram elas, as meninas da Economia Doméstica. Então, o vôlei delas destacava. Quando nós chegamos, fomos abraçando tudo. No time do Escorpião, só duas não eram da Educação Física. Até o técnico era um colega nosso.

Meu convívio fora da Educação Física era só na igreja. Uma das meninas que moravam no alojamento, era da igreja Presbiteriana, era veterana. Às vezes tinha um feriado que ela não ia para casa, então ela ia à igreja. Um dia ela me convidou e eu passei a ir. Eu participava de churrasco, de encontros e das coisas que a própria igreja promovia. Mesmo porque eu não tinha dinheiro. Algumas vezes tinham churrascos de final de ano, de comemoração e eu não ia. Ir a um lugar desses sem dinheiro é impossível.

Nós fomos a primeira turma, a “cobaia” do curso de Educação Física, mas tudo que eu sei hoje, eu aprendi lá. Tudo que eu conquistei até hoje foi através da Educação Física e isso representa muito na minha vida. Eu acho que nós deveríamos ter estudado muito mais, ter praticado mais atividades, para poder arrancar o máximo dos nossos professores. Eles também se empenharam muito. Eles foram os pioneiros da Educação Física.

Depois de trinta e dois anos de formada, eu sempre trabalhei em Mirafá, nunca trabalhei em outra cidade. Por meio das coisas que eu aprendi, conquistei o meu nome como professora de Educação Física. Fui a primeira a introduzir o handebol em Mirafá. Aliás, foi a primeira coisa que eu fiz. Quando cheguei aqui eu trouxe o handebol e o basquete. O vôlei eu dei continuidade, mas o handebol e o basquete foi a partir do meu trabalho e eu fiquei muito feliz por causa disso. Por ser uma pessoa ética e profissional, fui diretora da escola por quase sete anos. E é lógico que esse nome eu ganhei na Educação Física. Devo muito à Educação Física. Acho que a minha vida profissional foi pautada no que eles conseguiram passar para a gente, principalmente para mim.

Eu acredito que a turma de Educação Física de 1975 transformou o papel da mulher dentro da Educação Física e dentro da UFV, principalmente em termos de esporte. Antes, o que se tinha lá, era um simples time de vôlei. As outras modalidades não existiam. Nós conseguimos fazer com que a Universidade toda tivesse uma representação completamente diferente das modalidades esportivas. Isso ocorreu devido à nossa prática, ao nosso trabalho, aos nossos estágios que todos presenciaram. Enfim, ao sacrifício da Educação Física, da mulher em si.

Nós fazíamos natação onde fica o barzinho do DCE (Diretório Central dos Estudantes). Às 7 horas da manhã, com aquela cerração, e nós estávamos de maiô fazendo natação. Quando a Educação Física começou a evoluir, as competições de natação eram assistidas por muitas pessoas. Nós, mulheres, transmitimos para a Universidade uma visão completamente diferente das modalidades esportivas e da importância da nossa participação ali. A partir daí, tudo passou a ser em função de nós.

As competições de atletismo passaram a ter um cunho mais técnico, a nossa participação foi muito maior do que em todos os tempos – como também nas outras modalidades. E isso nós mostramos através da prática e da seriedade. Com isso, todos passaram a ter uma visão diferente. Tanto é que a LUVÉ e a coordenação desses jogos de clubes passaram a ir atrás de nós para a gente abrilhantar a festa deles. Já que nunca tinha sido tão bonito até a nossa participação.

A única coisa que sobrava era futebol de campo, que ninguém queria. As demais eram voltadas para as meninas, com uma visão mais técnica, tática, e não de brincadeira, de piadinha. Isso nós conseguimos transmitir para eles – logicamente, com a ajuda dos professores.

A gente que sai da cidade de interior, na época, tinha Viçosa como a Universidade das pessoas ricas. E, em sua maioria, era mesmo. Convivendo com as

peessoas lá, mesmo as mulheres, eu pude ver que o nível financeiro delas era muito maior do que o meu. Eu vejo que, para a gente que tem uma vida muito difícil, representou muitíssimo, porque eu nunca imaginei. Quando eu cheguei a ter certeza de que eu não iria ser nada, porque eu não iria ter condições de estudar em uma Universidade Federal, os meus anseios foram por água abaixo. Meu sonho era estudar. Eu amo estudar e estudo até hoje.

Por isso, a Educação Física representou todo o anseio que eu tinha na minha vida, que era de ser formada, de ser uma professora formada. Eu fui a primeira professora habilitada em Educação Física na minha cidade e, por ser mulher, tive problemas. A própria escola dificultou as coisas para mim, mas os meus direitos e o diploma da UFV mudaram a visão de todos... Não só mudou a visão de quem estudava na Universidade, como das pessoas da minha cidade também. Estes tiveram que ter uma aceitação em relação ao fato de saber que eu era uma professora habilitada, formada na Universidade Federal. No início, eles tentaram embargar até o fato de eu querer dar aula para os meninos. Na época, foi meu pai quem teve que recorrer na superintendência. Ele disse que eu era formada em uma Universidade Federal, tem diploma e é habilitada. Isso representou tudo que eu sou hoje. Se eu tenho um curso de matemática, foi em função de eu ter sido, um dia, aluna de Educação Física, ter trabalhado e ter conseguido fazer um curso de Ciências em Matemática, ter feito uma pós-graduação, um mestrado. Eu acho que, para mim, a Educação Física é o cerne da minha vida.

Eu vejo que chegou a hora de parar, deixar para os mais novos. Hoje, eu tenho professores que foram meus alunos, que estão me substituindo. Tem um que trabalha comigo e foi meu aluno. Às vezes, ele até comenta comigo que era um ninguém no esporte, era “louco” para jogar, mas, se eu não tivesse dado oportunidade, ele nunca havia conseguido. Hoje, ele é um excelente professor de Educação Física. Excelente técnico de handebol da nossa região. Nós participamos dos Jogos Escolares de Minas Gerais e ele sempre fala sobre isso.

Eu penso que a Educação Física foi minha alavanca. Se hoje eu sou o que sou, devo, em grande parte, à Educação Física. Principalmente aos nossos professores, que sempre procuraram passar uma mensagem de carinho e cuidado com a gente, que era do interior. Sempre nos mostrou o caminho correto a ser seguido, o respeito pelas pessoas, principalmente pelo adversário. E isso, graças a Deus, eu consigo transmitir aos meus alunos: a ética e o respeito pelo adversário. O fato de você ser campeão não subentende

que você deve passar por cima das pessoas. Enfim, eu procuro transmitir aquilo que eu aprendi lá.

Entrevista VII*

Nasci em Juiz de Fora no ano de 1941. Vivi, estudei e trabalhei lá por muitos anos, até que fui estudar em BH em 1969 na Escola de Educação Física da UFMG e, de lá, fui trabalhar em Viçosa, na UFV, depois de me formar em 1972. Sempre fui muito ativa e cheguei a jogar futebol aos oito, nove e dez anos, com os meninos na frente de casa. Nesta época eu só tinha dois irmãos e brincava com eles e com os amigos, já que as meninas ou eram mais novas ou mais velhas. Eles me chamavam para jogar futebol na frente da nossa casa, numa rua de terra. Depois pratiquei vôlei na escola.

Na verdade toda a minha vida esportiva da infância à juventude foi em Juiz de Fora. Aprendi a nadar aos oito anos e comecei a competir aos nove, em todos os campeonatos mineiros, pelo Sport Club Juiz de Fora. O Sport era um clube de sociedade, e como meu pai era operário, não podíamos pagar para sermos sócios. O presidente do clube, que era cunhado da mamãe, queria uma equipe boa de natação. Então, o técnico sugeriu que, tendo em vista que os associados não queriam treinar, deveriam trazer as crianças dos grupos escolares para aprenderem a nadar e formar uma equipe. Surgiu então a categoria sócio-atleta, e tínhamos que treinar a semana inteira para podermos freqüentar o clube nos fins de semana. Comecei aos oito anos e nunca parei.

Aos onze participei do campeonato infanto juvenil em Porto Alegre, pela equipe mineira. Participei de mais dois campeonatos brasileiros, em São Paulo e no Rio de Janeiro. As colocações foram vice, terceiro e sexto lugares, respectivamente. Depois vieram os campeonatos brasileiros universitários em Goiânia, Brasília e de novo em Porto Alegre, além dos estaduais, e nesses ganhei diversas provas. Nos invernos, eu joguei vôlei pelo Sport. O handebol começou em BH quando estava fazendo o curso de Educação Física.

A maior incentivadora foi minha mãe, muito ativa, aprendeu a nadar com quase 70 anos e competiu pelo máster de natação mais de 20 anos até os 92 anos de idade. Ela faleceu no ano passado aos 96 anos.

Cheguei em Viçosa em 1972, quando a primeira turma feminina de Agronomia estava começando. Em 1972 a UFV só tinha um curso de economia doméstica para as

* Ano de nascimento 1941. Ingresso na UFMG 1969. Egresso 1971. Modalidades Handebol e Natação.

meninas, e eram poucas alunas. Nos outros cursos só entravam os rapazes. Neste ano a primeira turma feminina de Agronomia se matriculou. E por causa do aumento das meninas na Universidade, fui para dar aulas de Educação Física, pois em 1971 o governo baixou uma lei obrigando todos os níveis escolares à prática da atividade física. Foi uma fase histórica, já que a única turma feminina na época era da Economia Doméstica, (poucas meninas) e, aparentemente, não participava das atividades físicas.

Ao chegar, comecei a dar aulas de ginástica para os alunos da pós graduação e handebol para os alunos da graduação. Eu fui contratada por causa das meninas que teriam que freqüentar as aulas de educação física obrigatórias, e cheguei mesmo a dar aulas para elas tanto no atletismo quanto handebol, natação, mas naquele momento o que eu me lembro é que era muito mais interessante dar aulas para os rapazes que eram bem mais entusiasmados do que para as meninas. Quando as meninas começaram a freqüentar as aulas de natação ou ainda iam para a pista de atletismo era muito comum ver os meninos debruçados na cerca destas áreas para olharem e paquerarem as meninas, era muito engraçado

Assim que me formei, voltei para Juiz de Fora e comecei a procurar emprego nas escolas e nos clubes da cidade. Meu maior interesse era a natação. Um sábado eu recebi em casa o médico da UFV, e o coordenador da Educação Física, que vieram com a proposta de um contrato para dar aulas em Viçosa. Depois fiquei sabendo que eles teriam ido a Belo Horizonte para obterem informações sobre possíveis professoras para contratar e que eu havia sido recomendada pelo diretor e por professores da escola de educação física da UFMG.

Minha relação com os alunos foi sempre muito cordial, às vezes até meio amigável demais, mas sempre conseguia me fazer respeitar. Naquela época era mais fácil lidar com os alunos porque havia maior respeito, tanto dos alunos quanto dos professores, e ainda mais que naquela época o professor era o “dono” da sala. Numa das competições internas, com o ginásio cheio, eu tendo ao lado um soldado do corpo de bombeiros, fui na arquibancada e retirei todas as garrafas de bebidas que haviam levado, e não houve nenhum tumulto. Conversava, dizendo que ali não era lugar para beber e que eles poderiam ter as bebidas de volta no início da semana lá no batalhão dos soldados. Quase enchemos a sala com tanta bebida. Depois disso, a meninada não entrava com as garrafas, mas essas ficavam nos carros e era comum um deles sair da quadra, ir até o carro, dar uma golada e voltar para a quadra, isto é, não consegui fazê-

los parar de beber, mas a idéia de não misturar esporte com bebida ficou (pelo menos em tese).

Havia diversas quadras de tênis em frente aos alojamentos masculinos, e diversas quadras atrás das antigas salas de aula do Departamento de Educação Física, e ali sim todo mundo treinava.

Os primeiros treinos dos meninos foram feitos com os jogadores de basquete, já que eu introduzi o handebol na UFV, e ninguém conhecia tal esporte (talvez um ou outro que vinha de outro estado o conhecia).

Nesta época, fizemos um programa de extensão à comunidade quando muitas crianças filhas de professores e funcionários da Universidade e outras crianças da comunidade aprenderam a nadar comigo. Na época treinamos também os soldados do corpo de bombeiros, cuja corporação estacionava na Universidade. As crianças também aprenderam a jogar o handebol comigo, através destes programas.

Sendo filha de operários, a natação me abriu outro mundo que minha família nunca poderia ter proporcionado. Muitas viagens e muitos conhecimentos. Foi na verdade uma excelente complementação da minha personalidade e caráter. A família, com exceção da mamãe e da família dela, não gostava muito, afinal naquela época não era comum para as meninas ou mulheres participarem de esportes competitivos a não ser nas fábricas. E colocar maiô era então um horror!

Eu era muito tímida, então meu relacionamento com os professores e técnicos de natação era sempre muito respeitoso. Com os colegas atletas era muito bom eu me abria um pouco mais por conta desta timidez na primeira vez em que viajei para competir, o meu treinador me deixou do lado de fora depois de ter colocado todos os atletas nos seus respectivos quartos e eu não falei nada, só esperei até que minha prima que também era nadadora, apareceu e me resgatou!

Com relação à vida acadêmica, eu só fui para a Universidade aos 27 anos já que não podia pagar escola para completar os estudos até o científico ou ensino médio como é chamado hoje. Mas quando consegui chegar lá sabia o que queria e fui muito feliz na minha profissão. Só pensei em ir para BH quando, ao fazer um teste vocacional a principal atividade que apareceu foi educação física, (deu medicina também, mas não podia nem pensar). O curso mais perto era o de BH. Na verdade eu já dava aula de natação nos clubes de JF, e uma vez o Sport contratou uma técnica de natação formada e eu tive que sair, e ao sair me veio a vontade de me formar para ter outras

possibilidades. Quando ela, um ano depois, deixou o clube por melhor salário, tentaram me chamar de volta, mas eu já estava indo estudar em BH.

Com relação à namoro, sempre vivi entre os nadadores e acabei por namorar nadador, então não havia problema em ser atleta.

Após chegar à Universidade minha timidez acabou e passei a ser mais aberta e mais sociável.

A LUVE foi criada nesta época e eu na verdade só participava como técnica de natação e handebol. Nosso time feminino participou de uma competição num campeonato mineiro universitário e ficou em terceiro lugar, apesar de serem apenas três times, a equipe se saiu muito bem, já que era a primeira vez que participava

Isto tudo aconteceu nos anos de 1980, quando voltei dos Estados Unidos. Como saí de lá em 1986, foi nesse período. A inserção das mulheres no esporte aconteceu logo depois de 1972, mas da LUVE a minha participação foi só com treinadora e não me envolvia muito com a administração, já que era mais dos alunos. Provavelmente os professores daquela época possam se lembrar melhor. Fizemos algumas competições internas, como você pode ver pelas fotografias. E aí eram os meninos e as meninas participando.

Mas para a comunidade estudantil, a criação da LUVE foi um passo marcante, muito importante, pois tivemos um time de vôlei participando do Universidade na Europa, se não me engano na Grécia. Foi o time masculino.

Adorava a natação e sempre tive técnicos e técnicas muito educados e que nos tratavam com muito respeito e atenção. No vôlei não era uma atleta de grande possibilidades mas cheguei a participar de algumas competições.

Na verdade, nunca parei a natação pois hoje participo dos campeonatos Masters de Natação e dos Jogos dos Idosos em Rio Claro. Hoje sou campeã estadual paulista dos idosos. Mas os outros esportes, as circunstâncias da vida me fizeram ir abandonando aos poucos, tendo sido praticados somente de vez em quando. Em SP ainda participei de uns jogos de handebol com as meninas da universidade Unesp de Rio Claro aos 50 anos e depois disso, participei de uma equipe de natação sincronizada também em Rio Claro, para incentivar as meninas que estavam começando.

Não tive que abandonar nenhum projeto por causa do esporte, pois o esporte acabou se tornando o meu projeto principal de vida.

Lembro de uma aluna da UFV, jogadora de handebol, não vou me lembrar o nome (talvez o apelido Garnizé, porque ela parecia um galinho de briga garnizé, será?).

Ela entrava em campo, mas fazia logo falta, porque era muito intensa na luta pela bola que acabava por se converter em falta. Aí, com medo de cometer muitas faltas e ser expulsa de campo, eu a tirava para tentar acalmá-la. Mas ela não me deixava em paz pedindo o tempo inteiro para voltar.

Outro fato que não vou esquecer era a turma do programa de extensão, crianças de 8 a 10 anos que me esperavam na entrada da piscina pequena, a velha, e enquanto eu não chegava, eles não entravam. Quando meu carro apontava na estrada, eles corriam para a beira do passeio me saudando aos gritos. Entre eles tinha um dos meninos que me procurou dizendo que queria entrar para o programa. Perguntei se sabia nadar e ele disse que sim. Na época tínhamos três tipos de gorros de natação, e entre elas, as de pólo aquático (foi um esporte muito forte nos anos 60). Eu dava as de pólo brancas para quem entrava pela primeira vez, as azuis ou vermelhas para quem conseguia nadar os 25 metros e a outra para quem competia. Dei o gorro de pólo e ele pulou na água. Só que não dava pé e ele não sabia nadar, então o tirei da água e ele culpou o gorro, pois disse que ele apertou a garganta (o gorro era amarrado na garganta, como hoje ainda o é). Este menino teve dificuldades para respirar na natação, mas se tornou um grande colaborador da piscina.

A minha vida na UFV mudou radicalmente, por conta de ter sido o início da minha carreira como professora e ainda ter tido a oportunidade de fazer a pós graduação (mestrado e doutorado) nos Estados Unidos. Foi uma experiência gratificante.

Na verdade eu fui desportista nas décadas de 40, 50, 60, 70 e sim sempre me achei à frente do meu tempo, até porque foi o exemplo que minha mãe me deu, ela sim uma mulher muito à frente do seu tempo. Nasceu em 1913 e aos 17 anos já praticava e competia vôlei em Juiz de Fora, que também foi uma cidade à frente do estado de Minas até por estar tão perto daquela que foi, por muitos anos, a capital do Brasil, Rio de Janeiro, e era inevitável a influência que Juiz de Fora teve não só nos esportes, mas também na música, na indústria e em muitas outras atividades.

Tenho certeza que foi não só uma experiência excepcional para as mulheres como para os homens já que eles também viram e sentiram que ali estava uma mudança que viria para ficar isto é, a participação mais intensa das mulheres na vida brasileira, não só nos esportes como também nas profissões. Na verdade acho que foi um marco histórico para a vida da UFV como também, para a cidade de Viçosa, que durante muitos anos viveu à sombra desta universidade.

Entrevista VIII*

Nasci no dia 02 de maio de 1958. Minha família toda é de Viçosa.

Desde que eu fazia o Ginásio (antigo ensino fundamental), eu acompanhava as Olimpíadas pela televisão, em preto e branco, e gostava de ginástica. Tudo que as ginastas faziam na televisão eu queria fazer também. Eu treinava em casa sozinha e sempre quis fazer o curso de Educação Física – apesar de não ter, na época, aqui em Viçosa. Mas, na minha cabeça, eu tinha que fazer Educação Física. Já meus pais, queriam que eu fizesse Engenharia Florestal.

Nesse meio tempo, no Ginásio Santa Rita, eu comecei a praticar o handebol, mas meu forte nunca foi o esporte de quadra. Depois entrou uma professora que começou a dar ginástica rítmica no alojamento feminino e eu fui para a ginástica. Uma amiga disse que tinha uma modalidade que ela não sabia o nome, mas que era muito bonita e feita com lenço. Juntamos um grupo de cinco pessoas, que andavam sempre junto, e fomos ver. Chegamos, gostamos e a professora perguntou se a gente queria participar. Dizemos que “sim” e perguntamos o que tínhamos que fazer. Ela disse que era só preencher uma ficha de inscrição e ir toda quarta e sexta fazer aula. E assim nós começamos e engrenamos nesse grupo. Por curiosidade fomos nesse grupo, gostamos e ficamos.

No colégio Raul de Leoni, o professor de Educação Física incentivava a gente a fazer o atletismo, aí eu fui parar no atletismo. Fazia prova de 100 metros com barreira, o 400 e o revezamento 4 por 4. Como eu gostava de esporte, fazia atletismo, mas ficava de olho no pavilhão de ginástica. Mais tarde eu passei a fazer ginástica rítmica e atletismo. Assim foi minha prática esportiva, com as duas modalidades simultaneamente.

Assim que abriu o curso de Educação Física eu fiz vestibular para o Curso. Meus pais sempre me apoiaram. Sempre me apoiaram no esporte. Em 1977 foi o primeiro vestibular que fiz e eu já sabia o que queria.

Eu era vizinha do departamento de Educação Física. Minha casa era quase no quintal do departamento, então eu ficava em casa, na pista e no pavilhão de ginástica. Minha vida se estruturou toda dentro do departamento, porque eu ficava o dia todo lá dentro; estudando, treinando, fazendo alguma coisa sempre voltada para o esporte, todo tempo de folga era dentro do departamento.

* Ano de nascimento 1958. Ingresso na UFV 1977. Egresso 1980. Modalidade Atletismo e Ginástica Rítmica Desportiva.

Durante a graduação acho que me dediquei por mais tempo na ginástica rítmica. Da ginástica rítmica eu fui para a dança e da dança eu passei para auxiliar no treinamento de ginástica artística durante três anos. Meu maior tempo foi dedicado à ginástica rítmica.

A nossa primeira viagem com a ginástica rítmica foi para Rio Claro. Depois nós apresentamos em Belo Horizonte, apresentamos em Governador Valadares... Nós fizemos várias viagens, isso tudo antes entrar no curso de Educação Física. Viajamos mais com a ginástica rítmica do que com o atletismo. Neste momento nós já estávamos vinculadas à LUVE. Nós não tínhamos carteirinha. A professora fazia um controle da equipe de ginástica rítmica da LUVE. A gente tinha alojamento, ônibus, transporte, tudo através da LUVE. Já era da LUVE. Eu não sei como que aconteceu esse convênio, mas já era pela LUVE. Acho que era um projeto de extensão.

Quando nós estávamos no colégio, eu viajei para Belo Horizonte para a tomada de índice do JEV's Jogos Estudantis Viçosense. Acho que foram apenas duas vezes. Agora, como atleta de atletismo da UFV, eu viajei pela LUVE. Nós tínhamos um uniforme preto e amarelo que era da LUVE. A gente fazia uma requisição, pegava um uniforme e depois devolvia.

Na ginástica rítmica eram só mulheres. Era uma meninada. Tinha o grupo separado. Quando nós começamos, tinha um grupo de menores, que ainda não era da Educação Física – eu entrei em 1977, mas em 1975 eu já fazia ginástica rítmica. Tinha um grupo de adolescentes e tinha um grupo de estudantes da Educação Física, que formavam outro grupo de ginástica. Eu não me lembro de detalhes porque eu era mais nova, mas a gente era um grupo muito unido. As meninas da Educação Física nos adotavam e tomavam conta da gente como se fôssemos filhas.

Eu participei no atletismo de 1977 até 1980. O pessoal do atletismo era basicamente da Educação Física. Eu me lembro de uns atletas do atletismo que não eram da Educação Física... Acho que não havia procura dos outros cursos pelo atletismo. Não é que não havia aceitação, porque, se fosse assim, não haveria outras pessoas, por exemplo, na ginástica rítmica. Havia os alunos do departamento e os que não eram do departamento. Quer dizer que não havia procura, porque, se tivesse, teria aceitação. Porque, caso contrário, a ginástica rítmica iria se limitar à Educação Física e isso não aconteceu.

Que eu me lembre, quem participou dos Jogos Universitários Brasileiros JUB's de 1977 foi só o pessoal do atletismo. Aconteceu a seletiva e saíram três atletas de

Viçosa, atletas de Ipatinga, de Belo Horizonte, que juntos formaram a equipe de Minas Gerais. Nós recebemos ajuda de custo, fomos à Belo Horizonte, juntamos com a equipe toda de Minas Gerais e, de lá, a FUME fez o transporte de ida e volta dos atletas. Nós nunca viajamos por conta própria. Até os alojamentos. Quando a gente chegava já estava tudo organizado para o evento esportivo. Quando a gente ia para as competições em Belo Horizonte, a gente ficava no alojamento do Mineirão.

Eu acho que não tinha um grupo estruturado para cada modalidade na LUVE. A C. se destacava mais no voleibol, mas ela jogava handebol e basquete também. Ela fazia os três. Mas o pessoal do atletismo, esses só faziam atletismo. Eles não levavam muito jeito para esporte de quadra. Se tinham grupos que se destacavam aqui, era um ou outro. Era muito pouco, mas tinha a seletiva para o JUB's. No esporte de quadra, o pessoal de Belo Horizonte e de Juiz de Fora se destacava mais. Saíam mais atletas de lá nestas seletivas. E o atletismo não. O atletismo já pegava o pessoal de Viçosa, de Juiz de Fora, de Ipatinga... Esse esporte já tinha atletas de outras regiões. Na quadra concentravam mais atletas de Belo Horizonte porque eu acho que o nível técnico era melhor.

Acho que nosso bom resultado no atletismo era por causa da nossa vontade. A gente gostava tanto... Tinha a professora que também era atleta. Ela ia para a pista e dava treinamento para gente. Ela treinava também. Tanto é que participou de competições. Ela incentivava tanto a equipe masculina quanto a feminina. Ela ia para a pista mesmo. Tinha o horário de treinamento, ela largava as coisas no departamento e ia dar o treinamento. Hoje, precisaria pegar o mesmo professor com o mesmo empenho e dar o treinamento que teria uma equipe boa de Viçosa. Essas professoras foram embora no início de 1980.

O grupo de Educação Física era muito unido e a gente não se relacionava apenas com quem fazia o atletismo. Por exemplo, eu entrei em 1977 e a gente se relacionava muito com a turma do ano anterior. O relacionamento era bem abrangente. Não ficava restrito só o grupo que treinava. A gente tinha convívio com o pessoal de 1976... O curso de Educação Física foi sempre muito grudadinho, tinha um departamento próprio. Então, todo mundo conhecia todo mundo e era muito ligado. Já os outros cursos não. Tinha aula no departamento de outros cursos, era muito disperso, e a gente não. O nosso departamento era para gente. Por isso, nunca foi bem visto.

Eu me lembro de uma história que aconteceu no departamento de Biologia. A gente fazia BIO-120 e quando o pessoal da Educação Física chegava eles falavam: "Nós

vamos jogar bolinha de gude 1, 2 e 3”. Teve um dia que um colega nosso, disse que nós iríamos jogar bolinha de gude 1, 2 e 3 e eles iam plantar batatinha 1, 2 e 3...

Cada turma que entrava tinha um nome. Era Vira-copos, Escorpião, Cinquentão... A minha era Cinquentão. Tinham os jogos universitários e tinha bastante mulher. Não era muito pouco não. Eu acho que não tinha mulher no futebol de salão. Eu não me lembro no futebol de salão, mas, nas outras modalidades eu me lembro. No atletismo e na natação havia bastante mulher. Pela época, a participação de mulheres era boa.

Tinha bastante mulher envolvida no esporte no final dos anos dos de 1970, mas eu não vou me lembrar, com exatidão, quem era. Tinha bastante gente que fazia esporte. Até 1979, ainda tinha muita gente envolvida com esporte. Agora, daí para frente eu não me lembro mais não.

Quando eu fui classificada para o JUB's, eu fiz tanta reza. Eu não esperava ir para Natal (RN). Minha família me deu o maior incentivo. Eles sempre incentivaram a gente na prática do esporte. Tanto é que meu irmão foi pelo mesmo caminho. Ele se formou em Educação Física depois de mim.

Não sei bem que me incentivou para a prática de esportes. Foi uma coisa tão natural. Eu já gostava do esporte e vivia “grudada” na televisão. Eu estudava à noite e quando chegava em casa eu e meu pai íamos ver os melhores momentos das Olimpíadas. Eu já gostava de esporte. Já estava “no sangue”. Eu acho que foi por assistir televisão, gostar e querer fazer igual, querer praticar. Foi isso que me levou mesmo a gostar. Teve uma vez que eu estava imitando as ginastas na sala, e lá tinha uma cristaleira. De repente, meu pé entrou com tudo no vidro. Foi uma confusão...

Na época, eu acho que a gente nem parava para pensar na importância da nossa participação esportiva. Na LUVE você aprende muito a valorizar uma Instituição que você está representando e que depois, quando sair, você será um profissional e deve muito a essa Instituição. Você aprende valores, companheirismo, aprende a competir... Depois de sair da UFV com o diploma na mão, você vai empregar aquilo ali em algum lugar. Então você leva aquela bagagem para o resto da vida.

Por exemplo, o que eu fiz no “Effie Rolfs”, trabalhando, como profissional... Muita coisa veio dali. Por isso, eu “mirava” no meu exemplo lá de trás. Eu ainda acho que tem que ser tecnicista para se profissionalizar e essa bagagem “ficou enraizada” e eu carrego ainda. Até a forma de agir com as pessoas, como eu as trato, se é como

atleta, como não atleta, quem tem mais habilidade, quem não tem... Isso veio daí, aprendendo com as mulheres que me ensinaram o que sei.

Acho que a maior contribuição do esporte na minha vida foi a autoestima somada ao incentivo que eu tive desde o começo. Na minha vida é muito difícil alguma coisa me abalar. Foram muitas dificuldades: estudar, passar por uma Universidade Federal, passar no primeiro vestibular. Hoje, eu tenho uma autoestima e um otimismo tão alto eu acho que isso veio lá detrás. Acho que foi essa bagagem que o esporte me deu.

Eu me formei em 1979, comecei a trabalhar. Nesta época abriu a Academia Núcleo. Eu fui assistir ao primeiro espetáculo no ginásio, gostei e fiz minha matrícula no semestre seguinte. Mas eu já estava trabalhando. Eu dancei no Núcleo durante nove anos, fiz até parte do grupo Êxtase. Isso foi depois que eu me formei na UFV, porque eu queria fazer dança. Eu fiz clássico, sapateado e jazz. Fiquei nove anos. Depois eu comecei a trabalhar à noite, não dava para conciliar, então eu deixei a dança.

Agora não quero mais nada não. Eu me aposentei no Estado e não quero mais nada não. Eu continuo trabalhando numa faculdade em Ubá e aqui em Viçosa. Eu até pensei em montar um projeto e fazer mestrado, mas depois eu pensei: “O quê!? Não vou nada. Já aposentei e não vou mexer com isso mais não!”.

Entrevista IX*

Meu gosto pelos esportes começou desde menina. Com oito, nove anos eu já gostava de voleibol e treinava na Vila Giannetti no campinho que tinha lá. Ali a gente tinha um grupo de alunos, de filhos de professores, e era uma forma da gente participar, de confraternização. A gente jogava vôlei, pique, queimada... Com isso, cresceu aquele “movimento” de gostar do esporte. Eu fui crescendo envolvida com aquilo. Eu jogava com a turma dos maiores. Fui para o Colégio Viçosa, comecei a treinar e o gosto foi só aumentando. Eu gostava muito, muito. Eu comecei meu treinamento de voleibol com a I. Ela tinha aquela visão de mulher diferenciada, guerreira, conseguia juntar o pessoal para treinar. Ela foi um canal formador, nos direcionando para o esporte, para o voleibol. Ali eu fui convidada para jogar vôlei na Universidade com as alunas da Economia Doméstica, eu tinha quinze anos. Minha trajetória foi assim. O 3º ano eu fiz

* Ano de nascimento 1956. Ingresso na UFV 1976. Egresso 1981. Modalidade Voleibol.

no Coluni e ali continuei no esporte. Todos os campeonatos que tinham na Universidade eu participava.

Pela lógica, por causa do gosto pelo esporte, eu deveria ter feito Educação Física. Mas, por causa do 3º ano que eu fiz na Universidade, tive acesso a várias informações sobre outros cursos. Eu sempre gostei da área do “verde”, do meio ambiente, então entrei na Engenharia Florestal por isso, mas nunca me desliguei do esporte. Tanto é que me casei com um professor de Educação Física.

Quando comecei a treinar, naquele campinho na frente do prédio Artur Bernardes, eu quase participei das Olimpíadas Globais. As meninas da UFV iam participar e eu também, mas, como eu era menor de idade, meu pai não deixou. As meninas já eram universitárias. Eu não fui, mas a gente participava da Agronomíades, nós fomos ao Rio Grande do Sul... Fui a todas elas.

Papai, no início, implicava demais. Mas depois ele viu que não tinha jeito e que eu gostava mesmo de esporte e me deu o maior apoio. Eles iam aos jogos do ginásio da UFV. Para as viagens meu pai sempre me deu espaço. Não era um pai que “podava”. Qualquer movimento que pudesse acrescentar, ele dava abertura. Ele falava assim: “Você está indo, mas não me deixa perder a confiança em você”. Eu nunca fui proibida. Eu viajei em todas as viagens da UFV. Em todas. Nós fomos a Cachoeira do Itapemirim, no Espírito Santo, várias vezes. Às vezes amistosos outras vezes campeonatos. Fomos a Vitória, a Lavras, no Agronomíades, em Curitiba, várias vezes em Belo Horizonte, em Rio Branco, várias vezes em Juiz de Fora, em Ponte Nova, em Governador Valadares, em Cataguases, Barbacena...

Todas as viagens com a organização da LUVE e com o apoio da UFV. Quando saíamos daqui para viajar, éramos sempre uniformizadas com o nome da Universidade.

Teve um caso curioso em Barbacena. A gente ia ficar no Colégio da Aeronáutica, mas quando chegamos, o Major da aeronáutica viu aquele tanto de mulher nova, bonita e no auge da forma física, ele disse que não poderia ceder o espaço porque iria dar muito problema para ele, porque os rapazes ficavam até seis meses sem sair do Colégio. Com isso, tivemos que conseguir um lugar às pressas para nós ficarmos e eu acabei ficando hospedada na casa de um jogador de voleibol, que era de lá e morava na república do meu marido e, por isso, ele me convidou para ficar na casa dele. A gente teve que correr para hospedar as meninas, porque o Major desesperou quando viu aquela quantidade de mulher. Foi vedada a nossa presença no Colégio...

Como já existiam os Jogos internos dentro da Universidade, claro que, uma pessoa que fez esporte a vida inteira, participaria desses jogos. Esses jogos eram pelo ano de entrada e cada ano tinha um nome. O meu era Cinquentão. Tinha Escorpião, Furacão... Os times eram separados por ano de entrada e aí já começa a rivalidade. O meu marido era aluno da Educação Física e existia uma rivalidade entre o time do Cinquentão feminino com o time do Vira-copos. E ele aceitou ser técnico do Vira-copos. Eu pedi que não fosse porque os dois times estavam indo para a final. Ele falou que não, que ali era esporte e não existia noivado – nós já éramos noivos. E eu disse: “Então eu vou mostrar para você que meu time é melhor do que o seu.” Foi um jogo muito difícil e os meus colegas que estavam na torcida moravam com ele na república, mas sabiam da situação, que eu estava chateada e, por isso, ficaram torcendo para mim. Eu acho que foi um ano que marcou os jogos internos da UFV. Não só o voleibol feminino, como o masculino, que era rixa entre o nosso Cinquentão e o Vira-Copos.

Havia desfile de abertura para esses Jogos internos. Toda a comunidade acadêmica participava. Era uma festa. Uma forma de reunião de todos os estudantes da UFV. Não era o curso de Educação Física, de Agronomia, de Floresta. Era o seu Clube, era o momento quando você começava a criar raízes com seu Clube de entrada. Você ia defender o seu Clube e não o seu curso. Aquilo criava uma identidade própria pra gente. Era uma festa, porque quem não praticava esporte nenhum, participava da torcida gritando, vibrando. Era uma festa mesmo e começou dessa forma.

Eu sempre participei de voleibol, mas na graduação eu joguei voleibol, basquetebol e handebol. Foram as três modalidades. A gente acabou sendo o time titular da Universidade. Minha turma se destacou muito no esporte. Acho que o melhor nível do esporte foi naquele ano; o período que a gente estava dentro da Universidade. O time da Universidade viajava todo final de semana. Este time era ligado a LUVE e como toda a direção da Universidade, sempre deu muito respaldo. A LUVE intermediando, brigando para as coisas acontecerem e a direção da UFV dando muito apoio.

A gente sabia que era uma coisa muito importante, porque a gente estava defendendo as cores da nossa Universidade. Antigamente, isso era muito forte para os estudantes. Hoje eu não sei como é, mas isso para nós era muito forte. A gente carregava a bandeira com muito orgulho e quando a gente vestia o macacão da Universidade, era muito forte. A gente ia com orgulho.

A gente não chegou a ter esse acesso aos JUB's, mas estávamos em todos os Jogos Mineiros, em Belo Horizonte. Nós transitávamos entre as várias modalidades

porque não havia mulheres. Eu cansei de participar do time de basquete porque tinha apenas 6 mulheres. Eu ia para poder fechar o grupo. A gente não tem como falar do nível técnico... Às vezes uma turma tinha uma qualidade maior na defesa e outra equipe tinha no ataque, mas elas se equilibravam. Por isso, não podia falar, por exemplo, que o Clube do Escorpião era melhor do que o do Cinquentão. Era nivelado. Era um nível muito igual. O que fazia diferença seria talvez o dia do atleta, o momento.

As meninas viajavam junto com os meninos, mas tinha um detalhe: os homens tinham que ficar de um lado e as mulheres, do outro. Nós não podíamos sentar junto com os meninos. O técnico era quem ficava responsável. Até que um dia meu noivo falou assim: “Ela vai comigo, porque somos noivos”. Foi por isso que ele permitiu, mas as mulheres não podiam sentar com os homens.

Nas viagens, as meninas da Educação Física eram “mais liberais” e você podia ter certeza que, com a gente, dos outros cursos, não “rolava” muito aquela coisa de sair. A visão delas era diferente, porque o esporte dá muita abertura. Certas coisas a gente não tinha liberdade para fazer. Nós brincávamos e participávamos muito, mas na hora de ir para a “noitada”, o meu grupo já não estava com as meninas da Educação Física. E olha que eu tive muitas amigas na Educação Física, porque eu era de Viçosa.

A K. era minha amiga de infância. Tanto é que eu tive um conflito muito grande com ela na época de decidir meu curso porque nós duas éramos “unha e carne”, só andávamos juntas. No entanto, ela foi para a Educação Física e eu, para outro curso. Nós equalizamos isso no esporte. Eu ia sempre “quebrar o galho” no basquete, porque a paixão da K. era o basquete. Quando tinha alguma viagem e faltava alguém para jogar, ela me ligava e dizia que eu tinha que ir. Eu entrava para poder “cobrir”, senão o basquete não ia para frente e ela ficaria de fora. Era uma história de afetividade. A gente “segurava as pontas” umas das outras.

Este grupo do esporte era um grupo forte, era um grupo muito forte. Pra gente não existia um grupo feminino e um grupo masculino; a gente tinha voz e brigava pelos mesmos direitos e espaços dos meninos. Era impressionante. As mulheres eram diferentes. É por isso que eu falo que o esporte dá um diferencial. Quem pratica esporte tem um grande diferencial.

Eu acho que a nossa posição era de um movimento de libertação. Pra gente era tudo tão proibido, a mulher não podia participar de nada, tudo era limitado e, de repente, você vê mulheres dentro de quadra brigando, vibrando... Se nivelando como os homens,

que tinham mais direitos que nós. A gente estava abrindo portas, rompendo barreiras dentro da UFV.

Eu acho que todas as mulheres que jogavam basquete, voleibol, handebol eram iguais, porque todas mexiam com esporte e a linguagem era única, a gente se respeitava. A gente considerava que quem fazia esporte era especial. Apesar de estar aberto a todo mundo, poucos participavam. A gente precisa resgatar isso, porque, quando a Educação Física entrou na UFV, era um curso com “muitos problemas” em relação aos outros cursos. A gente achava que eles tinham espaço demais, que era tudo pra eles... E quando iniciou esse relacionamento da Educação Física com os outros cursos no esporte, isso se perdeu – o ciúme. As coisas tornaram-se iguais.

Era uma Universidade muito tradicionalista e, de repente, os estudantes estavam andando de bermuda, meninas andando de bermuda pra cima e pra baixo, entrando em prédio... Isso chocava. Teve conflitos dentro da sala de aula. Nós entrávamos de bermuda porque saíamos de uma aula de atletismo e depois tínhamos aula de Biologia. Eu acho que as mulheres tradicionalistas desses cursos ajudaram a quebrar isso. Como a gente convivia com elas dentro de quadra, nós conseguimos quebrar isso. Conseguimos mostrar que não tinha nada a ver. Isso foi quebrado. Eu acho que a nossa contribuição, dentro desse aspecto, foi muito importante.

Nós vivemos uma fase onde tudo era proibido. Era o AI-5, a gente não tinha liberdade de expressão; não tínhamos liberdade de nada. Nós passamos por essa repressão. Eu tive essas dificuldades. Na época, o filho do Governador estudava aqui, mas ninguém sabia. Tinham os seguranças... A repressão era a toda hora. Era tudo muito difícil. Tudo muito difícil e como meu pai era advogado da Universidade, a gente percebia muito isso: aquela pressão, as reuniões fechadas... Você não tinha a liberdade que tem hoje. Se o professor falasse com você, você tinha que ficar calado e não podia retrucar. A gente sofria, naquela época, com uma série de professores.

A mulher era muito conservadora, não podia uma série de coisas. De repente, a gente vai para a quadra disputar um esporte – e não era comum fazer isso –, praticava um esporte com sunga – que pra época deveria ser um absurdo –, mas era o uniforme era a sunga. As mulheres, de short curtinho, eram assediadas. Mas, ao mesmo tempo a gente tinha aquele excesso de proteção pelos esportistas. A gente tinha que manter uma conduta muito séria, porque, se não, poderia “ficar falada”.

Eu sentia preconceito dentro do curso que eu fazia pelo fato de eu praticar esporte. Perguntavam-me o que a gente estava fazendo com a turma da Educação Física.

Eu não estava excluída do preconceito, mesmo sendo de outro curso. Eles achavam que eu era até aluna da Educação Física. Eles me isolavam pelo fato de eu praticar o esporte.

O preconceito não me atingia, porque eu não estava preocupada com isso. Eu estava preocupada em algo maior. Não era com essa bobeira de discriminar esse curso ou discriminar aquilo – porque era uma discriminação. Pelo fato de eu participar do esporte, junto com a turma de Educação Física, eu também era discriminada dentro do meu curso. Os amigos que eu tive foram sempre dentro da área do esporte. Eu não ficava com os meus colegas de sala. No meu curso, eu me lembro que era uma faixa de 10 mulheres e 60 ou 70 homens. Que praticava esportes era eu e mais uma.

Quando a gente está dentro da quadra, acho que não tem tristeza, porque você está ali para fazer o que quer, conquistar ponto a ponto. Ali tinha uma relação de amizade, um dando suporte para o outro. A gente podia chegar com o problema que fosse, mas, quando a gente estava ali, se sentia em casa. Não era só no voleibol. Qualquer esportista da Universidade era muito amigo. A gente se relacionava muito bem, existia respeito, todos se conheciam. Meu grupo de referência foi o do esporte. A gente acabou sendo referência na Universidade e até hoje eu encontro com pessoas que falam: “Você jogava vôlei na Universidade, eu me lembro de você dentro da quadra.” As pessoas lembram-se de mim por causa do esporte.

O esporte está até hoje na minha vida. Eu nunca abri mão dele. Eu acho que o esporte tirou minha timidez, me tornou mais espontânea e comunicativa. Depois de formada continuei com o vôlei. Eu nunca abri mão do vôlei. Eu cheguei a participar, em Montes Claros, do campeonato de peteca. Eu me lembro que a primeira Copa Itaú de Peteca em Montes Claros, o Banco Itaú patrocinou no Brasil inteiro e eu fui campeã. Os diretores de São Paulo nos homenagearam... Isso tudo tem a ver com o esporte, porque eu não me desvinculei. Depois de casada, era voleibol e peteca. Eu parei de jogar voleibol dentro de campo há cinco anos.

Considerações Finais

Uma dissertação parece não ter fim! Isto foi o que senti ao passar pelo gramado da antiga Praça de Esporte da ESAV e UREMG na semana em que entrego este texto para avaliação. Imaginem, um muro está sendo erguido em substituição a antiga cerca viva, suporte de memória sobre a participação de mulheres no esporte universitário viçosense e também de minhas próprias recordações sobre minha trajetória acadêmica. Este acontecimento cria um novo lugar de memória e inspira novas reflexões. Contudo, já fui advertida: é preciso parar.

Ao olhar para a história da LUCE e para a participação de mulheres no esporte universitário na década de 1970, acabo por localizar sujeitos conferindo-lhes visibilidade em um universo que culturalmente e historicamente os secundarizou. Identifico também as diferentes ações que estas mulheres empreenderam para fazerem-se visíveis no espaço esportivo acadêmico: confeccionaram seus próprios uniformes, pagaram suas viagens, compraram bolas, organizaram jogos, infiltraram-se em modalidades ditas masculinas, utilizaram estes artifícios para se posicionarem enquanto sujeitos de poder.

Acredito que o importante lugar das mulheres, hoje, na LUCE, não é diretamente produto destas ações no passado, mas sim, um produto dos sentidos que foram adquirindo suas práticas concretas ao longo da história, ressignificando a participação feminina no esporte universitário de Viçosa.

No capítulo inicial desta dissertação, apresentei algumas questões: o caminho percorrido por uma mulher é diferente do transitado por um homem quando esta, na universidade, escolhe se dedicar a vida esportiva? Será o gênero um demarcador das trajetórias das ex-atletas da LUCE nos anos de 1970? As narrativas sobre a memória da participação de mulheres no esporte universitário nos mostraram que, no contexto viçosense, a resposta é positiva para as duas questões. Contudo, foi um grande desafio responder como o gênero marcou estas trajetórias e narrativas.

Neste trabalho, busquei refletir sobre estes aspectos por acreditar que ao evidenciar caminhos diferentes dos convencionais, abrem-se frestas, iluminando novas possibilidades de ser, estar e pensar no mundo e sobre o mundo.

Ao percorrer, junto com as mulheres entrevistadas, os caminhos da memória, localizei lugares, relações, acontecimentos sobre um passado que pouco conhecíamos.

Fragments de memória desvelaram outros contornos sobre a participação de mulheres na LUVE nos anos de 1970, explicitando simultaneamente dinâmicas silenciadas pela instituição e estratégias de fazer-se ver-se de mulheres no esporte universitário.

A partir das trajetórias esportivas de mulheres desvelamos caminhos de inserção e permanência feminina nos esportes universitários viçosenses. Por meio de um processo lento e gradual de infiltração trançado por relações intercambiadas com familiares, amigos, amigas e companheiros, estas mulheres criaram novos percursos e possibilidades de participação esportiva.

Algumas questões continuam em aberto por não terem sido aprofundadas. A inserção de mulheres no esporte universitário via formação superior é uma delas. A opção pelo curso de Educação Física sinalizou a possibilidade de continuar nos esportes para muitas das entrevistadas que já praticavam esportes, contudo a sua iniciação esportiva por meio do esporte universitário não foi discutida neste trabalho. A implicação das experiências em Clubes Esportivos antes do ingresso no espaço acadêmico também merece uma reflexão mais aprofundada. O aprimoramento técnico desenvolvido nos Clubes trouxe um diferencial na vida esportiva universitária criando relações complexas no interior da LUVE. Outra questão foi a relação gênero e classe não discutida, mas relevante.

Penso que, nestes dois anos de dedicação ao tema me tornei mais atenta às questões do cotidiano, às tramas tecidas nas relações sociais permeadas por significações, disputas e desigualdades atravessadas pelas relações de gênero. Acredito que para compreender a participação de mulheres nos esportes, seja ele universitário ou não, é imprescindível uma análise dialogada com os estudos de gênero

Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar. Textos em História Oral*. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas. 2004.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BAIA, Anderson; MORENO, Andrea; SILVA, André Luiz. *Inserção da mulher na vida esportiva da Escola Superior de agricultura e Veterinária de Viçosa (1926-1948)*. Anais do XI Conbrace, 2005.

BARLETTO, Marisa. *Uma experiência de curso de formação de pedagogas. Diálogos entre diferentes trajetórias*. Tese de Doutorado da Universidade Federal Fluminense, 2006.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 6. Ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaína (orgs). *Usos & Abusos da História Oral*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DESCARRIES, Francine. Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural. In: SWAIN, Tânia. (org). *Textos de história. Feminismos, teorias e perspectivas*. vol 08, n. ½, 2000, p. 09-45.

DEVIDE, Fabiano Pires. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

FÁVERI, Marlene de. Questões para estudo de história, memória e gênero. *Alcance História Itajaí*. Ano VIII, n.6, p. 67-72. novembro, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, v.8 n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.12, n.01, p 153-171, janeiro/abril de 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

- HAMPATE BA, Amadou. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África: I- Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Paris:UNESCO, 1982. p. 181-218.
- KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de “história s femininas, memórias e experiências”. *Cadernos Pagu*. (8/9) 1997p 343-354
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaína (orgs). *Usos &Abusos da História Oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- LOPES, Maria de Fátima. *O sorriso da paineira: construção de gênero em Universidade Rural*. Tese de doutorado do Programa Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.
- LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira. Gênero, História e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul/dez, 1995.
- MAHFOUD, Miguel; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, 4(1/2), p.285-298, 1993.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5 ed. São Paulo: Loyola. 2005.
- MOURÃO, Ludmila. *A representação social da mulher na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização*, 1998. 313 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Curso de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História* . São Paulo: EDUC, 1993.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. *Revista Catarinense de História* . nº. 2, 1994.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* , São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.
- PERROT, Michele. Práticas de memória feminina. A mulher e o espaço público. *Revista brasileira de história* . 18, ANPUH/Marco Zero, 1989.
- QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. (Org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. Col. Textos, n. 3, São Paulo: CERU, Humanitas, 1999.p 13-24.

REVEL, Jaques. Microanálise e Construção do social. In: REVEL, Jaques (org.). Jogos de Escalas. A experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SALLES, José Geraldo C.; SILVA, Maria Cecília de Paula e COSTA, Marta de Moura. *A mulher e o futebol. Significados históricos*. In: VOTRE, Sebastião. (orgs.). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Editora Central UGF, 1996.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71, Julho/00. 166-193

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez., 1990.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1992. p. 63-96.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, nº 54, p.281-300. 2007.

SOUSA, Estáquia Salvadora. *Meninos, à marcha, meninas, à sombra. A história do ensino da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Campinas, 1994.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

ANEXO I

Roteiro básico para entrevista

1. Conte-me, por favor, sobre sua trajetória esportiva antes do ingresso na Universidade Federal de Viçosa.
2. Fale-me, por favor, sobre sua trajetória esportiva na Universidade Federal de Viçosa.
3. Conte-me como era ser atleta, do sexo feminino, na LUVE nos anos de 1970.
4. Quais as repercussões disso na sua família, na sua vida acadêmica, na sua vida social e afetiva e no seu relacionamento com outros atletas e treinadores?

Temas geradores:

1. Iniciação às práticas esportivas;
2. Inserção e atuação nas práticas esportivas universitárias viçosenses;
3. Ser mulher esportista universitária.

ANEXO II

Entrevista número:

Data da entrevista:

Horário:

Dia da semana:

Local da entrevista:

Entrevistada:

Data de nascimento:

Idade:

Local de nascimento:

Ocupação da mãe:

Ocupação do pai:

Irmãos:

Irmãs:

Estado Civil:

Data do casamento:

Ocupação do/a companheiro/a:

Filhos:

Início da prática esportiva:

Local (clubes, escola, universidade, outro):

Ingresso na UFV:

Egresso da UFV:

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISAS ENVOLVENDO SERES HUMANOS

Tendo em vista os estudos para obtenção do título de Mestre de Jaqueline Cardoso Zeferino no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV) vimos solicitar autorização de coleta de dados, por meio de entrevista, de:

_____, brasileira, atleta da Universidade Federal de Viçosa, entre os anos de _____ a _____, portadora do documento de identidade número _____, residente _____.

O estudo intitulado: *Protagonismo feminino no esporte universitário: dialogando trajetórias*, é uma pesquisa de natureza qualitativa, com método de História Oral e entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados na qual as próprias ex-atletas constroem seu depoimento/narrativa para se obter o relato de história de vida esportiva das mesmas. Os principais objetivos deste estudo são compreender a participação feminina na LUCE nos anos de 1970, identificar os fatores que facilitaram ou dificultaram a inserção e permanência na LUCE, tornar visíveis trajetórias particulares que construíram a história do esporte universitário na cidade de Viçosa. Além disso, esta pesquisa criará uma documentação do processo de formação esportiva das primeiras atletas da LUCE possibilitando a reconstrução da memória da participação feminina nas práticas esportivas universitárias viçosenses.

As narrativas serão gravadas, transcritas, textualizadas e utilizadas apenas com fins de pesquisa científica, não sendo divulgados para outras finalidades, dentro das normas do Comitê de Ética da Universidade Federal de Viçosa. As gravações serão armazenadas no Arquivo Histórico da UFV, estando disponível apenas para estudos desta e de outras pesquisas que possam ter relação com esses dados.

Após a entrevista, será feita a transcrição da mesma que será encaminhada para o colaborador para a conferência e confirmação dos dados. Não há na coleta de dados deste estudo quaisquer desconfortos ou riscos previsíveis ou passíveis de prevenção. Não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro, já que a participação na pesquisa é voluntária. Quaisquer esclarecimentos podem ser feitos antes, durante ou após a realização da pesquisa, por meio dos contatos abaixo descritos.

“Eu li a informação acima. Recebi informações sobre a pesquisa e sobre os riscos e benefícios do projeto. Compreendo que caso discorde de algum procedimento, posso retirar meu consentimento e interromper minha participação a qualquer momento. Uma cópia deste termo de consentimento me será concedida.”

Assinatura do sujeito da pesquisa:

Data: ___/___/___

“Certifico que expliquei ao indivíduo acima a natureza e o propósito do estudo, assim como a inexistência de riscos previsíveis associados com a participação nesta pesquisa. Respondi todas as questões levantadas e testemunhei a assinatura acima. Furneci ao sujeito uma cópia deste documento de consentimento assinado”.

Assinatura da pesquisadora responsável pela pesquisa:

Data: __/__/__

Contatos para esclarecimentos:

Jaqueline Cardoso Zeferino

Tel: 31 86191680/ 31 38992249 jcardosozef@yahoo.com.br

Departamento de Educação Física – Universidade Federal de Viçosa
DES/UFV

Dr. José Geraldo do Carmo Salles

Orientador da pesquisa

Tel: 31 38992249 jgsalles@ufv.br

Departamento de Educação Física – Universidade Federal de Viçosa
DES/UFV

ANEXO IV
Perfil das Entrevistadas

Entrevistada	Ano de nascimento	Cidade de origem	Profissão	Estado Civil	Ingresso na UFV	Curso	Modalidade
I	1953	Belo Horizonte	Professora universitária (aposentada)	Casada	1975	Educação Física	Voleibol
II	1955	Viçosa	Professora universitária (aposentada)	Casada	1974	Economia	Voleibol e Basquetebol
III	1953	Viçosa	Professora universitária (aposentada)	Divorciada	1975	Educação Física	Voleibol e Natação
IV	1954	São Miguel do Anta	Professora (aposentada)	Solteira	1975	Educação Física	Handebol
V	1955	Viçosa	Professora universitária (aposentada)	Casada	1972	Coluni	Handebol e Natação
VI	1953	Mirai	Professora (aposentada)	Solteira	1975	Educação Física	Handebol e Atletismo
VII	1941	Juiz de Fora	Professora universitária (aposentada)	Solteira	1972	Aulas de Educação Física	Handebol e Natação
VIII	1958	Viçosa	Professora universitária (aposentada)	Solteira	1977	Educação Física	Atletismo
IX	1956	Viçosa	Professora universitária (aposentada)	Casada	1976	Engenharia Florestal	Voleibol